**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

O Complexo Tupi da Amazônia Oriental.

Fernando Ozorio de Almeida

CB-2666

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia, do Museu de
Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em
Arqueologia.**

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

**São Paulo
2008**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

O Complexo Tupi da Amazônia Oriental.

Fernando Ozorio de Almeida

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia, do Museu de
Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em
Arqueologia.**

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

**São Paulo
2008**

Para Abel Gustavo Matos
(*em memória*)

Agradecimentos

Essa pesquisa foi custeada com auxílio do CNPq.

De todas as dezenas, ou mesmo centenas, de pessoas que direta ou indiretamente participaram da execução desse projeto, existe uma que merece uma referência especial. Trata-se de Danilo Chagas Assunção, grande amigo e compadre, que um dia me levou para o MAE para tentar uma vaga como estagiário. Não tenho dúvida de que esse fato foi decisivo para o resto da minha vida.

Eduardo Góes Neves e Solange Bezerra Caldarelli foram meus orientadores. Solange me deu toda a infra-estrutura tanto no trabalho de campo, quanto na análise de laboratório. Sem tal ajuda esse trabalho seria totalmente inviável. Foi ela também quem me ofereceu o tema relacionado aos Tupi do baixo e médio Tocantins. Eduardo, por sua vez, foi um excelente orientador que em diversos momentos não poupou esforços para discutir sobre o material cerâmico e sobre os escritos preliminares que vieram a constituir essa dissertação. A ansiedade pelo próximo passo dessa parceria com Dr. Neves (!) é grande. Por fim, gostaria de agradecer imensamente aos dois pela grande liberdade que me deram para trabalhar, respeitando minha linha de pensamento, e minha forma de fazer as coisas. O primeiro dom que um grande orientador precisa ter é “não atrapalhar”! Eduardo e Solange não só não atrapalharam como ajudaram muito.

Tenho muito a agradecer a Denise M. C. Gomes, com quem estagiei e que me deu toda formação inicial, me dando a oportunidade de entrar para o mundo da arqueologia amazônica, e de entrar em contato com esse grande número de pessoas com quem tive o prazer de trabalhar nos últimos anos.

Lorena L. G. Garcia, Rafael Pedott, Daniella M. Amaral e Irislane Pereira de Moraes também merecem uma menção especial. Rafael (garotinho!!!!) e Daniella passaram anos trabalhando comigo em sítios da LT Tucuruí-Presidente Dutra, me ajudando em diversos momentos no projeto. Lorena foi quem dividiu comigo a análise do sítio Cavalo Branco. Sua ajuda é imensurável. Espero que o retorno da sua dedicação ao “cavalinho” venha com o avanço dos estudos a ser proporcionados por ela para a região. Irislane foi com quem dividi o fardo dos 71 dias de campo e do peso de organizar uma escavação de tamanha dimensão.

Maria do Carmo dos Santos, Renato Kipnis, Fernanda Araújo-Costa, Dirse Kern, e Eneida Malerbi, Laércio Brochier e Keylla Valença foram importantíssimos em todo o

processo, seja nas dificuldades (de preferência, resolvendo-as), nas releituras, seja nos ensinamentos que me passaram etc.

Rafael Machado, Douglas Gonçalves, Layslane Silva e Paula Larissa Ferreira estagiaram comigo (e com Lorena) nos últimos dois anos, e foram responsáveis não só pelo “trabalho sujo” (a curadoria do material) como também por uma infinidade de detalhes no acabamento do trabalho.

Sérgio da Silveira (MORCEGÃO!) foi o responsável por parte da arte final e Lavinia Fávero pela revisão ortográfica. Danilo Galhardo e Filipe Amoreli foram responsáveis pela análise lítica. Rildo Brasil realizou os desenhos em nanquim.

A Fundação Casa da Cultura de Marabá me disponibilizou seu acervo cerâmico Tupi. Agradeço aos colegas do NAM (Núcleo de Arqueologia de Marabá), e ao presidente da FCCM Noé Von Atzingen pela ajuda.

Outros agradecimentos: Wesley Charles de Oliveira, Holda Priscila de Oliveira, Sirley Hoeltz, Fabiola Silva, Tatiana Fernandes, Samuel Alves, Lucia Juliani, Ricardo Monma, Rucirene Miguel, Stephen Shennan, José Eduardo Abrahão, Lucas Marquinho Pires, Eduardo Bespalez, Wanderson Esquerdo, Daniel Roldão, Roberto Perrota, Lílían Panachuk, Elisângela Oliveira, Maura Imazio, Gilmar Henriques, Fernando Costa, Helena Lima, Claide Moraes, Delegado, e todos os demais colegas do PAC.

Mais agradecimentos: Para a turma do MAE (Daria, Paulinho, Silvinha, Regivaldo, Adriana, etc.), da História (Moluscos, Tati, Edu, Joseph, Goiano, etc.), e para os amigos tupinólogos.

A equipe de campo (não possuo o nome de todos): Franceildo, Rianne, Elayne (a terra das “Anes”), Carlos, Elis, Fábio Lourinho, Flaubert, Sérgio, Seu Pita, Pitinha, Gordo, Adriano, Borda, Caetano e Zen também deram uma força. Em Morada Nova, um agradecimento especial para Dona Zú, seu Moiza, pra tia da farmácia, e para a turma do mini-restaurante *Quero Mais*.

Agradeço minha família por me dar tudo que sempre precisei. Minhas irmãs pela nossa união. Meus pais pelo apoio moral, financeiro (sem a ajuda da mama seria impossível dedicar tanto tempo para a finalização do estudo). Minha Daniella, por ser uma esposa maravilhosa, e pela inesgotável (!) paciência. E, por fim, meus sobrinhos “*piccolinos*” que me inspiraram a estudar, a dar risada sozinho, e a não ter filhos, por enquanto!!!!!!!!!!

Resumo: Este estudo tem como base a análise do material cerâmico do sítio arqueológico Cavalo Branco, um sítio Tupi de terra firme encontrado em área periférica amazônica, próximo ao curso médio-baixo do rio Tocantins. A comparação dos resultados desse com os de outros sítios estudados nas proximidades permitiu inferir sobre diversos aspectos dos Tupi do leste amazônico. O conjunto de dados relacionados à arqueologia, etno-história e etnografia indicou um caráter singular para esses “novos” Tupi, desde aspectos relacionados à cerâmica a padrões de assentamento e morfologia aldeã. Os resultados sugerem um diferencial para esses grupos, que não podem ser relacionados nem com a sub-tradição Guarani nem com a sub-tradição Tupinambá.

Palavras chave: Arqueologia da Amazônia, cerâmica Tupi, sítios de terra firme.

Abstract: The main aim of this study is the analysis of the ceramic material from the Cavalo Branco site, a highland Tupi site, located in the Amazon periphery, near the Tocantins River. Comparing the results obtained from this material with those from other nearby sites it was possible to make inferences about several aspects of the eastern Amazonic Tupi. The archaeological, ethno-historic, and ethnographic data indicated a singular characterization for these “new” Tupi, such as aspects related to the ceramics, settlement patterns and village morphology. The results suggest a differential for these groups, which cannot be related to the Guarani or the Tupinambá sub-tradition.

Key words: Archaeology of Amazonia, Tupi ceramic tradition, highland sites.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
HISTÓRICO E PROBLEMÁTICA GERAL	3
ASPECTOS AMBIENTAIS.....	11
RECORTE TEMPORAL.....	14
ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO	15
1 ETNO-HISTÓRIA E ETNOGRAFIA REGIONAL.....	18
1.1 NO CAMINHO DE SEU PITA.....	18
1.2 BREVE HISTÓRICO DA REGIÃO	21
1.2.1 Séc. XX: a sinuca do desenvolvimento	28
1.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	32
1.4 ÚLTIMAS NOTAS.....	33
2 O SÍTIO CAVALO BRANCO: LEVANTAMENTO e RESGATE (primeiros dados, resultados e inferências).....	36
2.1 INTRODUÇÃO.....	36
2.2 LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA FAIXA DE SERVIDÃO DA LT TUCURUI- AÇAILÂNDIA	37
2.2.1 Primeiras notas	37
2.2.2 Metodologia	38
2.3 RESGATE DO SÍTIO CAVALO BRANCO	39
2.3.1 Liberação da faixa de servidão.....	39
2.3.2 Resgate nas faixas lindeiras do sítio.....	41
2.3.3 As quadras.....	45
2.3.4 A trincheira	57
2.4. ESPACIALIDADE DO SÍTIO CAVALO BRANCO.....	64
2.4.1 O que diz a etnografia Tupi sobre os padrões de assentamento?	68
2.5 ESTRATIGRAFIA DO SÍTIO CAVALO BRANCO	71
2.6 CRONOLOGIA DO SÍTIO CAVALO BRANCO	72
2.6.1 Datações radiocarbônicas.....	72
2.7 ÚLTIMAS NOTAS	74
3 O MATERIAL LÍTICO DO SÍTIO CAVALO BRANCO	76
3.1 INTRODUÇÃO.....	76
3.2 DESCRIÇÃO DO MATERIAL LÍTICO	77
3.2.1 Instrumentos retocados.....	77
3.2.2 Núcleos unipolares	79
3.2.3 Lascas unipolares inteiras.....	80
3.2.4 Produtos bipolares.....	82
3.2.5 Lâminas picoteadas/polidas.....	83
3.3 OBSERVAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DA INDÚSTRIA LÍTICA DO SÍTIO CAVALO BRANCO.....	84
4 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO CAVALO BRANCO.....	87
4.1 NOTA INTRODUTÓRIA	87
4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE	89
4.2.1 Variabilidade e sistemas tecnológicos.....	95

4.3 ANÁLISE CERÂMICA	97
4.3.1 Categoria.....	97
4.3.2 Técnicas de manufatura.....	98
4.3.3 Antiplástico	102
4.3.4 Queima.....	104
4.3.5 Tratamentos de superfície	106
4.3.6 Sinais de uso.....	108
4.3.7 Espessura dos fragmentos	109
4.3.8 Formas.....	110
4.3.9 Decorações Plásticas	161
4.3.10 Decorações Incisas	164
4.3.11 Decorações Pintadas.....	166
4.4 CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CERÂMICA DO SÍTIO CAVALO BRANCO	178
5 O COMPLEXO TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL (parte I: cerâmica)	196
5.1 DE VOLTA ÀS FASES	196
5.2 DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS	200
5.3 NOVOS SÍTIOS DA FASE TAUARÍ: SÍTIO CAVALO BRANCO, SÍTIO NOVA IPIXUNA 3, SÍTIO BELA VISTA E SÍTIO BOM JESUS 2.....	235
5.3.1 Fase Tauarí x sítio Grajaú	239
5.4 DISCUSSÃO PRELIMINAR DOS DADOS	242
6 O COMPLEXO TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL (PARTE 2: REOCUPAÇÕES E MORFOLOGIA DAS ALDEIAS).....	245
6.1 PADRÕES DE REOCUPAÇÃO.....	245
6.1.1 Comparação entre as duas áreas de sedimento escuro do sítio Cavalo Branco	245
6.1.2 O sítio Nova Ipixuna 3	250
6.2 MORFOLOGIA DAS ALDEIAS.....	258
6.2.1 Etnografia.....	258
6.2.2 Arqueologia.....	261
6.3 CONCLUSÃO.....	264
7 O COMPLEXO TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL DENTRO DA ARQUEOLOGIA TUPI E DOS MODELOS DE EXPANSÃO.....	267
7.2 CRONOLOGIA DOS TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL.....	269
7.3 ASPECTOS DOS TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL	272
7.4 USO DOS MÉTODOS INDUTIVO E DEDUTIVO EM ARQUEOLOGIA.....	275
CONCLUSÃO	280
BIBLIOGRAFIA.....	282
ANEXOS.....	298
Anexo 1: Todos os Sítios citados.....	299
Anexo 2: Localização do Sítio Cavalo Branco (Linha de Transmissão Tucuruí-Açailândia). .	300
Anexo 3: Relação dos sítios as fases Tucuruí, Tauarí e Tauá.....	301
Anexo 4: Mapa Etno-histórico de Nimuendajú.	302
Anexo 5: LT Tucuruí-Açailândia 4ºCircuito (fonte: Scientia:2005)	303
Anexo 6: Sítio Cavalo Branco. Quadras com presença de material.	305
Anexo 7: Pedogeoquímica do sítio Cavalo Branco.	313
Anexo 8: Códigos de Análise Cerâmica	316

Anexo 8 (complemento): Tabela para análise da espessura e porcentagem do antiplástico na cerâmica (Fonte: Mathew et al. apud. Orton et al. 2003).	320
Anexo 8 (complemento): Índice de análise de queima (adaptação de Rye, 1981).	321
Anexo 9: Gráficos de Análise Cerâmica.....	322
Anexo10: Comparação entre a Tecnologia Cerâmica das Duas Áreas do Sítio Cavalo Branco.	326
Anexo 11: Análise de Pigmento (PIXE - Particle Induced X-Ray Espectrometry).	328
Anexo 12: Formas das Fases Arqueológicas do Baixo Tocantins (fonte: Simões e Araújo Costa: 1987).	330
Anexo 13: Mais Fotos de Campo	333

Índice de Figuras

Fig. 1 Mapa indicando a localização do sítio Cavalo Branco, a poucos quilômetros do encontro dos rio Araguaia e Tocantins, próximo à fronteira entre os Estados do Pará, Tocantins e Maranhão (fonte: Google Earth).	2
Fig. 2	5
Fig. 3 Modelo de migração dos grupos Tupiguarani defendido por Meggers e Schimtz (fonte: Schimtz, 1991).	6
Fig. 4 Modelo de migração Tupiguarani defendida por Brochado (fonte: BROCHADO, 1984).	9
Fig. 5 Imagem de satélite com a indicação do sítio Cavalo Branco. Pode-se observar a leste do sítio, onde há mata, parte da reserva Mãe Maria, dos índios Gavião (fonte: Google Earth).....	19
Fig. 6 O padre Vieira teve presença destacada na intermediação do contato do colono com o indígena, também no norte do país (fonte: MONTEIRO, 2006)	24
Fig. 7 Retrato dos “descimientos”, que uniam diversos grupos indígenas em uma mesma área (fonte: MONTEIRO, 2006)	27
Fig. 8 Detalhe no interior de um dos aldeamentos, onde mulheres desenvolvem práticas cotidianas (fonte: MONTEIRO, op. cit.).	27
Fig. 9 Cerâmica policroma encontrada por Nimuendajú (2000).	29
Fig. 10 Torre estaiada.....	37
Fig. 11 Torre autoportante	37
Fig. 13 Mapa sítio Cavalo Branco.....	42
Fig. 14 Unidade 100D.....	46
Fig. 15 Unidade 90V-60D.....	47
Fig. 16 Transects onde foram realizadas coletas para análise do solo.....	49
Fig. 17 Mapa Trincheira.....	59
Fig. 18 É grande a possibilidade de o montículo encontrado no sítio Cavalo Branco, situado na periferia da área com solo antrópico e diretamente atrás de um dos locais de maior concentração cerâmica, ser uma lixeira	60
Fig. 19 Densidade de material por nível.	65
Fig. 20 Densidade de material total.....	66
Fig. 21 Densidade de material e coloração do solo.	67
Fig. 22 Unidade 100D: perfil sul.....	71
Fig. 23 Mapa com a disposição das quadras escavadas no sítio Cavalo Branco. Os pontos em vermelho referem-se às quadras selecionadas para a análise quantitativa.	88
Fig. 24 Placas utilizadas como reforço.....	99
Fig. 25 Processo de reforço na borda.	100
Fig. 26 Forma 1 (1).	115
Fig. 27 Forma 1 (2).	116
Fig. 28 Forma 1 (3).	117
Fig. 29 Forma 1 (4).	118
Fig. 30 Forma 1 (5).	119
Fig. 31 Forma 2.....	120
Fig. 32 Forma 3 (1)	121
Fig. 33 Forma 3 (2).	122
Fig. 34 Forma 3 (3).	123
Fig. 35 Forma 3 (4)	124
Fig. 36 Forma 3 (5).	125
Fig. 37 Forma 3 (6).	126
Fig. 38 Forma 3 (7).	127
Fig. 39 Forma 4.....	128
Fig. 40 Forma 5 (1).	129
Fig. 41 Forma 5 (2).	130
Fig. 42 Forma 5 (3).	131
Fig. 43 Prancha 6.	132
Fig. 44 Forma 7 (1).	133
Fig. 45 Forma 7 (2).	134
Fig. 46 Forma 7 (3).	135
Fig. 47 Forma 8 (1).	136

Fig. 48 Forma 8 (2).	137
Fig. 49 Forma 8 (3).	138
Fig. 50 Forma 9 (1).	139
Fig. 51 Forma 9 (2).	140
Fig. 52 Forma 9 (3).	141
Fig. 53 Forma 9 (4).	142
Fig. 54 Forma 10 (1).	143
Fig. 55 Forma 10 (2).	144
Fig. 56 Forma 11 (1).	145
Fig. 57 Forma 11 (2).	146
Fig. 58 Prancha 13.	147
Fig. 59 Forma 15.	148
Fig. 61 Forma 17 (2).	150
Fig. 62 Forma 17 (3).	151
Fig. 63 Forma 17 (4).	152
Fig. 64 Formas 16, 18 e 19.	153
Fig. 65 O primeiro gráfico, e a escala à esquerda representam a variabilidade espacial do material cerâmico (em porcentagem). O restante dos gráficos, e a escala à direita, representam a dispersão espacial de cada tipo morfológico (a porcentagem sendo calculada para cada tipo).	160
Fig. 66 Áreas de inserção dos ungulados.	161
Fig. 67 Fragmento CB-1210, com incisões.	164
Fig. 68 Fragmentos CB-919, CB- 935 e CB-1436, pertencentes ao mesmo vaso, com incisões formando motivo complexo.	164
Fig. 69 CB-2659.	164
Fig. 70 Fragmento CB-2841, com incisões em espiral.	165
Fig. 71 Motivo com pigmento preto sobre engobo branco.	168
Fig. 72 Motivo com pigmento preto sobre engobo branco.	168
Fig. 73 CB-703 (356), CB-1147, e CB 1504, com pintura vermelha e branca na face interna.	169
Fig. 74 CB-413, com bandas vermelhas sobre o ombro e na divisa da borda com o bojo superior.	169
Fig. 75 Fragmentos CB-1269, CB-583-548-1148-1167 e CB-556, com motivos em grega.	170
Fig. 76 Preenchimento dos espaços ou alternância na espessura das linhas	170
Fig. 77 CB-968, CB-983 e CB-991, com presença de diferentes tons de vermelho, em bandas e motivos com espessuras variadas.	170
Fig. 78 Fragmentos CB-606, CB-809 e CB-810. A pintura branca aparece sozinha (CB-810) ou sobre engobo vermelho (CB-606 e 809) sobre a superfície do vaso. Trata-se de uma das idiosincrasias dos Tupi do sudeste paraense.	171
Fig. 79 Guerreiro com incisões corporais e um toque francês (Fonte: FERNANDES, <i>op. cit.</i>).	173
Fig. 80 O reflexo invertido dos iguais pode ser encontrado no vaso CB-2666.	176
Fig. 81 O vaso CB-2666, observado como tampa, se encaixaria em vasos com pescoço, como o CB-1523 (proveniente de uma quadra adjacente e um nível abaixo do local onde foi encontrada o CB-2666, e com o diâmetro da boca levemente reduzido para servir de exemplo). Ao lado, urna funerária encontrada em sítio Tupi no nordeste brasileiro, identificada por Monteiro (<i>apud</i> MARTINS, 2005, p. 195).	177
Fig. 82 Fragmento 484, sítio Bom Jesus 2.	196
Fig. 83 Croqui do sítio Bom Jesus 2 (fonte Scientia, em elaboração a).	203
Fig. 84 Formas cerâmicas do sítio Bom Jesus 2.	206
Fig. 85 Formas cerâmicas do sítio Bom Jesus 2.	207
Fig. 86 Croqui do sítio Nova Ipixuna 3 (fonte Scientia, em elaboração b).	212
Fig. 87 Formas cerâmicas, sítio Nova Ipixuna 3.	214
Fig. 88 Croqui do sítio Bela Vista (fonte Scientia, em elaboração a).	217
Fig. 89 Formas cerâmicas, sítio Bela Vista.	220
Fig. 90 Formas cerâmicas, sítio Bela Vista.	221
Fig. 91 Croqui do sítio Grajaú (fonte Scientia, em elaboração a).	225
Fig. 92 Formas cerâmicas, sítio Grajaú.	228
Fig. 93 Formas Cerâmicas, sítio Grajaú.	229
Fig. 94 Duas áreas com solo antrópico no sítio Cavalo Branco.	245
Fig. 95 Esquema simplificado das reocupações, em que acampamento e aldeia se alternam. Se colocadas todas as possibilidades de alternância das diferentes estruturas quanto à ocupação, as combinações são inúmeras.	253

Fig. 96 Mapa de dispersão das lâminas de machado ou fragmentos de lâminas encontrados no sítio Caval Branco.....	255
Fig. 97 Croqui da aldeia Araweté, segundo Viveiros de Castro (1986).....	259
Fig. 98 Croqui da aldeia Asurini (do Xingu) observada por Müller (1990).....	259
Fig. 99 Croqui da aldeia Parakanã, segundo Fausto (2001).	259
Fig. 100 Croqui da aldeia Parakanã observada por Vidal (1983).....	259
Fig. 101: Croqui da aldeia Waiãpi, segundo Gallois (1983).	259
Fig. 102: Croqui da aldeia Tapirapé, segundo Wagley (1977).	259
Fig. 103 A dispersão dos fragmentos cerâmicos no sítio Grajaú indica um padrão circular ou semi-circular de aldeia	261
Fig. 104 e 105 Os sítios Belo Horizonte e Frade são dois sítios não-Tupi na fronteira entre o Maranhão e o Pará. Os mapas de dispersão de fragmentos cerâmicos (nível 10-20cm do sítio Belo Horizonte os sítios e 0- 10cm do sítio Frade) parecem indicar um padrão circular ou semi-circular, com a presença de uma praça central.....	261
Fig. 106 e 107 Aqui, não há indicação de ordenação na dispersão do material cerâmico. No entanto, é preciso levar em consideração que ambos os sítios foram ocupados mais de uma vez (o que pode ter “mascarado” um padrão mais ordenado) e o fato de o sítio Nova Ipixuna 3 ser uma estrutura temporária.	262
Fig. 108 e 109 Assim como os sítios Caval Branco e Nova Ipixuna 3, o Bela Vista não apresenta indícios de ter abrigado uma aldeia com morfologia circular ou semi-circular. Por outro lado, os mapas de dispersão cerâmica do sítio Bom Jesus 2, nos níveis 0-10cm e 10-20cm, onde o material se encontra espalhado em torno de uma pequena área vazia, são um indício de que alguns grupos Tupi do médio-baixo Tocantins podem ter adotado uma morfologia circular ou semi-circular em um período pré-contato.	262
Fig. 110 Hipótese de expansão dos Tupi, via a região sul da bacia amazônica.	271

Índice de Fotos

Foto 1.1 Projétil recente encontrado no sítio Caval Branco.	18
Foto 2.1 Torre 3/1 vista a partir da torre 3/2 (LT Tucuruí/Açaílandia).....	36
Foto 2.3.2: A abertura da quadra é iniciada com a limpeza de uma área de aproximadamente 2m ² do lado esquerdo do piquete da malha sentido vante da LT (Sítio Breu Branco 1 – LT Tucuruí/Açaílandia)	44
Foto 2.3.4: Todo sedimento escavado era peneirado. A quadra só poderia interrompida após a escavação de dois níveis negativos. Independente da presença de material, os três primeiros níveis (0-30cm) teriam que ser cavados(Sítio Caval Branco – LT Tucuruí/Açaílandia).	44
Foto 2.3.5: Por fim, uma sondagem no centro da quadra, com 30 cm de profundidade, era realizada para confirmar a ausência de material. Constatada esta, procedia-se em devolver o sedimento e fechar a quadra (Sítio Breu Branco 1 – LT Tucuruí/Açaílandia).	44
Fotos 2.3.6 e 2.3.7 Unidade 100D, com presença de perturbação no perfil norte. A direita pode-se observar os cupinzeiros presentes na superfície do sítio.....	48
Fotos 2.3.8 a 2.3.10: Concentrações cerâmicas em área com Solo Antrópico. Quadra 20V-60D, nível 10-20 (acima ao lado); Unidade 140D, nível 10-20cm (abaixo).	53
Fotos 2.3.11. a 2.3.13.: Croquis de material arqueológico em áreas de solo Antrópico: unidade 140D, nível 10-20cm (acima e ao lado); e quadra 40R-100D, nível 10-20cm (abaixo)	54
Foto 2.3.14 Unidade 100D: conjunto cerâmico <i>in situ</i>	55
Fotos 2.3.15. e 2.3.16. Unidade 40V-80D. Quadra 40V-81D. Feição observada no quadrante NW (à esquerda, nível 80-90 cm), mas que se espalhou para o restante da quadra (a direita, nível 190-200 cm). ..	56
Foto 2.3.17 Trincheira escavada por escalonamento.....	57
Fotos 2.3.18 a 2.3.20 Trincheira. Acima, perfil oeste. Ao lado, quadra T3, níveis N3 a N6, fragmentos cerâmicos e raiz. Abaixo, quadra T2, s/n, detalhe de cerâmica.....	62
Foto 2.3.21 Trincheira: perfis norte e leste, níveis 1 a 13.	63
Foto 2.3.22 Trincheira: limpeza do perfil Leste.	63
Foto 2.3.23 Trincheira: quadra T3, expondo material <i>in situ</i>	63
Foto 4.3.1 Fragmento CB-357. Roleta quebrado, provavelmente proveniente de uma base.	98
Foto 4.3.2 Fragmento CB-331. Borda feita com a técnica do acordelamento e inserção de uma asa modelada, acompanhada por decorações unguiladas.	98
Foto 4.3.3. Fragmentos CB-745, CB-324 e CB-1947, com marcas de unhas na junção dos roletes. Foi fotografada a face interna dos fragmentos CB-745 e CB-1947, mostrando o unguilado realizado na quebra de roleta na parte superior das peças. A foto do fragmento CB-324 mostra, justamente, a quebra do roleta.	99

Fotos 4.3.4. a 4.3.6. Uso de cipó para manufatura da borda vazada. Nesse primeiro exemplo (vaso 1), o cipó foi deixado para ser queimado com o vaso.	101
Fotos 4.3.7. a 4.3.9. Uso de cipó para manufatura da borda vazada. Nesse exemplo (vaso 2), o cipó foi retirado antes de a borda ser fechada.	101
Foto 4.3.10. Borda vazada produzida durante a experimentação cerâmica. O cipó “desapareceu” durante a queima.	102
Foto 4.3.11. Fragmentos CB-1279, com estrias provavelmente deixadas durante o alisamento (também poderiam ter sido criadas pelo uso do vaso), e CB-1427, polido.	107
Foto 4.3.12. Recorte dos fragmentos CB-538, CB-548, CB-1148, CB-1667.	107
Foto 4.3.13. Fragmento CB-606, com presença de fuligem.	108
Foto 4.3.14. Fragmento CB-300, vaso pequeno, praticamente inteiro.	111
Foto 4.3.15 Fragmentos CB-2667, CB-854 (883) e CB-1150, com corrugado apenas na borda.	162
Foto 4.3.16 Fragmentos CB-484, CB-909 e CB-2669, indicando a passagem do alisamento grosseiro para o corrugado.	163
Foto 4.3.17 Fragmentos CB-919, CB- 935 e CB-1436.	164
Foto 4.3.18 Fragmento CB-1466, pintura restringindo a erosão.	171
Foto 4.3.19. Sítio Cavalo Branco, Prancha 1.	181
Foto 4.3.20. Sítio Cavalo Branco, Prancha 2.	182
Foto 4.3.21. Sítio Cavalo Branco, Prancha 3.	183
Foto 4.3.22. Sítio Cavalo Branco, Prancha 4.	184
Foto 4.3.23. Sítio Cavalo Branco, Prancha 5.	185
Foto 4.3.24. Sítio Cavalo Branco, Prancha 6.	186
Foto 4.3.25. Sítio Cavalo Branco, Prancha 7.	187
Foto 4.3.26. Sítio Cavalo Branco, Prancha 8.	188
Foto 4.3.27. Sítio Cavalo Branco, Prancha 9, Seleção Fotográfica de material não analisado.	189
Foto 4.3.28. Sítio Cavalo Branco, Prancha 10, Seleção Fotográfica de material não analisado.	190
Foto 4.3.29. Sítio Cavalo Branco, Prancha 11, Seleção Fotográfica de material não analisado.	191
Foto 4.3.30. Sítio Cavalo Branco, Prancha 12, Seleção Fotográfica de Material não analisado.	192
Foto 4.3.31. Sítio Cavalo Branco, Prancha 13, Seleção Fotográfica de Material não analisado.	193
Foto 4.3.32. Sítio Cavalo Branco, Prancha 14, Seleção Fotográfica de Material não analisado.	194
Foto 5.2.2. Prancha 1, sítio Bom Jesus 2.	208
Foto 5.2.3. Prancha 2, sítio Bom Jesus 2.	209
Foto 5.2.4. Prancha 3, sítio Bom Jesus 2.	210
Foto 5.2.6. Prancha 1, sítio Nova Ipixuna 3.	215
Foto 5.2.8. Prancha 1, sítio Bela Vista.	222
Foto 5.2.8. Prancha 2, sítio Bela Vista.	223
Foto 5.2.10. Prancha 1, sítio Grajaú.	230
Foto 5.2.11. Prancha 2, sítio Grajaú.	231
Foto 5.2.12. Prancha 3, sítio Grajaú.	232
Foto 5.2.13. Prancha 4, sítio Grajaú.	233
Foto 5.2.14. Prancha 5, sítio Grajaú.	234
Foto 5.3.1. Gr-1354, base de assador com marca de cestaria e CB-909 (proveniente da LT Tucuruí-Açailândia), borda de assador Tupiguarani com presença de corrugado.	240
Foto 6.1.1. NI3-251, fragmento com acabamento grosseiro.	252
Foto 6.1.2. Perfil da peça CB-1654.	254
Foto 6.1.3. Prancha 15 do sítio Cavalo Branco. Cerâmica encontrada nas quadras 200V-380D (CB-SF-35 e CB-SF-380D) e 140V-260D (CB-SF-74), que sugere que o sítio cavalo Branco pode ter sido ocupado por outro grupo.	257

Índice de Tabelas

Tabela 2.3.1. Análises químicas no perfil de solo antrópico (quadra 40R-100D) do sítio Cavalo Branco. ..	50
Tabela 2.3.2. Análises químicas no perfil de solo da área adjacente (quadra 160V-180D) ao sítio Cavalo Branco.	51
Tabela 2.6.1 Datações do sítio Cavalo Branco.	72
Tabela 3.2.1. Matéria-prima por categoria lítica.	77
Tabela 3.2.2. Dimensões dos núcleos unipolares.	80
Tabela 3.2.3. Dimensões dos talões.	81
Tabela 3.2.4. Dimensões das lascas.	81
Tabela 3.2.5. Dimensões dos produtos bipolares.	83
Tabela 5.3.1. Presença /ausência de bordas vazadas.	235
Tabela 6.1.1. Comparação de densidade entre a Área 1 e a Área 2.	246
Tabela 6.1.2. Quadras utilizadas para a comparação entre áreas.	247
Tabela 6.1.3. Comparação de aspectos cerâmicos entre as áreas.	247
Tabela 6.1.4. Datações da Área 1 e Área 2.	249
Tabela 6.1.5. Comparação da densidade de material arqueológico entre os sítio Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.	250
Tabela 7.2.1. Datações para sítio Tupi no sudeste do Pará.	269

Índice de Gráficos

Gráfico 2.3.1 Peso e quantidade de fragmentos do material cerâmico da trincheira.	60
Gráfico 4.3.1 Relação entre queima e espessura.	105
Gráfico 4.3.2. Relação entre espessura e volume.	109
Gráfico 4.3.3. Forma X Volume.	154
Gráfico 4.3.4. Forma X Pintura.	155
Gráfico 4.3.5. Forma X Tratamento de superfície.	156
Gráfico 4.3.6. Forma X Espessura.	157
Gráfico 4.3.7. Forma X Fuligem.	158
Gráfico 4.3.8. Espessura e porcentagem de antiplásticos presentes na pasta dos fragmentos com incisões	166
Gráfico 5.3.1 Antiplástico por sítio.	236
Gráfico 5.3.2. Formas cerâmicas por sítio.	236
Gráfico 5.3.3. Decoração Plástica por sítio.	237
Gráfico 5.3.4. Engobo por sítio.	238
Gráfico 5.3.5. Decoração Pintada por sítio.	238
Gráfico 6.1.1 Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos da Área 1 e Área 2.	248
Gráfico 6.1.2. Decoração plástica nos fragmentos cerâmicos da Área 1 e Área 2.	248
Gráfico 6.1.3. Decoração pintada nos fragmentos cerâmicos da Área 1 e Área 2.	249

INTRODUÇÃO

Vista da Barragem de Tucuruí

INTRODUÇÃO

O chamado “modelo cardíaco”, formulado por Lathrap (1970), apontava a Amazônia central como o principal centro de dispersão de grandes grupos lingüísticos e de estilos cerâmicos. Brochado (1984) buscou refinar esse modelo, por meio de dados arqueológicos, etnológicos e lingüísticos, propondo uma base teórica para futuras pesquisas sobre as migrações pré-históricas do continente sul-americano.

Vinte anos depois de Brochado defender sua tese de PhD, na qual o modelo está detalhado, uma série de novos fatos veio à tona, exigindo uma abordagem diferente do tema. Muitos sítios recentemente encontrados na margem direita do médio-baixo Tocantins (PA), decorrentes de levantamentos arqueológicos realizados nas faixas de servidão das linhas de transmissão de energia entre as cidades de Tucuruí e Açailândia¹ (e Tucuruí-Presidente Dutra), com cerâmica pertencente à tradição² Tupiguarani,³ se

¹ O mapa com o trajeto da linha de transmissão Tucuruí-Açailândia encontra-se no Anexo 2.

² Neves (2006, p. 61) define o termo “tradição” como “*um conjunto de fases distribuídas por áreas vastas e com grande amplitude cronológica*”.

encaixam perfeitamente nessa problemática de reconstrução de modelos. Esses sítios estão em uma região que faz parte do caminho migratório traçado por Brochado e possuem dados etno-históricos (e.g. ABBEVILLE, 1975; EVREUX, 2002) e etnográficos (e.g. VIVEIROS DE CASTRO, 1986; MÜLLER, 1990; FAUSTO, 2001) de grupos falantes da família Tupi-Guarani.

HISTÓRICO E PROBLEMÁTICA GERAL

Quase todas as pesquisas arqueológicas realizadas até hoje na região do baixo e médio Tocantins estão ligadas à arqueologia de contrato. Em 1976, no entanto, as primeiras pesquisas sem convênio com a iniciativa privada foram iniciadas, como parte do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA), coordenadas por Clifford Evans, Betty Meggers (Smithsonian Institution) e Mário Ferreira Simões (CNPq – Museu Paraense Emílio Goeldi).

Nos dois anos seguintes, com a inundação do reservatório de Tucuruí, um convênio entre a Eletronorte e o Museu Goeldi daria continuidade às pesquisas, caracterizadas como de salvamento arqueológico (SIMÕES e ARAÚJO-COSTA, 1987; MILLER, 1992). Essas pesquisas localizaram 37 sítios arqueológicos, que tiveram seus fragmentos cerâmicos inseridos em três fases⁴ (Tauari, Tucuruí e Tauá), pertencentes à sub-tradição regional Itacaiúnas, relacionadas à tradição Tupiguarani e Incisa-Ponteadá (SCIENTIA, 2003a). Segundo Simões (1986, p. 544, *apud* SCIENTIA, 2003a, p. 23), os sítios escavados eram de habitação – antigas aldeias – localizados na terra firme alta, com áreas de ocupação, geralmente em planta elíptica, variando de 300m² a 40.000m². Em alguns desses sítios, constatou-se também a presença de terra preta. As datações apontam para dois momentos: o primeiro em torno de 1550+-70 d.C. (fase Tauari); o segundo, entre 1000+-70 d.C. (fase Tucuruí), (SIMÕES e ARAÚJO-COSTA, 1987).⁵

³ O termo “Tupiguarani” será utilizado como generalizante, relacionado à macro-tradição Tupiguarani. Utilizamos Tupiguarani (sem hífen) para a tradição arqueológica e Tupi-Guarani (com hífen) para tratar de grupos desse tronco ou família lingüística.

⁴ Para o sudeste paraense, há também as fases Itacaiúnas (FIGUEIREDO, 1965) e Carapanã (SIMÕES et al., 1973), que representam pouca importância para o presente estudo.

⁵ O mapa com os sítios arqueológicos pertencentes às fases Tucuruí, Tauari e Tauá está no Anexo 3.

Em outro estudo nas proximidades (rio Itacaúnas), Figueiredo (1965) obteve uma data de 280+-70 d.C. para um grupo Tupi da fase Itacaúnas. Prous (1992, p. 467) considera difícil interpretar essas datações, principalmente a mais antiga, uma vez que coincidem com as do sul do Brasil. Para o arqueólogo franco-brasileiro, apontar o Tocantins como berço dos Tupiguarani é complicado, já que a região na qual os poucos sítios foram identificados é isolada dos grandes centros de desenvolvimento da tradição. Prous prefere aguardar por outros meios ou datações para especular sobre o assunto.

Após realizados esses primeiros estudos sistemáticos na região, surgiu o único trabalho acadêmico de arqueologia feito até hoje para o baixo Tocantins. Trata-se de uma dissertação de mestrado defendida em 1983, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por Araújo-Costa, integrante da equipe de campo que realizou o resgate. De acordo com a pesquisadora, a cerâmica estudada apresentava apenas características utilitárias e apresentava tanto semelhanças com as das tradições Tupiguarani quanto com as tradições cerâmicas da Floresta Amazônica.

O uso de areia como antiplástico, as decorações corrugada, raspada, ungulada e serrungulada, assim como as formas carenadas e os vasos com forma piriforme são características dessas fases similares às da cerâmica da tradição Tupiguarani. Araújo-Costa (1983, p. 64) observa que as tradições cerâmicas amazônicas (uma denominação um tanto abrangente!), tinham em comum o uso de tempero de cariapé e cauxi, as decorações incisa com dupla linha, incisa e excisa, entre outras características. A autora ressalta que não há condição de estabelecer qual é a maior das influências encontradas nos artefatos cerâmicos estudados por ela, se é a do estilo Tupiguarani ou o das tradições amazônicas.

Percebe-se uma dificuldade da arqueóloga para definir essa cerâmica Tupiguarani, que não era nem Guarani nem Tupinambá (como definidos por BROCHADO, 1984). Os fragmentos sequer apresentavam semelhanças entre si, característica que não combinava com os monótonos representantes dessa tradição, conhecidos por temporal e geograficamente produzirem uma cerâmica bastante homogênea.

A pesquisadora acredita, sem explicar o motivo, que o material do Baixo Tocantins não possibilita a caracterização de uma multiplicidade cultural. Sustenta que não foram percebidas diferenças cronológicas que pudessem argumentar a favor de reocupações dos sítios (*ibid.*, p. 62), defendendo, com base nos dados levantados pelas

seriações que realizou, que teria ocorrido uma simplificação do material quanto ao tempero, à decoração e a certos aspectos das formas.

Vale lembrar que a construção de uma cronologia visando ao entendimento das questões da reocupação e da multiplicidade cultural é um dos alvos do presente estudo. A utilização de datações por C14 é de suma importância para o sustento de tal construção.

Araújo-Costa levantou a hipótese de que havia um grupo inicial que manteria contato com povos situados mais a oeste na floresta. Isso envolveria até um comércio de material lítico, bastante expressivo na região, se comparado com o resto da Floresta Amazônica. Esse grupo teria sofrido ataques realizados por povos migrantes Tupiguarani, supostamente vindos do sul, que assimilariam o primeiro grupo, o que explicaria a simplificação do material cerâmico (*ibid.*, p. 67).

Neste momento, é interessante inserir a problemática criada por esse modelo em relação ao proposto por Brochado. Nota-se que a dissertação de mestrado de Araújo-Costa foi defendida um ano antes de Brochado defender o seu PhD. Antes de Brochado trazer à tona a sua hipótese, de que as dispersões teriam partido da Amazônia central, umas subindo, outras descendo o rio Amazonas e seus afluentes, idéias diferentes cercavam a questão das migrações (ou expansões) dos Tupi.⁶

O modelo, defendido entre outros por Alfred Métraux (1927) aponta para uma expansão com início meridional. O ponto de partida para as migrações seria a bacia Paraná-Paraguai, onde os Tupinambá teriam se separado, em uma expansão sentido sul-norte (FAUSTO, 1992, p. 382), sendo que, na época da conquista, a dispersão litorânea desses grupos seria apenas recente (MÉTRAUX, *op. cit.*, *apud* FAUSTO, *ibid.*). Os Guaraní, por sua vez, permaneceriam no sul, que seria gradativamente conquistado por eles. Métraux não aponta uma data

Fig. 2 A expansão dos Tupiguarani segundo Métraux.

⁶ Uma abordagem completa de todos os modelos de migração (expansão!) Tupiguarani pode ser encontrada em Noelli (1996).

exata para o nascimento dos movimentos migratórios. No entanto, seu modelo deixa transparecer a idéia de uma migração fulminante, iniciada alguns séculos antes do contato com os europeus.

O baixo e médio Tocantins, nessa abordagem, seriam das últimas regiões a conhecer os poderosos Tupi, que lá só chegariam em uma data próxima ao início da conquista, provavelmente em um momento posterior. De acordo com essa visão, os Tupi do baixo e médio Tocantins seriam prováveis descendentes diretos dos Tupinambá em fuga dos colonizadores europeus. É importante ressaltar que, dos modelos aqui tratados, o de Métraux é o mais antigo. O autor, além de não contar com pesquisas lingüísticas e arqueológicas mais apuradas, morreu antes da divulgação das primeiras datações para os grupos Tupi. Tais datações indicaram um processo muito mais lento de expansão.

Um segundo modelo indicaria o atual Estado de Rondônia como provável centro de dispersão Tupi. As populações partiriam primeiramente para o sul, por meio do sistema fluvial Paraná-Paraguai, e em seguida para o norte, beirando o litoral brasileiro. Outra leva de grupos partiria do mesmo ponto (Rondônia) para o Brasil central e para o leste amazônico (Fig. 3). Esse modelo tinha como defensora a pesquisadora norte-americana Betty Meggers, principal nome tanto do PRONAPABA quanto do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), e também era defendido por outros estudiosos do assunto, como Schmitz (1991).

Meggers se baseava em estudos léxico-estatísticos, de acordo com os quais a terra natal do tronco lingüístico é aquela em que coexistem o maior número de famílias aparentadas (MEGGER, 1974, p. 3). Apesar de ver com ressalva a associação entre uma família lingüística e uma tradição cultural, Meggers vê condições excepcionais no caso da cerâmica Tupiguarani e da família lingüística Tupiguarani. Essas condições seriam fundamentadas não só por estudos lingüísticos (vide RODRIGUES, 1964, 1985; URBAN, 1992, 1996), mas também por pesquisas etno-históricas e arqueológicas.

Fig. 3 Modelo de migração dos grupos Tupiguarani defendido por Meggers e Schmitz (fonte: Schmitz, 1991).

Em uma série de artigos, Meggers (1974, 1977, 1979, 1982) sugere que esses povos falantes de famílias do tronco Tupi, situados no sudoeste amazônico, começariam a migrar da região, utilizando as limitações impostas pelo meio ambiente para defender sua hipótese: a migração teria se dado devido a variações climáticas que afetariam a Floresta Amazônica. Devido à baixa umidade, a floresta tropical, ao que tudo indica (PROUS, 1992, p. 373), o local preferido dos povos da família Tupi-Guarani, recuaria, formando ilhas, refúgios. Dessa forma, a baixa dos rios e, por consequência, a queda na produção pesqueira, aliada ao recuo da floresta tropical, teriam impulsionado os povos de família Tupi-Guarani a adotar uma tática expansionista.

O primeiro problema desse modelo é a anacronia em relação a uma região-chave nesse esquema. Trata-se da região onde está, grosso modo, o estado do Mato Grosso do Sul. Este, que segundo esse modelo seria parte da “marcha para o sul” dos Guarani, até o momento possui uma série de datações que indicam para uma ocupação tardia de grupos Tupi (Guarani) na região.⁷ O próprio entorno do baixo e médio Tocantins não deixa de ser uma lacuna nesse modelo. Se olharmos a fig. 3, é possível notar que as setas apontam para uma expansão amazônica, e não uma vinda do litoral. Ainda assim, é possível identificar uma reticência dos defensores desse modelo com relação à região, pouco comentada por eles.⁸ Outro ponto problemático seria a afinidade ou não da cerâmica encontrada na região de Rondônia com a tradição Tupiguarani,⁹ mas essas questões fogem ao escopo do presente estudo.

O próprio Brochado (1984), que também esteve ligado ao PRONAPA por muitos anos, lamenta ter defendido esse modelo migratório que partiria do alto Amazonas rumo ao sul – a grosso modo, contornando o que é hoje a fronteira brasileira – para subir a costa até o Estado do Maranhão.

Somente a partir do início de seu doutoramento é que Brochado parece investir na hipótese levantada por Lathrap (1970). Para Brochado, seria outro o local de onde surgiu a dispersão: a Amazônia central, provavelmente nas proximidades da atual cidade de Manaus. O fator gerador da migração teria sido um grande crescimento demográfico, que acabaria por empurrar parte da população para fora da região. Para o sudoeste, partiriam

⁷ Vide Martins et al. (1999).

⁸ O que é totalmente compreensível, visto os poucos dados disponíveis para uma conclusão preliminar.

⁹ A principal referência de estudo na região do atual Estado de Rondônia é o mestrado de Eurico Miller, defendido em 1983. O arqueólogo associa o material cerâmico com a tradição Tupiguarani e enfatiza a possibilidade de a região ser o berço dos Tupi.

os que futuramente produziram a cerâmica da sub-tradição Guarani; para o leste, se deslocariam os que futuramente produziram a cerâmica da sub-tradição Tupinambá (fig.2).

Brochado (*op. cit.*) aponta a cerâmica da sub-tradição Guarita, encontrada na Amazônia central, como uma das mais antigas formas da tradição Polícroma. De acordo com ele, a sub-tradição Guarani nasceria da tradição Guarita. A sub-tradição Tupinambá, por sua vez, teria se originado na sub-tradição Miracanguera e seria parente próximo do estilo (fase) Marajoara, considerado pelo arqueólogo como anterior à sub-tradição Tupinambá do litoral brasileiro.

Dois artigos, um assinado por Noelli (1996) e outro por Heckenberger, Neves e Petersen (1998) apontam uma série de falhas no modelo proposto por Brochado. O primeiro ponto levantado pelos três co-autores (1998, p. 72) seria a falta de ligação histórica ou etnográfica entre a tradição policroma da Amazônia e falantes de línguas da família Tupi-Guarani. Outro ponto seria o de que a sub-tradição Guarita não seria necessariamente mais antiga nem menos sofisticada que outros complexos da tradição policroma amazônica no alto ou baixo Amazonas. Por último, os autores apontam a dificuldade na inserção da fase Marajoara nesse contexto de expansão dos Tupiguarani.

A frágil relação estabelecida por Brochado entre a policromia amazônica e os Tupi-Guarani parece realmente ser um ponto-chave¹⁰ para a necessidade de desconstrução do seu modelo. A impressão que se tem é que o autor aponta para duas irmãs gêmeas, a sub-tradição Guarani e a sub-tradição Tupinambá, de mães diferentes, a sub-tradição Miracanguera e a sub-tradição Guarita.

Noelli também aponta a falta de consenso da localização do centro do qual partiria essa expansão, assim como das rotas dessa expansão. Baseando-se na síntese formulada por Santos (1991, 1992, *apud* NOELLI, *op. cit.*) o autor sugere que, durante a origem do tronco Tupi, que, segundo Rodrigues (1964, *apud* NOELLI, *op. cit.*), teria acontecido por volta de 3000 a.C., essas populações não teriam produzido cerâmica. Isso levaria a uma falta de unidade entre dados lingüísticos e arqueológicos, pelo menos em um primeiro momento. Por último, Noelli indica que o termo “expansão” se encaixa muito melhor

¹⁰ Outro ponto a ser citado seria o da relação da cerâmica Tupiguarani com a fase Mina e a (pseudo) fase Pedra do Caboclo.

nesse contexto do que o termo “migração”, utilizado por Brochado e Meggers, entre outros.

Brochado (1989, p. 68), que também ficou a par dos estudos que apontavam para o período em que teria surgido o tronco Tupi, tomou a iniciativa de rever alguns pontos de seu modelo antes que um terceiro o fizesse. Em um artigo, ele sugere que linguagens antes tidas como estreitamente relacionadas, como o Tupinambá e o Guaraní, seriam derivadas de proto-linguagens diferentes e, por consequência, teriam se expandindo por ondas migratórias diferentes.

A questão da rota de migração (expansão) dos grupos Tupi na região do baixo Tocantins é de vital importância. Um modelo, defendido por Métraux, aponta que os Tupinambá só chegariam à região do baixo Tocantins fugindo de caçadores de escravos europeus que estariam fazendo incursões no litoral maranhense. Outro modelo, defendido por Meggers e Schimtz (entre outros)

Fig. 4 Modelo de migração Tupiguarani defendida por Brochado (fonte: BROCHADO, 1984).

defende, timidamente, para as populações Tupi do baixo e médio Tocantins, uma migração ocidente-oriental, partindo do atual Estado de Rondônia, ao longo da região sul do Amazonas. Isso indicaria um povoamento antigo para a região foco do nosso estudo. Por último, o modelo defendido por Lathrap e Brochado, sugere a Amazônia central como centro de dispersão desses povos, que teriam atingido o rio Tocantins, descendo o próprio Amazonas, após uma “temporada de sucesso” na ilha de Marajó. Um dos poucos pontos em comum entre esses modelos é que ninguém acredita no baixo e médio Tocantins como o centro da dispersão Tupiguarani.

Toda essa discussão, por mais sucintamente que tenha sido tratada, esboça a complexa teia de fatos com a qual o presente estudo pretende se defrontar. A procura do rastro de populações tão dinâmicas parece tão difícil quanto estimulante. Pensar que, com

a chegada do europeu ao continente e, por consequência, de fontes escritas, seria fácil construir uma cronologia é um grande erro. Pelo contrário: a presença do homem branco trouxe mais um problema a ser resolvido. Quando chegaram os europeus, os Tupinambá estavam em plena marcha expansiva, e esse contato trouxe novas movimentações para esses povos. As rotas, em muitos casos, se inverteram e passaram a ter causas diferentes: a ocupação de suas terras, forçando a emigração, e o surgimento de áreas em que os antigos ocupantes indígenas haviam sido destruídos, atraindo a imigração (*ibid.*, pp. 76-77).

Mesmo centenas de anos depois dos primeiros contatos, fenômenos relacionados aos falantes de línguas da família Tupi-Guarani ainda são levantados por estudos etnográficos. Dois exemplos que se encaixam no presente estudo são os relatados por Balée (1995) e Fausto (2001). O primeiro conta como os Guajá, antigos agricultores do baixo Tocantins (até certa altura do séc. XVIII), “regrediram” a um estágio de nomadismo e migrariam da região. Fausto, por sua vez, descreve o caso dos Parakanã, que há séculos habitam a região entre os baixos Tocantins e Xingu, e que, no final do séc. XIX, têm o grupo rachado em dois: um deles seguindo como grupo agricultor, sedentário, e outro, como caçador-coleto, nômade.

A questão da correlação entre língua e cultura material deve ser tratada com o maior cuidado possível. Muitas são as ressalvas de estudiosos dos grupos Tupi-guarani, como Prous (1992, p. 410), que diz que os próprios linguistas não dão mais crédito à gloto-cronologia (principal, mas não único, método para traçar lingüisticamente as rotas de expansão de povos), que ficou restrita ao uso de arqueólogos.

Roosevelt (1994, p. 17) não é tão enfática ao atacar essa correlação, mas não deixa de ressaltar que tais mecanismos de explicação precisam ser reavaliados para a arqueologia amazônica. Ela considera a etno-história, a etnografia e, por consequência, a etno-arqueologia, mecanismos mais eficientes para entender a relação entre populações indígenas do passado e do presente.

Serão esses mecanismos os escolhidos como principal fonte de diálogo com o sítio Cavalo Branco, foco do presente estudo.

ASPECTOS AMBIENTAIS

Apropriando as palavras de Neves (2006, p. 12), “*qualquer descrição do meio físico na Amazônia será cheio de superlativos*”. Na região de entorno do baixo e médio Tocantins – podemos pôr como ponto central a atual cidade de Marabá – não é diferente. Pode-se descrever a área como situada na periferia da floresta amazônica, rodeada, do sudoeste a nordeste, por áreas de encontro entre a floresta tropical e áreas de cerrado (situadas no centro-oeste brasileiro), assim como pelas matas de transição encontradas no Maranhão.

Da mesma forma, pode-se caracterizar a região de estudo como pertencente a uma zona de transição entre a região norte (com clima equatorial chuvoso, praticamente sem estação seca) e a região nordeste, onde a estação chuvosa, com baixos índices pluviométricos, restringe-se a poucos meses, caracterizando um clima semi-árido.

De modo geral, predomina o clima tropical quente semi-úmido. As chuvas mais abundantes começam no verão e se prolongam pelo outono. Para o sul, nos chapadões, existe um regime tropical típico, com um período seco bem acentuado, que ocorre no inverno e se prolonga pela primavera. As chuvas apresentam máximos de precipitação que atingem valores próximos a 500mm, centrados em fevereiro, e mínimos próximos a zero, centrados no mês de julho. A temperatura média varia de 19°C no inverno a 35°C no verão (BIODINÂMICA, 2001b, p. 34).

Para o baixo e médio Tocantins é apontada uma grande diferenciação entre inverno e verão. Ferreira Penna (1864, *apud* ARAÚJO-COSTA, 1983) e Carneiro (1910, *apud* ARAÚJO-COSTA, *ibid.*) afirmam não conhecerem região onde há maior contraste entre as estações de seca e chuva (grifo nosso). Tal contraste será importante, nesse estudo, para a compreensão da relação que os grupos indígenas possuíam com o meio ambiente.

Ab’Saber (2004, p. 82) observa um quadro com um complexo mosaico para os solos tropicais da região, que seriam reflexo das sucessivas variações litológicas:

(...)tipos diferentes de latossolos amarelos e vermelho-amarelos (matas decíduais), solos quartzosos profundos da margem esquerda do rio

Tocantins, em plena depressão periférica, setor sedimentar (cerrados) e, por fim solos podzólicos vermelho-amarelos, por grandes espaços, nas regiões cristalinas rebaixadas e dissecadas existentes a oeste do Araguaia (matas amazônicas). Nas margens do rio Tocantins ocorrem solos aluviais e hidromórficos, que prosseguem de modo mais sincopado, na direção de jusante, para Marabá.

Os depósitos de areia/cascalho (seixos), argila, bauxita (alumínio), cobre, ocorrências de caulim e calcário são, basicamente, os principais recursos minerais existentes (BIODINÂMICA, 2001b, p. 35).

Quanto à geomorfologia, Ab'Saber (*ibid.* p. 94) se refere à região como “*um rico conjunto de baixo relevo*”. O vale do Tocantins se localiza em uma depressão periférica, cujo eixo principal está orientado de sul para o norte, partindo do Brasil central para a Amazônia oriental (*id.*, *ibid.*, p. 94). Mesmo na parte mais estreita desse eixo (que ainda assim é largo), um vão de terras colinosas da ordem de 250 a 320km pode ser observado, “*interposto entre as escarpas da Serra dos Coroados e os maciços das serras de Carajás e dos Gradaús*”. As seguintes unidades de relevo podem ser observadas na região: relevo de platôs, relevo de colinas, relevo de morros, superfícies pediplanadas e planícies aluviais (BIODINÂMICA, 2001b, p. 34).

Na sub-bacia do baixo Tocantins, o principal uso das águas é o aproveitamento energético. Em geral, os principais rios e afluentes que se localizam na área de estudo são usados para abastecer de água diferentes núcleos urbanos, irrigar lavouras, transporte hidroviário, pesca e recreação (*id.*, *ibid.*, p. 35).

É possível identificar três formações vegetacionais na região:

- (1) Floresta Pluvial Tropical, que pertence ao domínio da Floresta Amazônica. São matas muito diversificadas, com vegetação exuberante e rica em espécies da própria região. Constituem a maior parte da Floresta Amazônica, ocupando as áreas não-inundáveis de solos arenosos, pobres em nutrientes e pouco adequados à agricultura. Ocorrem no leste do Pará e extremo oeste do Maranhão;
- (2) Floresta Estacional Perenifólia Aberta (floresta aberta maranhense), que ocorre predominantemente nas encostas da serra do Cravim. Essas áreas são as últimas dessa região onde ainda podem ser encontradas matas em bom estado de conservação. É composta por diversos tipos de pequenos ambientes, determinados

pelo relevo bastante movimentado da região. Os vales profundos são cobertos por densa floresta, úmida e alta. As encostas sustentam uma diversidade de tipos florestais, dependendo da inclinação. Já nos topos de serra, onde o solo é mais raso, as árvores são mais baixas e retorcidas;

(3) Áreas antropizadas, que podem ser resumidas às pastagens e áreas de cultivo (e.g. eucaliptos). Os pastos são formados, predominantemente, por capim-brachiarão. Poucas árvores são deixadas em meio às pastagens. Entre elas, estão o ipê-amarelo (*Tabebuia caraíba*) e a castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*). As palmeiras também são muito comuns nas pastagens, sendo representadas por guarirobas (*Syagrus oleracea*), inajás (*Atalea speciosa*), macaúbas (*Acrocomia sclerocarpa*) e, principalmente, babaçus (*Orbignya speciosa*). Essas palmeiras, em geral, germinam com grande intensidade após o manejo com fogo das pastagens. Muitas das plantas poupadas do corte apresentam algum uso ou fazem parte da culinária regional. No entanto, em algumas pastagens, todas as árvores são erradicadas, com a justificativa de prejudicarem o desenvolvimento das gramíneas forrageiras (*id.*, *ibid.*, pp. 35-36).

A área em que está localizado o sítio Cavalo Branco, foco dessa dissertação, pertencia a uma área de Floresta Pluvial Tropical. Hoje, no entanto, a vegetação arbórea foi suprimida, e área do sítio, coberta por pasto. Também há áreas de capoeira, que nada mais são do que pastos abandonados. Em torno do igarapé Matrinxã, que corta a fazenda onde se encontra o sítio Cavalo Branco, foi possível identificar uma Área de Proteção Permanente (APP), com predomínio de mata secundária. Alguns quilômetros acima, em direção ao sul, o igarapé Matrinxã encontra o igarapé Flecheiras, que deságua no rio Tocantins. Pode-se indicar que a distância entre o sítio Cavalo Branco e esse rio gira em torno dos 15km. O sítio se situa na média e baixa vertente (quando encontra o igarapé) com superfície ampla e declividade suave, de colina com topo alongado. Um local bastante discreto, é necessário dizer.

Durante os meses de seca, entre maio e novembro, o ar na região de Marabá fica intensamente carregado. Durante a escavação do sítio Cavalo Branco, foi constante a sensação de estar “vendo o ar”. As queimadas são ininterruptas e causam estranheza aos que chegam à região pela primeira vez. Afinal, de onde vêm as queimadas se já não há mais florestas? Estas, a certa distância, ainda existem. Prova disso é a contínua passagem

de caminhões pela estrada que beira o sítio (PA-150), vindos das carvoarias em direção às usinas siderúrgicas. A fumaça, vinda das queimadas das florestas e dos pastos, assim como das carvoarias, paira no ar. Ab'Saber (*op. cit.*, pp. 94-95) define o entorno da cidade de Marabá como uma célula de calmarias, indicando que a região possui baixa capacidade meteorológica para a dispersão de particulados e poluentes.

Por fim, é importante frisar que, não possuindo a formação adequada para uma abordagem sofisticada sobre temas ambientais e ecológicos, decidimos, no presente estudo, reduzir esses temas a alguns aspectos centrais:

1. Trata-se de uma série de sítios localizados em áreas de terra firme;
2. Trata-se de uma área em que as estações seca e chuvosa (mais ou menos seis meses para cada), são bem definidas e distintas entre si. Quando chove, chove muito. Quando vem a estiagem, há pouca esperança de ver água;
3. Trata-se de uma área até recentemente ocupada pela Floresta Tropical (amazônica), devendo os sítios estudados serem considerados como pertencentes a esse ambiente. Caso um sítio não pertença a essa formação vegetal, será feita a indicação.

RECORTE TEMPORAL

A história a ser aqui contada, arqueologicamente falando, não é das mais profundas no sentido temporal. Pode-se estipular um princípio em torno de 2000 anos (ou o início da era cristã), dos quais os 1000 anos antes da chegada dos europeus serão os mais importantes, como um marco inicial a ser abordado por este estudo. Essa data, acreditamos, é segura para indicar a presença de grupos Tupiguarani no baixo e médio Tocantins. Novas pesquisas podem levar a um aprofundamento no tempo de permanência desses grupos na região.

A história da região, no entanto, é muito mais antiga do que a dos Tupi. O baixo Amazonas possui algumas das datas mais antigas para o continente sul-americano. As pesquisas realizadas por Roosevelt (1999) na caverna da Pedra Pintada, nas proximidades de Santarém (PA), indicam a presença do homem na região há pelo menos 11000 anos.

Além do mais, esses trabalhos identificaram a data mais antiga para grupos ceramistas da América do Sul, 5000 a.C..¹¹

Na foz do rio Amazonas, na Ilha de Marajó, também podem ser encontradas datas antigas para grupos ceramistas. Os produtores da cerâmica da fase Mina habitavam a ilha a 1000 a.C. (MEGGERS e EVANS, 1957; BROCHADO, 1984; ROOSEVELT, 1999; SCHAAAN, 2004).

Mesmo para a região no entorno do baixo e médio Tocantins, é possível prever uma grande antigüidade de ocupações não só por parte de grupos caçadores-coletores,¹² mas também para grupos ceramistas, que deve superar os 3000 anos (os relatórios das LTs Tucuruí-Presidente Dutra e Tucuruí Açailândia, a serem divulgados pela Scientia Consultoria Científica, devem confirmar essa indicação).

Dessa forma, quando é indicado que o recorte temporal do presente estudo é relativamente curto, ele o é frente à história da região. Mesmo a data aqui estipulada, do século I d.C., será poucas vezes utilizada.

ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO

No presente trabalho, pretende-se trabalhar com três diferentes escalas. A primeira, que pode ser chamada de “micro”, refere-se a um sítio arqueológico específico, o Cavalo Branco (pertencente à LT Tucuruí-Açailândia), assim como com o material (especialmente o cerâmico) resgatado dele. Os trabalhos de salvamento e a análise do material lítico e cerâmico encontram-se detalhados nos capítulos **2**, **3** e **4**, respectivamente.

A metodologia adotada em campo, a ser detalhada no **Capítulo 2**, permite uma visão vertical, cronológica, da disposição do material. Da mesma forma, a sistemática empregada no salvamento é ideal para um estudo, ainda que em caráter preliminar, horizontal (ou espacial) do sítio. Se não for possível realizar inferências quanto a esse tópico, ao menos algumas sugestões serão levantadas.

¹¹ Antes do Presente.

¹² Vide artigos de Meggers e Miller (2002), Kipnis *et al.* (2007) Caldarelli *et al.* (2007), com as datações mais antigas para grupos caçadores-coletores da região.

Quanto à análise de material, foi feito um detalhado estudo, observando uma série de características nos artefatos. Na cerâmica, dentre todos os atributos analisados, foi dada uma ênfase a questões referentes a antiplásticos, tratamentos de superfície, formas e decorações. Durante a análise do material, teve-se em mente que tais aspectos são primordiais para realizar comparações com o material cerâmico de outros sítios na região, assim como de tipologias Tupinambá e Guaraní do restante do país. Da mesma forma, atributos relacionados a tratamentos de superfície e decoração, por exemplo, são fundamentais para a discussão sobre variabilidade tecnológica que se pretende realizar.

A segunda escala pode ser denominada “regional” e engloba toda a área descrita na caracterização ambiental, cujo estudo vem sendo realizado pelo presente aluno nos últimos anos. Entende-se que um estudo extremamente detalhista perderia sua razão de ser se fosse sustentado por si só, e que os dados trabalhados nos últimos anos, ainda que em um recorte tendencioso para o tema Tupi, são fundamentais para uma melhor compreensão dessa região tão pobre em estudos arqueológicos. Essa abordagem será observada principalmente no **Capítulo 1**, que discorre sobre a etno-história regional – o período pós-contato – assim como nos capítulos **5** e **6**, nos quais será feita uma tentativa de caracterizar os grupos ceramistas dessa área.

A escala “macro”, que pode ser resumida à problemática das expansões, já bastante citada nessa introdução, será retomada principalmente no **Capítulo 7**, além de se encontrar diluída por todo texto. Pretende-se dar subsídios para tornar mais sofisticada uma discussão já exaustivamente realizada. Ainda assim, é importante frisar que, nesta dissertação, os modelos de expansão são apenas um pano de fundo para o tema central desse estudo: os Tupi da região do médio-baixo Tocantins

Na **Conclusão** ocorrerá a unificação dos dados trabalhados nas sessões anteriores. Veremos como o material arqueológico é observado no espaço do sítio arqueológico, como o sítio se insere em um contexto regional que, por sua vez, está contido em uma problemática cujas fronteiras, no sentido objetivo e subjetivo, estão longe de ser delimitadas.

CAPÍTULO 1

1 ETNO-HISTÓRIA E ETNOGRAFIA REGIONAL

Foto 1.1 Projétil recente encontrado no sítio Cavalo Branco.

1.1 NO CAMINHO DE *SEU* PITA

Com o intuito de aumentar a média etária da equipe de escavação – andava irritado com o que considerava uma “displícência juvenil” – situada na faixa de uns vinte e poucos anos, quando muito, pedi um dia, em tom incisivo:

– Amanhã, tragam o velho Pita!

Já havia passado mais de 50 dias de campo. Trabalhávamos no salvamento do sítio Cavalo Branco, situado em uma fazenda nos arredores de Morada Nova, uma comunidade da cidade de Marabá, sudeste do Pará. Mais de 400 quadras de 1m² haviam sido escavadas, e nada indicava que a delimitação do sítio estava próxima do fim. O dono da fazenda, *Seu Névio*, o “*gauchão*”, como era conhecido entre os trabalhadores, parecia dar os primeiros indícios de que a sua paciência com aquela “esburacação” nas suas terras estava acabando. Mudava meus caminhos para não cruzar com ele durante todo o dia. Acreditei, então, que aumentar a quantidade e a qualidade dos trabalhadores seria minha salvação para finalizar a escavação e impedir que aquela “bomba gaúcha”, de pavio já curto, explodisse.

Doce ilusão. A turma nova, liderada pelo pequeno Pita (não de idade, mas de tamanho!) e com presenças ilustres como a do Zé do Bode, era ainda mais abestalhada que a molecada anterior. Mas, por outro lado, não havia mais tempo ruim entre os trabalhadores. Ria-se até encher os olhos de lágrimas com o velho. *Seu* Pita não tinha mais que um metro e cinquenta e poucos, usava uma dentadura presa com arame e um chapelão de palha na cabeça. Devia ter uns 60 anos. Ele passava o dia pulando, cantando, caçoando de seu parceiro de escavação, o Gordo, e contando suas mentiras. Ah, sim! Ele também era um astuto peneirador. Nada lhe escapava.

Seu Pita era um dos muitos que migraram para a região de Marabá dispostos a fazer de tudo. De garimpeiro a coveiro. Sim, naquela mesma fazenda, à margem do Igarapé Matrinxã, o velho Pita, supostamente, enterrara dezenas de defuntos oriundos de Nova Ipixuna, cidade a alguns quilômetros acima, seguindo a estrada para Belém. Depois de muitos anos, passou a residir em Morada Nova. *Seu* Pita viu aquele “fim de mundo” se transformar na segunda região mais rica do Estado, ficando atrás somente da capital. A história da cidade de Marabá é relativamente curta: a região ficou sempre à beira do isolamento, apesar dos ciclos da castanha e da borracha. Só acabou se “desenvolvendo” com os projetos de integração da Amazônia (e.g. a construção da Transamazônica, a barragem de Tucuruí) realizados com esforços federais.

– Hihhi.

Ouvi o velho, rindo sem parar. Todos em volta dele começaram a rir. Fui me aproximando. Eu estava a uns 50m do grupo. Ao fundo, no horizonte, enxergava a mata que marcava o início da terra dos Gavião (a reserva Mãe Maria), um oásis no meio de tantos pastos, que fazia fronteira com a terra de *Seu* Névio. Quando cheguei à barraca, encontrei *Seu* Pita, o Gordo e Franceildo (arqueólogo responsável pela aquela quadra) e ouvi o seguinte:

– Quer dizer que o senhor sabe fazer 14 operações matemáticas, *Seu Pita*? – perguntou Franceildo.

– Sei, sim! – respondeu o velho.

– *Cê num* acha que é muito, não? – perguntou o Gordo.

– É, *tô* achando que sim! – respondeu *Seu Pita*.

E riu muito. Mas, depois de um tempo, ele ficou sério. Começou a contar suas histórias de garimpo, e dos incidentes entre os Gavião e as autoridades locais. Contou sobre as barreiras que os índios montaram à época da construção da ferrovia ligando a CVRD (Vale do Rio Doce) com São Luís (MA).

Também falou sobre todos os problemas com a instalação das primeiras linhas de transmissão, vindas da barragem de Tucuruí, que atravessavam a reserva Mãe Maria. Essa história eu já conhecia. Trabalhávamos justamente no resgate de um sítio arqueológico que seria impactado por uma linha de transmissão. A torre, instalada sobre o sítio, era uma das que marcavam o contorno da reserva indígena. Na época da instalação dos primeiros dois circuitos, aconteceram tantos problemas com os Gavião que a Eletronorte, responsável pelo empreendimento, resolveu que era menos custoso contornar as terras indígenas do que atravessá-las. Dizia-se que os índios eram muito desconfiados, estavam cansados de ser enganados e tinham exigências pesadas até para uma companhia do porte da Eletronorte. Tal desconfiança não era infundada. Passados séculos de contato, os Gavião sabiam que, para sobreviver, não poderiam mais ser passados para trás. Daí a desconfiança nas negociações com o homem branco.

O contato dos índios do sudeste paraense com os europeus ocorreu ainda no início do século XVI, através do Estado do Maranhão. As primeiras informações são imprecisas. Entre 1499 e 1500, há notícias de expedições comandadas por Vicente Yañez Pinzón e Alonso de Ojeda, que teriam percorrido o litoral norte-nordeste. A partir de 1524, os franceses são encontrados com frequência no litoral maranhense. No entanto, é provável que o primeiro a atingir o sudeste paraense tenha sido um português. Trata-se de Diogo Leite que, em 1531, chegaria à foz do rio Gurupi, na atual fronteira entre os Estados do Maranhão e do Pará (BIODINÂMICA, 2001a).

Para contar a etno-história do sudeste paraense, não se pode desvincular a região do litoral maranhense, parte fundamental da problemática aqui desenvolvida.

1.2 BREVE HISTÓRICO DA REGIÃO

Quase quatro séculos antes, a algumas centenas de quilômetros dali, na ilha do Maranhão, onde hoje fica a cidade de São Luís, outro diálogo, bem diferente, se desenrolava. Os interlocutores eram o Sr. de Vaux, representante da coroa francesa, e Momboré-Uaçu, um índio Tupinambá “de mais de 180 anos”. As informações são narradas por um terceiro, Claude d’Abbeville, capuchinho francês que, ao lado do também religioso Yves d’Évreux, foi o primeiro europeu a fazer uma descrição detalhada sobre a costa maranhense e seus habitantes. O ano é 1613.¹³

Ante os olhos espantados dos franceses, Momboré-Uaçu comunica que estava em Pernambuco quando chegaram os portugueses. Eles diziam que só tinham interesse em traficar bens, mas esse discurso acabou mudando. Eram necessárias fortalezas para a defesa e a construção de cidades para que portugueses e os índios pudessem morar juntos.

Fixados e mais bem protegidos, os portugueses passaram a dizer que não poderiam mais se relacionar com as “raparigas” sem que elas fossem batizadas. Chegaram os padres, ergueram-se as cruzes, e começaram os batismos. Com o aumento da população branca, os lusitanos passaram a exigir mais e mais escravos, até pedir pelos próprios filhos dos Tupinambá. Escambo, fortalezas, cidades, padres, cruzes, batismos e escravos. O velho índio via exatamente o mesmo ciclo se repetindo com os franceses. Sabia aonde as coisas chegariam. “*Não creio, entretanto, que tenhais o mesmo fito que os però [os portugueses]; aliás, isso não me atemoriza, pois velho como estou nada temo*” (ABBEVILLE, 1975, pp. 115-116).

Os franceses estavam na sua segunda missão colonizadora na costa brasileira. Ainda no século XVI, tinham realizado uma tentativa frustrada de colonização da chamada “França Antártica”, no sudeste brasileiro. Nessa ocasião, estabeleceram uma estreita relação com os Tupinambá. Os índios pensavam: “seus inimigos são os nossos inimigos”, já que os portugueses traçavam uma estreita aliança com outros grupos, principalmente os Tupiniquim, de língua e costumes muito semelhantes aos dos Tupinambá – e seus inimigos mortais.

¹³ Almeida (1860, pp. 20-21) indica que, muito tempo antes, ainda no início do séc. XVI, já ocorriam viagens de reconhecimento de portugueses à costa maranhense, a primeira conduzida por Luiz de Mello, e a segunda, por Ayres da Cunha e Fernando Alvarez, que perdeu quase toda sua armada em naufrágios.

A costa brasileira já andava agitada por um ciclo bélico sem fim entre os povos Tupi, que nela predominavam até a chegada dos europeus. Com a vinda destes, a costa se tornou caótica. As guerras se multiplicaram. Escravos eram requeridos pelos europeus. Os índios, mais do que preocupados em se defenderem dos europeus, potencializaram seu ódio e os utilizaram como ponte para atingir seu principal fim: a vingança.

Quando os Tupi perceberam, tinham sido praticamente dizimados por guerras e doenças. Sua única alternativa era a fuga. Grandes migrações, algumas com caráter messiânico, atravessaram milhares de quilômetros. Cerca de 10 mil índios Tupinambá do Pernambuco, por exemplo, teriam seguido certo personagem, com reputação de profeta, por “*florestas tenebrosas, terríveis desertos e grandes incômodos*” (*id.*, *ibid.*, p. 65), caminhando tanto que finalmente atingiram o grande oceano. Como o mar os impediu de ir além, alguns ficaram na costa, outros, na ilha do Maranhão. Os demais partiram para o interior. Segundo Abbeville, essa migração teria nos primeiros anos do século XVII. Em 1610, quando os primeiros franceses chegaram ao Maranhão, os Tupinambá da costa já cogitavam partir para o interior, com medo dos *peró*.

Uma briga entre um homem e uma mulher durante a grande festa do Cauim, realizada quando os índios chegaram em terras maranhenses, teria sido a causa da fragmentação do grupo. Tamanha foi a desavença que grandes amigos se tornaram ferozes inimigos, ou melhor dizendo, “tabajaras”. Mal chegaram e implantaram um estado de guerra permanente.

Muitos dos que foram para o interior não ficaram parados por muito tempo. Deu-se uma migração fulminante que, em uns poucos anos, atravessaria a Amazônia. Heriarte (1874) sugere que, no início do século XVII, alguns Tupinambá já estavam na Ilha de Tupinambarana.

Uma bandeira saída de São Paulo em 1613 encontraria a primeira tribo Tupi do Araguaia, próximo à confluência com o Tocantins (BALDUS, 1970, p. 20). Seriam Tupinambá em fuga do litoral brasileiro ou Tupis de velha data no local?

Abbeville relata que os Tupinambá da ilha do Maranhão possuíam um líder, chamado Japi-Açu, cujo poder parece ter aumentado, transpassando os limites de uma única aldeia, quando recebeu a tarefa de lidar com os franceses.

As descrições de Abbeville são didáticas e deixam pouco espaço para a obra de Yves d'Évreux, apesar de o segundo ter ficado muito mais tempo junto aos Tupinambá: Abbeville ficou apenas quatro meses no Brasil, Évreux só voltou para a França mais de dois anos depois.

Abbeville (*op. cit., passim*) fez um detalhado relato dos costumes Tupinambá. Citou dezenas de tipos de frutos, pássaros, peixes e animais apreciados pelos índios. Observou que as mulheres fabricavam inúmeros vasilhames de barro de formato oval ou quadrado, alguns semelhantes a vasos e outros a pratos, extremamente lisos e polidos, muitos dos quais com uma resina. Tais vasos, segundo Abbeville, seriam enfeitados com “figuras segundo sua fantasia” (*ibid.*, p. 242).

O capuchinho descreveu também o costume dos índios de furar os lábios, trazendo os jovens, no buraco aberto, um pedaço de caramujo, para que, na fase adulta, se tornem guerreiros valentes e prestigiados (*ibid., passim*). Tanto Abbeville quanto Évreux (2002, p. 97) não deixaram de notar as incisões feitas sobre o corpo dos guerreiros – elas recebiam uma tinta escura, em pó, que misturada ao sangue tornava as cicatrizes inapagáveis. Tal prática, ligada diretamente à execução de um inimigo, à obtenção da vingança, era realizada em homens e mulheres. No corpo feminino, a área corporal destinada às incisões era mais restrita, como veremos no **Capítulo 4**.

Obviamente, os capuchinhos não deixaram de demonstrar horror pela poligamia praticada pelos índios e por seus rituais antropofágicos, reprimidos logo de início pelos dos franceses. O “auxílio” aos índios ficou condicionado à abolição de tais práticas.

A presença dos franceses no norte brasileiro logo despertou a atenção das autoridades portuguesas, que não tardaram a tomar providências. Em 1613, quando o padre Évreux ainda estava na ilha do Maranhão, uma grande expedição lusitana cercou o forte de São Luís. Os franceses resistiram bravamente. Inúmeras tentativas de romper o cerco foram realizadas até que, em 3 de novembro de 1615, o comandante Ravardiére entregou o forte de São Luís para Alexandre de Moura (DENIS, 2002, p. 34).

Sem os protetores gauleses, e de frente com os temíveis però, os Tupinambá (ou grande parte deles, assim como grande parte dos demais índios da região) tiveram de fugir para o interior, antes que a doença ou a escravidão os consumisse.

Expulsos os franceses do norte do Brasil, iniciou-se uma longa etapa de colonização lusitana, interrompida apenas pelos dois anos da invasão holandesa no Maranhão,¹⁴ de 1641 a 1643. Impulsionado pelas vantagens oferecidas pela rota Lisboa-São Luís-Lisboa, o governo português, em 1621, criou o Estado Colonial do Maranhão e do Grão-Pará (que abrangia Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas etc.), com sede em São Luís (BIODINÂMICA, 2001a, p. 42). Nessa época, seguia-se a premissa de que era necessário garantir a segurança do litoral antes de ter uma maior preocupação com o interior. O gentio que ainda não tinha fugido representou uma resistência à invasão. Os rios do interior tornaram-se extremamente perigosos de navegar. No início, apenas uns poucos europeus se aventuravam por eles.

Parte da população indígena que não fugiu, em uma tentativa desesperada de expulsar os invasores, realizou um levante entre 1618 e 1619, que se alastraria do Maranhão para o Pará, atingindo inclusive Belém. Bento Maciel Parente liderou um contra-ataque tão terrível “*that the Tupi indians were never able to attack Belém again*” (KIEMEN, 1973, p. 22).

Fig. 6 O padre Vieira teve presença destacada na intermediação do contato do colono com o indígena, também no norte do país (fonte: MONTEIRO, 2006)

Para piorar a situação dos indígenas, os jesuítas, únicos que ainda possuíam alguma preocupação em lhes dar proteção, eram poucos e possuíam péssimas condições de trabalho. Quando o frei Luiz Figueira Barreiro finalmente conseguiu convencer o rei Dom João IV a mandar uma nova leva de jesuítas para o Maranhão-Pará, ainda na primeira metade do séc. XVII, aconteceu o naufrágio da embarcação. Os “felizardos” que não morreram afogados, tiveram o privilégio de serem devorados pelos Tapuia (?) da ilha de Marajó. Um total de 15 clérigos morreu na ocasião (*id., ibid.*, p. 55).

Em 1652, chegou à região o ilustre Padre Antônio Vieira, com a missão de recuperar o terreno que os jesuítas haviam perdido no norte do país e para tentar “humanizar” as relações brutais entre os colonos e os nativos. No entanto, os Tupinambá parecem não ter sido dos grupos que conquistaram maior simpatia

¹⁴ A guerra com os holandeses fez com que os índios fossem novamente buscados como aliados (KIEMEN, *op. cit.*, p. 55).

do padre Vieira. Em uma carta enviada do Pará, em 12 de fevereiro de 1661, o religioso indicava o rio Tocantins como o caminho a ser tomado para o descobrimento da nação Tupinambá, na qual os portugueses poderiam fazer os seus escravos (1928, *apud* BALDUS, 1970, p. 24). Nos séculos XVIII e XIX, deu-se a continuidade “natural” dos processos iniciados no século XVI: as hostilidades só se multiplicaram.

Há várias referências aos indígenas nas diversas cartas expedidas pelo governador do Estado do Maranhão e do Grão-Pará¹⁵ datadas dos anos de 1738-39 (A. DE OLIVEIRA, 1986), para a metrópole, pedindo reforços contra os índios do Tocantins. Os nativos estariam desferindo ataques, muitos dos quais mortais, tanto contra os colonos aventureiros que desciam o rio para as Minas Novas de São Félix, quanto contra os que buscavam ovos de tartaruga para fabricar manteiga.

As cartas trazem depoimentos de personagens que se diziam vítimas dos ataques do gentio do rio Tocantins. No entanto, a incrível semelhança entre os relatos maquia a necessidade de reforços para expedições de captura de escravos indígenas para trabalhar nas plantações de cacau (A. DE OLIVEIRA, 1986, p. 4).

Com medo dos caçadores de escravos, os índios adentravam as matas, tentando evitar os principais rios, como o Tocantins. Este, no vale que acompanha seu baixo curso, ainda possuía em seu lado ocidental um refúgio menos acessível para o homem branco. O lado oriental, por sua vez, assistiu a uma gradual expansão dos colonos vindos do litoral, impulsionados pela criação de gado. Essa expansão poderia estar vinculada à produção de açúcar e à vinda de aventureiros desbravadores do sertão, que formariam parte da população marginal à economia de grande escala (BIODINÂMICA, 2001a).

As frentes de penetração se utilizavam principalmente dos rios que ligam o interior ao litoral, como o Pindaré, o Grajaú e o Mearim. Durante o século XVIII, o gado, proveniente das regiões nordestinas, chegou ao vale, se fixando na margem direita do Tocantins. Foi essa expansão que levou ao surgimento de Marabá, que se transformaria em um importante entreposto comercial (LARAIA e DA MATA, 1967, p. 28).

¹⁵ Maranhão e Pará constantemente mudaram de nome (e de *status* político). Os mais importantes foram Maranhão e Grão Pará, com Capital em São Luís, e Grão Pará e Maranhão, com capital em Belém. A divisão definitiva do Maranhão do Grão Pará só ocorreu em 1722 (MONTEIRO, 2006, p. 23).

Os pioneiros: é necessário um parêntese para não cometer uma injustiça com os verdadeiros pioneiros (sem contar com os índios, é claro) que desbravaram o interior muito antes de o gado chegar. Darcy Ribeiro, em sua temporada na fronteira Pará-Maranhão, descreveu essas pessoas especialistas em procurar áreas distantes e desabitadas para trazer as famílias, onde viveriam por certo tempo, até serem expulsos pelos novos proprietários. O costume de trabalhar de forma independente, sem patrão, seria o motivo pela escolha de tal vida nômade. A tática dos que chegavam depois era enfiar o gado no meio da capoeira, tornando a vida dos lavradores insuportável. “(...) *o gado é o instrumento através do qual os futuros donos infernam a vida dos pioneiros, obrigando-os a abandonar as terras* (...)” (RIBEIRO, 2006, pp. 322-323).

De certa forma, não deixava de enxergar no *Seu Névio*, “o gauchão”, como um desses pecuaristas, abrindo mais o caminho já aberto pelos lavradores que chegaram antes. No entanto, Névio não era o fim do ciclo de ocupações. Ele mesmo admitia, no meio do seu surrado e ondulado pasto, onde havia apenas umas dezenas de bois, que “*logo, logo vai chegar aí um paulista cheio da grana para comprar minha terra, e de todos em volta, para fazer uma gigantesca fazenda de gado, ou tratar a terra para monocultura*”.

Dessa nova fase de contatos, ocorrida durante a lenta expansão colonial no norte setessentista, são freqüentes as menções a grupos indígenas com língua e costumes diferentes dos Tupi encontrados no litoral. Designados como Timbira (generalização que também abrange grupos como os Canela, os Apinayé e os Gavião), eles eram índios ferozes e arredios, que se arriscavam a atacar os colonos do litoral e lhes infligiam pesadas perdas.

Assim como acontecia com os Tupi, os grupos Timbira viviam em conflito constante, não só com os colonos e com os Tupi, mas também entre si. Há diversas menções a combates “internos” entre esses grupos (COELHO, 1990, p. 165), como o ocorrido em 1877, quando os Timbira e os Guajajara (Tenetehara), um grupo Tupi, enfrentaram os Gavião, com perdas expressivas para últimos. Com tantos inimigos, o futuro traçava caminhos semelhantes para os grupos Timbira com relação aos Tupi.

Os indígenas tinham menor resistência às doenças do que os colonos e, muitas

Fig. 7 Retrato dos “descimientos”, que uniam diversos grupos indígenas em uma mesma área (fonte: MONTEIRO, 2006)

vezes, acabavam sucumbindo a elas, o que tornou esses grupos ainda mais frágeis. Algumas ondas epidêmicas avassaladoras para os índios (livres ou escravos) ficaram registradas, como as que ocorreram entre 1743-1750 (D’AZEVEDO, 1999, pp. 190-191) e em 1856 (COELHO, *op. cit.*, p. 163).

A grande mobilidade dos nativos dificultava a vida dos colonos, e eles fizeram diversas tentativas de assentar os indígenas em grandes aldeamentos para controlá-los com mais facilidade. A forma mais

conhecida é a dos *descimientos*, missões que reuniam aldeias sob o comando dos jesuítas. Com a expulsão desses da Colônia, em meados do século XVIII, essa política foi

alterada, com a implantação dos diretórios de índios. A idéia era a mesma: reunir o maior número possível de indígenas na mesma área. A diferença é que o comando passava dos jesuítas para uma diretoria laica (daí o nome de “diretórios”). Tal mudança refletiu no contato gentio-colono: quando reunidos sobre a “proteção” jesuítica, os índios ainda mantinham um certo isolamento. Implantadas as diretorias, os contatos com o “mundo civilizado” passaram a ser muito mais freqüentes (*id., ibid.*, p. 100).

Fig. 8 Detalhe no interior de um dos aldeamentos, onde mulheres desenvolvem práticas cotidianas (fonte: MONTEIRO, *op. cit.*).

Não é preciso detalhar o quão desastroso foi para os indígenas a implantação desses sistemas e seus subseqüentes, muito menos enumerar as revoltas promovidas pelos índios, exaustos pelas idas e vindas e fartos das promessas e garantias dadas pelo homem branco. O resumo da história é que, com as mudanças, os índios passaram de donos da terra a posseiros.

Ainda assim, pode-se afirmar que, quanto mais interiorana a paisagem, mais “terra de ninguém” ela era. A distância dos centros coloniais conferia às regiões interiores,

como o sudeste paraense, um caráter de isolamento,¹⁶ onde o controle geral ainda era exercido pelos indígenas. Laraia e Da Mata (1967, p. 35) relatam a implantação do forte de Nossa Senhora de Nazaré, em 1782, junto à comunidade de Alcobaça, no baixo Tocantins, nas proximidades da cachoeira de Itaboca. Em meados do século XIX, a situação já havia mudado: “*foi essa povoação completamente destruída pelo gentio, e hoje é um deserto*” (CARNEIRO, 1910, p. 45, *apud* LARAIA e DA MATA, *op. cit.*, p. 35).

Essas agressões por parte dos indígenas eram praticadas tanto pelos grupos Timbira quanto pelos Tupi. Alguns autores, como Wagley e Galvão (1961, p. 11) acreditam que os Tupi da região, diferentemente dos Tupinambá do litoral e de grupos Timbira do interior, ofereceram muito menos resistência à penetração colonial. Os autores puderam observar isso por meio dos Tenetehara, foco de seus estudos, e utilizam como justificativa parcial os escritos de Antônio Pereira do Lago (1822, *apud* LARAIA e DA MATA, *op. cit.*, pp. 26-27), que considerava os Timbira os índios mais fortes da região.

É difícil medir a veracidade de tal informação, uma vez que os próprios Wagley e Galvão apresentam exemplos do contrário quando citam ataques realizados pelos Urubu, um grupo Tupi do Maranhão, ao povoado de Sapucaia, que fez com que os brasileiros e os Tenetehara que habitavam o lugar o abandonassem, em 1913.

1.2.1 Séc. XX: a sinuca do desenvolvimento

O século XX pode ser considerado como um momento decisivo para os índios, tanto os do sudeste paraense e do Maranhão, quanto os dos outros Estados brasileiros. O desejo desenfreado de desenvolvimento, a busca de novas áreas para a agricultura e para a pecuária levaram a fronteira agrícola a se expandir bem além da barreira imposta pela floresta tropical amazônica. O sudeste paraense, assim como os estados de Rondônia e do Mato Grosso, passou a ser considerado área-chave para essa expansão e para que a ocupação efetiva do interior brasileiro. Os índios continuavam sendo considerados

¹⁶ Tamanho era o atraso na região que só em 1748 foi introduzida a economia monetária no Pará (efetivada em 1752). Antes disso, eram utilizados como moeda produtos como o cacau, o cravo e o açúcar (BIODINÂMICA, 2001a).

entraves para a execução desse grande projeto nacional. Qual entre os grupos indígenas resistiria, qual seria assimilado e qual desapareceria?

Entre os grupos Tupi, pode-se fazer menção aos Pacajá, os Takanyapé, os Pauxí, os Aracaju e os Guahara, além de muitos outros que desapareceram sem que tivessem sido registradas informações de valor etnográfico a seu respeito (ARNAUD, 1989[1983], p. 321). Outros, como os Asurini do Tocantins, também quase desapareceram.

O povoamento do baixo Tocantins foi impulsionado, no início do século XX, pelo ciclo da borracha e, em um segundo momento, pelo mercado da castanha do Pará, assim como pelo reavivamento dos garimpos do Tocantins e do Araguaia, que atraíram migrantes de todo o país. O início do século XX foi também um marco para o estudo dos grupos indígenas da região. O primeiro nome a ser destacado é o de Curt Nimuendajú, que durante muitos anos realizou estudos etnográficos na região, em especial com grupos de língua Jê, os Timbira¹⁷ (e.g. 1967). A preocupação desse estudioso por vestígios arqueológicos foi pioneira para a região do médio e baixo Tocantins, assim como para diferentes áreas do país. Em suas anotações, são constantes as menções à recorrência de *“‘terras pretas’ com quantidades de cacos com esmalte branco, pintura vermelha e bordas ocas* (2000, p.148; grifo nosso, para lembrar que em breve falaremos sobre tais bordas ocas)”. Seus relatos e os esboços das peças parecem possuir grande semelhança com os desenhos e descrições existentes no presente estudo.

Esse autor deixou pistas para uma aproximação de determinados vestígios materiais (e.g. cerâmicas policrômicas) e de determinada utilização do solo (intensiva, ligada à agricultura e ao grupo Tupi). Ao observar a recorrência de machados semilunares entre os Timbira, Nimuendajú permitiu ligação, ainda que tênue e perigosa, entre os

¹⁷ O mapa etno-histórico que Nimuendajú fez para a região está no Anexo 4.

Timbira e os grupos Uru do Brasil central, entre os quais esse tipo de artefato é recorrente e diagnóstico (PROUS, 1992, pp. 339-359).

Da década de 40, dois trabalhos são dignos de menção. O primeiro é o realizado por Herbert Baldus com os Tapirapé, da família lingüística Tupi-Guarani. Apesar de não encontrar traços diagnósticos na cerâmica produzida por esse grupo, Baldus lembra os relatos de Kissenberth, nos quais “*uma comparação superficial dos cacos com produtos cerâmicos e restos de panelas sul-americanos indica forçosamente os Tupi-Guarani*” (apud BALDUS, 1970, p. 25).

Em uma nota de rodapé, o já citado trabalho de Wagley e Galvão (1961, p. 188) apresenta, além de hábitos e cultivos interessantes, uma descrição da cerâmica que os Tenetehara (Tupi-Guarani) produziam. Tal descrição, assim como a que os dois autores fazem da cerâmica Tenetehara (1948, p. 170), ajudará na construção do panorama regional a ser desenvolvido no **Capítulo 6**.

Outro trabalho etnográfico realizado em meados do século XX foi o desenvolvido por Huxley (1957), com os Urubu (Tupi) do Maranhão. Um ponto de interesse desse estudo é a relação desses índios com sua cerâmica (que será sucintamente abordada no **Capítulo 4**).

Um trabalho com foco na relação entre índios e regionais é o já citado estudo de Laraia e Da Mata. Nele, os antropólogos buscam compreender a entrada do índio no mercado de trabalho da castanha do Pará. O maior atrativo da mão-de-obra indígena era ser ainda mais barata do que a do regional. Se a vida destes já era miserável, a dos índios era muito pior. Um dos primeiros aspectos negativos apontado pelo autores é o rompimento da estrutura sócio-econômica dos grupos, com a atração do índio para fora do território tribal. Marginalizado e discriminado, o indígena foi criando relações cada vez mais estreitas com os piores hábitos da sociedade regional, como a prostituição e o alcoolismo. Nimeundajú (2002) não cansa de demonstrar seu horror diante do estado deplorável dos índios alcoolizados que, muitas vezes, acabavam não conseguindo prover seu sustento com a castanha.

Eles se viram “*diante de uma situação competitiva para a qual não estavam preparados*” (id., *ibid.*, 1967, p. 67). A solução para muitos foi a mendicância, que só aumentou a aversão dos regionais pelos indígenas. Obviamente, cada grupo estabeleceu

relações diferentes com o mundo “civilizado”. Os Suruí,¹⁸ imersos na floresta contornada pelos rios Tocantins, Araguaia e Itacaiúnas, conseguiram reduzir um pouco o impacto negativo do contato. Os Asuriní do Tocantins (ou Akuáwa-Asuriní), assim como os Parakanã (ambos Tupi), não tiveram tanta sorte. Situados nas proximidades de Tucuruí, os grupos foram afetados pela construção da estrada de ferro Tocantins, iniciada em 1927, ligando Tucuruí a Jacundá, correndo o risco de desaparecer (RICARDO (org.), 1985).

Centro Etnográfico Tupi: É digno de menção o fato do entorno da área de estudo ser um núcleo com substancial porcentagem dos maiores clássicos da etnografia Tupi. Com destaque para os trabalhos de Viveiros de Castro, com os Araweté, e Fausto, com os Parakanã, a região possui estudos memoráveis, como os de Baldus e Wagley, com os Tapirapé, Laraia e da Matta, com os Suruí e Asurini, Müller, também com os Asurini, e Balée, com os Ka'apor. Em diversos momentos esse estudo vai buscar essa fonte etnográfica para dialogar.

No entanto, essa situação aparentemente sem volta se estabilizou depois de algum tempo, à custa de incontáveis vidas. O poder de recuperação de alguns grupos indica, mais do que um milagre, o esforço de união entre estes que, após quatrocentos anos de luta, não desistiram de exigir melhores condições de vida. O exemplo clássico da região é o dos Gavião. Assim como os demais, eles sofreram intensamente o impacto dos contatos, subdividiram-se, viram grande parte da sua população e cultura desaparecer, mas resistiram, se organizaram e conseguiram resgatar parte dos antigos costumes e se recuperar demograficamente (*id.*, *ibid.*, 1985, p. IV).

Com rodovias, estradas de ferro, linhas de transmissão e cercados por fazendas, os Gavião, descritos por Lysias (1943, p. 123) como “*altos, fortes, de aspecto simpático*”, aprenderam a lidar com o homem branco e a tirar proveito desse contato. Desde o tempo da coleta intensiva das castanhas, os Gavião, já assentados na reserva Mãe Maria (vizinha do sítio Cavalo Branco) conseguiam realizar o processo do comércio de forma mais autônoma do que os demais. Sempre em volta da figura do chefe, os Gavião conseguiram

¹⁸ Um fato curioso a respeito dos Suruí foi a sua participação, ao lado das tropas federais, na guerrilha do Araguaia, que ocorreu um pouco depois dos estudos de Laraia e da Mata.

receber grandes indenizações da Eletronorte e da CVRD, o que permitiu a construção de novas moradias.

A luta por cada compensação, os entraves com os órgãos oficiais de “proteção”, podem ser testemunhados no discurso transcrito abaixo, do chefe Kroquenum Jopaipaire.

Quem fala aqui é Kroquenum Jopaipaire, chefe dos Gavião do Pará. A comunidade não gostou que o presidente (da FUNAI) mandou carta para o engenheiro Reginaldo, mandando parar a obra da nossa aldeia nova. O presidente da FUNAI se quiser parar a obra tem que vir na aldeia e falar na minha frente, como homem. Não tem que mandar parar por fora da comunidade... A comunidade precisa de obra para melhorar, por isso nós fizemos a luta. Nesta luta a FUNAI não ajudou, nem com uma mão: a FUNAI não ajuda, por que manda parar a obra? Eu preciso morar usando casa bonita. A comunidade mora neste barraco como um porco. Não quero isto não. Eu quero usar também coisas boas. Eu fiz luta. Não quero morar em lugar feito porco, feio. O kupê mora bem. Nós já moramos dentro da mata. FUNAI entrou, queria que nós morasse no chiqueiro. Eu não sou porco não, morar na lama, cagado, quero morar bem. Diferente do tempo da mata. Por que só a FUNAI pode morar bem, ver televisão, com dinheiro do índio? Os outros índios estão ruim, passando mal, eu não quero isto não, já chega, quero melhorar, dormir bem, morar bem, bonito... Presidente pode vir aqui, mas a obra continua. Já mudei, ninguém me manda, eu faço... (KROKRENUM, 29/10/80, apud RICARDO, op. cit., p. 71).

1.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Para Florestan Fernandes (1963, p. 41) o primeiro problema que enfrenta o estudioso, ao querer compreender os Tupi do Maranhão e do Pará, é o da procedência desse grupo. Abbeville (*op. cit.*) indica que os Tupi maranhenses vinham do Rio de Janeiro, tendo permanecido certo tempo em Pernambuco. A procedência a partir trópico de Capricórnio é descartada pelo próprio Fernandes, que vê aí um anacronismo: a época das primeiras migrações vindas do sudeste coincidia com os primeiros contatos dos Tupinambá com os franceses no norte-nordeste do país. A expulsão destes, por sua vez, acabou enterrando a esperança desses Tupi de resistir aos portugueses.

Derrotados os poderosos Tupinambá, iniciou-se uma segunda fase de contato, também com esparsos momentos de boas relações entre índios e colonos. Predominaram

as hostilidades, e o indígena geralmente saiu perdedor. Epidemias e conflitos entre iguais ou frente aos colonos fizeram com que houvesse um gradativo decréscimo populacional dos indígenas. Hoje, eles representam uma ínfima parte em relação à população que ocupou a região na época anterior ao contato. O século XX foi, em geral, definidor da situação dos índios. Muitos grupos desapareceram, muitos chegaram bem perto disso, e outros souberam se organizar e enfrentar o mundo civilizado, revertendo uma situação que parecia insolúvel.

O leste amazônico é atualmente uma referência com relação a grupos Tupi. Esse significativo número de grupos encontrados por lá pode ter se repetido, em proporção muito maior, na pré-história. Ou então, pode ser fruto de um processo histórico resultante do contato entre os Tupinambá do litoral e os colonizadores europeus. O presente estudo pretende indicar uma solução para essa questão. Através da síntese etno-histórica apresentada, foi possível iluminar o problema. Assim, os dados arqueológicos, sempre em constante contato com a etnografia, poderão solucioná-lo.

1.4 ÚLTIMAS NOTAS

Esse rápido panorama etno-histórico partiu de um fato básico: estamos lidando com uma cronologia de grupos arqueológicos que gira em torno de 500 DC até a época do contato (início do séc. XVII). Desde então (o antes será discutido nos demais capítulos), não há praticamente menção na região de outros grupos que não sejam os que, de modo abrangente, dividimos entre Tupi e Timbira. A escavação do sítio Cavalo Branco, cujo material está relacionado à tradição Tupiguarani, foi realizada a poucos quilômetros da reserva indígena Mãe Maria, dos índios Gavião (Timbira). O que se vê na região é uma alternância incessante Tupi-Timbira.

O presente trabalho busca uma compreensão mais profunda de um desses grupos, os Tupi, mas a idéia serve para ambos os casos.¹⁹ Ela reproduz a concepção de Brochado (1984, p. 1) de que as analogias entre arqueologia, etno-história e etnografia devem ser

¹⁹ Não se pretende, de forma alguma, restringir ou resumir, o contexto regional, seja ele histórico ou pré-histórico a uma divisão entre Tupi e Timbira (ou ao famoso *Tupi or not Tupi?* do poeta modernista Oswald de Andrade). O que não se pode fazer é ignorar a predominância desses dois grupos na região.

perseguidas sempre que possível, e são poucos os casos em que essas analogias são tão possíveis quanto no dos Tupi.

Essas analogias devem ser compreendidas na sua forma mais extrema, de continuísmo entre grupos arqueológicos e etnográficos, entendendo a arqueologia como a pré-história dos grupos etnográficos. Dessa forma, foi para unir arqueologia, etno-história e etnografia que, nesse capítulo, nos estendemos do séc. XVI ao presente, buscando um diálogo entre essas disciplinas. Dessa forma, por mais que as analogias possam gerar um questionamento sobre a sua validade, serão assumida pelo presente estudo.

[This dialogue] requires fairly free movement, back and forth, between broadly defined ethnographic, ethnohistoric, and archaeological conceptual domains (...). The more detail and resolution of each level, the better, obviously, but variation at each individual is often required to see patterns between levels, commonalities across scales. Relevant cultural patterns are reconstructed at various points along historical continuum ("slices of time"), understanding the "system" (or significant part of it) at different points in time and space, and concretely linking these two through visible commonalities (HECKENBERGER, 2005, p. 41).

CAPITULO 2

2 O SÍTIO CAVALO BRANCO: LEVANTAMENTO E RESGATE (PRIMEIROS DADOS, RESULTADOS E INFERÊNCIAS)

Foto 2.1 Torre 3/1 vista a partir da torre 3/2 (LT Tucuruí-Açaílandia).

2.1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o sudeste paraense e o interior maranhense receberam um forte impulso nas pesquisas arqueológicas. Dezenas de sítios foram identificados e resgatados. Pode-se resumir a três os tipos de empreendimentos executados nessas regiões, que obrigaram a realização de levantamentos arqueológicos: os hidrelétricos, os de mineração e os de linhas de transmissão.

O presente estudo está embasado em um longo processo de trabalhos de laboratório realizados com o material cerâmico da Linha de Transmissão (LT) Tucuruí-Presidente Dutra (3º circuito). O sítio Cavalo Branco, primeiramente denominado sítio Morada Nova 2, foi localizado durante a etapa de prospecção realizada anteriormente à implantação do quarto circuito da LT Tucuruí (PA)-Açaílandia²⁰ (MA). Ele está localizado na torre 3/2, nas coordenadas UTM 22M 716 969 E/9 427 848 N (SCIENTIA, 2004, p. 2).

Esse levantamento na faixa de servidão da linha de transmissão foi concluído e devidamente aprovado pelo IPHAN (Processo IPHAN 01492.000089/2003-33 – Portaria do IPHAN nº 150, de 01/08/2003, prorrogada pela Portaria nº 185, de 02/08/2004). Todos os locais de implantação de torres e seus respectivos acessos foram prospectados. Além do sítio Cavalo Branco, outros 31 sítios arqueológicos foram encontrados, dos

²⁰ As Linhas de Transmissão Tucuruí-Açaílandia e Tucuruí-Presidente Dutra correm sobre um eixo comum (paralelo), com a diferença de que a LT Tucuruí-Presidente Dutra possui um trecho a mais, entre as cidades de Açaílandia e Presidente Dutra.

quais dez (vide Anexo 5) foram resgatados na área de implantação das estruturas (*id.*, *ibid.*).

Nesse capítulo, descreveremos a metodologia adotada nas etapas de levantamento arqueológico na Linha de Transmissão Tucuruí-Açailândia, bem como a metodologia de resgate adotada nos sítios encontrados durante o levantamento arqueológico, com enfoque voltado para as escavações do sítio Cavalo Branco.

Também procederemos à descrição do sítio arqueológico Cavalo Branco, compreendendo a estratigrafia (já inserindo dados cronológicos) e a espacialidade, indicando as primeiras questões a serem trabalhadas especificamente nesse sítio e caminhos a serem seguidos em relação a algumas questões já levantadas.

2.2 LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA FAIXA DE SERVIDÃO DA LT TUCURUÍ-AÇAILÂNDIA

2.2.1 Primeiras notas

As torres implantadas podem ser divididas em dois os tipos-padrão, segundo suas fundações:

1) Torres sustentadas por estais fixados no solo, nos quatro cantos de uma área retangular. No centro do retângulo, é fixado um mastro central. As escavações para as fundações dos estais e do mastro central são feitas com perfuratrizes;

Fig. 11 Torre autoportante.

Fig. 10 Torre estaiada.

2) Torres autoportantes, sustentadas por quatro pés fixados nos quatro cantos de uma área quadrangular. As escavações para as fundações dos pés são feitas com retroescavadeira.

A torre 3/2, implantada no sítio Cavalo Branco, é do tipo estaiada e é menos impactante do que as autoportantes, que exigem áreas maiores e maquinário de maior potencial destrutivo (SCIENTIA, 2002a, p. 56).

2.2.2 Metodologia

Técnicas de vistoria em superfície e subsuperfície (tradagens) foram utilizadas para detectar a presença de material arqueológico nas praças onde seriam implantadas as torres e delimitar o sítio, quando necessário.

Na área de inserção das torres, foi realizada uma cuidadosa vistoria, com o intuito de detectar material arqueológico em superfície. Também foram abertas duas sondagens de 0,50 x 0,50 x 0,70m, 20m a vante e 20m a ré do ponto central da torre, com o objetivo de verificar a ocorrência de vestígios arqueológicos no subsolo (SCIENTIA, 2004, p. 4).

Detectado o material arqueológico, procedia-se à execução de *transects* (radiais ou paralelos), traçados a partir do primeiro, para identificar a profundidade e espessura do depósito cultural averiguado (SCIENTIA, 2002a, p. 56).

Portanto (...), uma vez que um sítio seja encontrado, tentar-se-á investigá-lo em sua totalidade, mesmo que seus limites ultrapassem a faixa de servidão da Linha de Transmissão. O sítio, depois de encontrado, passa a ser a unidade de investigação e não mais a faixa de servidão (id., ibid., p. 58).

Dessa forma, o processo de prospecção permitiu que, já no momento do resgate, fossem conhecidas a dimensão e a profundidade dos sítios, auxiliando na escolha da técnica a ser empregada.

2.3 RESGATE DO SÍTIO CAVALO BRANCO

2.3.1 Liberação da faixa de servidão

O resgate do sítio Cavallo Branco foi realizado em duas etapas, nos anos de 2004 e 2005. A primeira teve como objetivo a liberação da faixa de servidão no local da praça da torre, e a segunda expandiu as escavações para toda a área do sítio arqueológico (SCIENTIA, 2006). Os trabalhos executados na faixa de servidão visaram a cobrir com segurança o local mais impactado pela implantação da torre. Utilizando como centro o marco central das torres, foi estabelecido um quadrado de 80m². Tais dimensões foram consideradas suficientes para abarcar toda a faixa de servidão, cuja largura é de 70m. Dentro do quadrado, foi executada uma malha de quadras de 20x20m, com linhas perpendiculares e paralelas ao alinhamento da LT, e o encontro das últimas marcava o local de abertura das quadras de escavação de 1m². A escavação destas foi feita por níveis artificiais de 10cm (SCIENTIA, 2004, p. 20), só podendo ser interrompidas após a escavação de 10cm sem material arqueológico. Findados esses 10cm estéreis, procedia-se a uma sondagem no centro da quadra, por mais 30cm de profundidade.

Uma vez que o eixo da linha da LT sofre mais interferências, em consequência de processos que vão desde o preparo das valas dos estais da torre até sua energização, foram executadas outras 6 quadras para ré (3) e para vante (3). Nessa etapa, foram escavadas 31 quadras em cada sítio (*id.*, *ibid.*, 2004, p. 22).

Na liberação da faixa de servidão do sítio Cavallo Branco, o material arqueológico foi encontrado até o nível 60-70cm. Quatro quadras apresentaram apenas cerâmica, e uma (80R), somente um fragmento lítico. Em três quadras, o resultado foi estéril.

Partindo do pressuposto de que a arqueologia é amostragem ou não é nada (REID, SCHIFFER e NEFF, 1975, p. 209), pode-se dizer que a utilização de uma amostragem sistemática, empregada nos trabalhos de resgate dos sítios da LT Tucuruí-Açailândia, é a mais simples de ser executada (REDMAN, 1975, p. 150). Além disso, pode-se acrescentar que o método sistemático é o que mais se aproxima da estimativa de valores populacionais (OSBORNE, 1941; HAGGETT, 1965, *apud* REDMAN, *op. cit.*).

Acima: **Foto 2.3.1** Abertura de quadra, realizada durante a liberação da faixa de servidão do sítio Breu Branco 2 (LT Tucuruí-Açailândia).

Abaixo: **Fig. 12** Esquematização da malha implantada para a liberação da faixa de servidão dos sítios da LT Tucuruí-Açailândia.

2.3.2 Resgate nas faixas lindeiras do sítio

Menos de um ano após a liberação da faixa de servidão da LT, realizada em novembro de 2004, iniciou-se o resgate do restante do sítio. Prosseguiu-se na expansão da malha de quadras (mantida em 20x20m), que foram escavadas em níveis artificiais, seguindo o padrão descrito para o resgate da faixa de servidão. A expansão só tinha uma das linhas interrompida quando fossem realizadas duas quadras com ausência de material.

O emprego dessa metodologia visou a trazer informações sobre os vestígios arqueológicos distribuídos por todo o espaço do sítio (SCIENTIA, 2004, p. 22). A abordagem amostral e sistemática empregada buscou “*informações sobre a natureza e o grau de variação da cultura material como um todo*” (WÜST E CARVALHO, 1996, p. 48).

Foi possível expandir a escavação em áreas de concentração de material ou de estruturas evidentes, para encontrar informações qualitativas. O quadriculamento e a escavação nesses locais, quando necessários, foram feitos em superfícies contínuas, com o intuito de compreender a interrelação dos materiais na área escavada (*id.*, *ibid.*, p. 23).

Essas áreas poderiam partir da expansão de uma quadra pertencente à malha de escavação ou de outros pontos do sítio com algum indicativo para a utilização desse procedimento. Duas áreas foram escavadas em locais não-pertencentes às quadras da malha: a unidade 90V-60D (2m², realizada em local com alta densidade de material lítico, com o intuito de identificar um local de atividade específico relacionado a este material), e a trincheira (8 X 0,7m), realizada em local putativo de ser uma lixeira.

As expansões de quadras pertencentes à malha de escavação ocorreram em quatro locais: (1) na quadra 100D (que foi expandida para um área de 2m²); (2) nas quadras 140D; (3) 40V-80D; e (4) 220V-240D (que ganharam um metro a mais de escavação, ficando em 1 X 2m).

A divisão do resgate em duas etapas de campo permitiu a manipulação do material proveniente da primeira escavação. A observação dos fragmentos levou à constatação de que, sem grandes peças ou vasos (ao menos parcialmente) reconstituídos, a reconstituição das formas seria extremamente difícil. Isso poderia enfraquecer um dos pilares de comparação do sítio Cavalo Branco com as formas advindas de outros sítios da região e com formas “clássicas”²¹ da tradição Tupiguarani. Decidiu-se, então, dar prioridade à expansão das quadras com grande número de conjuntos cerâmicos.

A abertura de áreas de escavação no sítio Cavalo Branco proporcionou uma amostra qualitativa significativa, de grande importância para a caracterização do material arqueológico do sítio. Da mesma forma, as “áreas de expansão”, além de ajudar a obter formas quase inteiras, foram fundamentais para uma compreensão espacial do sítio, como será demonstrado neste capítulo.

Os trabalhos de resgate no sítio Cavalo Branco, sem contar a liberação da faixa de servidão da torre, duraram por volta de 70 dias. A escavação foi iniciada com uma equipe de seis pessoas (um pesquisador, uma estagiária e quatro trabalhadores braçais) e foi encerrada com um grupo de aproximadamente 35 pessoas, entre braçais, técnicos, estagiários e pesquisadores.

²¹ Vide BROCHADO (1984) e LA SALVIA e BROCHADO (1989).

2.3.2.1 Sequência de etapas para a escavação das quadras

Foto 2.3.2: A abertura da quadra é iniciada com a limpeza de uma área de aproximadamente 2m² do lado esquerdo do piquete da malha sentido vante da LT (Sítio Breu Branco 1 – LT Tucuruí/Açailândia).

Foto 2.3.3: Feita a limpeza, procedia-se na marcação da quadra (Sítio Breu Branco 2 – LT Tucuruí/Açailândia).

Foto 2.3.4: Todo sedimento escavado era peneirado. A quadra só poderia interrompida após a escavação de dois níveis negativos. Independente da presença de material, os três primeiros níveis (0-30cm) teriam que ser cavados (Sítio Cavalo Branco – LT Tucuruí/Açailândia).

Foto 2.3.5: Por fim, uma sondagem no centro da quadra, com 30 cm de profundidade, era realizada para confirmar a ausência de material. Constatada esta, procedia-se em devolver o sedimento e fechar a quadra (Sítio Breu Branco 1 – LT Tucuruí/Açailândia).

2.3.3 As quadras

Foram escavadas, nas duas etapas de resgate, cerca de 584 quadras, das quais 375 apresentaram material arqueológico, e 209 eram estéreis.²² O pacote arqueológico estava contido principalmente entre os níveis 10 e 30cm. No entanto, em diversos momentos, foi observado o prosseguimento de material em níveis mais profundos. O caso extremo foi o da quadra 40V-81D, cuja presença de material arqueológico foi constatada até 190cm de profundidade. Em algumas quadras, a rasa profundidade do material contrastou com a quantidade em que ele foi encontrado. Em duas áreas, foram identificadas grandes concentrações de cerâmica.

Se consideradas apenas as quadras da malha de quadras de 1m², ou seja, excetuando as áreas expandidas e a trincheira, pode-se observar o grau da densidade do sítio, com média de quase 370 fragmentos cerâmicos e 32 fragmentos líticos por m³.

Lítico		Cerâmica	
Quantidade	Densidade (m ³)	Quantidade	Densidade (m ³)
3.127	32,51	35..550 ²³	369,23

A área do sítio estava alterada tanto por ação biótica quanto antrópica. Além do contínuo processo de corte e queima para a manutenção das pastagens, também houve a abertura de estradas de acesso no interior da fazenda e pela passagem da rodovia PA-150. Felizmente, o impacto da rodovia, que causou o aparecimento de uma “leira de entulho” na lateral da pista, foi mínimo no sítio Cavalo Branco, atingindo apenas uma área periférica.

A ação biótica (ou a *n-transforms* de SCHIFFER, 1996, p. 22) ocorreu devido à grande quantidade de raízes e, principalmente, pela ação de animais, com destaque para os cupins, cuja presença na região se deve à ação do homem no ambiente. A constante derrubada das árvores e desmatamento para a manutenção dos pastos cria uma espécie de “plantação de cupins”, com centenas de cupinzeiros num ambiente descampado.

²² A relação das quadras escavadas e do material encontrado em cada nível está no Anexo 6.

²³ O número total de fragmentos líticos e cerâmicos do sítio Cavalo Branco é maior, em torno de 3600 e 50.000, respectivamente do que o apresentado na tabela. Nesta, só contabilizamos o material das quadras pertencentes à malha de unidades de escavação (unidades complementares foram separadas).

Sítio Cavalo Branco (Unidade 100D)

Nível 0-10 cm

- Cerâmica
- Terra Queimada
- Lítico
- Pedra Queimada
- ⦿ Raiz

Sítio Cavalo Branco (Unidade 90V-60D)

Nível 10-15 cm

- Cerâmica
- Lítico
- Pedra de Fogo
- ⌘ Raiz
- ◆ Carvão

2.3.3.1 Solo

Foram estabelecidas, com o precioso auxílio da Dra. Dirse Kern, três categorias de solo para as quadras: antrópico (SA), transição (T) e área adjacente (AD).

A análise do solo buscou compreender o comportamento químico nas quadras com solo antrópico (uma área de aproximadamente 2 hectares) e da área adjacente, tanto de forma vertical quanto espacialmente. Para esta, foram feitas coletas em dois *transects* perpendiculares, sempre em um mesmo nível (10-20cm, o mais denso de material). Esses *transects* foram realizados no sentido esquerda-direita (ou oeste-leste) na linha 0 (zero), e no sentido ré-vante (ou sul-norte), na linha 120D. O objetivo era que os *transects* interceptassem todos os três tipos de sedimento. Uma amostra de 10 X 10 X 10cm, sempre no quadrante sudoeste (SW) das quadras, no nível 10-20cm (o mais denso), era separada e peneirada separadamente para a coleta do material arqueológico.

Fig. 16 Transects onde foram realizadas coletas para análise do solo.

Para a observação do comportamento químico na vertical das quadras foram realizadas coletas em todos os níveis artificiais de quadras com solo antrópico e da área adjacente. As análises foram realizadas pela equipe da Dra. Dirse Kern, do Museu Paraense Emílio Goeldi, durante os anos de 2006 e 2007. No Anexo 7, pode-se ver mais detalhes gráficos dessa análise.

Características morfológicas do solo no sítio Cavalo Branco: No sítio Cavalo Branco, os horizontes de solo no perfil do interior do sítio, denominados de solo antrópico (SA) neste trabalho, apresentam, nos horizontes superficiais, algumas características morfológicas distintas do perfil de solos da área adjacente (AD), principalmente em relação à espessura e à cor. O perfil de solo antrópico foi subdividido na seguinte sequência de horizontes: A₁, A₂, AB, BA, B₁ e B₂, enquanto o da área adjacente foi subdividido em A₁, AB, BA, B₁, B₂, B₃ e B₄.

Os horizontes A do SA, que correspondem à camada de ocupação humana, são de aproximadamente 30cm. A coloração do solo quando úmido é cinzento muito escuro (10YR 3/1). Na AD, a espessura do horizonte A é de 11cm, e a coloração do solo quando úmido é bruno acinzentado escuro (10YR 4/2). Em ambos os perfis, a textura é arenosa e, quando o solo está molhado, a sua consistência é não-pegajosa e não-plástica. A estrutura apresenta-se forte, que se desfaz em blocos subangulares e grumos. Nos horizontes A da SA, ainda há alta densidade de fragmentos de cerâmica, que diminuem

com a profundidade até desaparecerem, na AD.

A espessura dos horizontes de transição AB e BA tanto no SA quanto na AD é de aproximadamente 20cm. A coloração, para o solo úmido, no SA é um pouco mais escurecida, bruno acinzentado escuro (10YR 4/2), enquanto que na AD varia de bruno acinzentado escuro (10YR 4/2), no horizonte AB, a bruno (10YR 5/3), no BA. Nesses horizontes, a quantidade de argila aumenta, conferindo-lhes textura de areia franca, com exceção do horizonte BA da área adjacente, que apresenta textura franco-arenosa. Quando o solo está molhado, a sua consistência, embora mais argilosa, continua sendo não-pegajosa e não-plástica. A estrutura, nos horizontes AB do AS e da AD, apresenta-se forte, com médios a grandes blocos subangular que se desfazem em grãos simples, enquanto nos horizontes BA, têm aspecto maciço.

Os horizontes B nos perfis de solos das SA e AD em geral não apresentam grandes variações nas características morfológicas. Possuem normalmente coloração variando de bruno amarelado claro (10YR 6/4) a amarelo brunado (10YR 6/6). A textura nestes horizontes varia de franco argilosa a muito argilosa. A consistência do solo quando molhado varia de ligeiramente pegajoso a pegajoso e de ligeiramente plástico a plástico, em decorrência do aumento significativo da argila. A estrutura tem aspecto maciço.

Características químicas do solo no sítio Cavalo Branco: Comparando os perfis de solos no sítio Cavalo Branco com os da sua respectiva área adjacente, verifica-se que, em geral, os primeiros apresentam teores de Ca, Mg, P, (Tabela 1). Esse mesmo comportamento nos teores dos elementos foi verificado em sítios arqueológicos e adjacências localizados nas regiões de Cachoeira-Porteira, Oriximiná-Pa e de Caxiuanã (KERN, 1988).

Tabela 2.3.1. Análises químicas no perfil de solo antrópico (quadra 40R-100D) do sítio Cavalo Branco.

Horiz.	Prof. (cm)	Mg	Ca	Zn	Cu	Mn	Fe	P total
		Cmolc/kg			mg/kg			
A1	0-15	0,49	3,42	1,94	1,62	126,92	32,64	
A2	15-27	0,28	2,37	0,96	2,17	59,32	23,12	
AB	27-36	0,14	1,20	0,55	1,98	32,30	24,25	
BA	36-47	0,13	0,88	ND	1,75	27,04	34,55	
B ₁	47-69	0,22	0,86	ND	1,62	17,43	64,86	
B ₂	69-100	0,57	0,96	ND	1,68	9,00	55,30	

Hori z.	pH	pH	C	MO	P	Na	K	N	Al	C/N
		(H2O)	(KCl)	%			mg/kg			
A1	6,19	5,17	1,39	2,40	9,90	24,92	44,08	0,160	0,35	8.69
A2	6,26	5,06	0,90	1,55	5,75	23,10	40,31	0,098	0,17	9.18
AB	6,25	4,98	0,68	1,17	3,92	10,38	17,68	0,049	0,26	13.88
BA	6,18	4,86	0,49	0,84	4,46	54,00	95,00	0,045	0,26	10.89
B ₁	6,13	4,72	0,41	0,71	6,30	8,56	15,79	0,043	0,52	9.53
B ₂	6,01	4,71	0,38	0,65	15,61	17,65	32,77		0,35	

Tabela 2.3.2. Análises químicas no perfil de solo da área adjacente (quadra 160V-180D) ao sítio Cavalo Branco.

Horiz.	Prof. (cm)	Mg	Ca	Zn	Cu	Mn	Fe	P total
Cmolc/kg				mg/kg				
A ₁	0-11	0,25	0,75	0,54	1,13	55,14	135,32	
AB	11-21	0,14	0,57	ND	ND	44,16	147,91	
BA	21-32	0,11	0,49	ND	ND	15,31	207,70	
B ₁	32-52	0,14	0,46	ND	1,18	4,60	291,77	
B ₂	52-69	0,11	0,41	ND	1,06	2,92	219,60	
B ₃	69-108	0,13	0,48	ND	ND	0,55	63,02	
B ₄	108-160	0,08	0,07	ND	ND	ND	24,54	

Horiz.	pH (H2O)	pH (KCl)	C	MO	P	Na	K	N	Al	C/N
% mg/kg										
A ₁	5,71	4,46	0,86	1,43	5,23	26,74	45,97	0,098	0,44	8,78
AB	5,81	4,52	0,60	1,03	3,85	13,10	23,34	0,074	0,44	8,11
BA	5,73	4,45	0,26	0,45	2,22	6,74	12,02	0,049	0,35	5,31
B ₁	5,43	4,28	0,45	0,77	1,61	44,91	76,14	0,037	0,52	12,16
B ₂	5,36	4,21	0,45	0,77	1,27	48,55	83,69	0,055	0,61	8,18
B ₃	5,53	4,26	0,38	0,65	0,99	4,92	6,36	0,037	1,05	10,27
B ₄	5,21	4,25	0,26	0,45	0,99	4,92	8,25	0,025	0,70	10,40

Na área adjacente, foi observada uma baixa densidade de material. Nas quadras em que foram identificados solo antrópico e de transição, dificilmente havia uma predominância dos mesmos em uma profundidade superior aos 30cm.

O sedimento denominado “de transição” foi o segundo mais encontrado no sítio. Em geral, o sedimento de transição foi encontrado no entorno da área com solo antrópico, com uma densidade de material intermediária entre a desse solo e o da área adjacente.

Um local interessante com a presença do sedimento de transição foi o entorno da quadra 80V-40D, onde foram encontrados cerca 265 fragmentos líticos. Esse número é bastante elevado em comparação com o restante das quadras do sítio, cuja média de fragmentos líticos raramente ultrapassou os 100 fragmentos. Foi esse o indicativo para a abertura da área de escavação 90V-60D, uma unidade de 2m²: acreditou-se que a área poderia ser um local específico de fabricação de utensílios líticos.

As terras pretas da Amazônia e o solo antrópico do sítio Cavalo Branco: Pode-se notar que houve o cuidado de não designar o solo antrópico do sítio Cavalo Branco de “terra preta”. Essa, foco de inúmeros estudos pedológicos e arqueológicos na Amazônia (e.g. KERN, 1988, 1996; PETERSEN *et al.*, 2001; NEVES *et al.*, 2003; KÄMPF e KERN, 2005; GRAHAM, 2006) tem características ou gradações diferentes das do solo antrópico do sítio Cavalo Branco. As áreas com terra preta são, geralmente, associadas a sítios de várzea, cujas manchas de terra preta atingem até alguns quilômetros de comprimento (PETERSEN *et al.*, 2001) e até, em casos extremos, dois metros de profundidade (KERN, 1996). A cor da terra preta desses sítios tende a ser ainda mais escura (se comparada ao sítio Cavalo Branco), atingido até a cor 10YR3/2. Os elementos químicos ligados à ocupação humana, como o Cálcio (Ca), Fósforo (P) e Manganês (Mg) também aparecem em maior quantidade do que no sítio Cavalo Branco. Neste, por fim, o Ph é mais ácido do que tendem a ser as terras pretas amazônicas.

No entanto, tanto nos casos clássicos de terra preta amazônica quanto no sítio Cavalo Branco, o solo escuro está ligado a uma grande quantidade de material arqueológico, e a variação química da área com solo escuro para a área de entorno é expressiva. Sem dúvida, os processos de formação desses solos são semelhantes. Autores como Kämpf e Kern (*op. cit.*, p. 285) acreditam que a formação do sedimento escuro vem de “*sítios assentamento (onde) são encontrados grandes volumes de materiais orgânicos resultantes de atividades humanas. Esses materiais podem ser de origem animal, como ossos, conchas, sangue, carapaças, fezes etc., ou de origem vegetal, como as palmeiras*”.

Denevan relata ter encontrado diversos sítios com terra preta em áreas de floresta de terra firme, mas com menor dimensão e profundidade do que os sítios em terraços (com média de 1,4 ha), “*talvez indicando períodos de ocupação mais curtos*” (2001, *apud* KÄMPF e KERN, *op. cit.*, p. 289; grifo nosso).

Tudo indica que o Cavalo Branco se encaixa bem nessa categoria de sítios com solo antrópico com menor dimensão e profundidade. No entanto, os dados cronológicos (especialmente as datações) têm de ser inseridos nesse contexto para haver base para uma inferência mais segura quanto à duração dos períodos de ocupação.

Fotos 2.3.8 a 2.3.10: Concentrações cerâmicas em área com Solo Antrópico. Quadra 20V-60D, nível 10-20 (acima ao lado); Unidade 140D, nível 10-20cm (abaixo).

Fotos 2.3.11. a 2.3.13.: Croquis de material arqueológico em áreas de solo Antrópico: unidade 140D, nível 10-20cm (acima e ao lado); e quadra 40R-100D, nível 10-20cm (abaixo).

Outro local tomado pelo sedimento de transição foi encontrado na região nordeste do sítio, nas proximidades do igarapé Matrinxã, área concentrada entre as quadras 260V-300D, para o norte, 220V-380D, para o leste, 180V-280D, para o sul e 240V-260D, para o oeste.

O aparecimento dessa área causou surpresa, já que a maioria das quadras do entorno vinham dando resultado negativo. Pensou-se até na possibilidade de a área ser um outro sítio arqueológico, hipótese considerada improvável devido à semelhança do material. Essa problemática será retomada no final desse capítulo (e no **Capítulo 6**), quando será trabalhada a espacialidade do sítio Cavalo Branco.

Como já mencionado, foi observado que a densidade do material escavado andava em concordância com a cor do solo: o mais escuro (SA) e orgânico apresentava mais material do que os sedimentos mais claros. A área com solo antrópico não só apresentava maior densidade de material, mas também concentrava os fragmentos mais preservados. Nela, foi encontrado um grande número de conjuntos cerâmicos, alguns praticamente inteiros.

Foto 2.3.14 Unidade 100D: conjunto cerâmico *in situ*.

A presença desses conjuntos levou à expansão das quadras 100D e 140D. A grande quantidade de vasos (quase) completos e a forma com que estavam dispostos indicaram que se tratava de uma área de refugio primário (SCHIFFER, 1996, p. 58). A presença constante de carvão, terra queimada e restos faunísticos na quadra 100D aumentou a possibilidade de os vasos encontrados nessa área terem sido deixados em seu local de uso. Ainda assim, tal inferência demanda uma reflexão mais profunda, uma vez que o próprio Schiffer (*ibid.*, p. 59), definidor dos termos “refugio primário” e “secundário”, acredita que raramente os solos de ocupação dos sítios estão tomados por refugos primários.

Próximo à área de solo antrópico, na quadra 40V-80D, foi observada a presença de conjuntos cerâmicos que levaram à expansão desta. A escavação da quadra 40V-81D, adjacente à 40V-80D, apresentou um fator interessante: a presença, a partir do nível 70-80cm, de uma feição com sedimento escuro, localizada no quadrante noroeste da quadra, circundado por latossolo estéril. Procedeu-se, então, a escavar separadamente a feição do restante da quadra.

Foi observada, dentro do sedimento escuro, a presença constante de carvão (que teve algumas amostras datadas), assim como de material cerâmico coberto por fuligem e bolotas de argila. A feição, nos níveis superiores, apresentava forma arredondada, com aproximadamente 20cm de diâmetro. A partir do nível 130-140 cm, a feição começou a crescer em dimensões, chegou a ocupar quase todo o quadrante NW da quadra e ficou irregular. Tal aumento indicou que a feição não era o buraco de uma estaca ou de um esteio. A presença constante do carvão, das bolotas de argila e da cerâmica parecia indicar uma possibilidade, ainda que remota, de se tratar de uma estrutura de combustão cerâmica. Essa hipótese só foi eliminada durante os trabalhos de laboratório.

O principal fator conclusivo de que se tratava de um fenômeno de bioturbação veio com a datação da quadra, que apresentou uma data muito mais antiga para o nível superior (80-90cm) do que para o inferior (150-160cm).²⁴ A presença do sedimento escuro foi observada até 200-210cm, e a cerâmica foi encontrada nela até o nível 180-190cm. Possivelmente, o sedimento escuro foi trazido por algum animal da elevação topográfica localizada próxima à quadra, que será analisada a seguir.

²⁴ Vide datações no final deste capítulo.

2.3.4 A trincheira

A presença do sedimento escuro na quadra 40V-81D, no entorno da área em que foi identificada a concentração de solo antrópico, gerou desconfiança em relação a uma pequena elevação topográfica com dimensões de 15 X 25m, em local adjacente à primeira. A possibilidade, sugerida pela Dra. Dirse Kern, de essa elevação ser uma lixeira levou a uma cuidadosa vistoria do local. O sedimento preto e a cerâmica nele encontrados, nas imediações de um buraco de tatu, indicaram ser real a possibilidade de lá haver uma área de lixeira. Foi calculado em 64cm o desnível entre a parte mais alta e a parte mais baixa da elevação.

Procedeu-se, então, à abertura de um corte transversal da elevação, com dimensões de 8 X 0,7m. Essa trincheira teria como objetivo investigar a possibilidade de a elevação não ser natural e ter se formado pelo acúmulo de materiais arqueológicos, especialmente os cerâmicos.

A trincheira foi dividida em oito quadras de 1 X 0,7m e escavada de forma escalonada, em níveis artificiais de 10cm. Esse método foi escolhido por ser o mais adequado para a visualização do perfil estratigráfico, bem como para diminuir o risco de que conjuntos cerâmicos fossem separados.

Foto 2.3.17 Trincheira escavada por escalonamento.

A escavação da trincheira apontou para uma grande densidade de material nas quadras próximas ao centro da elevação. Gráficos de peso e de número de fragmentos

cerâmicos indicam uma diferença sensível entre essas quadras – a grosso modo, quadras T1 a T4 – e as que estavam localizadas no pé da elevação – T5 a T8.

A presença de material cerâmico foi observada até o nível 11, a aproximadamente 110cm, uma profundidade bem superior à média do restante do sítio (em torno dos 30cm). A densidade de material, calculada pelo peso ou pela quantidade de fragmentos, também foi muito maior na trincheira do que a média do restante das quadras, mesmo das encontradas nas áreas com terra preta.²⁵

Além dos fragmentos cerâmicos, foram encontrados alguns raros artefatos líticos, rochas minerais (que afloravam por todo sítio, principalmente na parte baixa, próxima ao igarapé), fragmentos de carvão (que foram separados para datação) e ósseos (faunísticos). A presença dos fragmentos ósseos foi observada, principalmente, na quadra T4.

Fauna: Estudos feitos no Laboratório de Estudos Evolutivos do Instituto de Biologia da USP, sob coordenação do Dr. Renato Kipnis, indicaram que os ossos identificáveis eram de tatu e porco do mato. Na tabela abaixo, é possível ver a relação de restos faunísticos do sítio Cavalo Branco, encontrados principalmente na trincheira:

Quadra	Nível	Descrição
T2	N6	Fragmentos pequenos de mandíbula e dentes de caitetu, <i>Tayassu tajacu</i> , todos calcinados.
1R-100D	10-20	Pequeno fragmento de osso longo, não-identificável, calcinado.
T3	N6	Osteodermo calcinado de tatu-galinha, <i>Dasypus novemcinctus</i> .
T1	N5	Fragmentos muito pequenos de ossos não-identificáveis, todos calcinados.
T2	N5	Fragmentos muito pequenos de ossos não-identificáveis, todos calcinados.
T3	N4	Terceiro metapódio de tatu-galinha, <i>Dasypus novemcinctus</i> , calcinado, articulação proximal e diáfase presentes.
T2	N4	Fragmentos muito pequenos de ossos não-identificáveis, todos calcinados
T2	N3	Fragmentos muito pequenos de ossos não-identificáveis, todos calcinados. 1. Provavelmente bula timpânica de caitetu, <i>Tayassu tajacu</i> , calcinada. 2. Provavelmente fragmento de zigomático de caitetu, <i>Tayassu tajacu</i> , calcinado. 3. Provavelmente fragmento de crânio de caitetu, <i>Tayassu tajacu</i> , calcinado.

²⁵ Não se pode esquecer, para uma comparação de densidade, que cada uma das quadras da sondagem tinha apenas 70% (1 X 0,7m) da área de uma quadra normal

Trincheira Perfil Leste - Sítio Cavalo Branco

LEGENDA:

Cerâmica	Carvão
Litico	Bolota de Argila
Oxido de Ferro	Formigueiro
Raiz	Cupinzeiro

0 1,5 1 2,5 2m

	2.5Y 3/2: Sedimento arenoso, com grande densidade de material arqueológico, e grande número de raízes.
	10YR 4/4: Sedimento areno-argiloso, com baixa densidade de material, e pequena quantidade de raízes.
	10YR 4/6 : Sedimento argiloso, sem material arqueológico e sem presença de raízes.

Mas esses não são os únicos fatores que corroboram a inferência de que o montículo é uma lixeira. Sua altura em relação ao restante do sítio é quase insignificante, indicando que dificilmente seria um montículo construído para a construção de uma habitação. Pode-se observar também que se trata de uma área diferencial quanto ao restante da área de solo antrópico. O montículo possui estratigrafia mais profunda, fragmentos cerâmicos desarticulados, enquanto que a área com solo antrópico possui uma camada, entre 10cm e 15cm, de cerâmica *in situ*, onde vasilhas praticamente inteiras foram encontradas, possivelmente como refugio primário. Por fim, a localização periférica do montículo frente ao restante da área com solo antrópico também justifica a hipótese da lixeira.

Lixeiras atrás de locais de habitação são corriqueiramente observadas no registro etnográfico. Trata-se de um padrão observado por Silva (2002, p. 222) para os Asurini do

Xingu. Schimdt e Heckenberger (artigo não publicado) também observaram que os Kuikuru (grupo Arawak, do baixo Xingu) possuíam áreas de lixeira²⁶ no entorno da aldeia, atrás da habitação. Mais interessante do que essa constatação, foi a observação dos dois arqueólogos de que esses montículos não eram apenas uma área para jogar o lixo e deixar a casa limpa. Mais do que isso, os montículos eram conscientemente construídos para o enriquecimento do solo na área diretamente atrás da habitação, criando a possibilidade da implantação de uma roça. Nesta, seriam cultivadas plantas semelhantes às cultivadas nas áreas de terra preta (i.e. antigas aldeias), áreas buscadas pelos Kuikuru para fazer a grande roça (*op. cit.*).

²⁶ Segundo Schimdt e Heckenberger, esses montículos não seriam muito altos, atingindo, no máximo, 40cm acima da superfície, padrão que se assemelha ao montículo observado no sítio Cavalo Branco.

Fotos 2.3.18 a 2.3.20 Trincheira.
Acima, perfil oeste. Ao lado, quadra
T3, níveis N3 a N6, fragmentos
cerâmicos e raiz. Abaixo, quadra T2,
s/n, detalhe de cerâmica.

Foto 2.3.21 Trincheira: perfis norte e leste, níveis 1 a 13.

Foto 2.3.22 Trincheira: limpeza do perfil Leste.

Foto 2.3.23 Trincheira: quadra T3, expondo material *in situ*.

2.4. ESPAÇO DO SÍTIO CAVALO BRANCO

Durante a década de 1990, houve um grande progresso nos estudos espaciais de sítios Tupiguarani. Os dois trabalhos aqui considerados fundamentais para esse tipo de abordagem foram os realizados por Noelli (1993), com relação aos Guarani, e Assis (1996), sobre os Tupinambá.

Dentre as contribuições que esses estudos trouxeram, estava o da leitura espacial do complexo em torno da aldeia Tupiguarani. Essa macro-unidade espacial era denominada “Tecohá” pelos Guarani e “Tecoaba” para os Tupinambá. Cada macro-unidade era formada por diversas micro-unidades que, por sua vez, subdividiam-se em diferentes estruturas, localizadas em áreas diversas do território, destinadas a atividades diversas de exploração do ambiente (e.g. acampamentos de roça, pesca e caça). O núcleo desse complexo era a aldeia (ASSIS, 1996, pp. 37-39).

A instalação de uma aldeia e dos demais assentamentos que formavam o Tecoaba Tupinambá, era realizada, preferencialmente, em locais que apresentam, nas suas proximidades uma diversidade de micro ambientes, possibilitando a obtenção de recursos diferenciados necessários à sua manutenção sócio-cultural (id., ibid., p. 41).

Como pode ser observado no mapa de densidade cerâmica do sítio Cavalo Branco e, como anteriormente mencionado, existem duas diferentes concentrações cerâmicas. A maior concentração encontrava-se dentro da área com solo antrópico, com grande quantidade de cerâmica, e a menor foi observada em uma área com sedimento de transição, com média quantidade de material.

Seria a menor concentração (a área com sedimento de transição) representativa de uma outra ocupação, por parte do mesmo grupo, no sítio Cavalo Branco? Ou seria esta uma micro-unidade, uma área de atividade (relacionada ao igarapé?) vinculada a outra unidade, a aldeia, que estaria localizada na área da concentração maior?

De acordo com Simões (1986, p. 544, *apud* SCIENTIA, 2003a, p. 23), no sudeste paraense, “*todos os sítios pesquisados são de habitação*”²⁷.

²⁷ Afirmação feita com relação aos 38 sítios encontrados nas proximidades dos rios Itacaiúnas e Parauapebas, na região sudeste do Pará.

Sítio Cavallo Branco

Dispersão do material cerâmico coletado por nível arqueológico

Número de Fragmentos

Sítio Cavallo Branco

Dispersão do material cerâmico

Número de fragmentos

Sítio Cavallo Branco

Coloração do Solo e
Densidade de material coletado

Curva de densidade de material
arqueológico cerâmico

As pesquisas realizadas até o momento no médio e baixo Tocantins não trazem nenhuma informação quanto à disposição inter-sítios e intra-sítios. Tudo indica que uma abrangência sem fundamentação vem sendo utilizada para a definição do tipo de assentamento encontrado. Todos os sítios cerâmicos, quer medissem 10 X 20m ou 324 X 95m, das fases Tucuruí, Tauarí e Tauá (SIMÕES e ARAÚJO COSTA, 1987), foram associados a sítios de habitação. As razões de afirmações tão conclusivas são incertas.²⁸ Nenhum estudo pormenorizado sobre padrões de assentamento foi realizado.

Vários sítios, inclusive alguns que vêm sendo estudados na LT Tucuruí-Açailândia (e.g. sítio Morada Nova 1, com diâmetro de 150m e Nova Ipixuna 3,²⁹ com eixos de 100 X 160m), cujas dimensões não parecem indicar “a grande aldeia Tupi” podem ser trabalhados quanto à questão do tipo de assentamento, fundamental para compreender a ocupação da pré-histórica da região.

A concentração de sedimento de transição encontrada no sítio, cujas dimensões são de aproximadamente 80 X 80m, não é muito diferente tanto da dos sítios de menor porte das fases citadas quanto da dos sítios Morada Nova 1 e Nova Ipixuna 3 (localizados nas proximidades do sítio Cavalo Branco).

2.4.1 O que diz a etnografia Tupi sobre os padrões de assentamento?

A etnografia Tupi nunca se preocupou muito com os padrões de assentamento dos grupos estudados. Ainda assim, é sempre possível destacar dos diversos estudos alguns aspectos relevantes.

Foram separados cinco grupos etnográficos Tupi para estabelecer um diálogo com os dados arqueológicos. Todos são grupos de habitantes de floresta tropical (como é praxe entre os Tupi), mas de uma floresta tropical periférica, nunca muito distante de áreas de cerrado. Estes grupos são: os Araweté, os Asuriní, os Parakanã, os Tapirapé e os Ka'apor. Os três primeiros encontram-se hoje no sudeste paraense, entre as bacias dos rios Tocantins e Xingu. Os Ka'apor são encontrados não muito distante, no oeste maranhense, no alto Gurupí, próximo à divisa com o Pará. Segundo Balée (1994), são

²⁸ Na verdade, são certas, sim, trata-se da metodologia do PRONAPABA.

²⁹ Ambos com características materiais que lembram a tradição Tupiguarani.

antigos moradores da bacia do baixo Tocantins. Por fim, os Tapirapé situam-se no rio com o mesmo nome, que deságua no rio Araguaia, em área pertencente ao atual Estado do Mato Grosso.

O ponto inicial é uma aparente dissonância em relação ao modelo apresentado por Assis para os Tupinambá, que não difere quanto ao complexo que se forma em torno da aldeia, mas ao funcionamento desse complexo.

Os Araweté, estudados por Viveiros de Castro (1986, pp. 267-273), apresentam um padrão de assentamento ligado à sazonalidade. No período de chuva, a aldeia se fragmenta em diversos acampamentos, com pequenos grupos nucleares se dispersando pela mata, realizando atividades de *trekking*,³⁰ ou seja, ligadas à caça e coleta de animais. Findas as chuvas, ocorre um reagrupamento dentro do espaço da aldeia. Mesmo no período de seca, são produzidas algumas estruturas que não pertencem à aldeia, acampamentos de mata para abrigar caçadores ou famílias em curtas expedições.

Outro dado interessante do estudo feito por Viveiros de Castro é o fato de que todas as aldeias Araweté localizam-se em áreas de antigas roças³¹ (*ibid.*, p. 312). Ou seja: o complexo de estruturas em torno de uma aldeia influencia no momento em que esta é transferida de lugar.

Os Tapirapé, estudados por Baldus (1970) e Wagley (1977) também sazonalmente fragmentam a aldeia em grupos familiares que se deslocam para a savana e passam um período caçando, coletando e pescando, erguendo um abrigo temporário em um local considerado mais propício.

Os Parakanã são um caso à parte. A cisão interna, no fim do século XIX, criou um grupo mais sedentário (os Parakanã orientais) e um grupo praticamente nômade (os Parakanã ocidentais).

Quando Fausto (2001, p. 59) indica que os Parakanã ocidentais foram aumentando o período de *trekking* e perdendo a agricultura, lê-se nas entrelinhas que o grupo, quando uno, praticava sazonalmente essa atividade. Dessa forma, temos um curioso exemplo de

³⁰ Balée (1994, p. 210) define grupos *trekkers* como os que passam seis meses por ano longe da aldeia, para a qual acabam voltando. Os *trekkers* fariam parte de um grande grupo “agrário”, no qual também estariam inseridos os cacicados e os semi-sedentários.

³¹ Balée (1989, *apud* MORAN, 1990) confirma essa afirmação e acrescenta que os Asurini também ocupavam áreas antropogênicas com terra preta.

um grupo, os Parakanã ocidentais, sem praticas agrícolas, mas que se une na aldeia no período seco e se separa no período de chuva.

Os Asurini do Xingu também erguiam abrigos na mata: as *Tapyia*. Müller (1990, p. 74) as descreve como sendo de pequena dimensão, sem paredes e construídas a partir da folha de palmeiras. A antropóloga indica que as *Tapyia*, além de abrigo para o período em que os índios deixam a aldeia para caçar e coletar, também são utilizadas em áreas de roça.

Por fim, encontramos os Urubu-Ka'apor, estudados por Balée (1994). Esse grupo, dentro dos escolhidos para dialogar com os dados arqueológicos, é o mais sedentário. Os Ka'apor possuíam um sistema ecológico mais próximo do indicado para os Tupinambá (ASSIS, 1996), no qual o “núcleo” da aldeia era abandonado somente quando a aldeia era transferida para um outro lugar: a fragmentação nunca era total. Ribeiro (2006, p. 86), que esteve entre os Ka'apor quase meio século antes de Balée, teve a oportunidade de descrever abrigos de roça desses índios “*de 2,5m de comprimento por 1,1 de largura e 2 de altura (...). Enquanto a roça cresce na mata, eles ficam a colher o que plantaram o ano passado no alto Coracy, onde também há mais caça do que peixe. Assim somente daqui a uns quatro ou cinco meses voltarão àquele pouso*”.

Ao visitar outra aldeia Ka'apor, Ribeiro também encontrou roças longínquas (da aldeia), que “*(...) os obriga a torrar a farinha na roça mesmo, onde têm vários xipás e uns fornos que quase lhe dão um aspecto de pequena aldeia*” (*ibid.*, p. 400; grifo nosso). O pesquisador relata a tendência ao afastamento das roças à medida que as terras próximas à aldeia iam empobrecendo, até que em determinado momento a aldeia se muda para uma dessas roças. Sem dúvida, trata-se de algo muito mais complexo do que uma simples divisão aldeia-acampamento. Existe um contexto de grupos “aparentados”, mas que possuem diferenças em diversos campos.

Como os estudos dos sítios Tupi (tanto do Cavalo Branco quanto dos demais) não forneceram dados que permitissem inferências sobre a morfologia das casas, decidiu-se por não trabalhar diretamente com o assunto. O complexo de estruturas (e.g. aldeia, abrigo de roça, casa dos homens, acampamento de caça etc.) e a possibilidade de sobreposição cronológica dessas estruturas exigem cautela para tratar desse tópico.

2.5 ESTRATIGRAFIA DO SÍTIO CAVALO BRANCO

Durante a etapa de escavação do sítio Cavallo Branco, foi possível observar, na área com solo antrópico, apenas um grande pacote arqueológico, de aproximadamente 20cm de profundidade, que se iniciava próximo dos 12cm e terminava entre 30 e 35cm de profundidade. O material encontrado antes e depois desse nível arqueológico era mais escasso, provavelmente tendo migrado de nível por processos bióticos e/ou antrópicos. A única opção, tratando-se de um grupo Tupiguarani (como será constatado adiante), seria o da ocorrência de (uma ou diversas) reocupações.³² No entanto, como bem observado por Noelli (1993, p. 96), a definição de um máximo de seis anos de duração para cada assentamento Tupiguarani é dúbia. Essa definição foi baseada em relatos feitos em um período em que “*as situações de mudança de aldeia estavam condicionadas às pressões da sociedade ibérica*”.

A situação geomorfológica do sítio Cavallo Branco pode ser responsável pela ausência de intervalos entre as ocupações. Localizado em uma área de média-baixa

³² Como visto, o tipo de sedimento escuro encontrado no sítio indicava curtas ocupações.

vertente, com uma inclinação suave, o local do sítio, ao contrário de um platô na baixa vertente (e.g.), não seria uma área de depósito coluvial. Esse sedimento de colúvio seria transportado pelo sítio até o entorno do igarapé (na baixa vertente), carregando parte do material arqueológico, sendo responsável por uma construção muito mais lenta da estratigrafia.

A significativa presença de material nos extremos leste e nordeste do sítio, na parte diretamente abaixo da área de habitação, seria um dos pilares a sustentar essa inferência. O fino pacote de 5 a 8cm que se formou nos 300 a 500 anos (estimados) desde o abandono final do sítio é outro forte indicador de que o processo de deposição sedimentar é extremamente lento, no local.

2.6 CRONOLOGIA DO SÍTIO CAVALO BRANCO

2.6.1 Datações radiocarbônicas

O sítio Cavalo Branco possui, no momento, seis datações absolutas feitas a partir de carvões coletados, como mostra o gráfico abaixo:

Sítio	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação	Calibragem
Cavalo Branco	T2	N6	Carvão	210848	1330+-70 d.C. ³³	2 sigma
Cavalo Branco	40V-81D	150-160cm	Carvão	210847	1270+-40Pd.C	2 sigma
Cavalo Branco	220V-340D	30-40cm	Carvão	230214	1150+-60 d.C	2 sigma
Cavalo Branco	1R-100D	30-40cm	Carvão	210849	725+-65 d.C	2 sigma
Cavalo Branco	40R-100D	30-40cm	Carvão	230215	3120+-70 a.C	2 sigma
Cavalo Branco	40V-81D	80-90cm	Carvão	210846	3500+-40 a.C	2 sigma

Tabela 2.6.1 Datações do sítio Cavalo Branco.

O primeiro ponto a ser comentado é, sem dúvida, a presença de duas datas com profundidade cronológica superior a 3000 a.C. Trata-se de uma incongruência em relação a uma cronologia de um grupo Tupi. Tais datas não são sustentadas nem por uma seqüência estratigráfica do sítio Cavalo Branco nem pelas datações já obtidas para a região do sudeste paraense (que serão discutidas no **Capítulo 7**), assim como pela cronologia Tupiguarani do restante do país. Dessa forma, ambas as datações (3500+-40 a.C. e 3120+-70 a.C.), *a priori*, não serão consideradas no presente estudo. Ainda assim, considero importante a divulgação dessas datas para futuros trabalhos.

³³ Antes de Cristo e depois de Cristo.

É possível observar que há uma inversão estratigráfica quanto às datas, mas é importante lembrar que duas datas vêm de unidades de escavação “excepcionais”: a quadra T2 fazia parte da trincheira localizada em um montículo cujo pacote arqueológico era muito mais espesso do que no restante da área com solo antrópico do sítio. O mesmo acontecendo com a quadra 40V-81D que, por sua vez, atingiu 200cm de profundidade, nada parecido com o pacote arqueológico de 30cm encontrado no restante do sítio. Ou seja: tratava-se de duas áreas cujos contextos deposicionais destoaram do restante do sítio, causando anomalias que podiam passar a impressão de “inversões”.

Os dados obtidos com as datações radiocarbônicas apontam para uma ocupação pré-histórica para o grupo que habitou o sítio Cavalo Branco. Interessante notar, no entanto, que as datações foram todas realizadas, em condições normais, nos níveis mais profundos do pacote arqueológico. Tal opção foi intencional, com o propósito de evitar prováveis perturbações dos níveis superficiais (como a utilização do arado) e identificar o início da cronologia da ocupação do sítio.

No entanto, os dados não são conclusivos com relação ao início da ocupação. A datação de 725±65 d.C. é aqui considerada como a mais antiga, ainda que essa data permaneça isolada. Do mesmo modo, a cronologia, que não tem um início inteiramente definido, também não tem dados quanto à(s) última(s) ocupação(ões). O que se observa são datas localizadas no setor mais profundo do pacote arqueológico, que se aproximam do período de contato, sugerindo a possibilidade de os níveis superiores do sítio possuírem datas que adentram no período de contato (histórico). Sugestão que poderia apontar meados do século XVII como uma das últimas possibilidades de ocupação da área, já que nessa época *“a jesuit priest reported that a ‘hundred league’ stretch of the Tocantins River had been abandoned out of fear of the portuguese slavers”* (SWEET, 1975, *apud* CORMIER, 2003, p. 5).

O que se tem de mais sólido dentro da cronologia estabelecida pelas datações radiocarbônicas são as quatro datas que, grosso modo, apontam para o período de 700 d.C. a 1300 d.C., consideradas mais relevantes para o presente estudo. Essas datas não são apenas próximas entre si, mas possuem relativa semelhança com as datações dos outros sítios a serem trabalhados (**Capítulos 5 e 7**).

2.7 ÚLTIMAS NOTAS

Por meio do estudo dos dados obtidos no campo do sítio Cavalo Branco já foi possível constatar:

- a existência de uma mancha de solo antrópico (escuro), de aproximadamente 2ha, com grande densidade cerâmica, considerável densidade lítica e restos faunísticos. Os dados químicos e morfológicos do solo, aliados a dados sobre a dimensão da área com solo antrópico, a densidade do material arqueológico e a presença de restos faunísticos, permitem inferir que essa área foi uma antiga área de habitação: uma aldeia;
- que a elevação topográfica onde foi realizada a trincheira era uma lixeira, uma área de refugo de material (cerâmico, lítico e com uma quantidade de restos faunísticos superiores ao restante do sítio). A datação de 1330+-40 d.C., na base da lixeira, indica que essa foi feita durante o último período de ocupação identificado nas datações por C14.

Outras questões, apesar de já terem recebido alguma atenção, ficam na dependência dos resultados a serem obtidos pela análise cerâmica e lítica (vide capítulos **3, 4, 5 e 6**) e podem ser resumidas a:

- área com sedimento de transição localizado a aproximadamente 150m a NE da área com solo antrópico. Não foi possível definir se se trata de uma estrutura pertencente à aldeia que existiu na área onde foi encontrado o solo antrópico ou se foi uma reocupação do sítio. Em ambas as possibilidades, fica em aberto a definição do tipo de estrutura existente nessa área (tópico que será retomado no **Capítulo 6**);
- diferença entre datações, que indicam mais de um período de ocupação, em contraste com um único pacote estratigráfico.

CAPÍTULO 3

3 O MATERIAL LÍTICO DO SÍTIO CAVALO BRANCO

3.1 INTRODUÇÃO

A análise do material lítico do sítio Cavalo Branco foi iniciada por Filipe Amoreli e finalizada por Danilo Galhardo, no ano de 2007, mas esse material não é o foco do presente estudo. No entanto, desprezar os dados que tamanha coleção de líticos poderia trazer (sem dúvida, uma das maiores em contexto amazônico em um único sítio), seria virar as costas para o segundo material arqueológico mais presente no local objeto desta dissertação.

Detalhes metodológicos, assim como uma descrição mais completa da indústria lítica do sítio Cavalo Branco, poderão ser encontrados no relatório elaborado por Danilo Galhardo (SCIENTIA, em elaboração *b*). O autor baseou sua metodologia no pressuposto teórico-metodológico de “cadeia operatória”, defendido em obras como as de Tixier *et al.* (1980), Cahen 1979, Caldarelli (1983), Rostain (1986), Collins (1989/1990), Karlin *et al.* (1991), Pelegrin (1991), Perlès (1991, 1992), Inizan *et al.* (1995), Bodu (1998/1999), Fogaça (2001), Dias (2003), Prous (1986/1990, 2002, 2004), Hoeltz (2005), Rodet (2005) e Viana (2005).

Neste trabalho, faremos apenas uma breve descrição do material, dando preferência às categorias com maior potencial informativo como instrumentos retocados, núcleos unipolares, lascas unipolares inteiras, produtos bipolares e artefatos picoteados ou polidos, e deixando de lado categorias como artefatos brutos e lascas fragmentadas, menos relevantes para o estudo. Da mesma forma, questões relacionadas a alterações térmicas, por não terem influenciado significativamente a indústria lítica do sítio Cavalo Branco, não foram inseridas neste capítulo.

3.2 DESCRIÇÃO DO MATERIAL LÍTICO

Foram encontradas, no sítio Cavalo Branco, um total de 3.668 peças que representam sua indústria lítica, entre artefatos lascados, picoteados e polidos, identificadas e analisadas de acordo com as categorias apresentadas na Tabela 3.2.1.

Matéria-Prima																
Categorias																
	N/I	Quartzo	Xisto	Gnai	Lat.	R.Ve.	Riol.	Gran.	Silex.	Qzito	Aren.	Silt.	O.F.	Ar./S.	Bas.	Total
Lasca Unipolar Inteira	6	92	0	1	1	0	0	0	282	21	7	0	0	3	0	413
Lasca Fragmentada	1	127	0	0	0	0	0	0	187	12	9	0	1	2	1	340
Fragmento Lasca	9	454	4	1	0	0	1	0	1022	72	22	7	7	8	7	1614
Detrito	9	285	0	0	3	0	0	0	225	20	14	6	2	1	3	568
Produto Bipolar	2	52	0	0	0	0	0	0	74	1	4	0	1	0	0	134
Núcleo Unipolar	0	19	0	0	0	1	0	0	28	7	3	0	0	0	2	60
Nucleiforme	1	4	0	0	0	0	0	0	10	12	0	0	0	0	0	27
Inst. Brutos Debitagem	0	11	0	0	0	0	0	1	93	5	2	0	0	1	1	114
Instrumento	0	10	0	0	0	0	0	0	52	0	2	0	0	1	3	68
Lâmina Polida	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0	0	0	0	0	3	13
Picoteador/Percutor	0	0	0	1	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	4
Polidor Manual	0	4	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	1	0	9
Lasca e Frag. Polido	0	1	42	0	0	74	0	4	0	5	2	1	2	1	10	142
Seixo com estrias	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Seixo córtex desgastado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Produtos Proc. FeO	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	58	0	0	59
Lítico Bruto	13	21	0	0	0	0	0	0	3	8	1	1	1	0	0	48
Produto Térmico	1	12	0	0	0	0	0	0	25	2	9	1	2	0	1	53
Total	44	1092	46	3	4	85	1	5	2003	171	75	16	74	18	31	3668

Tabela 3.2.1. Matéria-prima por categoria lítica.

Abreviações: Gnai.-Gnaiss; Lat.-Laterita; R. Ve.-Rocha Verde; Riol.-Riolito; Gran.-Granito; Silex.-Silexito; Qzito.-Quartzito; Aren.-Arenito; O.F.-Óxido de Ferro; Ar./S.-Argilito/Silito; Bas.-Basalto.

3.2.1 Instrumentos retocados

A matéria-prima dos instrumentos retocados ficou restrita principalmente ao silexito (77%) e ao quartzo (16%). Também foram observados instrumentos retocados de basalto, argilito, arenito e arenito silexificado. Segundo Galhardo (ibid.), as qualidades inerentes ao silexito foram decisivas para a escolha dessa matéria-prima. O suporte para a

produção desses instrumentos foram seixos rolados (30 peças), lascas (16 peças), blocos (11 peças) e nódulos (10 peças).

Os instrumentos encontrados são de pequena dimensão: do total, 78% dos instrumentos retocados possuem entre 17 e 40mm de comprimento, o restante não ultrapassando 87mm. Em 70% das peças, a largura não ultrapassou os 33mm, e, em 63%, das peças a espessura medida foi de 5 a 15mm.

Em 32 instrumentos, o córtex estava presente em 25% da superfície. Em outras 16 peças, esse percentual foi de 50% da superfície e, em 8 peças, de 75% da superfície. Em outros 8 instrumentos, não havia córtex. Segundo Galhardo (ibid.), as reservas corticais indicam uma indústria com pouco trabalho de plena debitagem, o que indica, por sua vez, que os instrumentos mantiveram características naturais advindas dos suportes.

Foi constatada uma preferência por executar os retoques na face superior dos instrumentos: em 37 desses (ou 54%) havia esse tipo de retoque. Retiradas alternas, retoques inversos e retoques alternantes foram observados em 9 (13%), 8 (12%), e 8 instrumentos (12%), respectivamente. Quanto à localização dos retoques distribuídos pelos instrumentos, foi possível observar que 18 (26,47%) deles foram façoados/retocados nas porções proximal/mesial/distal; 17 (25%) tiveram quase completamente ou completamente seus bordos retocados (total); 13 (19,11%) instrumentos sofreram retoques nas porções mesial/distal, e 13 sofreram apenas modificações na porção distal da peça.

Já a análise da extensão dos retoques apontou que 27 (39,70%) apresentaram apenas retoques curtos; 11 (16,17%), retoques curtos e invasores, e 9 deles apenas retoques longos. As outras porcentagens tiveram menor relevância quantitativa. A morfologia dos retoques, por fim, ficou dividida entre os tipos subparalelo (27 peças ou 41%) e paralelo (26 peças ou 38%).

O ângulo dos gumes foi predominantemente rasante, em torno de 10°: foram contabilizados 29 fragmentos (ou 43%) nessa categoria. Também foram comuns os semi-abruptos: 21 peças (31%) com ângulos em torno de 45° foram encontradas. Por fim, 13 instrumentos (19%) apresentaram juntamente gumes com ângulos rasantes e semi-abruptos.

O delineamento mais recorrente nos gumes foi o convexo (23 peças ou 33,82%), seguido pelo denticulado, encontrado em 19 peças (27,94%), o que corrobora o que foi observado quanto aos ângulos correspondentes. Segundo Galhardo (ibid.), um artefato com delineamento convexo permite maior eficácia se o intuito for, por exemplo, cortar, já que o atrito do gume com a matéria a ser trabalhada será mais intenso. Com o uso e conseqüente desgaste do gume, o instrumento pode se tornar retilíneo ou mesmo côncavo. Todavia, pode ser reavivado, se o esforço de confecção de um novo instrumento for maior que a energia gasta com tal atividade física.

3.2.2 Núcleos unipolares

No total, foram 60 peças analisadas na categoria núcleos unipolares, que não tiveram base de apoio. Dessas, a matéria-prima mais comum foi o silexito, (28 peças), seguido do quartzo e do quartzito, observado em 19 e 7 peças, respectivamente. Também foram identificados núcleos unipolares em basalto, arenito, arenito silexificado e rocha verde.

Apenas 6 núcleos (ou 10%) foram observados sem córtex. A maioria das peças apresentava, aproximadamente, 50% do córtex (25 peças) ou 25% do córtex (19 peças). Foram observadas também 10 peças com, aproximadamente, 75% do córtex.

O suporte desses núcleos foi basicamente o seixo rolado de rio. Suportes em nódulos (17 peças), blocos (13 peças) e em lasca (1 peça), também foram identificados.

A análise da morfologia dos núcleos apontou que a maioria desses (41 peças) possuía forma globular. Formas cônicas (7 peças), cubóides (5 peças), paralelepípedas (4 peças) e discóides também foram observadas.

A maioria dos núcleos unipolares possuía mais de um plano de percussão: foram identificadas 25 peças com 2 planos de percussão, 11 peças com 3 planos de percussão, 3 peças com 4 planos de percussão, e outras 3 peças com mais de 4 planos de percussão. De acordo com Galhardo (ibid.), não há padrão nas retiradas: elas são anárquicas, com posições diversas, sendo possível inferir a possibilidade de ajuste técnico nesta etapa. Isto é: o artesão respeitava a morfologia dos suportes, em razão do exíguo volume.

O plano de percussão preferido nos núcleos unipolares era o cortical, que foi identificado em 31 peças (ou 51%). Planos de percussão do tipo liso/cortical, que apresentavam ao mesmo tempo dois planos diferentes no mesmo núcleo, foram observados em 17 peças (28%). No quadro abaixo a relação de comprimento, largura e espessura das peças:

Comprimento (mm)	
17 a 37 mm	27
38 a 58 mm	22
59 a 79 mm	10
Acima de 79 mm	1
Largura (mm)	
16 a 36 mm	28
37 a 57 mm	24
58 a 78 mm	6
Acima de 78 mm	2
Espessura (mm)	
10 a 30 mm	40
31 a 51 mm	14
52 a 71 mm	5
Acima de 71 mm	1
Tabela 3.2.2. Dimensões dos núcleos unipolares	

3.2.3 Lascas unipolares inteiras

Na maioria das lascas unipolares inteiras (282 peças ou 68%), o sílexito foi identificado como matéria-prima. Assim como nos núcleos unipolares, o quartzo e o quartzito foram frequentes, sendo encontrados em 92 e 21 peças, respectivamente.

Do total, 145 peças possuíam 25% do córtex preservado. No entanto, um número expressivo (115) de peças foi observado sem córtex. Segundo Galhardo (ibid.), muitas das lascas sem presença de córtex sugerem pré-determinação simples, isto é, conservam estigmas (negativos) advindos do núcleo, no qual as nervuras criadas guiaram as seqüências. Outro número significativo foi o de peças com 50% do córtex preservado (91 peças).

O seixo rolado foi o material mais observado nas lascas em que foi possível identificar o suporte (223 peças). Foi possível identificar apenas 30 peças feitas a partir de nódulos e 11 com blocos como suporte.

O perfil da face interna das lascas foi predominantemente convexo (168 ou 40,67%). Perfis côncavos (112 peças) e retilíneos (85 peças) também foram freqüentes.

Um dado interessante surgiu com a análise dos talões: a predominância de talões do tipo liso (175 peças ou 42%) em relação aos do tipo cortical (11%) indicou uma maior presença de núcleos com planos de percussão descorticados (ibid.).

Por fim, a morfologia das lascas indicou que a forma semicircular (147 peças ou 36%) era a mais freqüente, seguida da quadrangular (21%) e da com mais de quatro lados (21%). Outros dados estão resumidos nas tabelas abaixo:

Comprimento do Talão	
1 a 10mm	190
11 a 20mm	153
21 a 30mm	47
31 a 40mm	11
40 a 54mm	2
Largura do Talão	
1 a 10mm	386
11 a 20mm	23
21 a 30mm	3
Tabela 3.2.3. Dimensões dos talões.	

Comprimento das Lascas	
5 a 15mm	199
16 a 25mm	150
26 a 35mm	45
36 a 45mm	9
46 a 55mm	7
55 a 98mm	3
Largura das Lascas	
6 a 16mm	235
17 a 27mm	129
28 a 38mm	34
39 a 49mm	10
50 a 78mm	4
Espessura das Lascas	
1 a 10mm	365
11 a 20mm	44
21 a 30mm	3
Tabela 3.2.4. Dimensões das lascas.	

3.2.4 Produtos bipolares

Decidiu-se por agrupar em uma mesma categoria lascas e núcleos bipolares, em virtude de uma falta de atributos desses, seja pelo excesso de fraturas (principalmente devido aos veios de quartzo) ou pelo tamanho reduzido das massas. Para Galhardo (ibid.), a utilização da técnica bipolar sobre o quartzo se deve principalmente à má qualidade desse mineral. Como a utilização da técnica unipolar não permitiria ao lascador confeccionar um produto controlado, com uma matéria-prima de baixa qualidade, empregar-se-ia a estratégia bipolar.

O sílexito (74 peças) e o quartzo (52) foram as matérias-primas mais identificadas nos produtos bipolares. Arenito (4 peças), quartzito (1peça) e óxido de ferro (1 peça) também foram identificados, ainda que em número muito inferior.

Mais uma vez, o seixo rolado foi o suporte mais utilizado: do total, 55% (73 peças) dos produtos bipolares tiveram esse suporte. Também houve um número expressivo de nódulos identificados (26 peças ou 19%).

A observação da quantidade de córtex indicou categorias com quantidades semelhantes. Foram identificadas 33 peças com 25% do córtex, 27 peças com 50% do córtex, 21 peças com 75% do córtex, 11 peças com 100% do córtex, e 16 peças com córtex no dorso da peça. Em outras 26 peças, não foi possível identificar a quantidade de córtex.

A morfologia dos produtos bipolares foi, em geral, considerada irregular: foram identificadas 101 peças (73%) com morfologia irregular, 26 peças com morfologia cônica, e 11 peças com morfologia laminar. As dimensões dos produtos bipolares estão descritas na tabela abaixo:

Comprimento (mm)	
9 a 19	37
20 a 29	57
30 a 39	28
40 a 49	7
50 a 59	3
60 a 69	1
Acima de 69	1
Largura (mm)	
9 a 19	67
20 a 29	44
30 a 39	14
40 a 49	6
Acima de 49	3
Espessura (mm)	
3 a 13	100
14 a 23	29
24 a 33	4
Acima de 33	1
Tabela 3.2.5. Dimensões dos produtos bipolares.	

3.2.5 Lâminas picoteadas/polidas

Foi registrada apenas uma única lâmina inteira. As outras 12 estavam fragmentadas. A análise da matéria-prima das lâminas indicou uma diferente escolha dos artesãos frente ao restante da indústria do sítio. A matéria-prima mais recorrente nas lâminas foram as rochas verdes (9 peças). Também foram identificadas lâminas de basalto e granitóides.

Segundo Galhardo (*ibid.*), pelo número de peças fragmentadas e pela habilidade de manufatura demonstrada, esse instrumental tinha grande relevância no cotidiano do(s) grupo(s) que habitou(aram) o sítio. A ausência de um maior número de lâminas inteiras *in situ* corrobora esse pensamento, pois a valorização de um objeto inclui o esforço de aquisição da matéria-prima e o tempo de trabalho gasto em sua produção. Assim sendo, possivelmente existiu uma quantidade superior de lâminas inteiras *in situ*, mas elas devem ter sido levadas a outro lugar pelo grupo, a fim de aproveitá-las (*id.*, *ibid.*).

A distribuição espacial das lâminas é um dado extremamente interessante, e será utilizada na busca da compreensão das diferentes áreas do sítio Cavalo Branco, encontrada no **Capítulo 6**.

3.3 OBSERVAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DA INDÚSTRIA LÍTICA DO SÍTIO CAVALO BRANCO

Para Galhardo (*ibid.*), a obtenção de rochas/minerais frágeis para lascar e confeccionar utensílios de diversas funções (cortar, raspar, perfurar e outras) não exigiu grandes deslocamentos ou gastos de energia. Os suportes encontrados na indústria lítica analisada refletem a busca em afloramentos secundários, próximos a córregos e rios. Isto é: seixos e calhaus rolados de formas arredondadas ou ovais com o córtex alterado pela ação fluvial para uma fina ‘capa’ de proteção (chamada de “neo-córtex”) podiam ser facilmente recolhidos junto aos cursos d’água.

O pesquisador concluiu que os volumes dos suportes refletem uma opção de coleta de suportes pequenos ou a disponibilidade limitada de matrizes de maior volume. Como se parte do pressuposto racional de seleção de matérias-primas, do “saber-fazer” apreendido em grupo, é plausível interpretar que os suportes não foram recolhidos de modo aleatório, mas de forma condicionada pelas condições naturais. O fato posto é que a escolha de matérias-primas, tipos e tamanhos característicos está ligada às técnicas de talhe. Outros tipos de matérias-primas como nódulos, blocos e até produtos de debitage também serviram de suportes aos instrumentos, entretanto, em porcentagem inferior em relação aos seixos.

Galhardo (*ibid.*) também aponta para uma resposta sobre quais etapas da cadeia operatória ocorriam *in situ*, baseando-se tanto na frequência de núcleos que guardam em suas faces reserva cortical e negativos de tamanho correspondentes aos encontrados nas lascas quanto na presença de lascas corticais, refletindo que as primeiras fases da debitage aconteciam no sítio. As características dos instrumentos são similares, corroborando essa inferência: as peças encontradas são produtos manufaturados de maneira expedita, sem adequação morfológica “formal”, isto é, não havia etapas de *façonnage*: a debitage era empreendida visando a retiradas periféricas próximas aos bordos.

De acordo com o pesquisador, a relativa simplificação técnica na confecção dos instrumentos faz com que haja muita similaridade entre os núcleos, fornecedores de pequenas lascas e de pseudo-instrumentos transformados apenas em suas porções

periféricas. Na indústria lítica, parece ter havido dois grupos principais de instrumentos: aqueles sobre suportes *in natura*, com etapas periféricas de desbastamento, pouco modificados, e os sobre produtos de debitação retocados ou brutos, com poucas transformações de caráter morfológico e grau mais avançado de debitação.

Em sua análise, Galhardo conclui que a técnica de percussão unipolar (à mão livre) foi a mais recorrente, mas também observou um número muito elevado de fragmentos de lascas com tecnologia indeterminada, que podem ter advindo de "acidentes" na percussão bipolar (com apoio).

Segundo ele, a aptidão para o lascamento foi demonstrada principalmente no sílexito, altamente representado em ambas as técnicas de debitação. No entanto, a correlação entre o quartzo e a técnica bipolar, quando medida de maneira proporcional, sugere uma economia de matéria-prima (utilização diferencial ou preferencial de matéria-prima), em que a técnica bipolar seria particularmente aplicada em quartzos de má qualidade, podendo solucionar não só um problema técnico, mas também visando a aproveitar os recursos, adequando conhecimento e disponibilidade litológica.

A debitação dos seixos pelo método de "fatiagem" foi observada em ambas as técnicas, produzindo, muitas vezes, lascas corticais espessas, com morfologia que lembra muito gomos de laranja e calotas.

Galhardo indica que, na indústria do Cavalo Branco, há uma associação entre os produtos lascados e aqueles obtidos pelo método de picoteamento/polimento. Os atributos da matéria-prima para confecção desses instrumentos costumam se diferenciar dos usados nos produtos lascados: rochas heterogêneas, em geral, semi-fragéis ou duras são procuradas. Matérias-primas aptas ao picoteamento/polimento são disponíveis regionalmente, mas não tanto quanto os calhais/seixos locais, principalmente se houvesse seleção mais criteriosa de formas e tipos de rochas, exigindo maior deslocamento para sua obtenção.

Por fim, o pesquisador relata que as lâminas (artefatos polidos) encontradas no sítio apresentam-se fragmentadas (exceção feita a apenas uma peça), principalmente na região distal. Há ocorrência de lâminas com sinais de lascamento posteriores à quebra, podendo refletir o aproveitamento de matéria-prima e o uso para outra atividade.

CAPÍTULO 4

Cerâmica do Sítio Cavalo Branco

4 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO CAVALO BRANCO

“O admirável aqui é a preocupação de beleza expressa na perfeição desses objetos. Desde os mais simples aos mais complexos, todos são feitos com perfeição muito superior à sua função de utilidade” (Os Diários Índios, de Darcy Ribeiro entre os Urubu-Ka’apor).

4.1 NOTA INTRODUTÓRIA

O resgate arqueológico do sítio Cavallo Branco levantou uma amostragem de, aproximadamente, 50 mil fragmentos cerâmicos. Consideramos que, para esta dissertação de mestrado, uma análise de todas as quadras escavadas (ainda que se levasse em consideração apenas o material diagnóstico) seria inviável: apenas a lavagem do material, feita de forma regular e contínua, levou aproximadamente 18 meses. Dessa forma, optou-se por uma metodologia que intercalasse análise qualitativa e análise quantitativa, dividindo as amostras da seguinte maneira:

1. **amostra qualitativa**: contou com as quadras mais densas, geralmente as que foram expandidas (i.e. unidades 100D, 140D e 40V-80D, além das quadras 20V-60D e 40V-60D), e as 8 quadras da trincheira;
2. **amostra quantitativa**: contou com o restante da malha, mas com uma ampliação dessa que abarcou apenas quadras escavadas em um tabuleiro de 40 x 40m, em vez de 20 x 20m. Ou seja: 1/4 do total de quadras teve seus fragmentos diagnósticos analisados nessa amostragem. Pode-se observar melhor a divisão qualitativa das quadras analisadas no croqui abaixo.

Fig. 23 Mapa com a disposição das quadras escavadas no sítio Cavalo Branco. Os pontos em vermelho referem-se às quadras selecionadas para a análise quantitativa.

Com essa separação, que levou em conta 2.513 fragmentos, buscamos atender aos seguintes requisitos: (1) uma caracterização da indústria cerâmica do grupo que habitou o sítio Cavalo Branco suficiente para permitir uma comparação desse sítio com outros da região (**Capítulo 5**) e com a tradição Tupiguarani em geral; (2) uma amostra sistemática, que pudesse atender às questões relativas à espacialidade do sítio levantadas no **Capítulo 2**; (3) uma amostra mínima para tratar as questões cronológicas relativas à ocupação do sítio.

Das quadras que não se analisou material cerâmico, foi feita uma seleção de peças (e.g. fragmentos decorados, com inflexões) para registro fotográfico (vide pranchas cerâmicas com “seleção fotográfica”), contribuindo para a caracterização da indústria cerâmica.

4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE

O trabalho realizado com o material cerâmico proveniente do sítio arqueológico Cavalo Branco segue uma metodologia adotada e desenvolvida nos estudos da Scientia Consultoria Científica, com modificações para tornar o estudo ainda mais rigoroso, levando em consideração a sequência: (1) curadoria (lavagem, triagem, pesagem e numeração dos fragmentos considerados diagnósticos); (2) análise do material (cujas categorias serão descritas abaixo); (3) desenho, reconstituição das bordas, cálculo volumétrico dos vasilhames e desenho das bases; (4) cruzamento dos dados para a elaboração de tabelas estatísticas; (5) síntese dos resultados e conclusões.

A curadoria foi realizada de forma a deixar todos os dados da procedência do material simples e diagnóstico (e.g. quadra e nível) ligados a ele. São considerados diagnósticos paredes com decoração e/ou tratamento de superfície especial (e.g. polimento) e/ou algum tipo de marca (e.g. cestaria, marca de folha), bordas, bases, bolotas de argila, rodas de fuso, carenas, ombros, flanges, cachimbos, asas, alças, apliques, suportes de tampa e adornos.

Para separação dos diagnósticos, partiu-se do critério descrito por Santos (2002, p. 82): *“a possibilidade de informações a serem obtidas com relação às formas e decorações, os mais indicados elementos para a caracterização da indústria cerâmica em questão, assim como outros atributos técnicos e morfológicos significativos”* (e.g. uma forma diferenciada de tratamento de superfície ou marca deixada no fragmento desde a manufatura do vaso à descoberta do fragmento pelo arqueólogo).

Foi observada uma série de atributos dos fragmentos diagnósticos relativos à cadeia operatória desse material cerâmico, desde o trabalho realizado por oleiras(os)³⁴ com material primário (por exemplo, a argila), até o uso e descarte desses vasos, adornos e utensílios.

Definida a classe do material (borda, bolota de argila etc.), o primeiro atributo analisado foi a técnica de manufatura dos artefatos. Rice (1987, p. 129) lembra que, muitas vezes, um vaso pode ser feito com mais de uma técnica. Por exemplo: base

³⁴ Apesar de alguns exemplos contrários, sabe-se que, na grande maioria dos casos, são mulheres as responsáveis pela manufatura dos vasos. No caso Tupiguarani, isso foi observado por autores como Abbeville (1975). Dessa forma, acreditamos que seja mais correto referir a “oleiras” do que a “oleiros”.

modelada e bojo acordelado ou corpo acordelado com apliques modelados sobre a borda. Dessa forma, os fragmentos poderiam ser inseridos, de acordo com a técnica de manufatura, nas categorias acordelado, modelado, acordelado+modelado, torneado e torneado+modelado. No entanto, como o material cerâmico proveniente do resgate do sítio Cavalo Branco pertencia, *a priori*, a um grupo pré-histórico (ou pré-contato), as formas de manufatura ligadas ao torneamento foram eliminadas, já que não há registros do uso dessa técnica por populações pré-cabralinas no Brasil.

A seguir, foi observado o tipo de antiplástico utilizado na pasta destes fragmentos, composto simplesmente por minerais (encontrados de forma natural na argila ou inseridos pelo artesão), de cariapé (casca de árvore queimada e moída), cerâmica (ou caco moído), carvão ou cauixi (tipo de esponja triturada). Não foi observada a presença de concha como antiplástico em nenhum fragmento. Dessa forma, foram encontrados antiplásticos de origem vegetal (e.g. cariapé), mineral (e.g. quartzo) e animal (e.g. cauixi).

Os estudos realizados anteriormente nos sítios da LT Tucuruí-Presidente Dutra ajudaram na identificação de diferentes materiais antiplásticos que não constavam no código de análise mas já estavam relacionados para o sítio Cavalo Branco, com destaque para a argila moída. Os materiais antiplásticos foram encontrados sozinhos ou combinados (e.g. cerâmica+carvão). Os minerais foram classificados em separado, visando a apontar a presença de quartzo, óxidos ferrosos (e.g. limonita, hematita) e mica.

Esses materiais são, muitas vezes, encontrados de forma natural nas argilas, mas, em certos momentos, a utilização de minerais pode ser determinante no resultado da manufatura. Um exemplo seria o da utilização de óxidos de ferro para uma determinada coloração do vaso. Tal processo, segundo Rye (1981, p. 31), ocorreria até o presente, com a utilização dos óxidos como corantes pelas olarias modernas.

Os materiais inorgânicos utilizados como antiplástico, mais adequados para conferir resistência ao pote, são os com expansão térmica menor ou igual à da argila, como os feldspatos (não incluídos no código de análise). O quartzo, mineral mais recorrente nos fragmentos analisados, apresenta uma expansão térmica muito superior à da argila, não sendo um dos antiplásticos mais adequados (*id.*, *ibid.*, p. 27).

Outros atributos observados nos antiplásticos foram a espessura e porcentagem em que eram encontrados na pasta. Seguimos o modelo de identificação de Mathew *et al.*

(*apud* ORTON *et al.*, 2003), está descrito no Anexo 8. Por fim, procuramos identificar o aspecto do quartzo, componente presente em praticamente todos os fragmentos analisados. Buscamos compreender se este mineral seria natural ou inserido antropicamente, a partir do pressuposto de que “*sharp angular fragments suggest crushing, whereas round forms do not*” (*id.*, *ibid.*, p. 37).

Para Arnold (1997, *passim*), os antiplásticos são componentes importantes para a secagem, que precisa ser uniforme no vaso, além de redutores da superfície absorvedora de água. Pode-se acrescentar que os mesmos são poderosos auxiliares na sustentação do “esqueleto” do vaso. Antiplásticos muito grandes e/ou em grande quantidade, por outro lado, podem deixar o vaso extremamente frágil. Dessa forma, não só a adição de antiplásticos é importante, mas também a retirada dos mesmos, se encontrados em grande número e tamanho.

A utilização dos antiplásticos torna mais fácil o que Rye considera a propriedade mais importante da fase pré-queima da cerâmica: maleabilidade (*workability*), que aumenta com o uso adequado da argila e das propriedades não-plásticas. Segundo Rye, maleabilidade não é sinônimo de plasticidade, classificada por ele como a propriedade que permite à argila ser deformada em uma nova forma. De acordo com esse autor (*op. cit.*, p. 31), uma argila altamente plástica teria pouca maleabilidade se utilizada sozinha.

A próxima categoria analisada foi a da queima, com base numa adaptação da tabela elaborada por Rye (*ibid.*) exposta no Anexo 8.

A qualidade do vaso produzido, a forma que ele é utilizado, as condições químicas do solo em que esse material foi depositado e a interferência do homem e de outros animais no processo deposicional influirão diretamente no seu estado de conservação. De acordo com a tabela de classificação, o vaso pode ser considerado não-erodido, erodido na face externa (FE), erodido na face interna (FI) ou erodido em ambas as faces (AF).

A seguir, observou-se a classificação dos tratamentos de superfície. Muitos vasos são apenas alisados em uma das faces. Algumas vezes, nenhum tipo de alisamento é observado. Rice (*op. cit.*, p. 138) argumenta que os vasos são alisados para criar uma superfície mais regular do que a produzida durante a “construção” dos mesmos. O alisamento pode ser realizado com uma ferramenta suave e flexível, como um tecido, ou com a própria mão.

A presença de polimentos e engobos também pode ser relacionada aos tratamentos de superfície. O polimento foi considerado uma forma de alisamento (intensa) do vaso. Assim, tanto a face interna quanto a face externa do fragmento poderiam ser classificadas como possuidoras de alisamento fino, alisamento médio, alisamento grosso ou polimento. Da mesma maneira, os engobos (vermelho, branco, laranja, preto e marrom) e as barbotinas eram observados tanto na FI quanto na FE.

O engobo é, muitas vezes, associado aos tratamentos de superfície e pode também ser relacionado ao campo decorativo, como base para pinturas, conforme descreveremos mais adiante. A barbotina também foi considerada um tratamento de superfície. Assim como o engobo, ela foi definida como um banho que cobriria toda a superfície interna e/ou externa do vaso.

Durante esse processo de manufatura, ou seja, em um momento anterior à secagem e à queima, são deixadas, por vezes, algumas marcas, intencionais ou não. Foram classificadas marcas de dedo, folha, tecido, cestaria e furos.

As marcas de uso são deixadas depois da manufatura. A presente análise se restringiu a observar a presença de fuligem nas faces dos fragmentos, além de detectar a presença de marcas de reciclagem (e.g. vasos quebrados transformados em rodas de fuso). A fuligem na face interna poderia ser uma película de alimento queimado. Se fosse encontrada na face externa, seria um indício de que o vaso foi feito para ir ao fogo (e.g. cozinhar alimentos). No entanto, há de se ressaltar que inferências nesse campo têm de ser sempre cuidadosas, uma vez que tais marcas de fuligem podem ser também deixadas durante a queima do vaso ou um processo pós-deposicional.

As bordas foram analisadas em sua morfologia, inclinação e espessura. No campo morfológico, a borda poderia ser classificada como direta, extrovertida, introvertida, cambada, vazada, extrovertida com ponto angular ou extrovertida com ondulação. A inclinação, quando identificada, poderia ser considerada vertical, inclinada internamente ou inclinada externamente. A espessura da borda poderia ser classificada como normal, expandida, reforçada internamente, reforçada externamente, reforçada em ambas as faces, dobrada ou contraída.

Analisadas as principais características da borda, partia-se para análise do lábio, identificando-o como arredondado, plano, apontado ou biselado. Depois dessa identificação, media-se, em centímetros, sua espessura.

De posse das informações sobre a borda e o lábio, media-se o diâmetro (em centímetros) da boca do vaso, com o auxílio de um ábaco. Só depois de reunidos esses dados foi possível fazer o desenho dos fragmentos e a reconstituição dos vasos. Quando considerada “confiável”,³⁵ a reconstituição era inserida em uma categoria de formas baseada em suas características morfológicas e tinha seu volume calculado.

A construção de tipologias de formas cerâmicas buscou seguir uma metodologia anteriormente empregada no estudo cerâmico da região elaborado por Daniella Amaral (SCIENTIA, em elaboração *a*), com vistas a uma padronização dos estudos que permitisse comparações entre os sítios (vide **Capítulo 5**).

A descrição morfológica das reconstituições partiu de uma relação geométrica entre a altura do vaso e o diâmetro (ou raio) da boca. Dessa divisão, surgiram quatro grupos iniciais: vasilhas esféricas, semi-esféricas, em forma de calota e rasas.

As vasilhas esféricas apresentam altura maior do que o raio da boca. As semi-esféricas têm altura menor ou igual a $\frac{2}{3}$ do diâmetro da boca e maior que $\frac{1}{3}$ do diâmetro da boca. As em forma de calota possuem altura menor ou igual a $\frac{1}{3}$ do diâmetro da boca. Vasilhas rasas, por fim, são planas ou semi-planas, praticamente sem altura entre a base e a boca. Uma segunda divisão era relacionada ao contorno do vaso:³⁶ vasos simples, infletidos,³⁷ compostos ou complexos.³⁸ Por fim, subdividia-se o material de acordo com a abertura da boca. Eram consideradas vasilhas abertas aquelas cujo diâmetro da boca era a maior que o diâmetro do corpo do vaso, e constritas as que apresentavam medida do diâmetro da boca inferior ao diâmetro do corpo do vaso.

Essas informações são primordiais para inferir a funcionalidade do vaso, partindo do pressuposto de que toda cerâmica possui uma função (RICE, 1987, p. 210). No entanto, sabe-se que a relação entre uso e forma não é direta, uma vez que a forma pode

³⁵ Muitas bordas, por conta de sua forma ou tamanho ou por outros motivos, apresentam informações dúbias, que podem não gerar uma reconstituição confiável.

³⁶ Vide definições em Chmyz (1976).

³⁷ As vasilhas esféricas infletidas apresentaram mais uma subdivisão, podendo ser consideradas somente infletidas, ou infletidas com pescoço.

³⁸ Como os vasos complexos eram raros, abrigou-se sob esse mesmo termo tanto vasilhas esféricas quanto semi-esféricas (vide **forma 16**, adiante).

ter uma variedade de usos, assim como a mesma função pode ser realizada com formas diferentes. Tal limitação pode ser amenizada por meio de um diálogo com dados etnográficos sobre a cultura material (MELLO *et al.*, 1996, p. 96).

O tipo e o diâmetro da base do vaso também são determinantes na hora da sua reconstituição. Sem essas informações, não se pode finalizar uma reconstituição. Há de se ressaltar, no entanto, que raros foram os fragmentos analisados no presente estudo que apresentavam, ao mesmo tempo, borda e base. Dessa forma, as informações gerais sobre a análise da base servem como um guia indireto para a reconstituição.

Terminada a análise do sítio e iniciada a etapa de desenho e reconstituição dos vasos, este pesquisador pôde perceber a ausência de bases côncavas, anelares e em pedestal no sítio Cavalo Branco, por exemplo, e que o diâmetro das bases se encontra sempre em uma determinada faixa. Eis um poderoso argumento para deixar a fase de desenhos e reconstituições dos vasilhames para uma fase posterior à da análise. Sem as informações gerais, o trabalho de cada um dos particulares fica comprometido.

Foi anteriormente mencionado que as bases podem ser côncavas, anelares ou em pedestal, além de convexas ou planas. Veremos que esses são os tipos de base mais freqüentemente analisados. Quando possível, o diâmetro da base foi medido em centímetros, e todos os fragmentos foram medidos, em centímetros, na parte de maior espessura.

O último campo de análise foi o decorativo, dividido em três categorias: decoração plástica, incisa³⁹ e pintada. A primeira se subdividia em dez outras categorias: corrugada, ungulada, excisa, roletada, digitada, digitungulada, filete aplicado, escovada, entalhada e ponteadada.

A maior modificação em relação à tabela utilizada na análise do material cerâmico foi na descrição dos motivos incisos ou pintados, uma vez que se observou, no sítio Cavalo Branco, uma grande quantidade e uma grande variação desses motivos, que poderiam ser definidos (tanto na decoração incisa quanto na decoração pintada) poderiam ser definidos como horizontais, traçados, em grega, curvilíneos, complexos, em espiral

³⁹ Apesar de ser considerada plástica, a decoração incisa constituiu uma categoria à parte, para um maior detalhamento dos motivos.

etc. (vide Anexo 8). Foi tomado o cuidado⁴⁰ de desenhar os motivos que mais chamassem a atenção em um caderno à parte, com comentários sobre os detalhes observados.

Identificado o tipo de decoração, indicava-se a sua espessura e o local onde foi realizada (borda, lábio, parede etc.). Qualquer outra informação observada pelo pesquisador era colocada no campo das observações. A última série de categorias, relativas às decorações, por exemplo, teve de ser freqüentemente detalhada *a posteriori*. À recorrência de uma mesma observação (e.g. o aparecimento de um engobo de outra cor), criava-se uma nova opção dentro de uma determinada categoria.

Finalizada a etapa de análise de cada sítio, foi realizado o desenho dos fragmentos (bordas e bases), a reconstituição das formas e o cálculo de seu volume. Obtida a soma das informações, complementadas por outras de laboratório, campo e bibliográficas, realizou-se o cruzamento dos dados em tabelas estatísticas. Por último, redigiu-se o relatório, abrangendo a totalidade do estudo, e tiraram-se conclusões desse total.

Como mencionado no capítulo introdutório, foi realizada uma tentativa não só da obtenção de dados espaciais sobre a área, mas também, e principalmente, de construção de parte da história cultural do grupo que habitou o sítio Cavalo Branco, visando a contextualizá-lo em sua região e a uma compreensão espacial intra-sítio. A abordagem histórico-culturalista não impediu que, durante a análise dos materiais cerâmicos, se procurasse atingir as pessoas que os produziam: suas escolhas, idiosincrasias e formas de realizar um trabalho. Essa abordagem não implicou no estabelecimento de novas fases para a cerâmica da região como meta do estudo. Buscou-se, sim, a ligação do material cerâmico desse sítio com uma tradição arqueológica já existente, a Tupiguarani, assim como com uma fase da região, a Tauari.

4.2.1 Variabilidade e sistemas tecnológicos

Sendo a cerâmica um elemento tecnológico determinante de um comportamento, nossa proposição é ver o homem que desenvolve uma tecnologia como satisfação de suas necessidades e inserido dentro de um contexto ecológico, onde nichos ocorrem, com características geológicas pedológicas e vegetais diferentes, determinando

⁴⁰ Cuidado devido à iniciativa de Lorena Gomes Garcia.

comportamentos distintos, dentro de uma mesma tradição cultural (LA SALVIA e BROCHADO, 1989, p. 5).

Para analisar a coleção foram escolhidas categorias que possibilitassem identificar a variabilidade do material arqueológico, especialmente quanto à tecnologia cerâmica. Tal variabilidade tecnológica foi buscada internamente, respondendo a critérios cronológicos e espaciais, tendo em vista a construção de uma tipologia cerâmica para o sítio Cavalo Branco. Da mesma forma, a variabilidade formal dos artefatos foi o caminho trilhado tanto para relacionar esse sítio (no que se refere a cronologia, espacialidade e tipologia) com outros sítios Tupi da região, quanto para estabelecer uma conexão entre esse material e a tradição Tupiguarani.

A definição de “variabilidade dos objetos” empregada será a cunhada por Schiffer e Skibo (1997, p. 27) por ser mais simples e abrangente, segundo a qual “variabilidade” significa as diferenças e semelhanças dentro de um determinado tempo e espaço. Em um contexto arqueológico, essas diferenças e semelhanças são observadas dentro da cadeia operatória dos artefatos que terão suas propriedades vinculadas às categorias estilo e/ou função.

É de Schiffer (1992) que se empresta também a diferenciação entre variabilidade e variação: “variabilidade” material teria um sentido amplo, cobrindo uma grande faixa temporal e espacial. Dentro dessa grande faixa, os pesquisadores constroem seqüências baseadas nas “variações” observadas.

A conceituação de “sistema tecnológico” é emprestada da síntese feita por Dias e Silva (2001, p. 95) sobre o trabalho de Lemonier (1986), que relaciona esse conceito às “(...) *diversas técnicas ou conjuntos técnicos desenvolvidos por uma sociedade que podem se influenciar mutuamente*”.

Adotaremos o mesmo enfoque tecnológico de Dias e Silva no que se refere aos conceitos de estilo e função. Para as autoras, os sistemas tecnológicos são uma construção social resultante de escolhas tecnológicas culturalmente determinadas. Tal visão praticamente obriga o pesquisador a se aprofundar na questão do estilo, definido como o “*modo com que as pessoas realizam o seu trabalho, incluindo as escolhas feitas por elas no que se refere aos materiais e às técnicas de produção*” (REEDY & REEDY, 1994, p. 304, *apud* DIAS e SILVA, *op. cit.*, p. 96).

O arqueólogo James Sackett (1977, *passim*) tem um entendimento semelhante. Para ele, cada cultura deve ser compreendida em sua peculiaridade. A dicotomia entre estilo e função não tem fundamento, ambos se misturam: diversos pontos considerados como funcionais como a utilização de um determinado antiplástico para a produção de um vaso cerâmico são, para ele, possíveis elementos estilísticos. Sackett define estilo como uma forma específica de fazer alguma coisa, sempre peculiar a um determinado tempo e lugar. Para ele, as noções de estilo e função compreendem toda e qualquer variabilidade formal de um objeto: é pouco provável que as escolhas feitas por uma determinada sociedade ou etnia tenham sido feitas por outra sociedade não-relacionada à primeira. E, na sua visão, são essas escolhas, extremamente específicas, que podem ser consideradas estilísticas.

4.3 ANÁLISE CERÂMICA

Para não tornar o texto monótono, com sua construção sustentada apenas por uma série de gráficos de porcentagens⁴¹, decidimos reservar os dados percentuais para os oito anexos. A exceção ficou por conta dos gráficos com cruzamentos de categorias.

4.3.1 Categoria

A análise do material cerâmico do sítio Cavalo Branco contou com o estudo de 2513 fragmentos diagnósticos, divididos nas seguintes categorias: paredes (1057 fragmentos), bordas (1224 fragmentos), bases (138 fragmentos), bolotas de argila (18 fragmentos), carenas (26 fragmentos) e outros (50 fragmentos).

As paredes diagnósticas foram separadas, em sua grande maioria, pelo tipo de decoração apresentada. No entanto, como será detalhado, parece ser na borda e no bojo superior que se concentram as decorações, sejam elas plásticas ou pintadas. Quanto às bases, a pequena porcentagem de fragmentos analisados indica uma predominância de bases convexas (ou cônicas), como será observado adiante.

⁴¹ Os gráficos de porcentagem estão no Anexo 9.

A maioria dos fragmentos analisados (1410) não possuía marcas de erosão. Quando foram identificadas, as marcas estavam localizadas, geralmente, em ambas as faces dos fragmentos (726). Erosões apenas na face interna (189 fragmentos) ou na face externa (117 fragmentos) foram raramente observadas.

4.3.2 Técnicas de manufatura

Foto 4.3.1 Fragmento CB-357. Rolete quebrado, provavelmente proveniente de uma base.

Foi observado um predomínio da técnica do acordelamento, que só não foi maior por que alguns fragmentos não apresentaram quebras suficientemente didáticas para apontar esse tipo de técnica e foram inseridos na categoria dos “não-identificados”. Foi analisado um total de 1547 fragmentos acordelados e 24 modelados (restritos, salvo algumas exceções, às bolotas de argila). Em duas situações, foram identificados fragmentos que intercalavam as duas técnicas (e.g. parede acordelada com applique modelado). Não foi possível identificar a técnica de manufatura em 934 fragmentos.

Foto 4.3.2 Fragmento CB-331. Borda feita com a técnica do acordelamento e inserção de uma asa modelada, acompanhada por decorações unguladas.

A identificação do acordelamento como técnica de manufatura predominante é a primeira de uma série de características que permitem a inserção da indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco na tradição Tupiguarani.

No entanto, a análise da técnica de manufatura não se restringiu apenas à identificação do acordelamento como principal recurso: também foram observados alguns detalhes do processo de construção do vaso ligado a essa técnica, como a utilização do ungulado como técnica de junção dos roletes. Geralmente relacionado à decoração, o ungulado foi, em alguns casos, utilizado para dar maior textura ao rolete, possibilitando uma maior ligação entre os sucessivos anéis do processo de acordelamento e, provavelmente, garantindo uma melhor *performance* do vaso (SCHIFFER e SKIBO, *op. cit.*).

Foto 4.3.3. Fragmentos CB-745, CB-324 e CB-1947, com marcas de unhas na junção dos roletes. Foi fotografada a face interna dos fragmentos CB-745 e CB-1947, mostrando o ungulado realizado na quebra de rolete na parte superior das peças. A foto do fragmento CB-324 mostra, justamente, a quebra do rolete.

A utilização do ungulado como técnica de junção de roletes parece não se restringir apenas ao sítio Cavalo Branco. Ela também foi observada por Lorena Garcia (com. pessoal) no sítio Nova Ipixuna 3 (também Tupi, localizado a aproximadamente 20km do sítio Cavalo Branco), assim como na cerâmica Tupi paulista estudada por Camila Moraes (com. pessoal).

Fig. 24 Placas utilizadas como reforço.

Também foi identificada a utilização de placas para reforçar os vasos. Raramente indicadas como técnica complementar ao acordelamento, as placas foram empregadas, principalmente, para reforçar as bases, um dos mais importantes pontos de sustentação dos vasos. Não foi possível precisar se essas placas de reforço foram feitas por

meio do acordelamento ou se foram modeladas.

Outra peculiaridade no processo de manufatura do vaso foi a aplicação de reforço na borda, observada com frequência em diferentes tradições arqueológicas brasileiras. No entanto, o que chamou a atenção, em alguns casos, foi a ocorrência de um processo de contração da parede com a aproximação da borda para inserir o reforço, ou seja: as bordas eram, ao mesmo tempo, contraídas e reforçadas.

O último aspecto das técnicas de manufatura utilizadas pelas(os) oleiras(os) do sítio Cavalo Branco observado em detalhe foi com relação a produção de bordas vazadas. Tidas como um símbolo da cerâmica do médio-baixo Tocantins, essas bordas apresentaram surpreendente homogeneidade em relação ao diâmetro do seu orifício (a parte vazada). Foi grande a curiosidade, desde o primeiro contato com essas bordas, de saber como elas eram feitas. Afinal, a inserção de um reforço com um orifício regular por toda a borda (assim se acredita, já que não há vasos inteiros com bordas vazadas) seria uma tarefa complexa para a(o) oleira(o). A observação de pequenas estrias no interior dos “vazados” indica a utilização de um vegetal, sugerindo

a utilização de um utensílio. Um cipó seria extremamente adequado, uma vez que possui não só a maleabilidade necessária para circundar o vaso sem quebrá-lo, mas também apresenta a homogeneidade de espessura necessária para que o reforço ganhe simetria.

Foi realizada uma etapa de experimentação cerâmica, chefiada por Rafael Machado, com o intuito de testar a utilização de cipós (cipó jibóia, *Scindaphus aureus*) na confecção das bordas vazadas. Essa etapa buscou responder duas perguntas centrais: a adequação do cipó à manufatura de bordas vazadas e a possibilidade de retirada desse instrumento depois da inserção do reforço sobre ele. Num primeiro momento, cogitou-se a hipótese de o cipó ser deixado dentro do vaso após a manufatura, só desaparecendo na hora da queima ou depois da quebra do vaso.

Processo de reforço da FE (CB- 2921)

Figura 1.

A borda não segue homogênea, ela vai afinando.

Figura 2.

O rolete de reforço ganha um formato triangular, ficando o lado mais largo junto ao lábio original. A parte mais fina da borda até então, passa a ser a mais espessa.

Fig. 25 Processo de reforço na borda.

Fotos 4.3.4. a 4.3.6. Uso de cipó para manufatura da borda vazada. Nesse primeiro exemplo (**vaso 1**), o cipó foi deixado para ser queimado com o vaso.

A etapa de experimentação cerâmica produziu dois vasos: no primeiro (**vaso 1**), o cipó foi deixado; no segundo (**vaso 2**), o cipó foi retirado logo antes de fechar a borda. No primeiro vaso, não houve nenhum problema durante a etapa de manufatura. No segundo, só foi possível retirar o cipó depois de lubrificar a parte interna do vazado com barbotina e achurados. Sem essa lubrificação, o vegetal se quebrava durante a tentativa de retirada.

Dessa forma, nenhuma das duas possibilidades (da retirada ou não do cipó) foi descartada. No entanto, a maior dificuldade em retirar o cipó⁴² seria um forte argumento para deixá-lo no vaso.

Fotos 4.3.7. a 4.3.9. Uso de cipó para manufatura da borda vazada. Nesse exemplo (**vaso 2**), o cipó foi retirado antes de a borda ser fechada.

Assim, restou apenas observar se o cipó desapareceria com a queima do vaso ou se isso só poderia acontecer em um processo pós-deposicional. Foi decidido, então, que o vaso com cipó seria queimado.

A questão⁴³ não foi respondida de forma conclusiva, mas, sem dúvida, foram levantados fortes indícios da forma como se encerrava a etapa de produção das bordas

⁴² Não é possível medir o quanto o processo de retirada do cipó interferiu na estrutura do vaso. No entanto, não parece ser uma simples coincidência o fato de o **vaso 2** ter rachado durante o período de secagem.

vazadas. Após a queima, observamos que o cipó havia “desaparecido” do interior da borda, sobrando apenas o vazado e algumas estrias bastante similares às observadas nas bordas vazadas do sítio Cavalo Branco.

Foto 4.3.10. Borda vazada produzida durante a experimentação cerâmica. O cipó “desapareceu” durante a queima.

4.3.3 Antiplástico

A classificação dos antiplásticos apontou um predomínio do uso de antiplástico mineral (em 1172 fragmentos), do carvão (em 293 fragmentos) e da combinação dos dois (421 fragmentos). O cariapé e a cerâmica moída (caco moído) foram raramente identificados na pasta, e o cauixi apareceu em um único fragmento.

Um dos antiplásticos que merece menção é a argila moída, também conhecida como tabatinga. Sua presença foi observada por Figueiredo (1965, p. 8) em fragmentos cerâmicos encontrados ao longo do rio Itacaiúnas, no sudeste paraense, e seu uso parece ser recorrente na região. Em outros sítios analisados (e.g. Remanso/MA), ele corresponde à maior parte do material inserido na argila.

Segundo Arnould (1997, p. 23), materiais orgânicos utilizados como antiplástico, quando queimados, deixam poros do tamanho ideal para que o pote seja utilizado para o aquecimento de alimentos. Tais poros reduzem a quebra por tensão térmica, pois as

⁴³ A queima do vaso, realizada no Departamento de Artes Plásticas (ECA-USP), foi feita em um forno com temperatura chegando a 1000°C, acima da temperatura de mais ou menos 750°C atingida por uma queima a céu aberto.

rachaduras causadas pela última tendem a ser barradas. As oleiras do sítio Cavalo Branco deviam estar cientes dessas vantagens e utilizavam carvão para fabricar essa cerâmica porosa.⁴⁴ Outro antiplástico recorrentemente utilizado com essa intenção, mas menos pelas artesãs do sítio Cavalo Branco, é o cariapé.

O quartzo foi observado desacompanhado de outros minerais em 949 fragmentos. Em 720 fragmentos, esse mineral estava na pasta combinado com mica e, em 402 fragmentos, com óxidos de ferro. Os óxidos de ferro foram identificados sempre em quantidades pequenas, aparentemente insuficientes para alterar a coloração da peça.

Nos fragmentos estudados, foi grande a variação na espessura do antiplástico. Apesar de a maioria dos fragmentos ter seus antiplásticos medidos como fino (<1mm: 998 fragmentos) ou médio (<2mm: 1076 fragmentos), houve um número significativo de fragmentos com antiplástico considerado grande (<3mm: 389). Nessa última categoria, foi observado que, em muitas peças, o antiplástico ultrapassava a barreira do 3mm, podendo chegar até os 6mm ou 7mm. Em boa parte desses casos a quebra do fragmento era justamente no local com “antiplástico desproporcional”, indicando que o tamanho exagerado do quartzo (antiplásticos muito grandes eram quase sempre quartzo), provavelmente, seria gerador de “pontos de fragilidade”, que costumam ficar restritos ao encontro dos roletes.

Se houve certo “descuido” por parte das oleiras quanto ao tamanho dos antiplásticos, o mesmo não ocorreu quanto à quantidade de antiplástico na pasta. Foram observados apenas 41 fragmentos nos quais o antiplástico representava 30% do total da pasta. Em mais de 2000 fragmentos, o antiplástico representava 10% da pasta, indicando uma preocupação em não exagerar na quantidade. Tamanha era a preocupação nesse sentido que, no momento em que foram encontrados fragmentos com características contrárias, especulou-se sobre a reocupação do sítio por um grupo diferente (vide **Capítulo 6**).

Com o intuito de compreender se o quartzo se encontrava de forma natural na pasta ou se havia sido inserido pela oleira, foi realizada a análise de sua forma. Apenas em 319 fragmentos foram identificados grão de quartzo angulosos ou muito angulosos, indicando que esses grãos foram triturados para ser inseridos na pasta. A maioria das

⁴⁴ Essa porosidade, se comparada com a dos outros sítios anteriormente estudados na região (e.g. Grajaú/MA, em que foi observada uma cerâmica extremamente porosa em decorrência da utilização de cariapé), não pode ser classificada como abundante.

peças (1576), possuía quartzo sub-angular ou sub-arredondado. Essas categorias dificultam uma inferência quanto à procedência (natural ou inserida) do mineral. Também foram identificados 568 fragmentos com quartzo arredondado ou muito arredondado.

No sítio Cavalo Branco, não houve predominância de antiplásticos tradicionalmente Tupi como o caco moído. Foi observada a predominância do quartzo, geralmente natural da argila, e do carvão que, usado em quantidades pequenas, não deveria ter uma conotação especial para as oleiras. Pode-se supor que, nesse sítio, não só inexistia a preocupação com a vida útil do vaso – desestruturado por grãos de quartzo demasiadamente grandes – como também com os antiplásticos em si. A presença desses na pasta não parece sugerir um aspecto que diferenciase o grupo que habitou o sítio Cavalo Branco dos demais. Se a diferenciação do grupo via antiplástico aconteceu, foi devida à (relativa) ausência de alguns desses materiais incluídos na pasta cerâmica.

4.3.4 Queima

Um pouco mais de um terço das peças observadas apresentou queima completa (918 fragmentos). Outros 1595 fragmentos estavam queimados de forma incompleta, de forma parcial (e.g. com núcleo escuro envolto por faixas claras) ou total (i.e. com núcleo totalmente escuro).

Uma falsa idéia que pode vir à cabeça do ceramólogo é a de que o grau da queima estaria diretamente ligado à espessura dos fragmentos. Afinal, um vaso espesso é (supostamente) mais difícil de queimar, já que leva mais tempo. Tal relação pode ser parcialmente desmentida pela relação da espessura dos fragmentos com queima completa e com os de queima incompleta (só foram contadas as peças que apresentaram núcleo totalmente escuro).

No gráfico, é possível visualizar que, em quase todas as categorias de espessura, as queimas completa e incompleta se equivaleram, apesar de uma diferença nos fragmentos entre 0,6cm e 1,0cm. Apesar de ser minoria na amostragem, os fragmentos muito finos (com espessura entre 0,3cm e 0,5cm), grossos (entre 1,6 e 2,0cm) e muito grossos (acima de 2,0cm) foram bastante semelhantes. Houve uma inversão de dominância, em que a queima incompleta superou a completa após 1,5cm, mas os números foram sempre bem próximos.

Os dados obtidos com esse gráfico permitem inferir que os vasos finos deveriam ser queimados em estágios distintos dos vasos com paredes grossas, provavelmente os de maior volume (GARCIA, com. pessoal). Se queimados ao mesmo tempo que os pequenos potes, os vasos com espessura grossa teriam uma porcentagem muito maior de queimas incompletas.

Rye (*op. cit.*, p. 121) defende que a dureza do vaso, em teoria, sempre progride com o aumento da temperatura. O autor acredita que, se o fragmento quebrar facilmente, com uma ponta friável, provavelmente foi queimado a uma temperatura inferior a 750°C. Não foi possível realizar testes mais específicos sobre esse quesito no sítio Cavalo Branco. No entanto, foi empiricamente observada a fragilidade dos fragmentos que, na

maioria queimados de forma incompleta, não devem ter atingido a temperatura sugerida por Rye.

Um pesquisador que segue a linha traçada por Schiffer e Skibo frente ao problema da compreensão espacial de um sítio, provavelmente pensaria que o local utilizado para a queima dos vasos seria o mais adequado para que o vaso tenha a melhor *performance* (e.g. melhor ventilação). No entanto, fatores externos também costumam influenciar muito a procura pelo melhor lugar para queimar a cerâmica.

O exemplo da cerâmica Luo é válido aqui, uma vez que relata que as oleiras, antes de tudo, buscam lugares discretos para queimar seus vasos, fugindo de algum tipo de “olhar maligno” que possa afetar a sua queima (DIETLER e HERBICH, 1989, p. 155).

Isso também foi observado em grupos Tupi. Em seu trabalho etnográfico junto aos Ka'por do Maranhão, Huxley (1956, p. 247) relata que os oleiros (um raro caso na etnografia Tupi de cerâmica feita por homens⁴⁵) se escondem de tudo e de todos na hora de produzir os vasos. Mesmo nessas condições, poderia haver muitas opções para atender ao quesito *performance*, mas a questão é: será que esse quesito é realmente o mais importante?

4.3.5 Tratamentos de superfície

A maioria dos fragmentos analisados apresentou uma superfície com alisamento fino (1448 na FI e 1276 na FE⁴⁶). Um alisamento considerado “médio” também foi frequentemente observado (602 na FI e 608 na FE), ao contrario dos alisamentos grosseiros (98 na FI e 128 na FE) e polimentos (60 na FI e 67 na FE), que foram relativamente raros.

O processo de alisamento, não raramente, deixou estrias em uma ou ambas as faces dos fragmentos analisados. Pode-se supor que diferentes tipos de superfícies alisadoras (e.g. palha de milho), além da própria mão da oleira, foram utilizados nesse estágio da confecção do vaso.

⁴⁵ Fato que não deve ser considerado uma constante para todos os Urubu-Ka'apor, já que Darcy Ribeiro (2006), que estava na mesma expedição de Huxley, observou mulheres manufaturando vasos cerâmicos.

⁴⁶ FI: face interna; FE: face externa.

Foto 4.3.11. Fragmentos CB-1279, com estrias provavelmente deixadas durante o alisamento (também poderiam ter sido criadas pelo uso do vaso), e CB-1427, polido.

Durante o processo de manufatura, as oleiras não deixaram marcas de superfícies de apoio (e.g. de cestaria, de folha) sobre as quais o vaso foi construído. As únicas marcas que elas parecem ter deixado, ainda que em casos raros, foram algumas digitais, em superfícies decoradas (i.e. corrugados).

Remontando os fragmentos cerâmicos, observou-se um fenômeno interessante: os fragmentos 538, 548, 1148 e 1167 remontaram e constituíram uma grande borda com motivo pintado “à grega”. No entanto, um dos fragmentos estava totalmente enegrecido e indicava a presença de polimento. O fato de o polimento se limitar à junção da quebra dos fragmentos apontou para um fenômeno pós-deposicional (e.g. exposição ao fogo), que deu ao fragmento (na foto abaixo, à esquerda) um falso um aspecto de polido. Tal fenômeno sugere que os pesquisadores devem ter cuidado na hora de analisar os tratamentos de superfície.

Foto 4.3.12. Recorte dos fragmentos CB-538, CB-548, CB-1148, CB-1667.

Como poderia se supor, tendo em vista uma indústria cerâmica com grande frequência de fragmentos pintados, a presença de engobos (que poderiam servir como base para os motivos pintados) e de tratamento impermeabilizante também foi muito observada.

Os engobos foram predominantemente feitos na face externa dos vasos. Foram identificados 688 fragmentos com engobo branco e 139 com engobo vermelho na FE. Em relação à FI, foram observados 382 fragmentos com engobo branco e 64 com engobo vermelho. Os raros casos de engobo alaranjado podem ser, em princípio, considerados uma versão diluída do pigmento avermelhado.

4.3.6 Sinais de uso

Não foram frequentes as marcas de fuligem deixadas nos fragmentos. Quando encontradas, geralmente estavam na face externa das peças (167 fragmentos). Foram também observados 156 fragmentos com fuligem em ambas as faces e 73 fragmentos com fuligem apenas na face interna.

Foto 4.3.13. Fragmento CB-606, com presença de fuligem.

O cruzamento dos dados sobre os sinais de uso com os das formas será importante para a inferência da funcionalidade das peças, a ser realizada.

4.3.7 Espessura dos fragmentos

A maioria dos fragmentos analisados (1623) apresentou espessura entre 0,6cm e 1,0cm, mas também foram encontrados 579 fragmentos com espessura entre 1,1cm e 1,5 cm, e outros 132 com espessura entre 1,6cm e 2,0cm. Fragmentos com espessura inferior a 0,5cm (108) ou superior a 2,0cm (19) foram observados em menor quantidade.

Se separados apenas os vasos reconstituídos e cruzadas suas medidas de volume e espessura, pode-se compreender algumas das escolhas feitas pelas oleiras do sítio Cavalo Branco: (1) vasos pequenos, com volume inferior a 1l, quase sempre possuíam paredes muito finas ou finas (com espessura inferior a 1,0 cm); (2) nos vasos médios, com volume entre 1l e 15l, havia uma preferência por medidas entre 0,6cm e 1,5cm; (3) os vasos com espessura entre 1,1cm e 1,5cm apresentavam volume entre 2l e 15l.

Os vasos mais grossos, com espessura superior a 1,5cm, parecem ser exceção à regra e prosseguem em constância por todas as categorias volumétricas. Ainda assim, são minoria na amostragem, o que não desqualifica a inferência de que havia um relativo padrão entre a espessura dos vasos e sua capacidade volumétrica: quanto menor o vaso, mais fina a parede.

4.3.8 Formas

4.3.8.1 Bordas

O trabalho aqui desenvolvido no campo das formas, tanto em relação à morfologia quanto à funcionalidade dos vasos, é inspirado no estudo dos sítios da LT Tucuruí-Presidente Dutra feito por Daniella Amaral (SCIENTIA, em elaboração *a*). No entanto, trata-se de uma versão simplificada desse estudo, já que não há tempo ou espaço para uma análise funcional mais aprofundada. Ainda assim, a utilização de um mesmo método contribui para padronizar o presente estudo com os dos demais sítios aqui tratados, permitindo maior segurança na utilização do método comparativo.

Dentro do complexo campo que busca descrever a morfologia da cerâmica do sítio Cavalo Branco, foi decidido que a descrição das bordas deveria ser o passo inicial do trabalho, que somaram 1224 fragmentos.

As bordas foram morfologicamente classificadas em sete categorias. Apesar do grande predomínio das bordas simples ou diretas (683 fragmentos) e das extrovertidas (240 fragmentos), as bordas que chamaram mais atenção foram as não tão frequentes, como as cambadas (10 fragmentos) e as vazadas (5 fragmentos), que já citamos. Pode-se destacar também o significativo número (100 fragmentos) de bordas extrovertidas com ponto angular, além de 41 bordas introvertidas. A inclinação das bordas foi predominantemente externa (597 fragmentos), mas também foram identificadas 253 bordas verticais e 187 bordas inclinadas internamente.

A espessura da borda foi, em geral (657 fragmentos), considerada normal, ou seja: prosseguiu sem alterar sua espessura desde o lábio até o início do bojo superior do vaso. Dentre as peças mais significativas, estão 187 fragmentos com reforço na face externa do vaso, 153 fragmentos com reforço em ambas as faces do vaso, e outras 49 com bordas dobradas.

Os lábios eram predominantemente arredondados (755 fragmentos) e planos (388 fragmentos). Lábios apontados (6 fragmentos) e biselados (8 fragmentos) foram raros. A espessura média dos lábios ficou entre 0,6cm e 1,0cm.

Do total analisado, 310 fragmentos tiveram a porcentagem de borda medida em um ábaco. Essa amostra indicou que 144 fragmentos possuíam entre 6% e 10% da borda. O fragmento (ou melhor, o conjunto de fragmentos) com maior porcentagem de borda foi a peça 2666 (capa dessa dissertação) que possuía 55% de sua borda preservada.

Foto 4.3.14. Fragmento CB-300, vaso pequeno, praticamente inteiro.

Como mencionado, dentro do universo do material diagnóstico, houve um número reduzido de fragmentos (121) de base analisado: 3 bases côncavas, 3 não-identificadas, 1 anelar, 42 convexas e 72 planas.

Apesar de uma aparente superioridade numérica das bases planas, é possível indicar uma predominância de bases convexas. O baixo número de bases encontrado indica uma predominância de bases convexas, mais difíceis de identificar por serem facilmente confundidas com paredes. A ausência de informação representada pelo número reduzido de fragmentos dessa categoria encontrados serve para inferir a preferência das oleiras por um tipo de base para os vasos.

Se analisadas com um foco mais apurado, mesmo as bases planas, em sua grande maioria, teriam de ser inseridas em uma categoria convexa-plana, uma vez que não foram identificados fragmentos de base com pontos de inflexão. Isso aponta para a existência de um contínuo direto, curvo (sem ângulo) entre a parte plana da base (no caso de haver uma) para a parede do vaso. Se as oleiras gostavam de pontos de inflexão, reservavam-nos à parte superior dos seus vasos, especialmente no ombro. Mais uma vez, a ausência de informação (falta de pontos de inflexão) foi o ponto-chave para a compreensão da preferência por um tipo de base na indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco.

Por fim, como se está falando de um grupo filiado à tradição Tupiguarani, não se pode esquecer das bases com fundos cônicos.⁴⁷ Não houve indício da existência desse

⁴⁷ Que podem ser apreciadas à exaustão em trabalhos como o de La Salvia e Brochado (1989).

tipo de base no sítio Cavalo Branco. No entanto, mais uma vez se trata de uma característica difícil de ser detectada nos fragmentos cerâmicos (assim como o foi com as bases convexas). Dessa forma, esse fundo de base não foi descartado no momento de desenhar as formas, mas só foi utilizado quando a reconstituição dava fortes indícios de que era essa a forma com que o vaso terminava, ou melhor, começava.

4.3.8.2 Formas

O sítio Cavalo Branco apresentou 17 diferentes morfológicos. Apesar de as formas **12** e **14** não terem sido observadas no sítio Cavalo Branco, estão presentes em outros sítios, que serão tratados no próximo capítulo (e.g. sítio Bom Jesus 2). Por outro lado, no sítio Cavalo Branco, foi encontrada uma morfologia (**forma 19**) que não estava presente em nenhum outro sítio anteriormente analisado. Assim, foi mantida a mesma divisão tipológica utilizada para os sítios anteriormente estudados, com o intuito de permitir comparações.

A morfologia predominante foi a **forma 3** (70 reconstituições), seguida pela **forma 1** (43 reconstituições) e **forma 7** (32 reconstituições). Esta, com valor extremamente próximo à **forma 17**, que possibilitou 30 reconstituições.

TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAVALO BRANCO	
Forma 1	Vasilha esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta, introvertida ou vazada; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal, expandida, reforçada, reforçada externamente dobrada ou contraída; lábio arredondado, plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 6cm a 44 cm, e o volume, de 0,241l a 32,855l.
Forma 2	Vasilha esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta extrovertida com ponto angular; inclinada verticalmente, internamente ou externamente; espessura normal, reforçada ou reforçada externamente; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 4cm a 52cm, e o volume, de 0,046l a 28,080l.
Forma 3	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda direta, extrovertida ou extrovertida com ponto angular; inclinação vertical, externa ou interna; espessura normal, reforçada, reforçada internamente, reforçada externamente ou contraída; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 9cm a 50cm, e o volume, de 0,706l a 47,175l.
Forma 4	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda direta ou extrovertida com ponto angular; inclinada externamente, verticalmente ou internamente; com espessura normal ou reforçada; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 8cm a 24cm, e o volume, de 0,106l a 3,211 l.
Forma 5	Vasilha esférica com pescoço , contorno infletido e boca constrita. Pescoço côncavo ou retilíneo; borda direta, extrovertida ou extrovertida externamente; inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal, expandida, reforçada externamente ou dobrada; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 7 cm a 44 cm, e o volume, de 0,756l a 40,410l.
Forma 6	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou introvertida; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal, expandida ou reforçada externa; lábio plano ou arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 9cm a 50cm, e o volume, de 0,257l a 32,772l.
Forma 7	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta ou extrovertida; inclinada internamente, externamente ou verticalmente; espessura normal, expandida, reforçada, reforçada internamente, reforçada externamente ou dobrada; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 62 cm, e o volume, de 0,376l a 36,129l.
Forma 8	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda direta, extrovertida ou extrovertida com ponto angular; inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada; reforçada externamente, dobrada ou expandida; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 8cm a 50cm, e o volume, de 0,173l a 19,329l.
Forma 9	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda introvertida, extrovertida ou direta; inclinada internamente, verticalmente ou externamente; espessura normal, dobrada, reforçada externa ou reforçada; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 10cm a 58cm, e o volume, de 0,441l a 38,738l.
Forma 10	Vasilha em forma de calota , com contorno simples, boca aberta. Borda direta, introvertida ou extrovertida; inclinada internamente, externamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada, reforçada externamente ou dobrada; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de

	10cm a 46cm, e o volume, de 0,110l a 11,532l.
Forma 11	Vasilha rasa , assador. Borda direta ou extrovertida; inclinada externamente; espessura normal ou reforçada externamente; lábio arredondado ou plano e base plana. O diâmetro da boca varia de 20cm a 70cm.
Forma 13	Vasilha esférica , com contorno complexo e boca constrita. Borda cambada (possível suporte de tampa), vertical; inclinada internamente ou externamente; espessura normal, expandida ou reforçada externamente; lábio plano, arredondado ou biselado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 10cm a 26cm, e o volume, de 0,284l a 16,688l.
Forma 15	Vasilha em forma de calota , com contorno infletido ou composto e boca aberta. Borda direta, extrovertida, extrovertida com ponto angular ou vazada; inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal ou expandida; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 14cm a 44cm, e o volume, de 0,357l a 7,266l.
Forma 16	Vasilha complexa , esférica, com contorno complexo, boca aberta ou constrita. Borda extrovertida, inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca é de 26cm, e o volume, de 4,736l.
Forma 17	Vasilha esférica ou semi-esférica , com contorno composto e boca constrita. Borda direta introvertida ou extrovertida com ponto angular; inclinada internamente, externamente ou verticalmente; espessura normal, expandida, dobrada, reforçada ou reforçada externamente; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 5cm a 64cm, e o volume, de 0,036l a 44,380l.
Forma 18	Vasilha em forma de calota , com contorno composto e boca constrita. Borda direta ou introvertida; inclinada internamente; espessura normal, reforçada externamente; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 26cm a 52cm, e o volume, de 3,025l a 18,535l.
Forma 19	Vasilha semi-esférica , com contorno composto e boca aberta. Extrovertida com ponto angular; inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 10cm a 48cm, e o volume, de 0,160l a 12,854l.

FORMA 1 (1)

Fig. 26 Forma 1 (1).

FORMA 1 (2)

Fig. 27 Forma 1 (2).

FORMA 1 (3)

Fig. 28 Forma 1 (3).

FORMA 1 (4)

Fig. 29 Forma 1 (4).

FORMA 1 (5)

Fig. 30 Forma 1 (5).

FORMA 2

Fig. 31 Forma 2.

FORMA 3(1)

Fig. 32 Forma 3 (1)

FORMA 3 (2)

Fig. 33 Forma 3 (2).

FORMA 3 (3)

Fig. 34 Forma 3 (3).

FORMA 3 (4)

Fig. 35 Forma 3 (4)

FORMA 3 (5)

Fig. 36 Forma 3 (5).

FORMA 3 (6)

Fig. 37 Forma 3 (6).

FORMA 3 (7)

Fig. 38 Forma 3 (7).

FORMA 4

Fig. 39 Forma 4.

FORMA 5 (1)

Fig. 40 Forma 5 (1).

FORMA 5 (2)

Fig. 41 Forma 5 (2).

FORMA 5 (3)

Fig. 42 Forma 5 (3).

FORMA 6

Fig. 43 Prancha 6.

Fig. 44 Forma 7 (1).

FORMA 7 (2)

Fig. 45 Forma 7 (2).

FORMA 7 (3)

Fig. 46 Forma 7 (3).

FORMA 8 (1)

Fig. 47 Forma 8 (1).

FORMA 8 (2)

Fig. 48 Forma 8 (2).

FORMA 8 (3)

Fig. 49 Forma 8 (3).

FORMA 9 (1)

Fig. 50 Forma 9 (1).

Fig. 51 Forma 9 (2).

FORMA 9 (3)

Fig. 52 Forma 9 (3).

Fig. 53 Forma 9 (4).

FORMA 10 (1)

Fig. 54 Forma 10 (1).

FORMA 10 (2)

Fig. 55 Forma 10 (2).

Fig. 56 Forma 11 (1).

Fig. 57 Forma 11 (2).

FORMA 13

Fig. 58 Prancha 13.

FORMA 15

Fig. 59 Forma 15.

FORMA 17 (1)

Fig 60 Forma 17 (1).

FORMA 17 (2)

Fig. 61 Forma 17 (2).

FORMA 17 (3)

Fig. 62 Forma 17 (3).

FORMA 17 (4)

Fig. 63 Forma 17 (4).

FORMA 16

FORMA 18

FORMA 19

Fig. 64 Formas 16, 18 e 19.

4.3.8.3 Discussão dos dados referentes às formas

Apesar de não ser o objetivo principal desse estudo, algumas inferências funcionais podem ser feitas, partindo do pressuposto de que diferentes formas servem para uma mesma função, assim como diferentes funções podem ser executadas por uma mesma forma.

Gráfico 4.3.3. Forma X Volume.

Ao analisar o sítio Bom Jesus 2, um sítio Tupi do médio-baixo Tocantins com indústria cerâmica semelhante à do sítio Cavalo Branco,⁴⁸ Amaral (SCIENTIA, em elaboração *a*) indicou que as formas **1, 2, 3, 5,**⁴⁹ **13, 16 e 17** representariam vasilhas ideais para o armazenamento de alimentos (líquidos ou sólidos). Para ela, contornos esféricos e profundos, estrutura fechada, tratamentos de superfície que auxiliam na impermeabilização com polimentos, barbotinas, engobos e presença de decorações seriam indicadores dessa função. No sítio Cavalo Branco, foram encontradas quase todas essas formas, com exceção da **5**, apresentando um número expressivo (acima de 40%) de fragmentos com algum tratamento impermeabilizante (engobo, barbotina ou polimento) e/ou pintura. Apesar de não terem sido encontradas grandes quantidades de fragmentos com algum tratamento impermeabilizante da **forma 5**, essa foi uma das formas em que pôde ser realizada a maior porcentagem de reconstituições com grandes capacidades volumétricas, característica importante em vasos de armazenagem. Isso indica que uma

⁴⁸ Vide **Capítulo 5**.

⁴⁹ Por possuir pescoço, a **forma 5** estaria particularmente ligada à armazenagem de líquidos.

divisão funcional de vasilhas para armazenamento de alimentos, como a realizada por Amaral no sítio Bom Jesus 2, pode ser aplicada no sítio Cavalo Branco.

Gráfico 4.3.4. Forma X Pintura.

A pintura dos vasos pode ser o ponto de partida para o segundo agrupamento funcional. No sítio Cavalo Branco, as formas nas quais a pintura é mais recorrente são a **9**, a **16**, a **17**, a **18**, e a **19**. Apesar de ter sido encontrado apenas um exemplar da **forma 16**, apenas dois da **forma 18**, e somente três da **forma 19**, pode-se inferir que, com exceção da **forma 9**, as formas compostas e complexas foram as preferidas para a execução de decorações pintadas. Além disso, pode-se acrescentar que, com exceção da única reconstituição da **forma 16**, as demais formas (**9**, **17** e **19**) são semelhantes: todas apresentaram, como tendência, ângulos ou apenas inflexões no bojo superior (ombros), carregando semelhanças com os *cambuchis caguâbá* dos Guarani. Assim como os Guarani, que utilizavam os *cambuchis* para serviço e consumo de bebidas fermentadas ou não (LA SALVIA e BROCHADO, 1989, p. 130), os ocupantes do sítio Cavalo Branco possuíam formas com essas possíveis funções.

Essas formas constam dos agrupamentos funcionais de serviço e consumo realizados por Amaral⁵⁰ (*ibid.*), que observa uma relação entre as formas **1**, **2**, **3**, **4**, **5**, **6**, **7**, **8**, **9**, **10**, **15**, **16**, **17** e **18** e as funções de serviço (coletivo). Para a pesquisadora, as formas

⁵⁰ Com exceção da **forma 19**, que não foi encontrada no sítio Bom Jesus 2.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 15 e 18 estariam ligadas à função de consumo (individual). Ambas teriam como características uma estrutura mais aberta (com exceção das destinadas a líquidos), tratamentos de superfície mais elaborados, polimentos, barbotinas, engobos e decorações (plásticas ou pintadas), mas as vasilhas para consumo possuiriam capacidade volumétrica menor.

No sítio Cavalo Branco, além das já citadas formas **9, 17, 18, e 19**, as formas **1, 2, 3, 6 e 7** apresentaram maior porcentagem de reconstituições com tratamentos de superfície diferenciados, havendo maior probabilidade dessas formas apresentarem vasos para as funções de serviço e consumo. Nesse sítio, as formas **1, 4, 7, 8 e 15** foram as que apresentaram o maior número de fragmentos com pequenos volumes, o que possibilita sua ligação com a função de consumo individual de alimentos.

Amaral também observou que algumas das formas (**1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 15, 18**) do sítio Bom Jesus 2 apresentavam características relacionadas ao preparo de alimentos (frio ou quente, no caso da **forma 11**). A abertura da boca (nas vasilhas esféricas, semi-esféricas, rasas ou em forma de calota), possibilitando um fácil manejo do alimento, e paredes mais espessas seriam a base para essa inferência. No sítio Cavalo Branco, encontraram-se porcentagem mais significativas de vasilhas mais espessas das formas **3, 6, 7, 11, 15 e 18**, o que pode ser um indício de uma maior afinidade dessas formas com essa função.

À função de cocção de alimentos, entre as reconstituições do sítio Bom Jesus 2, Amaral (*ibid.*) relacionou as formas **1, 3, 4, 6, 8 e 16**, “*por apresentarem contorno esférico ou semi-esférico, estrutura aberta, facilitando o acesso e manipulação dos alimentos no interior das vasilhas, e capacidades volumétricas médias*”. Como essa inferência é baseada estritamente em características morfológicas, infere-se que as mesmas formas encontradas no sítio Cavalo Branco estariam ligadas a essa função.

Outra característica que possibilitaria aprimorar a inferência quanto aos vasos para cocção seria a presença de fuligem, que indicaria o contato do vaso com fogo. No entanto, tanto no sítio Bom Jesus 2 (vide **Capítulo 5**) quanto no sítio Cavalo Branco, foi observado um baixo percentual de fragmentos com fuligem. Ainda assim, pode-se apontar que, no sítio Cavalo Branco, a **forma 1** (37% dos fragmentos apresentavam fuligem), a **8** (27% dos fragmentos apresentavam fuligem) e a **16** (a única peça que apresentava fuligem) têm maior possibilidade de apresentar vasos com a função de cocção.

Gráfico 4.3.7. Forma X Fuligem.

Por fim, outro ponto que chamou a atenção durante a análise do material cerâmico, foi a relação entre a **forma 11** e a decoração corrugada. Com apenas uma reconstituição com decoração pintada, a **forma 11**, que remete diretamente a um assador, apresentou 18 das 23 reconstituições com decoração corrugada,⁵¹ o que sugere uma possível ampliação da funcionalidade dessa decoração. Isso será explorado mais adiante, quando fizermos a descrição das “decorações plásticas”.

4.3.8.4 Dispersão espacial das formas

Embora correndo o risco de confundir diferentes ocupações,⁵² já que se sabe que mais de uma ocorreu no sítio Cavalo Branco, a observação da distribuição espacial das formas permite algumas reflexões. Os mapas com a dispersão das formas foram baseados na malha sistemática de 40 x 40 metros.⁵³ Neles, é possível observar que quase a

⁵¹ Apenas o fragmento CB-1145 não apresentou qualquer decoração plástica.

⁵² O que diminui a margem de erro é o fato de a grande maioria das formas estarem no nível 10-20cm, ou seja, provavelmente associadas a uma mesma ocupação. Outro fator que contribui para esse tipo de análise foi a constatação de que essa cerâmica (nível 10-20cm) foi possivelmente abandonada em seu local de uso (vide **Capítulo 2**).

⁵³ O que exclui algumas das quadras mais importantes: 40V-81D, 20V-60D, unidade 100D, unidade 140D, além da trincheira. Algumas formas (**18 e 19**), ausentes na malha 40 X 40metros, também não apareceram no gráfico.

totalidade das formas se encontra na grande mancha de solo antrópico, apontada (no **Capítulo 2**) como a área de aldeia.

Podemos inferir que, enquanto a **forma 11** estaria em um mesmo local, indicando um uso comunitário dos assadores, outras formas levadas para o fogo (e.g. **6, 7, e 8**), poderiam ser encontradas mais dispersas, indicando um uso nuclear. No entanto, a tendência a realizar um descarte secundário dos assadores (a grande maioria foi encontrada na área de lixeira), dificulta uma inferência mais segura.

Analisando os vasos com pescoço (**formas 5 e 13**), utilizados para armazenar e servir líquidos, percebemos que a **forma 5** se encontra dispersa, e a **forma 13**, concentrada em um mesmo ponto. Observando as demais reconstituições (não inseridas no mapa) pode-se perceber que a **forma 13** foi encontrada em inúmeras quadras diferentes, indicando que as formas para armazenar e servir líquidos não estariam concentradas em um mesmo local.

No geral, quase todas as formas e suas respectivas funções encontram-se concentradas na área com solo antrópico, ainda que espalhadas. Analisando a dispersão das formas não é possível observar com precisão possíveis áreas de cozinha e onde os potes seriam guardados. Um dado que poderia ajudar na questão das áreas de atividades específicas, mesmo estas não sendo um dos focos desse trabalho, seria a disposição da aldeia. No **Capítulo 6**, tentaremos observar se há um padrão de disposição aldeã para os Tupi do leste amazônico.

Fig. 65 O primeiro gráfico, e a escala à esquerda⁵⁴ representam a variabilidade espacial do material cerâmico (em porcentagem). O restante dos gráficos, e a escala à direita, representam a dispersão espacial de cada tipo morfológico (a porcentagem sendo calculada para cada tipo).

⁵⁴ O valor da escala só vai até 6%, pois as quadras mais densas não possuíam mais de 6% do total da amostragem.

4.3.9 Decorações Plásticas

O sítio Cavalo Branco apresentou um campo de decoração plástica extremamente rico, com inúmeras variações de tipos e formas de fazer uma determinada decoração.

As decorações plásticas mais freqüentes foram a unzulada (190 fragmentos) e a corrugada (115 fragmentos), assim como a combinação dessas (39 fragmentos). O digitungulado, sozinho (47 fragmentos) ou combinado com o corrugado (29 fragmentos), também foi observado com freqüência. Além dessas, merecem menção as decorações digitada (15 fragmentos), roletada (13 fragmentos), entalhada (6 fragmentos) e ponteadas (6 fragmentos). Essas decorações foram encontradas, principalmente, sobre o lábio (301), parede (87 fragmentos) e borda (51 fragmentos).

O unzulado, assim como o digitungulado, nunca era encontrado sozinho. Essas decorações eram sempre dispostas em uma seqüência retilínea que contornava o vaso, e uma cuidadosa simetria era, geralmente, respeitada. Como mencionado na descrição das técnicas de manufatura, o unzulado também apresenta a característica funcional de dar maior aderência à união dos roletes. No entanto, se restringido o enfoque apenas ao campo decorativo, percebe-se que o unzulado, apesar de ter sido a decoração plástica mais presente na indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco, tinha seu campo de aplicação no vaso restrito ao lábio.

Em alguns casos, o lábio não recebia apenas uma seqüência de unzulados, mas duas, a primeira voltada para a face interna, e a segunda dirigida para a face externa. Nos raros casos em que o unzulado foi encontrado em local diferente do lábio do vaso, foi sobre um ângulo de inflexão próximo à borda. Dessa forma, a decoração unzulada do sítio Cavalo Branco “quebrou o monopólio” da pintura Tupiguarani, até então única “marcadora de fronteiras” ou decoração que destacava a mudança de ângulo dos vasos.

Fig. 66 Áreas de inserção dos unzulados.

A seqüência de unzulados utilizados nos ângulos de inflexão da borda poderia ocorrer na face interna, na face externa e também nas duas faces do vaso. Assim, em alguns (raros) casos foram observados, em um mesmo fragmento de borda, duas

seqüências de ungulados no lábio, uma seqüência no ângulo de inflexão na face externa do vaso, e outra no ângulo de inflexão na face interna do vaso. Ou seja: em um mesmo vaso poderia haver quatro seqüências de decorações unguladas (para uma melhor visualização, vide as fotos do fragmento CB-SF-55, encontradas na prancha de fotos 11).

A ocorrência do ungulado na face interna do vaso merece ser enfatizada. Afinal, trata-se da única decoração plástica que transita, ainda que de forma discreta e restrita, no interior dos vasos do sítio Cavalo Branco. Há de se ressaltar, no entanto, que essa decoração foi vista apenas dentro de vasos com borda extrovertida ou cambada, i.e., na parte superior do local mais visível de vasos abertos.

A decoração corrugada, por sua vez, foi sempre encontrada na face externa dos vasos e apresentou uma grande variação de morfologia, como o corrugado clássico, o espatulado e o grosseiro (vide LA SALVIA e BROCHADO, *op. cit.*).

O corrugado foi encontrado tanto em toda a parede do vaso quanto apenas na borda, onde, geralmente, se apresentava espatulado. De certa forma, a utilização do corrugado apenas na borda do vaso respeitava leis já utilizadas para a decoração pintada, que indicavam inflexão no corpo do vaso (geralmente um ombro, no caso do sítio Cavalo Branco) como delimitadora do campo decorativo. Assim sendo, pode-se indicar a utilização da decoração corrugada apenas na área da borda do vaso como uma característica particular dos Tupi do sudeste paraense.

Foto 4.3.15 Fragmentos CB-2667, CB-854 (883) e CB-1150, com corrugado apenas na borda.

É necessário enfatizar que a decoração corrugada do sítio Cavalo Branco, com raras exceções, não chegava a ser primorosa. Muitos fragmentos apresentavam um corrugado desordenado, com acúmulos irregulares de argila em vários pontos. Esse corrugado “grosseiro” apresentava cristas desniveladas, ao contrário do corrugado clássico.

Constantemente considerado uma técnica decorativa (o que acontece até na ficha de análise utilizada por este pesquisador), o corrugado suscita uma série de especulações relacionadas a estilo e função.

Até La Salvia e Brochado (*op. cit.*) acabam por contradizer a dicotomia que estabeleceram entre o estilo e função, dizendo que a função do corrugado seria diferenciar-se da técnica de fixação dos roletes que formam o vaso, além de servir como decoração intencional, feita em cima de uma superfície anteriormente preparada. Pode-se acrescentar, inspirado no trabalho elaborado por Rice (*op. cit.*, p. 129), que o corrugado, assim como outras técnicas, como a impressão por meio de cestaria ou um simples alisamento irregular, conferiria uma melhor condução térmica aos vasos, levados constantemente ao fogo.

No sítio Cavalo Branco, em determinados momentos, foi difícil diferenciar um alisamento grosseiro de um corrugado grosseiro. Uma linha tênue dividia esses dois campos. Além disso, se for levada em conta a inferência de Rice, a divisão entre o corrugado e o alisamento grosseiro, no quesito funcional, não tem razão de ser. A diferenciação só ocorreria no campo estilístico, em que o corrugado serviria como um identificador cultural, encaixando-se em uma visão comunicativa do estilo, defendida principalmente por Wiessner (1983, 1991) e Childs (1989). De qualquer forma, a utilização do corrugado estabelece uma conexão com a tradição Tupiguarani.

Foto 4.3.16 Fragmentos CB-484, CB-909 e CB-2669, indicando a passagem do alisamento grosseiro para o corrugado.

4.3.10 Decorações Incisas

Como mencionado na descrição da metodologia de análise do material, as decorações incisas, apesar de pertencerem ao campo das decorações plásticas, mereciam uma categoria à parte. Isso é devido à constatação, obtida por meio da análise dos sítios Tupi da LT Tucuruí-Presidente Dutra e da manipulação do acervo cerâmico da Fundação Casa de Cultura de Marabá, da quantidade e complexidade dessa decoração.

Fig. 67 Fragmento CB-1210, com incisões.

Foto 4.3.17 Fragmentos CB-919, CB-935 e CB-1436.

Fig. 68 Fragmentos CB-919, CB-935 e CB-1436, pertencentes ao mesmo vaso, com incisões formando motivo complexo.

Assim como outras características já apontadas (e.g. a decoração corrugada apenas na borda do vaso), a decoração incisa, extremamente rara tanto para os Tupinambá quanto para os Guarani, pode ser considerada como outra particularidade dos Tupi do médio e baixo rio Tocantins.

Apesar de haver uma grande variação nos tipos de incisão, foi observado um predomínio de desenhos simples, apenas com linhas horizontais paralelas, que (supostamente) circulavam o vaso, observadas em 70 fragmentos. Incisões circulares ou curvilíneas também foram freqüentes e somaram 23 registros. As demais ficaram assim divididas: 13 fragmentos com incisões

Fig. 69 CB-2659

verticais curtas; 6 com decoração transversal; 3 com motivos complexos; 3 com motivo

ondular; 2 com motivos traçados; 2 com motivos angulares; 2 com motivos verticais longos; 1 com decoração em espiral, e 1 fragmento com motivo triangular. Em diversos fragmentos, observaram-se combinações entre dois ou mais tipos de incisões.

A decoração incisa era sempre aplicada no lábio (10 fragmentos), onde tradicionalmente ocorriam incisões verticais curtas, ou na face externa do fragmento, principalmente nas paredes (68 fragmentos), nos bojos superiores (12 fragmentos) e bordas (11 fragmentos).

Em alguns casos, as incisões horizontais foram utilizadas como “acessório” das decorações pintadas, demarcando a área em que a pintura poderia ser realizada. As incisões, sempre de forma simples (nunca com motivos elaborados), com um papel secundário, parecem ter sido a única decoração plástica que poderia acompanhar uma pintura no vaso.

CB- 2841

Fig. 70 Fragmento CB-2841, com incisões em espiral.

As incisões parecem ter mantido certo padrão, tendendo a ser realizadas de forma fina e superficial. Excisões não foram observadas, e incisões largas e/ou muito profundas foram extremamente raras. No entanto, alguma variação pôde ser identificada em algumas peças com alternância de incisões rasas e levemente profundas (e.g. CB-848),

causando um efeito contrastante sobre a peça.

Tal padrão certamente não foi facilitado pela escolha das oleiras quanto ao antiplástico (leia-se o quartzo). Para a execução de incisões, tradicionalmente se indica a utilização de antiplásticos friáveis (e.g. argila moída), que não obstruam a passagem do instrumento, categoria na qual, certamente, o quartzo não se encaixa (RYE, *op. cit.*, p. 4). Pode-se observar na tabela abaixo que, apesar do número expressivo de fragmentos com antiplástico (quartzo) fino e em pouca quantidade na pasta, houve um número não desprezível de fragmentos com grãos espessos e/ou de antiplástico em grandes quantidades na pasta. Houve até casos (e.g. CB-1132) de incisões feitas sobre fragmentos com antiplásticos maiores que 5mm.

A recorrência dessas incisões finas e rasas, aliada à falta de resíduos (rebarba) na área adjacente, deixados durante a passagem do instrumento, indicou que, provavelmente, essas decorações podem ter sido realizadas após um período de secagem dos vasos.

4.3.11 Decorações Pintadas

A decoração pintada é o campo mais rico da indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco, onde a variação observada nos artefatos encontra o maior número de possibilidades. Foram identificados 835 fragmentos com decoração pintada, ou seja, um terço dos fragmentos diagnósticos.

As combinações, grosso modo, restringiram-se aos pigmentos vermelhos, branco e preto. Sem dúvida, o pigmento vermelho foi o mais observado (419 fragmentos apenas com pintura vermelha). A segunda e terceira maiores frequências também contaram com pigmento vermelho, observado sobre engobo branco (176 fragmentos) e com pintura branca (67 fragmentos). A pintura vermelha e preta sobre engobo branco, decoração clássica Tupiguarani, foi a quarta mais frequente, tendo sido observada em 50 fragmentos. Os demais tipos de pintura dignos de menção foram a branca (46

fragmentos), a branca sobre engobo vermelho (36 fragmentos), a pintura preta (11 fragmentos), a preta sobre engobo branco (10 fragmentos) e a vermelha (8 fragmentos).

A pintura vermelha foi observada tanto em grandes quantidades quanto em diferentes tonalidades. Às vezes, o pigmento vermelho foi observado, em um mesmo fragmento, em duas ou mais nuances. Não havia regra definida: tratava-se de um campo com infinitas possibilidades, do alaranjado ao marrom. Ainda assim, podia-se observar uma tendência das oleiras a utilizar um avermelhado mais claro como base e um vermelho mais forte para demarcar o contorno dos motivos.

Análise do pigmento (as assinaturas químicas)

Análises PIXE (particle induced x-ray espectrometry), realizadas no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob coordenação do professor Dr. Stenio M. Dore, indicaram uma base mineral para o pigmento vermelho. Dentro de uma série de elementos químicos, o ferro seria o predominante, já que a quantidade de ferro no pigmento está diretamente ligada à coloração do vermelho. O vermelho “fogo” teria uma grande predominância de ferro, enquanto que o vermelho-alaranjado ou o vermelho-marrom possuiriam quantidades de alumínio e silício quase iguais à de ferro (vide Anexo 11). A obtenção de óxidos de ferro para o pigmento vermelho não seria problema para as oleiras do sítio Cavalo Branco, já que no próprio sítio ocorrem afloramentos de hematita.

O pigmento branco, por sua vez, teria o alumínio como principal componente químico, seguido pelo silício.⁵⁵ Pode-se inferir que o pigmento branco foi obtido a partir da caolinita (óxido de alumínio), um tipo de argila. As análises coordenadas pelo Dr. Dore indicaram que não havia distinção química entre o pigmento branco utilizado como engobo e o pigmento utilizado para a pintura. Este, geralmente mais espesso, provavelmente, era menos diluído em água do que o do engobo.

O pigmento preto, por fim, tem o manganês como principal elemento químico. Dr. Dore (com. pessoal) acredita que esse elemento provém da pirolusita. Assim, houve

⁵⁵ Al, Si, e Fe são os elementos químicos mais encontrados no solo, e por consequência, na argila (DORE, com. pessoal).

indicação de utilização de minerais como base para os três principais pigmentos.

A ausência de elementos que indicassem uma base vegetal para os pigmentos é freqüente tema de debate em congressos sobre arqueoletria, tradicionalmente motivada por uma “decepção” dos arqueólogos que não encontram o urucum, tido como uma das principais bases para a pintura indígena. O argumento dos químicos, por sua vez, seria o da “não-sobrevivência” de pigmentos com base vegetal, que desbotariam, passando para um tom amarelado. Talvez seja exatamente o caso dos pigmentos amarelos encontrados tanto na cerâmica do sítio Cavalo Branco quanto em diversos sítios Tupi da região.

Fig. 71 Motivo com pigmento preto sobre engobo branco. execução de motivos.

Acrescenta-se que, para piorar as chances de o pigmento preto aparecer, havia uma tendência das oleiras do sítio Cavalo Branco a realizar motivos com largura média ou grossa, sempre em branco e/ou vermelho. Motivos com linhas finas apareceram, ainda que em número reduzido.

Além do mais, nas inúmeras peças em que foi observada pintura na face interna (a mesma face que, praticamente, proibia as decoração plásticas), nunca foram observadas linhas finas. Os motivos eram sempre formados por linhas médias ou grossas ou mesmo bandas, ou seja: mais um campo em que o pigmento preto esteve praticamente ausente.

Pode-se apontar um papel secundário do pigmento preto na pintura encontrada na cerâmica do sítio Cavalo Branco. Ao contrário dos pigmentos branco e vermelho, vistos em diversas combinações e espessuras, o pigmento preto foi observado (em geral) apenas em linhas finas, nunca em bandas, sempre como motivo e nunca como base para a

Fig. 72 Motivo com pigmento preto sobre engobo branco.

Fig. 73 CB-703 (356), CB-1147, e CB 1504, com pintura vermelha e branca na face interna.

Seria possível sugerir, sem demasiada propriedade, porém, que como os Tupi do sudeste do Pará podiam realizar motivos incisos – sempre finos – não sentiam uma necessidade tão grande de fazer motivos pintados finos. A presença da decoração incisa teria, assim, permitido maior liberdade no campo da decoração pintada.

A utilização de bandas, marcando a inflexão dos vasos, sem dúvida é um dos aspectos que mais aproxima a cerâmica do sítio Cavalo Branco com a tradição Tupiguarani. As bandas foram extremamente freqüentes, principalmente sobre o lábio, entre a borda e o bojo superior, e sobre o ombro dos vasos. Mais uma vez, não havia regra definida.

No entanto, foi possível identificar uma tendência a utilizar o pigmento vermelho sobre o lábio e/ou borda, assim como no ombro, deixando um espaço entre borda e ombro para o pigmento branco. Essa área, geralmente voltada para cima e o ponto de maior visibilidade do vaso, seria a preferida para a execução dos motivos em linhas finas. Outra característica que liga a pintura encontrada na cerâmica do sítio Cavalo Branco à tradição Tupiguarani, é a presença de motivos em grega, encontrados em diferentes partes dos vasos (tanto interna quanto externamente), com diferentes espessuras, tipos de pigmento e formas de construção. Em alguns casos (vide CB-556, abaixo), não é possível precisar se é um motivo em grega ou complexo.

Fig. 74 CB-413, com bandas vermelhas sobre o ombro e na divisa da borda com o bojo superior.

Fig. 75 Fragmentos CB-1269, CB-583-548-1148-1167 e CB-556, com motivos em grega.

Fig. 76 Preenchimento dos espaços ou alternância na espessura das linhas.

Seria uma injustiça reduzir os motivos realizados sobre uma faixa de engobo branco, no bojo superior do vaso a meras linhas finas. Não raro, foi observada uma alternância de espessuras ou um preenchimento dos espaços, que poderiam representar um dos motivos-símbolo dos Tupi do médio e baixo Tocantins.

CB- 968, 983, 991

Fig. 77 CB-968, CB-983 e CB-991, com presença de diferentes tons de vermelho, em bandas e motivos com espessuras variadas.

Os Tupi do sudeste paraense certamente tinham um modo particular de lidar com a policromia. A pintura realizada sobre a cerâmica não se restringia apenas ao pigmento vermelho e/ou preto sobre engobo branco. Abaixo, podem-se observar duas variações com predominância do pigmento branco. No fragmento CB-815, a decoração foi feita sobre engobo vermelho; no fragmento CB-810, o pigmento branco foi usado diretamente

sobre a parede. Interessante notar que, nesse caso, o motivo é formado pelo negativo do pigmento sobre a parede do vaso.

Fig. 78 Fragmentos CB-606, CB-809 e CB-810. A pintura branca aparece sozinha⁵⁶ (CB-810) ou sobre engobo vermelho (CB-606 e 809) sobre a superfície do vaso. Trata-se de uma das idiossincrasias dos Tupi do sudeste paraense.

Observou-se, em alguns casos (e.g. CB-768 e CB-810, acima) que, e, vez de trabalhar a policromia apenas na pintura, as oleiras optavam em contrastar um pigmento à superfície do vaso. Pode-se notar toda uma preocupação com a superfície, tanto na busca da argila adequada, quanto de cores fortes (avermelhados e alaranjados), durante a queima do vaso, que oferecessem forte contraste ao pigmento branco, com o qual era realizado o motivo.

A decoração pintada poderia ser um exemplo da desvinculação do funcional com o estilístico, mas isso não se observou no sítio Cavalo Branco. As análises de laboratório identificaram alguns fragmentos em que a pintura tinha uma relação direta com uma função anti-erosiva.⁵⁷ O fragmento 1466, por exemplo, está completamente erodido, salvo a superfície coberta por pigmentos branco e preto.

Foto 4.3.18 Fragmento CB-1466, pintura restringindo a erosão.

⁵⁶ O amarelo do desenho representa a superfície do vaso. Os motivos não são formados pela pintura, mas pelos vãos deixados por ela.

⁵⁷ No entanto, tal constatação deve, no momento, ser compreendida muito mais como uma suposição do que uma inferência, faltando um maior número de amostras além de testes físico-químicos para confirmá-la.

4.3.11.1 Interpretações

La Salvia e Brochado (1989, pp. 96-98) defendem que o significado dos motivos, entre outros campos, pode estar ligado a um contexto religioso, à origem do clã e a uma individualização das pessoas dentro de suas famílias ou agrupamentos maiores. Ao mesmo tempo, ocorre uma ligação com o social e o ritual:⁵⁸ as grandes festas seriam o momento propício para a utilização das peças mais elaboradas, que demonstrariam não só o poder do grupo, mas também suas origens.

Tal suposição também tem uma evidente ligação com a visão comunicativa do estilo de Wiessner (1983, 1991) e Childs (1989). A primeira (1991, p. 109) acredita que o estilo possa projetar informações sobre o indivíduo e sobre seu grupo. Seria ousadia sugerir que a pintura feita em bandas, uma quase constante na tradição Tupiguarani, estaria ligada a um âmbito grupal, e os motivos, em constante mudança, estariam ligados a um âmbito individual?

Uma cuidadosa análise feita em cima de, aproximadamente, 2500 motivos, levou La Sálvia e Brochado a uma interpretação de cunho evolutivo da mudança no tempo e no espaço que cada uma das migrações teve com relação ao centro dispersor dos Tupi. Mas a terrível similaridade entre a cultura material (leia-se, a cerâmica) dos diversos grupos, separados por milhares de anos (BROCHADO, 1984), distantes, por vezes, milhares de quilômetros ou unidos, em outros momentos, apenas por uma relação de contínuo conflito, não causaria desconforto ao adotar essa abordagem? Haveria um elo cultural entre esses grupos situados acima desses problemas?

O significado desses motivos ainda fica em aberto. La Salvia e Brochado (*op. cit.*, p. 95) sugerem que os motivos têm representações com significado animístico, de animais e vegetais. Tal sugestão está em concordância com a visão de Roe (1995, p. 58) que percebe, por meio de seu “animismo tecnológico”, contido tanto nas formas quanto nas decorações de superfície, a transformação mítica de criaturas, símbolos naturais da cosmologia sul-americana. Não será descartada essa hipótese. No entanto, será aqui arriscada uma tentativa de inferência, inspirada nos trabalhos realizados por e Carvalho (1983) e Prous (2005).

⁵⁸ Os autores não estabelecem de forma clara as diferenças e semelhanças entre o que é ritual e o que é religioso.

Partiremos de um aspecto fundamental para a compreensão das pinturas e dos motivos: o significado das cores dos pigmentos. Lúcia Andrade (1992b, p. 130), em estudo sobre as pinturas corporais dos Asurini do Tocantins (Tupi), associa o pigmento vermelho à morte ou aos mortos (o vermelho é a cor do sangue), e o preto, aos vivos.

Podemos também recorrer ao trabalho realizado por Regina Müller (1990, p. 220) com os Asurini do Xingu, que traz, entre suas inúmeras contribuições, uma sofisticada análise do padrão de motivos, que seriam concebidos “*na mitologia e reafirmados na transposição da anatomia humana à das panelas de cerâmica*”.

Fig. 79 Guerreiro com incisões corporais e um toque francês (Fonte: FERNANDES, *op. cit.*).

Em seguida, podemos tomar como base a conclusão feita por Fernandes (1970, p. 52), que considera a guerra como um dos motores da dinâmica que estrutura as sociedades Tupi.⁵⁹ Para ele, a vingança constituía o principal fator para a guerra nessas sociedades. O clímax dessa vingança era o sacrifício do cativo, que seria degustado em um ritual antropofágico.

Viveiros de Castro (2002, p. 257) acredita que o “*canibalismo parece ter sido, entre muitas outras coisas, o método especificamente feminino de obtenção da imortalidade, que no caso masculino era obtido pela bravura no combate e a coragem na hora fatal*”. O homem responsável por sacrificar o inimigo recebia incisões no

corpo com motivos que exprimiam sua capacidade como guerreiro e a quantidade de inimigos sacrificados por ele (FERNANDES, 1970, *passim*). Ou seja: os motivos incisos no corpo traziam as marcas da bravura, do poder e

do prestígio do guerreiro.

Tais incisões e o sangue que corria por elas traziam uma conotação de “livrar das impurezas” o sacrificante que, caso não se sujeitasse às incisões, logo morreria (*id.*, *ibid.*, p. 306). Fernandes argumenta que o costume das incisões era comum aos homens e às

⁵⁹ Fernandes trabalha mais especificamente com os Tupinambá.

mulheres, com uma única diferença: os homens podiam levá-las por todo o corpo, e as mulheres só podiam receber incisões entre o umbigo e as coxas.

Quem repara nos retratos dos motivos incisos na pele do guerreiro não consegue deixar de notar a tremenda semelhança com as os motivos pintados, geralmente em vermelho, cor de sangue, nos vasos cerâmicos. Uma completa falta de relação entre uma coisa e outra parece absurda.

Se utilizarmos uma visão de gênero,⁶⁰ partindo do pressuposto estabelecido por Viveiros de Castro para a estrutura de guerra Tupi (a antropofagia seria um equivalente feminino aos poderes adquiridos pelo homem em combate) e adotarmos uma visão estruturalista, de acordo com a qual o artefato é uma extensão do corpo humano, seria razoável enxergar os motivos feitos na cerâmica como um prolongamento das incisões que, para as mulheres, estariam restritas a uma parte do corpo. Tais motivos teriam, para as mulheres ou os parentes dos bravos guerreiros, um significado equivalente às incisões masculinas, a mesma denotação individual de prestígio social e de poder transportadas nos corpos cobertos de incisões desses bravos lutadores.

Individual, mas socializado. Se a inferência estiver correta, a constância na transposição das incisões corporais do corpo para os vasos cerâmicos, em tempo e espaço, apesar de carregar uma conotação individualizante, seria parte da estrutura dos grupos Tupi.

Acompanhando essa linha de raciocínio, um ponto de extremo interesse em relação à cerâmica Tupi do sudeste paraense é o constante aparecimento de motivos incisos. Seria essa idiossincrasia outra maneira de transportar as incisões corporais, de modo até mais literal, para o plano material? Seguindo a problemática das expansões e de seus centros de origem, não se poderia pensar que, no caso da confirmação e do aprofundamento das datas, o sudeste paraense é o centro das dispersões Tupi? A utilização das incisões nas cerâmicas não seria o início de uma transposição de um aspecto social para a cultura material que perseguiria os Tupi por muitos séculos, mas que seria apagado, frente ao pigmento vermelho das pinturas, no restante da tradição Tupiguarani?

60 Para uma visão etno-arqueológica de gênero, vide o trabalho de Reid e MacLean (1995).

4.3.11.2 O “vaso Cavalo Branco” (CB-2666)

Conhecida como símbolo do sítio Cavalo Branco, a vasilha CB-2666⁶¹ (capa dessa dissertação) se encaixa perfeitamente na problemática da relação entre incisões corporais e guerreiros, motivos pintados e guerreiras, permitindo um aprofundamento em alguns de seus aspectos.

Minha mulher afasta de mim as armas (...). Trata-se da esposa do matador, mas quem diz ‘minha mulher’ é o inimigo; como se o inimigo morto fosse sujeito da enunciação, o matador sujeito do enunciado (VIVEIROS DE CASTRO, 1984/1985b, p. 77).

Durante dias, bebeu-se cauim. Era um dos poucos momentos em que a tribo se reunia. Já era hora de parar. Só que, um pouco antes, de os ânimos finalmente se darem por vencidos, rompeu uma briga. Um homem e uma mulher. Em princípio, ninguém prestou muita atenção. Momentos depois, o caos tornara-se generalizado. Tomados os partidos, foi decretada a cisão. Os cunhados de ontem hoje se tornaram os piores inimigos.

A segunda descrição acima, inventada em um ou dois minutos, poderia ser encaixada na feita por Abbeville, citada no **Capítulo 1**, da causa da ruptura entre os Tupinambá que haviam acabado de chegar ao Maranhão. Poder-se-ia, tranqüilamente, traçar um paralelo entre ela e a causa da ruptura dos Parakanã observada por Fausto (2001). Por fim, pouca diferença poderia ser vista entre a mesma e a causa da ruptura entre os Araweté e os Asuriní ou entre os Máï (os deuses) e os seres humanos (VIVEIROS DE CASTRO, *op. cit.*). O ponto em comum: uma discussão sobre gênero (os Parakanã discutiam sobre mulheres) levou a uma cisão, opondo duas partes semelhantes.

Desde sua criação, os Tupi se separam. Os Araweté teriam surgido de uma separação entre os Máï e os humanos (*id., ibid.*, p. 62). Desde então, para esse grupo, existe o eu e o outro. No patamar celestial, o outro é o Máï. Na terra, é o inimigo.

⁶¹ Tamanha era relação entre o vaso e o sítio, que os estagiários responsáveis pela curadoria começaram a denominar o vaso de “Cavalo Branco”.

No momento, o que nos interessa do sofisticado pensamento de Viveiros de Castro é que, na lógica do canibal, o matador, o morto e o deus se entrelaçam de tal forma que acabam sendo o mesmo. O ritual antropofágico, para os Tupi, aproximaria dos deuses tanto o guerreiro que mata quanto o guerreiro que morre. A certa altura, não se sabe mais quem é quem.

O oponente, para ser um inimigo real, tem de ser igual. Como se ver no outro se o outro é diferente? Tem-se, assim, uma explicação plausível para o desespero Tupi de perder a semelhança com o outro. Tamanho era o desespero que, se postos frente a frente, um grupo Tupi localizado a 5 mil quilômetros do outro veria este como um igual.⁶²

Fig. 80 O reflexo invertido dos iguais pode ser encontrado no vaso CB-2666.

No vaso CB-2666, é possível observar essa lógica de oposição-inversão entre iguais. Se passada uma linha longitudinal no centro do vaso, percebe-se que o desenho se repete. Se, continuando a pensar no viés estruturalista, encarar-se essa decoração apenas como um motivo pintado, pode-se interpreta-la como uma infinidade de duos opostos (homem-mulher, guerreiro-guerreiro etc.). No entanto, se inferida uma função para o vaso

⁶² A busca do igual como inimigo não parece ser uma exclusividade dos Tupi. Desde os Kaypó-Xikrim, grupo Jê descrito por Vidal (1977), até os Nuer de Evans-Pritchard (2002), são inúmeros os exemplos da busca de semelhantes para preencher o papel de inimigo.

CB-2666, pode-se chegar a uma sugestão⁶³ mais segura. Observando a flange encontrada no bojo superior desse vaso, assim como o expressivo número de vasos com pescoço, observou-se que, se invertido, o vaso CB-2666 se encaixaria perfeitamente como tampa.

Fig. 81 O vaso CB-2666, observado como tampa, se encaixaria em vasos com pescoço, como o CB-1523 (proveniente de uma quadra adjacente e um nível abaixo do local onde foi encontrada o CB-2666, e com o diâmetro da boca levemente reduzido para servir de exemplo). Ao lado, urna funerária encontrada em sítio Tupi no nordeste brasileiro, identificada por Monteiro (*apud* MARTINS, 2005, p. 195).

Dessa forma, estando certa nossa inferência quanto à funcionalidade do vaso, não seria demasiada pretensão sugerir que um vaso, ou melhor, uma tampa, com o motivo mais sofisticado encontrado no sítio até agora, que carrega um pesado fardo cosmológico, seria perfeita para cobrir uma urna funerária, possivelmente de um guerreiro.⁶⁴ Assim, chegaríamos à oposição do guerreiro (observada em CB-2666) com seu igual, e do guerreiro com seu Máí. Quem é quem nesse contexto talvez nem os antigos habitantes do sítio Cavalo Branco saberiam responder.

É importante ressaltar, no entanto, que o vaso CB-2666 não foi encontrado encaixado em outro vaso, muito menos sobre um vaso com restos humanos (vide **foto 2.3.14.**, no **Capítulo 2**, com a imagem do vaso sendo evidenciado). O que nos leva a indicar que, mesmo que o vaso CB-2666 tenha sido feito para servir de tampa para uma urna funerária, não teve a oportunidade de ser utilizada como tal.

⁶³ Impossível falar em inferência em campo tão subjetivo quanto esse.

⁶⁴ Se assim não fosse, qual seria a razão de fazer uma tampa com o motivo voltado para dentro?

4.4 CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CERÂMICA DO SÍTIO CAVALO BRANCO

A indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco apresenta algumas características claras. De forma resumida, os potes, construídos com a técnica do acordelamento, são de tamanhos extremamente variáveis (com diâmetros de boca entre 5cm e 64cm). Sua espessura também varia, ainda que em menor proporção. As oleiras que habitaram o local, ao contrário do que foi visto em outros sítios da região, como o Remanso/MA (SCIENTIA, em elaboração *a*), variavam a espessura do vaso de acordo com o seu tamanho, o seu volume e a sua função (e.g. assadores tendem a ser mais grossos). Ainda assim, se comparados com os vasos Guarani, por exemplo, os fragmentos cerâmicos do sítio Cavalo Branco provavelmente seriam considerados finos.

Apesar da grande variedade de formas, foi recorrente a observação de pontos inflexão na parede (não seriam eles os causadores dessa variação?). As carenas, que não apareceram na frequência esperada, acabam à margem de uma grande recorrência de ombros, que apareciam constantemente sob as bordas. Essas, e a região adjacente a elas (na face externa, entre a borda e o ombro), aparentemente recebiam um cuidado especial das oleiras, quase sempre alguma forma de decoração, desde um ungulado simples no lábio até uma pintura complexa no bojo superior. Parece que as ceramistas tinham horror a vasos sem nenhuma decoração:⁶⁵ eles são uma minoria. Alguma marca ou assinatura tinha de ser deixada.

As formas terminavam, quase sempre, de maneira arredondada (bases convexas) e, às vezes, de forma plana. Bases anelares ou com pedestal não eram utilizadas. Mesmo as bases planas, em suas raras ocorrências, eram do tipo plana-convexa, ou seja, sem um ponto de inflexão que demarcasse a fronteira entre a base e o bojo inferior.

A textura da pasta também era bastante variada. Às vezes extremamente alisados e até polidos, os fragmentos tinham grande variação. Também foram encontradas peças com um tratamento de superfície tosco. Esse fenômeno, que poderia fazer com que o estudioso mal-informado indicasse uma inabilidade das oleiras, pode ser relacionado a uma questão funcional, como já discutido.

⁶⁵ O que difere do horror ao vazio indicado por Prous (2005) em relação aos Tupiguarani. Para as oleiras do sítio Cavalo Branco, vazios não eram só permitidos, mas frequentemente observados. O que parece ser raro é uma total falta de decoração.

Outro fator extremamente ligado à questão da textura e do tratamento de superfície é o uso do antiplástico. Dentre as variáveis observadas, pôde-se notar uma grande preferência pelo uso de carvão e/ou quartzo (natural ou inserido pelas oleiras). Nos fragmentos observados com carvão, percebeu-se uma maior tendência à porosidade, causada pela queima desse carvão da pasta. Tal porosidade acabou, diversas vezes, por gerar uma fragilidade nos fragmentos (e, por conseqüência, nos vasos), o que também ocorria devido, entre outros fatores, ao tamanho dos grãos de quartzo. Diversas vezes, esses grãos foram encontrados em proporções inadequadas (i.e. acima de 5mm), que certamente afetaram a sustentabilidade do vaso.

A impressão que se tem, ao deparar com essa “displicência” das oleiras que, por outro lado, tanto se empenhavam no campo decorativo, é que os vasos não precisavam ter uma vida útil muito extensa.⁶⁶ A grande quantidade de material cerâmico do sítio, que deve ter sido constantemente renovado, ajuda a sustentar essa inferência. Tal renovação do estoque de vasos, ou pelo menos de parte dele para determinados eventos, parece ter sido uma constante entre os Tupi da Amazônia.

O sítio Cavalo Branco, assim como pode ser observado nos demais sítios Tupi da região (vide detalhes no **Capítulo 5**), apresenta várias idiossincrasias: motivos com linhas largas, decorações incisas, corrugados localizados apenas na borda. São muitos os atributos que diferenciam os Tupi da região do médio e baixo Tocantins das já conhecidas sub-tradições Tupinambá e Guaraní (de acordo com a nomenclatura utilizada por Brochado, 1984). Outros fatores podem ajudar nessa diferenciação, a ser mais bem detalhada no **Capítulo 5**.

As formas, assim como as decorações plástica e pintada, têm uma grande afinidade com a tradição Tupiguarani. Foram observadas a semelhanças entre certas formas do sítio Cavalo Branco e os *cambuxis* dos Guaraní. Outras características, como os corrugados, unglados, a policromia usada como “demarcadora de fronteiras” para inflexões das vasilhas, as carenas e, principalmente, o grande número de ombros, confirmam a ligação desse material com a tradição Tupiguarani. Isso resumindo a análise apenas ao duo forma-decoração.

⁶⁶ O tipo de queima, realizada em geral de forma incompleta, também aponta para vasos mais frágeis.

É importante constatar que o material analisado não pode ser diretamente ligado nem à sub-tradição Guaraní nem à sub-tradição Tupinambá: os Tupi do médio-baixo Tocantins são os Tupi do médio-baixo Tocantins.

Dessa forma, alinho meu pensamento com uma recente guinada da arqueologia brasileira, que tende a separar os até a pouco “idênticos” Tupi em recortes regionais (vide NOELLI, 1993, e MORAES, 2007). O conceito de variabilidade foi essencial para essa mudança de postura, uma vez que se deixou de focar apenas as semelhanças e passou-se a olhar também para as diferenças dentro do registro arqueológico.

Logo na introdução dessa dissertação, defendemos que o termo “Tupiguarani” deveria ser mantido, mas apenas como uma referência à grande tradição arqueológica espalhada por território considerável do continente sul-americano. Assim, ao mesmo tempo que os Tupi do médio e baixo Tocantins fazem parte dessa grande tradição, apresentam diferenças não apenas no âmbito geral, mas também um número significativo de diferenças internas.

Como essa afirmação não pode ser feita apenas com base na análise de um sítio, o foco será ampliado para uma escala regional, nos **Capítulos 5 e 6**, nos quais tentaremos iniciar a compreensão do “Complexo Tupi da Amazônia Oriental”.

Pranchas Cerâmicas

1/14

Foto 4.3.19. Sítio Cavallo Branco, Prancha 1.

Pranchas Cerâmicas

2/14

Foto 4.3.20. Sítio Cavallo Branco, Prancha 2.

Pranchas Cerâmicas

3/14

Foto 4.3.21. Sítio Cavallo Branco, Prancha 3.

Pranchas Cerâmicas

4/14

Foto 4.3.22. Sítio Cavallo Branco, Prancha 4.

Pranchas Cerâmicas

5/14

Foto 4.3.23. Sítio Cavallo Branco, Prancha 5.

Pranchas Cerâmicas

6/14

Foto 4.3.24. Sítio Cavalo Branco, Prancha 6.

Pranchas Cerâmicas

7/14

Foto 4.3.25. Sítio Cavallo Branco, Prancha 7.

Pranchas Cerâmicas

8/14

Foto 4.3.26. Sítio Cavalo Branco, Prancha 8.

Pranchas Cerâmicas

9/14

Foto 4.3.27. Sítio Cavallo Branco, Prancha 9, Seleção Fotográfica de material não analisado.

Pranchas Cerâmicas

10/14

CB - SF - 96

CB - SF - 96.2

CB - SF - 96.1

CB - SF - 30

CB - SF - 26

CB - SF - 02

Foto 4.3.28. Sítio Cavalo Branco, Prancha 10, Seleção Fotográfica de material não analisado.

Pranchas Cerâmicas

11/14

Foto 4.3.29. Sítio Cavallo Branco, Prancha 11, Seleção Fotográfica de material não analisado.

Pranchas Cerâmicas

12/14

Foto 4.3.30. Sítio Cavalo Branco, Prancha 12, Seleção Fotográfica de Material não analisado.

Pranchas Cerâmicas

13/14

Foto 4.3.31. Sítio Cavallo Branco, Prancha 13, Seleção Fotográfica de Material não analisado.

Pranchas Cerâmicas

14/14

Foto 4.3.32. Sítio Cavallo Branco, Prancha 14, Seleção Fotográfica de Material não analisado.

CAPÍTULO 5

CB-538,548,1148,1167

5 O COMPLEXO TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL (PARTE I: CERÂMICA)

Sítio Bom Jesus 2 (PA), n°484

Fig. 82 Fragmento 484, sítio Bom Jesus 2.

5.1 DE VOLTA ÀS FASES

Menos elegante, porém mais provável do que a de uma “relação de parentesco” entre as incisões, proto-motivos pintados, com as escarificações corporais dos guerreiros e suas parceiras, é a hipótese da difusão cultural a respeito das decorações na cerâmica amazônica. Menos elegante por ser um conceito em desuso para a arqueologia contemporânea. Ainda assim, em um contexto no qual uma série de grupos culturais dividia uma mesma região, e contatos pacíficos ou não ocorriam, é inevitável abordar a questão da troca. Araújo-Costa, em sua dissertação, realiza isso, e indica uma interação entre os grupos, primordialmente Tupi, estudados por ela, com outros, portadores de cerâmica inciso-ponteadas.

A própria relação entre as fases criadas por essa arqueóloga e por Simões (1987) parece, em certo momento, percorrer a transição entre o motivo inciso e o pintado. Afinal, a cerâmica da fase Tauá praticamente não possui motivos pintados ou características Tupiguarani.

A distinção feita por Simões e Araújo-Costa (1987) das fases Tauarí, Tucuruí e Tauá baseia-se em uma divisão geográfica. A fase Tauarí, ao sul, poderia ser encontrada no entorno da cidade de Marabá, se estendendo por algumas dezenas de quilômetros para o norte. Rio abaixo, ultrapassada a atual cidade de Tucuruí, na porção setentrional desse

recorte geográfico, estariam os sítios com cerâmica Tauá. Entre as duas fases, seria possível encontrar a fase Tucuruí.

Na verdade, essa divisão não é somente geográfica, uma vez que são claras as distinções morfológicas entre as indústrias cerâmicas dessas fases. No entanto, a divisão geográfica foi propícia. Na curta experiência que tive em manipular esse material, ficou nítida a sensação de que a fase Tucuruí nada mais era do que uma transição entre a cerâmica Tauá e a cerâmica Tauarí ou vice-versa.

Uma compilação dos dados levantados pelo prof. Dr. Stephen Shennan (UCL) e pelo presente aluno,⁶⁷ assim como dos resultados apresentados por Simões e Araújo-Costa (*op. cit.*), permitem resumir as fases citadas.

A fase Tauá pode ser descrita como acordelada, possuidora de areia (grossa ou fina) como tempero e, por vezes, também o cariapé. O fino acabamento de superfície chama a atenção. As decorações também são sofisticadas: a policromia é observada, principalmente em forma de banhos (engobos), mas perde espaço frente ao enorme leque de decorações incisas e excisas (paralelas, verticais, horizontais, transversais e complexas) e modeladas (e.g. filetes aplicados). Foram observadas bases planas e anelares, mas a reconstituição gráfica feita por Simões e Araújo Costa (*ibid.*, p. 21; vide Anexo 12) indicou que os vasos tinham, predominantemente, fundos convexos. Bordas vazadas foram encontradas com frequência, e as cambadas foram raras. Em geral, o predomínio é das bordas extrovertidas. A espessura dos vasos tendia a ser média (entre 0,5cm e 1,5cm). Algumas carenas foram identificadas. Ainda assim, é possível afirmar que o contorno da maioria dos vasos era simples ou infletida. Não foram identificados assadores.

A fase Tucuruí é mais simples do que as duas outras. A técnica de manufatura era o acordelado, e o antiplástico predominante era o mineral (areia fina ou grossa), mas foram observados também fragmentos com cariapé. O tratamento de superfície em geral foi bem executado, com presença de engobos brancos e vermelhos. Bordas vazadas e cambadas foram identificadas. A espessura dos vasos tendia a ser média (entre 0,5cm e 1,5cm). Se a fase Tauá era rica no campo decorativo, a fase Tucuruí era rica nas formas cerâmicas, havendo exemplares compostos e complexos. Algumas carenas foram

⁶⁷ Em setembro de 2004, tive a oportunidade de auxiliar o Dr. Shennan no seu projeto de “Levantamento de Coleções Arqueológicas de Cerâmicas Polícromas Brasileiras”, que foi realizado no MARSUL-RS e no Museu Paraense Emílio Goeldi.

observadas, assim como freqüentes bordas com ombro, semelhantes às inseridas na **forma 17** do sítio Cavalo Branco. A decoração plástica não era abundante, mas possuía inúmeras variáveis, entre incisões/excisões (alguns motivos), digitados, ponteados e escovados. Na decoração pintada, observou-se a policromia, ainda que com baixa presença de motivos.

Por fim, a fase Tauarí pode ser descrita como acordelada, com tempero de areia (grossa ou fina), assim como, em menor escala, de cariapé ou carvão+cariapé. O tratamento de superfície já não possui a sofisticação encontrada na fase Tauá e, por vezes, chegava a ser grosseiro. A policromia ganhou força nessa fase e apareceu em alguns motivos. A própria decoração plástica começou a apresentar características diferentes, com o constante aparecimento de corrugados e ungulados e diminuição dos fragmentos incisos. Alguns dos corrugados, foi possível observar, eram dúbios e se confundiam com um alisamento grosseiro (característica observada no sítio Cavalo Branco). As bases eram convexas. As bordas, geralmente simples ou extrovertidas, possuíam exemplares vazados. Ombros foram observados, no entanto, a morfologia dos vasos tendeu para o simples ou infletido.

Apesar de não ter sido indicada por Simões e Araújo-Costa (*op. cit.*), a presença de assadores é provável para essa fase: tive a oportunidade de identificar uma série de fragmentos de base plana, de espessura grossa (>2cm), e com presença de “decoração” corrugada, muito semelhante às diversas peças com essas características encontradas no sítio Cavalo Branco, que levaram a reconstituições de assadores. A espessura dos fragmentos possuía variação maior do que nas fases Tauá e Tucuruí.

Pode-se observar alguns elos entre essas três fases: técnica de manufatura acordelada, antiplástico mineral, policromia, decorações incisas e presença de bordas vazadas. No entanto, uma leitura atenta à descrição da indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco, assim como das três fases descritas acima, permite indicar um maior grau de relação entre esse sítio e a fase Tauarí. A primeira semelhança, e a que menos precisa ser discutida, é geográfica: é a fase Tauarí que pode ser encontrada no entorno da atual cidade de Marabá. A preferência pelos motivos pintados frente aos incisos é algo que distingue a fase Tauarí da fase Tauá e a aproxima do sítio Cavalo Branco. Apesar de ser maior a presença de fragmentos pintados do que fragmentos incisos (vide a seriação feita por Simões e Araújo-Costa, *op. cit.*), os motivos Tauá e Tucuruí são predominantemente

incisos ou excisos, ao contrário do que ocorre tanto com a fase Tauarí quanto com o sítio Cavalo Branco.

A presença de apêndices zoomorfos ou zooantropomorfos também é significativa na fase Tauá, rara na fase Tucuruí e praticamente ausente na fase Tauarí. Nenhum apêndice desse tipo foi encontrado no sítio Cavalo Branco. As formas dos vasos também sofreram com o deslocamento geográfico, sendo encontradas em morfologias mais simples na fase Tauá do que nas fases Tucuruí e Tauarí. O maior nível de variação entre essas diferentes indústrias (fases) cerâmicas é encontrado nos aspectos decorativos. Outros aspectos, como a técnica de manufatura, o antiplástico e os tratamentos de superfície, permanecem constantes.

A cerâmica Tauá possuía poucos elementos que pudessem sustentar uma correlação entre essa fase e a tradição Tupiguarani, mas apresentou características (e.g. cerâmica acordelada, antiplástico mineral, decorações incisas, pinturas vermelhas, bordas vazadas, formas com ombros) que permitiram sua relação com as demais fases, principalmente com a Tucuruí, mas também com a Tauarí. Se esta última for considerada como a mais fiel representante da cerâmica Tupiguarani na região, pode-se, por consequência, relacionar fase Tauá à tradição Tupiguarani.

Trata-se de uma linha de raciocínio simplista que, entretanto, funciona. A divisão entre as fases, realizada por Simões e Araújo-Costa, é extremamente feliz ao dar à cerâmica do baixo Tocantins um sentido transitório, seja essa transição simplesmente espacial ou temporal (vide cronologia, no **Capítulo 7**). Sem dúvida, essas fases não são a mesma coisa, mas há grandes semelhanças entre elas. São, talvez, o que mais se assemelha na cerâmica da região do sudeste paraense, ainda que com diferenças significativas. Mesmo as diferenças internas de cada uma dessas fases podem ser consideradas acentuadas: nada que se assemelhe àquela rigidez cultural Tupiguarani.

Tamanha é a dificuldade frente a esses novos Tupi, caracterizados por uma heterogeneidade cultural de graduação expressiva, que se denomina esse conjunto de “Complexo Tupi da Amazônia Oriental”.

Não havendo meios de realizar uma discussão mais profunda sobre a relação entre essas fases, mas possuindo recursos para aprofundar a questão das diferenças internas dentro de um desses agrupamentos – a fase Tauarí – procederemos a uma abordagem

regionalizada do complexo Tupi. A contextualização do sítio Cavalo Branco nessa fase (Tauarí) acontece simultaneamente com a de outros sítios, estudados por conta do resgate do 3º circuito da Linha de Transmissão, a LT Tucuruí-Presidente Dutra (sítios Bela Vista e Bom Jesus 2), assim como a do sítio Nova Ipixuna 3, proveniente do 4º circuito da linha de transmissão, a LT Tucuruí-Açailândia, a mesma em que foi resgatado o sítio Cavalo Branco. Todos os sítios foram considerados pertencentes à tradição Tupiguarani.

O sítio Grajaú (LT Tucuruí-Presidente Dutra), situado próximo ao rio homônimo, na bacia do rio Pindaré (MA), é o único que não faz parte do entorno do Tocantins. Também é o único cuja cerâmica não pode ser inserida na fase Tauarí. Há de se dizer que, ao trazer esse sítio para a presente discussão, traz-se um sítio fora do contexto do baixo Tocantins. Sua função será comparativa, para que possamos traçar uma “unidade” com a cerâmica da fase Tauarí e a variabilidade do material cerâmico quando se desloca o foco geográfico para fora do núcleo Tupi observado no baixo Tocantins.

Se o sítio Grajaú serve para fornecer uma referência quando ao comportamento da variabilidade frente a uma mudança na geografia, os demais sítios permitem compreender como essa variabilidade funciona internamente dentro de sítios pertencentes a uma mesma fase arqueológica⁶⁸.

5.2 DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS

Pretendemos fazer uma descrição sintética dos sítios, expondo quadros com a relação de todos os dados provenientes das análises cerâmicas, croquis com as topografias dos sítios, a relação das formas morfológicas e pranchas com fotos da cerâmica de cada um deles. Esses sítios devem ser considerados como uma ferramenta auxiliar do principal objeto de estudo, o sítio Cavalo Branco. Neste capítulo, a comparação ficará restrita ao material cerâmico, visando a responder as seguintes perguntas centrais:

– Como a variabilidade na cerâmica Tupi se comporta em um recorte geográfico?

⁶⁸ Todos os sítios mencionados (Nova Ipixuna 3, Bela Vista, Bom Jesus 2 e Grajaú), possuem metodologias de escavação semelhantes, onde a utilização de uma malha sistemática de quadras de 1m² foi sempre utilizada. Mais detalhes podem ser encontrados em Scientia (2002a e 2004).

- Quais são as diferenças internas de sítios pertencentes a uma mesma fase arqueológica?
- O que ocorre se colocarmos em oposição a cerâmica de sítios Tupi de áreas relativamente próximas (todos os sítios vs. sítio Grajaú), ainda que pertencentes a ambientes diferentes (leia-se: diferentes bacias hidrográficas e diferentes vegetações)?

Sítio Bom Jesus 2

Localização: Igarapé Girobal (bacia do Tocantins)

UTM: 22M 754.027/9.437.229

Município: Bom Jesus do Tocantins (PA)

Projeto: Linha de Transmissão Tucuruí-Presidente Dutra

Área do sítio: 50.000m²

Escavado em: 2002

Análise do material cerâmico: NAM (Núcleo de Arqueologia da FCCM⁶⁹)

Relatório final: Scientia Consultoria Científica

Cerâmica

Quantidade de material analisado: 2499 fragmentos (parede: 1474 frag.; borda: 816 frag.)

Técnica de manufatura: acordelado: 882 frag.; Não-identificada: 1612 frag.

Antiplástico: mineral: 2279 frag.; carvão: 124 frag.; cariapé+carvão: 29 frag.; cariapé: 26 frag.

Espessura do antiplástico: <1mm: 981 frag.; ≥1mm e <3mm: 1211 frag.; ≥3mm e <5mm: 249 frag.; > 5mm: 55 frag.

Queima: cinza: 1292 frag.; ocre: 590 frag.; preto: 126 frag.; duas faixas escuras: 274 frag.

Alisamento: ambas as faces: 2082 frag.; só na face interna: 200 frag.; só na f. externa: 136 frag.

Engobo: branco: 311 frag.; vermelho: 37 frag.

Barbotina: ambas as faces: 52 frag.; f. int.: 25 frag.; f. ext.: 6 frag.

Sinais de uso (fuligem): face externa: 12 frag.; ambas as faces: 5 frag.; face interna: 4 frag.

Morfologia da borda: direta: 336 frag.; extrovertida: 163 frag.; introvertida: 94 frag.; vazada: 23 frag.; cambada: 6 frag.

Inclinação da borda: vertical: 192 frag.; inclinada int.: 187 frag.; inclinada ext.: 155 frag.

Espessura da borda: normal: 372 frag.; contraída: 153 frag.; reforçada ext.: 51 frag.

Lábio: arredondado: 630 frag.; plano: 88 frag.; apontado: 35 frag.; biselado: 9 frag.

Espessura do lábio: 0,1 a 0,4cm: 257 frag.; 0,5 a 0,8cm: 366 frag.; 0,9 a 1,2cm: 91 frag.

Diâmetro da boca: 12cm a 20cm: 67 frag.; 22cm a 30cm: 75 frag.; 32cm a 40cm: 48 frag.

Espessura do fragmento: ≤0,5cm: 263 frag.; 0,6 a 1cm: 1864 frag.; 1,1 a 1,5cm: 291 frag.

Decoração plástica: corrugada: 18 frag.; incisa: 72 frag.; digitungulada: 11 frag.; entalhada: 8 frag.

Decoração pintada: vermelha: 743 frag.; vermelha e branca: 195 frag.; preta e vermelha: 149 frag.

Datações (C14): não há.

Bibliografia

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto: Levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA.** CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2002a.

Relatório Parcial: Salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA (3º circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2002b.

Relatório final: levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA. CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2003a.

Primeiro relatório parcial: projeto de salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA (3º Circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2003b.

⁶⁹ Fundação Casa de Cultura de Marabá.

TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BOM JESUS 2	
Forma 1	Vasilha esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta, introvertida ou vazada; espessura normal, expandida, reforçada, reforçada externamente dobrada ou contraída; inclinada internamente ou verticalmente; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 40cm, e o volume varia de 0,282l a 19,902l.
Forma 2	Vasilha esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta ou vazada; espessura normal, dobrada ou reforçada; inclinada verticalmente ou externamente; lábio arredondado ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 6cm a 44cm, e o volume varia de 0,599l a 12,226l.
Forma 3	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda extrovertida ou extrovertida com ponto angular; espessura normal, reforçada, reforçada externamente ou contraída; inclinação vertical, externa ou interna; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 10cm a 44cm, e o volume varia de 0,592l a 40,487l.
Forma 4	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda extrovertida; inclinada externamente, verticalmente ou internamente; com espessura normal, reforçada internamente ou contraída; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 8cm a 36cm, e o volume varia de 0,152l a 11,189l.
Forma 5	Vasilha esférica com pescoço , contorno infletido e boca constrita. Pescoço côncavo ou retilíneo; borda extrovertida; inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal ou expandida; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 8cm a 32cm, e o volume varia de 0,714l a 21,969l.
Forma 6	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta, introvertida ou vazada; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal, expandida, reforçada externamente ou contraída; lábio arredondado, plano, apontado ou biselado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 42cm, e o volume varia de 0,687l a 15,034l.
Forma 7	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta, inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada, expandida ou reforçada externa; lábio plano, arredondado ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 14cm a 38cm, e o volume varia de 0,619l a 7,964l.
Forma 8	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda extrovertida; inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada externamente ou expandida; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 44cm, e o volume varia de 0,161l a 12,349l.
Forma 9	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda extrovertida ou direta, inclinada internamente, verticalmente ou externamente; espessura normal, reforçada externa ou reforçada; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 14cm a 36cm, e o volume varia de 1,277l a 9,403l.
Forma 10	Vasilha em forma de calota , com contorno simples, boca aberta. Borda direta, inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada, reforçada externamente ou reforçada internamente; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 16cm a 46cm, e o volume varia de 0,652l a 12,108l.
Forma 11	Vasilha rasa , assador. Borda direta; inclinada externamente; espessura contraída, lábio plano e base plana. O diâmetro da boca do único exemplar é de 34cm, e o

	volume é de 0,443l.
Forma 12	Vasilha esférica , com contorno composto, boca constrita. Borda introvertida; inclinada internamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca do único exemplar é de 20cm, e o volume é de 2,307l.
Forma 13	Vasilha esférica , com contorno complexo e boca constrita. Borda cambada (possível suporte de tampa), inclinada externa; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro do único exemplar é de 38cm, e o volume é de 26,955l.
Forma 14	Vasilha em forma de calota , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou introvertida; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada ou contraída; lábio arredondado ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 16cm a 42cm, e o volume varia de 0,916l a 15,161l.
Forma 15	Vasilha em forma de calota , com contorno infletido ou composto e boca aberta. Borda direta ou extrovertida, inclinada externamente ou verticalmente; espessura normal, reforçada internamente, externamente ou expandida; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 48cm, e o volume varia de 0,335l a 16,197l.
Forma 16	Vasilha complexa , esférica, com contorno complexo, boca aberta ou constrita. Borda extrovertida, inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 24cm a 42cm, e o volume varia de 3,621l a 3,621l.
Forma 17	Vasilha esférica ou semi-esférica , com contorno composto e boca constrita. Borda direta, extrovertida ou vazada; inclinada internamente; espessura normal, reforçada internamente ou dobrada; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 18cm a 32cm, e o volume varia de 1,436l a 11,511l.
Forma 18	Vasilha em forma de calota , com contorno composto e boca constrita. Borda direta ou extrovertida; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 38cm a 48cm, e o volume varia de 9,537l a 13,355l.

Pranchas Cerâmicas

1/3

Foto 5.2.2. Prancha 1, sítio Bom Jesus 2.

Pranchas Cerâmicas

2/3

Foto 5.2.3. Prancha 2, sítio Bom Jesus 2.

Pranchas Cerâmicas

3/3

BJ2-1443

BJ2-1120

BJ2-1513

BJ2-696

BJ2-4172

BJ2-4000

Foto 5.2.4. Prancha 3, sítio Bom Jesus 2.

Sítio Nova Ipixuna 3

Localização: 150m do rio Ipixuna (bacia do Tocantins)

UTM: 22M 717666E 9456310

Município: Nova Ipixuna (PA)

Projeto: Linha de Transmissão Tucuruí-Açailândia

Área do sítio: 14.200m²

Escavado em: 2004/2005

Análise do material cerâmico: Scientia Consultoria Científica

Relatório final: Scientia Consultoria Científica

Cerâmica

Quantidade de material analisado: 330 fragmentos (parede: 265 frag.; borda: 45 frag.)

Técnica de manufatura: acordelado: 258 frag.; não-identificada: 65 frag.

Antiplástico: mineral: 298 frag.; carvão+mineral: 11 frag.; cariapé+mineral: 6 frag.

Espessura do antiplástico: <1mm: 119frag.; >=1mm e <2mm: 140 frag.; >=2mm e <3mm: 71 frag.

Queima: completa: 103 frag.; preto: 108 frag.; duas faixas escuras finas: 59 frag.

Alisamento: fino: 187 frag. (FI) e 154 frag. (FE); médio: 70 frag. (FI) e 94 frag. (FE); grosso: 11 frag. (FI) e 20 frag. (FE); polimento: 2 frag. (FI) e 0 frag. (FE)

Engobo: branco: 4 frag. (FI) e 9 frag. (FE); vermelho: 42 frag. (FI) e 39 frag. (FE)

Barbotina: ausente

Sinais de uso (fuligem): face externa: 22 frag.; ambas as faces: 2 frag.; face interna: 22 frag.

Morfologia da borda: direta: 25 frag.; extrovertida: 8 frag.; introvertida: 1 frag.; extrovertida: com ponto angular 1 frag.

Inclinação da borda: vertical: 3 frag.; inclinada int.: 10 frag.; inclinada ext.: 13 frag.

Espessura da borda: normal: 38 frag.; expandida: 1 frag.; reforçada ext.: 3 frag..

Lábio: arredondado: 40 frag.; plano: 4 frag.; apontado: 1 frag.; biselado: 1 frag.

Espessura do lábio: 0,1 a 0,4cm: 8 frag.; 0,5 a 0,8cm: 25 frag.; 0,9 a 1,2cm: 9 frag.

Diâmetro da boca: 12cm a 20cm: 6 frag.; 22cm a 30cm: 1 frag.; 32cm a 40cm: 3 frag.

Espessura do fragmento: <=0,5cm: 2 frag.; 0,6 a 1cm: 224 frag.; 1,1 a 1,5cm: 71 frag.

Decoração plástica: corrugada: 3 frag.; incisa: 1 frag.; unglada: 3 frag.

Decoração pintada: vermelha: 44 frag.; branca: 1 frag.; preta: 2 frag.

Datações (C14)

Número da amostra	Quadra	Nível	Datação
NI3-1	40R-10E	30-40cm	1560+-90 d.C.
NI3-2	20R – 70E	40-50cm	740+-70 d.C.

Bibliografia

ALMEIDA, F. O. de & GARCIA, L.L.W.G. **Sítio Cavalo Branco e Sítio Nova Ipixuna 3: aldeia e acampamento Tupi no sudeste do Pará?** Artigo não publicado.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto: levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí-Açailândia (PA/MA) (4º circuito).**

CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2004.

Relatório final: projeto de salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Açailândia/MA (4º Circuito). CALDARELLI, S. (org.); em elaboração b.

Fig. 86 Croqui do sítio Nova Ipixuna 3 (fonte Scientia, em elaboração *b*).

TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO NOVA IPIXUNA 3	
Forma 1	Vasilha esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta; espessura normal; inclinada interna; lábio arredondado, apontado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 20cm a 32cm, e o volume varia de 16,32l a 47,49l.
Forma 3	Vasilha esférica , contorno inflectido e boca constrita. Borda extrovertida; inclinação externa; espessura normal; lábio arredondado; base plana, convexa, côncava, anelar ou em pedestal. Com 11cm a 26cm de diâmetro de boca e volume de 8,80l a 17,03l.
Forma 16	Vasilha complexa , esférica, com contorno complexo, boca constrita. Borda extrovertida, inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca é de 39cm, e o volume, de 24,54l.

Formas Cerâmicas – Sítio Nova Ipixuna 3

1/1

Forma 1

Volume: entre 16,38 litros e 47,49 litros.

Forma 3

Volume: entre 8,80 litros e 17,03 litros.

Forma 16

Volume: 24,54 litros.

Fig. 87 Formas cerâmicas, sítio Nova Ipixuna 3.

Pranchas Cerâmicas

1/1

Foto 5.2.6. Prancha 1, sítio Nova Ipixuna 3.

Sítio Bela Vista

Localização: 100m do igarapé Sumaúma (bacia do Tocantins)

UTM: 22M 771.246E/9.433.949N

Município: Bom Jesus do Tocantins (PA)

Projeto: Linha de Transmissão Tucuruí-Presidente Dutra

Área do sítio: 132.000m²

Escavado em: 2002

Análise do material cerâmico: NAM (Núcleo de Arqueologia da FCCM⁷⁰)

Relatório Final: Scientia Consultoria Científica

Cerâmica

Quantidade de material analisado: 541 fragmentos (parede: 274 frag.; borda: 238 frag.)

Técnica de manufatura: acordelado: 267 frag.; não-identificada: 274 frag.

Antiplástico: mineral: 455 frag.; cariapé: 29 frag.; carvão: 17 frag.; cariapé+carvão: 25 frag.;

Espessura do antiplástico: >1mm: 300frag.; >=1mm e >3mm: 178 frag.; >=3mm e <5mm: 47 frag.; > 5mm: 14 frag.

Queima: cinza: 292 frag.; ocre: 112 frag.; preto: 30 frag.; duas faixas escuras: 72 frag.

Alisamento: ambas as faces: 413 frag.; só na face interna: 46 frag.; só na face externa: 21 frag.

Engobo: branco: 34 frag.; vermelho: 34 frag.

Barbotina: ambas as faces: 11 frag.; face interna: 8 frag.; face externa: 12 frag.

Sinais de uso (fuligem): face externa: 2 frag.; face interna: 1 frag.

Morfologia da borda: direta: 60 frag.; extrovertida: 96 frag.; introv.: 46 frag.; vazada: 4 frag.

Inclinação da borda: vertical: 63 frag.; inclinada int.: 53 frag.; inclinada ext.: 90 frag.

Espessura da borda: normal: 18 frag.; contraída: 19 frag.; reforçada ext.: 16 frag.

Lábio: arredondado: 197 frag.; plano: 17 frag.; apontado: 16 frag.; biselado: 2 frag.

Espessura do lábio: 0,1 a 0,4cm: 66 frag.; 0,5 a 0,8cm: 143 frag.; 0,9 a 1,2cm: 21 frag.

Diâmetro da boca: 12cm a 20cm: 24 frag.; 22cm a 30cm: 37 frag.; 32cm a 40cm: 9 frag.

Espessura do fragmento: <=0,5cm: 57 frag.; 0,6 a 1cm: 409 frag.; 1,1 a 1,5cm: 61 frag.

Decoração plástica: corrugada: 7 frag.; incisa: 12 frag.; digitada: 3 frag.; roletada: 4 frag.

Decoração pintada: vermelha: 140 frag.; vermelha e branca: 24 frag.; preta e vermelha: 28 frag.

Datações (C14)

Número da amostra	Quadra	Nível	Datação
BV-01	6D	25-30cm	480+-20 a.C.

Bibliografia

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto: levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA.** CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2002a.

Relatório parcial: salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA (3º circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2002b.

Relatório final: levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA. CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2003a.

Primeiro relatório parcial: projeto de salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA (3º Circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2003b.

⁷⁰ Fundação Casa de Cultura de Marabá.

Fig. 88 Croqui do sítio Bela Vista (fonte Scientia, em elaboração a).

TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BELA VISTA	
Forma 1	Vasilha esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou vazada; espessura normal reforçada externamente ou expandida; inclinação interna; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 36cm, e o volume varia de 1,202l a 40,682l.
Forma 2	Vasilha esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta; espessura normal; inclinação vertical ou externa; lábio arredondado ou apontado; base convexa. O diâmetro da boca varia de 8 a 10cm, e o volume varia de 0,22l a 0,27l.
Forma 3	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda extrovertida ou extrovertida com ponto angular; espessura normal; inclinação externa; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 8cm a 26cm, e o volume varia de 0,471l a 4,611l.
Forma 5	Vasilha esférica com pescoço , contorno composto e boca constrita. Pescoço côncavo ou retilíneo; borda extrovertida ou extrovertida com ponto angular; inclinada externa; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 18cm a 36cm, e o volume varia de 4,550l a 13,197l.
Forma 6	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou vazada; inclinada interna; espessura normal, reforçada externa ou expandida; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 18cm a 36cm, e o volume varia de 2,005l a 14,932l.
Forma 7	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta ou vazada, inclinada externa ou vertical; espessura normal ou expandida; lábio plano ou arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 42cm, e o volume varia de 0,414l a 9,912l.
Forma 8	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda direta, vazada, extrovertida ou extrovertida com ponto angular; inclinada externa ou vertical; espessura normal ou expandida; lábio arredondado ou apontado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 34cm, e o volume varia de 0,198l a 9,185l.
Forma 9	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda extrovertida com ponto angular, inclinada externa; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 12cm a 48cm, e o volume, de 0,417l a 21,098l.
Forma 10	Vasilha em forma de calota , com contorno simples, boca aberta. Borda direta, inclinada externa ou vertical; espessura normal ou expandida; lábio arredondado ou plano; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 10cm a 48cm, e o volume varia de 0,153l a 3,919l.
Forma 11	Vasilha rasa , assador. Borda direta, inclinada externa, com leve inflexão próxima ao lábio; espessura normal; lábio arredondado. O diâmetro da boca do único exemplar é de 26cm.
Forma 13	Vasilha esférica , com contorno complexo e boca constrita. Borda introvertida, inclinada interna; espessura normal; lábio arredondado; base plana. O diâmetro do único exemplar é de 12cm, e volume, de 0,924l.
Forma 14	Vasilha em forma de calota , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou introvertida, inclinada interna; espessura normal; lábio arredondado. O diâmetro varia de 26cm a 36cm, e o volume varia de 4,872l a 9,128l.
Forma 15	Vasilha em forma de calota , com contorno infletido e boca aberta. Borda extrovertida ou extrovertida com ponto angular, inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa ou plana. O diâmetro da boca varia de 24cm a 40cm, e o volume varia de 1,155l a 7,020l.
Forma 17	Vasilha semi-esférica contorno composto, boca constrita. Borda extrovertida inclinada interna; espessura reforçada externamente; lábio arredondado; base

	convexa ou plana. O diâmetro da boca do único exemplar é de 30 cm, e o volume, de 5,998l.
--	---

Formas Cerâmicas

1/2

Forma 1

Volume: entre 1,202 litros e 40,682 litros

Forma 2

Volume: entre 0,227 litros e 0,270 litros.

Forma 3

Volume: entre 0,471 litros e 4,611 litros

Forma 5

Volume: entre 4,550 litros a 13,197 litros

Forma 6

Volume: entre 2,005 litros e 14,932 litros

Forma 7

Volume: entre 0,414 litros a 9,912 litros.

Forma 8

Volume: entre 0,198 litros a 9,185 litros

Forma 9

Volume: entre 0,417 litros e 21,098 litros.

Forma 10

Volume: entre 0,153 litros a 3,919 litros

Forma 11

Volume: não calculado.

Fig. 89 Formas cerâmicas, sítio Bela Vista.

Formas Cerâmicas

2/2

Forma 13

Volume: 0,924 litros

Forma 14

Volume: entre 4,872 litros e 9,128 litros.

Forma 15

Volume: entre 1,155 litros e 7,020 litros

Forma 17

Volume: 5,998 litros.

Fig. 90 Formas cerâmicas, sito Bela Vista.

Pranchas Cerâmicas

1/2

Foto 5.2.8. Prancha 1, sítio Bela Vista.

Pranchas Cerâmicas

2/2

Foto 5.2.8. Prancha 2, sítio Bela Vista.

Sítio Grajaú

Localização: 1.200m do rio Grajaú (afluente do rio Mearim, bacia do Rio Pindaré).

UTM: 23M 458.931 E / 9.529.880 N

Município: Vitorino Freire (MA)

Projeto: Linha de Transmissão Tucuruí-Presidente Dutra

Área do sítio: 143.750 m²

Escavado em: 2002

Análise do material cerâmico: Scientia Consultoria Científica

Relatório final: Scientia Consultoria Científica

Cerâmica

Quantidade de material analisado: 1088 fragmentos (parede: 265 frag.; borda: 45 frag.)

Técnica de manufatura: acordelado: 202 frag.; não-identificada: 897 frag.

Antiplástico: cariapé: 521 frag.; cerâmica: 198 frag.; mineral: 136 frag.

Espessura do antiplástico: <1mm: 272 frag.; >=1mm e <3mm: 641 frag.; >=3mm e <5mm: 109 frag.; >5mm: 24 frag.

Queima: cinza: 438 frag.; ocre: 206 frag.; preto: 328 frag.; fi escuro e fe claro: 62 frag.

Alisamento: ambas as faces: 942 frag.; só na face interna: 93 frag.; só na face externa: 16 frag.

Engobo: branco: 12 frag.; vermelho: 57 frag.; laranja: 64 frag.

Barbotina: ambas as faces: 38 frag.; face interna: 22 frag.; face externa: 24 frag.

Sinais de uso (fuligem): face externa: 20 frag.; ambas as faces: 2 frag.; face interna: 7 frag.

Morfologia da borda: direta: 409 frag.; extrovertida: 31 frag.; introvertida: 7 frag.; extrovertida com ponto angular: 1 frag.; cambada: 2 frag.

Inclinação da borda: vertical: 152 frag.; inclinada int.: 88 frag.; inclinada ext.: 122 frag.

Espessura da borda: normal: 421 frag.; dobrada: 5 frag.; reforçada ext.: 62 frag.

Lábio: arredondado: 276 frag.; plano: 83 frag.; apontado: 127 frag.; biselado: 15 frag.

Espessura do lábio: 0,1 a 0,4cm: 285 frag.; 0,5 a 0,8cm: 195 frag.; 0,9 a 1,2cm: 11 frag.

Diâmetro da boca: 12cm a 20cm: 128 frag.; 22cm a 30cm: 43 frag.; 32cm a 40cm: 10 frag.

Espessura do fragmento: <=0,5cm: 96 frag.; 0,6 a 1cm: 605 frag.; 1,1 a 1,5cm: 281 frag.

Decoração plástica: corrugada: 1 frag.; incisa: 14 frag.; ungulada: 4 frag.; escovada: 3 frag.

Decoração pintada: vermelha: 20 frag.; engobo com pintura vermelha: 5 frag.; engobo vermelho com pintura branca: 2 frag.

Datações (C14)

Número da amostra	Quadra	Nível	Datação
Gr-01	350-3BV	60-70cm	1320+-80 a.C.

Bibliografia

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto: levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA.** CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2002a.

Relatório parcial: salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA (3º circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2002b.

Relatório final: levantamento arqueológico na faixa de servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA. CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2003a.

Primeiro relatório parcial: projeto de salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA (3º Circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo: 2003b.

Fig. 91 Croqui do sítio Grajaú (fonte Scientia, em elaboração a).

TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO GRAJAÚ	
Forma 1	Vasilha esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta; espessura normal, expandida, reforçada, reforçada externamente ou dobrada; inclinada interna ou vertical; lábio arredondado, plano, apontado ou biselado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 10cm a 30cm, e o volume varia de 0,849l a 19,3l.
Forma 2	Vasilha esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta; espessura normal ou reforçada externamente; inclinada verticalmente ou externamente; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa, côncava, plana, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 12cm a 40cm, e o volume varia de 0,457l a 22,1l.
Forma 3	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca constrita. Borda direta ou extrovertida; espessura normal ou reforçada externamente; inclinação vertical, externa ou interna; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa, côncava, plana, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca é de 8cm a 28cm, e o volume, de 0,365l a 17,6l.
Forma 4	Vasilha esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda extrovertida; inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado ou apontado; base convexa, côncava, plana, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 10cm a 18cm, e o volume, de 0,159l a 27,65l. Um exemplar apresentou flange.
Forma 5	Vasilha esférica com pescoço , contorno infletido e constrita. Pescoço côncavo ou retilíneo; borda direta ou extrovertida; inclinação vertical ou externa; espessura normal; lábio arredondado, plano ou apontado; base plana, convexa, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 4cm a 28cm, e o volume, de 0,712l a 14l.
Forma 6	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou introvertida; inclinada interna; espessura normal ou dobrada; lábio plano ou arredondado; base convexa, côncava, plana, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 16cm a 36cm, e o volume, de 1,19l a 13,7l.
Forma 7	Vasilha semi-esférica , com contorno simples e boca aberta. Borda direta, inclinada externa ou vertical; espessura normal ou reforçada externamente; lábio plano, arredondado ou apontado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 10cm a 40cm, e o volume, de 0,158l a 11,9l.
Forma 8	Vasilha semi-esférica , com contorno infletido e boca aberta. Borda direta, extrovertida com ponto angular ou extrovertida; inclinada externa ou vertical; com espessura normal ou reforçada externamente; lábio arredondado, plano ou apontado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 10cm a 26cm, e o volume, de 0,305l a 5,27l.
Forma 10	Vasilha em forma de calota , com contorno simples, boca aberta. Borda direta, inclinada externa ou vertical; espessura normal ou reforçada externamente; lábio plano, arredondado ou apontado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 10cm a 52cm, e o volume, de 0,081l a 13,95l.
Forma 11	Vasilha rasa , assador. Borda direta; inclinada externa; espessura normal; lábio arredondado ou plano e base plana. O diâmetro da boca varia de 24cm a 32cm.
Forma 14	Vasilha em forma de calota , com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou introvertida; inclinada interna; espessura normal; lábio arredondado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca é de 12cm, e o volume varia de 0,348l a 0,373l.
Forma 15	Vasilha em forma de calota , com contorno infletido ou composto e boca aberta. Borda direta ou extrovertida com ondulação, inclinada externamente;

	espessura normal; lábio apontado ou biselado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca varia de 14cm a 18cm, e o volume, de 0,236l a 0,687l.
Forma 16	Vasilha complexa , semi-esférica, com contorno complexo e boca aberta. Borda cambada, inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado; base convexa, plana, côncava, anelar ou em pedestal. O diâmetro da boca é de 14cm, e volume, de 0,407l.

Formas Cerâmicas

 $1/2$

Volume: entre 0,849 litros e 19,3 litros.

Volume: entre 0,457 litros e 22,1 litros.

Volume: entre 0,365 litros e 17,6 litros.

Volume: entre 0,159 litros a 27,65 litros.

Volume: entre 0,712 litros a 14 litros.

Volume: entre 1,19 litros e 13,7 litros.

Volume: entre 0,158 litros a 11,9 litros.

Volume: entre 0,305 litros a 5,27 litros.

Volume: entre 0,081 litros e 13,95 litros.

Volume: não calculado.

Fig. 92 Formas cerâmicas, sítio Grajaú.

Pranchas Cerâmicas

1/5

Foto 5.2.10. Prancha 1, sítio Grajaú.

Pranchas Cerâmicas

2/5

Foto 5.2.11. Prancha 2, sítio Grajaú.

Pranchas Cerâmicas

3/5

Foto 5.2.12. Prancha 3, sítio Grajaú.

Pranchas Cerâmicas

4/5

Foto 5.2.13. Prancha 4, sítio Grajaú.

Pranchas Cerâmicas

5/5

Foto 5.2.14. Prancha 5, sítio Grajaú.

5.3 NOVOS SÍTIOS DA FASE TAUARÍ: SÍTIO CAVALO BRANCO, SÍTIO NOVA IPIXUNA 3, SÍTIO BELA VISTA E SÍTIO BOM JESUS 2

Antes de tratar do sítio Grajaú, será necessário compreender por que o sítio Cavalo Branco, o sítio Nova Ipixuna 3, o sítio Bela Vista e o sítio Bom Jesus 2 foram inseridos na fase Tauarí. O ponto de partida é sempre o geográfico: todos esses sítios foram localizados na bacia do rio Tocantins, no interior da lateral direita desse rio. Todos foram encontrados em um raio de 70km da cidade de Marabá e estavam localizados em uma área até poucos anos coberta pela floresta pluvial tropical (floresta amazônica). Além disso, esses sítios se encontram próximos (em uma distância nunca superior a 200m) a pequenas drenagens. O primeiro ponto que chama a atenção é a presença das bordas vazadas no material cerâmico de todos os sítios, com exceção do sítio Nova Ipixuna 3, como mostra a tabela:

	Direta	Extrovertida	Introvertida	Cambada	Vazada	Extrovertida com ponto angular	Extrovertida com ondulação
Bela Vista	x	x	x		x	x	
Cavalo Branco	x	x	x	x	x	x	x
Nova Ipixuna 3	x	x	x			x	
Bom Jesus 2	x	x	x	x	x	x	
Tabela 5..3.1. Presença /ausência de bordas vazadas.							

Da mesma maneira, há, no material cerâmico encontrado em todos esses sítios, exemplos de bordas diretas, introvertidas, extrovertidas e extrovertidas com ponto angular. A espessura da borda pode variar podendo esta ser expandida, contraída ou possuir reforço. Os lábios dos vasos de todos os sítios tendem a ser arredondados, as bases tendem a ser convexas, e foram encontradas cerâmicas infletidas e complexas em todos eles.

A indústria cerâmica desses sítios aponta para a utilização roletes como técnica de manufatura do vaso. O antiplástico predominante é o mineral:

A análise da morfologia das peças mostra tanto semelhanças quanto diferenças entre esses sítios:

É possível observar picos de frequência da mesma forma semelhantes entre os sítios, como é o caso da **forma 1** e da **forma 3**, e em menor grau da **forma 15**. Do mesmo modo, é possível identificar formas com baixa frequência para todos os sítios, como a **forma 2** e a **forma 4**. Por outro lado, outras formas frequentes no sítio Cavalo Branco, como a **forma 5**, a **forma 7** e a **forma 17**, não apresentam a mesma frequência nos

demais sítios. Inversamente, a **forma 6**, que apresenta alta frequência nos sítios Bom Jesus 2 e Bela Vista, aparece pouco no sítio Cavalo Branco.

Todos esses sítios possuem decorações incisas, corrugadas e unguladas. O que muda é a frequência de cada uma dessas decorações. Observado a frequência da decoração plástica é possível perceber que, enquanto a decoração predominante do sítio Cavalo Branco é a ungulada, a mesma decoração é rara ou mesmo ausente nos sítios Bom Jesus 2 e Bela Vista, respectivamente. No sítio Nova Ipixuna 3, os dois fragmentos com essa decoração, dentro da pequena amostragem encontrada no sítio, não podem ser menosprezados.

A decoração plástica predominante dos sítios Bom Jesus 2 e Bela Vista é a incisão, que é apenas a terceira mais frequente no sítio Cavalo Branco. Por fim, a própria superioridade numérica de decorações plásticas do sítio Cavalo Branco frente ao sítio Bom Jesus 2 é bastante significativa. Se considerado que ambos os sítios possuem amostragens praticamente iguais (em torno de 2500 fragmentos), o sítio Cavalo Branco possui mais de quatro vezes mais decorações plásticas que o sítio Bom Jesus 2.

Um outro fator que diferencia esses grupos uns dos outros é a escolha do engobo a ser utilizado na superfície dos vasos. Enquanto os sítios Cavalo Branco e Bom Jesus 2 apresentam um número muito superior de fragmentos com engobo branco em relação ao

vermelho, no sítio Nova Ipixuna 3 ocorre justamente o inverso. No sítio Bela Vista, pôde-se observar um equilíbrio entre a escolha dos pigmentos.

A análise da decoração pintada também revela outros aspectos na comparação inter-sítios. Apesar da predominância de pinturas vermelhas em todos os sítios, há uma grande variação, principalmente na frequência da pintura preta. Praticamente ausente no sítio Cavalo Branco, ela é bastante comum, sozinha ou combinada com pigmento vermelho, nos sítios Bela Vista e, principalmente, Bom Jesus 2.

Por fim, um fator que diferencia esses grupos é o local de implantação do sítio: o sítio Bela Vista foi encontrado no topo de uma colina, o sítio Cavalo Branco, na média vertente, e o sítio Bom Jesus 2, na baixa vertente. Já o sítio Nova Ipixuna 3 fica na planície de inundação do rio Ipixuna, ou seja, na baixa vertente.

5.3.1 Fase Tauarí x sítio Grajaú

Localizado no interior do Maranhão, a dezenas de quilômetros de distância da floresta amazônica, o sítio Grajaú, dentro dos sítios maranhenses estudados na LT Tucuruí-Presidente Dutra (3º circuito), pode ser descrito como um “peixe fora d’água”. Enquanto os sítios do lado paraense da linha de transmissão eram todos Tupiguarani,⁷¹ o lado maranhense possuía como único representante desse grupo o sítio Grajaú. A análise cerâmica do sítio indicou que, no meio de sítios com características distintas,⁷² (vide SCIENTIA, em andamento a), esse era um sítio Tupi, ainda que diferente dos Tupi do médio-baixo Tocantins. Mais uma vez, a etnografia daria alguns indícios sobre o que procurar nos Tupi maranhenses.

Em áreas carentes de estudo, às vezes uma curta nota de rodapé pode ser o suficiente para o início de uma discussão. Trata-se da etnografia dos índios Tenetehara, falantes de uma língua Tupi, do Maranhão. Diz Snethlage sobre a cerâmica desse grupo indígena: “(...)simples, geralmente não ornamentada. Raramente, ornamentos com incisão. Cachimbos de barro, adotados dos civilizados” (1931, p. 28 apud WAGLEY e GALVÃO, 1961, p. 188).

Se a cerâmica simples, com ocasional presença de decoração incisa, indica uma semelhança entre o sítio Grajaú e os Tenetehara, a presença de incisões, por si só, pode ser observada como um dos pontos em comum com a cerâmica das fases citadas do Tocantins: trata-se de uma idiossincrasia Tupi para a região norte-nordeste do país. Da mesma maneira, formas com inflexões ou mesmo formas complexas estão presentes tanto no sítio Grajaú, quanto nos demais sítios (Cavalo Branco, Nova Ipixuna 3, Bela Vista e Bom Jesus 2). Assadores, por sua vez, só não foram identificados na reduzida coleção proveniente do Nova Ipixuna 3. Entretanto, foi observada apenas uma forma complexa no

⁷¹ Além dos sítios aqui trabalhados, a LT Tucuruí-Presidente apresentou outros cinco sítios considerados Tupi: Bom Jesus 1, Bom Jesus 4, Bom Jesus 5, Bom Jesus 6 e Bom Jesus 7.

⁷² Além do sítio Grajaú, a análise dos sítios maranhenses da LT Tucuruí-Presidente Dutra contou com quatro outros sítios (Remanso, Ranchada, Belo Horizonte e Frade). Nenhum deles foi considerado Tupi.

Grajaú. Neste, não havia formas compostas. Bordas vazadas provavelmente gozaram de pouco sucesso junto aos Tupi do interior maranhense, já que nenhuma foi observada no Grajaú. Este, por outro lado, apresentou fragmentos de bordas onduladas, extremamente raras nos sítios Tupi do médio-baixo Tocantins, mas freqüentes em sítios não-Tupi do interior maranhense, como o Ranchada.⁷³

A pintura é outro fator que torna possível uma comparação do sítio Grajaú tanto com as fases já conhecidas do sudeste paraense quanto com os Tupi-Guarani em geral. No entanto, o que se percebe, assim como o que acontece no campo das formas, cuja diferença em relação aos sítios da fase Tauarí é considerável, é que a decoração pintada é encontrada de forma bastante diluída no sítio Grajaú. Uma diluição que se estenderia para o campo plástico, transformando o corrugado em marcas de cestaria, o antiplástico carvão em cariapé e que faria praticamente “desaparecer” os motivos pintados, só restando os raros motivos incisos.

As oleiras do sítio Grajaú, em vez de utilizarem a decoração corrugada, preferiram utilizar marcas de cestaria nos assadores, com provável função de melhorar a condução térmica destes (RICE, 1987, p. 129). Os Tupiguarani “tradicionais”, incluindo os sítios da fase Tauarí, provavelmente optaram pela utilização do corrugado (ou talvez de um alisamento grosseiro) para essa função térmica, e os ceramistas do sítio Grajaú deram preferência à utilização da cestaria nos seus assadores, que gera um efeito visual semelhante.

Foto 5.3.1. Gr-1354, base de assador com marca de cestaria e CB-909 (proveniente da LT Tucuruí-Açailândia), borda de assador Tupiguarani com presença de corrugado.

⁷³ Vide nota 63.

Segundo Oliveira (2000, p. 60), que trabalhou em área próxima a aqui estudada, em São Raimundo Nonato (PI), no interior, é possível observar nos grupos Tupi, “*uma variedade maior na tecnologia cerâmica, com datações mais antigas do que do litoral*”. O sítio Grajaú parece se adequar perfeitamente a esse panorama (vide cronologia, **Capítulo 7**).

O antiplástico representa uma diferenciação tecnológica entre os diversos sítios. O material encontrado no Grajaú apresenta como antiplástico predominante o cariapé, diferentemente dos demais sítios aqui tratados, que possuíam maior abundância de antiplástico mineral. Tal característica parece aproximar o Grajaú mais de sítios Uru do que Tupi. Robrahn-González (1996, p. 43) observou grupos com cerâmica Tupi que substituíram o antiplástico mineral pelo cariapé, típico da tradição Uru.

O material lítico pode ser considerado como ideal para sintetizar a comparação entre esses sítios, tanto os da fase Tauari⁷⁴ entre si quanto desses com o Grajaú. Todos têm em comum indústrias líticas expeditas, feitas basicamente sobre pequenos⁷⁵ seixos de rio. Quase todo o resto difere. Os artesãos dos sítios Bela Vista e Bom Jesus 2 utilizaram principalmente o quartzo leitoso para fabricar seu instrumentos, nos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3, foi dada preferência ao sílex (ou silexito, no caso do Cavalo Branco), e, no Grajaú, a matéria-prima mais utilizada foi o arenito. Esses dados indicam que os Tupi do leste amazônico utilizavam basicamente a matéria-prima disponível no entorno dos sítios para a fabricação de seus artefatos, já que as coincidências de escolhas inter-sítios aconteceram entre os sítios mais próximos (i.e. Cavalo Branco-Nova Ipixuna 3; Bela Vista-Bom Jesus 2).

A utilização de técnicas bipolares também variou: nos sítios Cavalo Branco e Grajaú, foram encontrados núcleos ou lascas bipolares; nos sítios Bela Vista e Nova Ipixuna 3,⁷⁶ não observamos indicações do uso dessa tecnologia. No sítio Bom Jesus 2, foi encontrado um núcleo bipolar, apesar de o mesmo não apresentar nenhuma lasca que indique o uso dessa tecnologia. Artefatos polidos, por sua vez, foram observados em todos os sítios, salvo no sítio Nova Ipixuna 3. A frequência, contudo, variou: nos sítios

⁷⁴ A análise lítica dos sítios Bela Vista, Bom Jesus 2 e Grajaú foi realizada por Oliveira e Sampaio (SCIENTIA, em elaboração a). A análise lítica dos sítios Nova Ipixuna 3 e Cavalo Branco foi realizada, respectivamente, por Hoeltz e Galhardo (SCIENTIA, em elaboração b).

⁷⁵ Nenhum sítio apresentou uma lasca com comprimento superior a 80mm.

⁷⁶ É preciso salientar que a indústria do sítio Nova Ipixuna 3 é mínima, apresentando apenas 11 peças líticas.

Bela Vista e Bom Jesus 2, foi encontrado apenas um artefato polido, nos sítios Cavalo Branco e Grajaú, resgataram-se 13 e 22 artefatos, respectivamente. No Cavalo Branco, foram encontrados dezenas de instrumentos com o gume retocado, mas as coleções dos demais sítios possuíam um único instrumento cada.⁷⁷

5.4 DISCUSSÃO PRELIMINAR DOS DADOS

A sistematização de tamanho número de dados é sempre complicada. Sem dúvida, inúmeros aspectos relativos à cerâmica desses grupos poderiam ser explorados mais intensivamente. No entanto, parece haver uma quantidade mínima de dados para que algumas questões sejam levantadas.

Em um artigo datado de 2003, Jordan e Shennan observaram como a relação entre lingüística, distância geográfica, ecologia, e cultura material⁷⁸ ocorria nos vários grupos de diversas etnias da Califórnia. Os resultados desse estudo indicaram que a distância, ou seja, proximidade geográfica, era o fator mais importante relacionado à variabilidade da cultura material (JORDAN & SHENNAN, 2003, *passim*). A utilização de uma escala regional indicou que as tradições de cestaria eram menos influenciadas pela semelhança lingüística do que por fatores como uma ecologia comum e, principalmente, uma proximidade geográfica.

Não é intuito do presente estudo aprofundar-se em questões lingüísticas. Foi observado, logo na introdução desta dissertação, o cuidado que se deve ter com o tema. A lingüística, no momento, é tida apenas como ferramenta ocasional. Tampouco, a idéia seria de fazer uma analogia direta entre o caso californiano e os Tupi da Amazônia oriental. O que realmente importa nesse estudo de Jordan e Shennan é conclusão do poder de influência que a distância geográfica tem quando se lida com cultura material.

A grande quantidade de sítios Tupi no interior da margem direita do rio Tocantins, mais ou menos na altura da atual cidade de Marabá (5° de latitude), indica que essa região pode ter sido algo próximo de um “núcleo” Tupi no leste amazônico. Do material Tupi

⁷⁷ Salvo, mais uma vez, o minguaado sítio Nova Ipixuna 3, onde nenhum instrumento com gume retocado foi encontrado.

⁷⁸ No estudo de Jordan e Shennan, a análise da cultura material estava baseada em um estudo da cestaria desses diversos grupos.

encontrado na Amazônia oriental analisado até o momento, é o da fase Tauarí que se aproxima mais do que é tido como um Tupiguarani “clássico”, principalmente pela morfologia dos vasos e pelas decorações utilizadas. Outros fatores como antiplásticos e espessura dos fragmentos⁷⁹ diferenciam os Tupi da região da tradição em geral. Elementos que os diferenciam entre os demais, mas que os identificam entre si.

Curiosamente, um fator de comparação interessante é o aparecimento de apêndices (zoomorfos ou zooantropomorfos) nas peças, tanto nas das fases Tauá e Itacaiúnas, quanto nas do sítio Grajaú (vide prancha 5/5, Gr-1283) – ainda que não tenham sido encontrados na fase Tauarí. Para norte, leste e sudoeste, partindo do sítio Cavalo Branco, em um raio de no máximo 500Km, é possível encontrar sítios Tupi com presença de apêndices, uma característica particularmente não-Tupi.

Assim, não seria demasiado exagero indicar que o sítio Grajaú está para o sítio Cavalo Branco assim como a fase Tauá está para a fase Tauarí. Não que haja relação entre um e outro (fase Tauá e sítio Grajaú). Fora a presença da policromia e dos apêndices, quase nada bate. Contudo, não deixa de chamar atenção a presença de uma mesma característica em sítios no entorno de um ponto em comum (Cavalo Branco/Tauarí) que não apresenta essa característica. A compreensão desse fenômeno ainda está longe de ser alcançada. Entretanto, faz algum sentido supor que ele está ligado aos antigos costumes do leste amazônico, anteriores à chegada dos Tupi, e/ou dos habitantes situados no entorno do(s) núcleo(s) Tupi do leste amazônico.

⁷⁹ Os vasos dos Tupi do Tocantins tendem a ser mais finos do que o usualmente observado para os Tupiguarani.

CAPÍTULO 6

6 O COMPLEXO TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL (PARTE 2: REOCUPAÇÕES E MORFOLOGIA DAS ALDEIAS)

Partindo do foco central desse estudo, o sítio Cavalo Branco, discutiremos, neste capítulo, os processos de reocupação dos sítios Tupi do leste amazônico e a morfologia das aldeias da região. Para isso, utilizaremos ferramentas como a etnografia Tupi e os dados arqueológicos provenientes de outros sítios da região

6.1 PADRÕES DE REOCUPAÇÃO

6.1.1 Comparação entre as duas áreas de sedimento escuro do sítio Cavalo Branco

Entre os problemas trazidos de campo que não foram resolvidos no **Capítulo 2**, está a funcionalidade das diferentes áreas do sítio. Foi inferido que a área com a grande mancha de sedimento escuro seria a área de habitação do sítio, restando compreender a mancha menor de sedimento escuro. Uma comparação entre a cerâmica dessas duas áreas será o primeiro passo para compreendermos a relação entre elas.

Fig. 94 Duas áreas com solo antrópico no sítio Cavalo Branco.

A área com maior dimensão (aproximadamente 21.200 m²) e sedimento mais escuro, denominada **Área 1**, possuiu um número superior de quadras e de fragmentos em relação à **Área 2** (de aproximadamente 10.200 m²), com sedimento um pouco mais claro. Uma comparação geral pode ser feita por meio da densidade de material lítico e cerâmico das áreas:

Sítio Cavalo Branco	Lítico		Cerâmica	
	Quantidade	Densidade (m ³)	Quantidade	Densidade (m ³)
Área 1 ⁸⁰	806	36,4	17.911	892,0
Área 2 ⁸¹	76	11,3	3.117	439,3

Tabela 6.1.1. Comparação de densidade entre a Área 1 e a Área 2.

O cálculo da densidade de material por m³ é ideal para esse tipo de comparação, uma vez que permite estabelecer relações entre áreas com diferentes amostragens. Na tabela acima, foi possível observar que a **Área 1** tem o dobro da densidade cerâmica da **Área 2** e uma densidade lítica mais de três vezes maior.

Para estabelecer uma comparação entre as indústrias cerâmicas das duas áreas, foi realizada uma seleção das quadras pertencentes a cada uma delas.⁸² Foi escolhido o dobro de quadras da **Área 1** (12) em relação à **Área 2** (que possuía apenas 6 quadras inseridas na malha de sondagens selecionada), com o objetivo de melhorar o senso de proporção. A amostragem ficou assim dividida: a **Área 1** apresenta 292 fragmentos diagnósticos, e a **Área 2**, apenas 76.⁸³

Essa amostragem foi insuficiente para estabelecer uma comparação de uma das principais categorias, a das formas (que, por consequência, inclui a categoria volumes das reconstituições), já que, da **Área 2**, foi possível reconstituir apenas uma vasilha.

⁸⁰ A **Área 1** possui um total de 51 quadras escavadas (contando apenas as quadras pertencentes à malha 20 x 20 metros).

⁸¹ A **Área 2** possui um total de 18 quadras escavadas (contando apenas as quadras pertencentes à malha 20 x 20 metros).

⁸² Lembrando que só foram analisadas quadras da malha 40 x 40 metros, ou seja, um quarto do total escavado.

⁸³ É importante esclarecer que, se estamos lidando com diferentes amostragens, uma quase quatro vezes superior à outra, nossos resultados devem ser obtidos em cima das devidas proporções numéricas.

Área 1	Área 2	Observação
40R-40D	200V-280D	
40R-80D	200V-320D	
40R-120D	200V-360D	
40D	240V-280D	
80D	240V-320D	
120D	240V-360D	
160D		
40V-40D		
40V-80D		
40V-120D		A quadra 40V-120D não possuía diagnósticos
80V-40D		
80V-160D		
Tabela 6.1.2. Quadras utilizadas para a comparação entre áreas.		

Uma comparação entre a maioria das categorias da análise cerâmica mostra uma clara semelhança em praticamente todas elas. Sem dúvida, estamos lidando com a mesma indústria cerâmica. Mesmo em campo, isso já parecia claro. Quase todos os aspectos da cerâmica eram iguais ou próximos, como demonstra a Tabela 6.1.3:

	Área 1	Área 2
Técnica de Manufatura	Acordelado	Acordelado
Antiplástico	Mineral	Mineral
Composição do Mineral	Quartzo	Quartzo
Aspecto do Quartzo	Sub-angular	Sub-angular
Engobo	Branco	Branco
Morfologia da Borda	Direta	Direta
Inclinação da Borda	Inclinada Externa	Inclinada Externa
Espessura da Borda	Normal	Reforçada
Lábio	Arredondado	Arredondado
Espessura do Lábio	Entre 0,5 e 1,0cm	Entre 0,5 e 1,0cm
Diâmetro da Boca	Entre 11 e 20cm	Entre 11 e 20cm
Espessura do Fragmento	Entre 0,6 e 1,0cm	Entre 0,6 e 1,0cm
Tabela 6.1.3. Comparação de aspectos cerâmicos entre as áreas.		

No entanto, encontramos algumas diferenças entre as áreas, que serão exploradas para inferirmos respostas às questões referentes à **Área 2**. A comparação entre os tratamentos de superfície indica que, enquanto a **Área 1** apresenta uma grande maioria de fragmentos bem alisados (alisamento fino), a **Área 2** apresenta um número superior de fragmentos com alisamento médio, tanto na face interna quanto na face externa. Essa seria uma primeira evidência de que a cerâmica da **Área 2** não era tão bem acabada quanto a da **Área 1**. No entanto, é preciso ser cauteloso. Não só os números do

alisamento médio são extremamente próximos na amostragem da **Área 2**, como também observou-se o fato de apenas a **Área 1** apresentar fragmentos com alisamento grosseiro.

Há uma maior variedade de decorações plásticas na **Área 1**. A **Área 2** não apresentou nenhum fragmento com decoração corrugada, mas foram encontradas decorações incisadas, ungladas e digitungladas, além das roletadas, que não aparecem na **Área 1**. Na verdade, essa maior variedade encontrada na **Área 1** é baseada mais na combinação das decorações plásticas tradicionais do que na utilização de decorações diferentes.

É nas decorações pintadas, finalmente, que é possível observar a maior diferenciação entre as duas áreas. Enquanto que, na **Área 1** foram encontradas quatro cores (i.e. vermelho, branco, preto e amarelo) em diferentes combinações, a **Área 2**

apresentou pouquíssimos fragmentos com pintura vermelha e um único fragmento com pintura amarela.

Gráfico 6.1.3. Decoração pintada nos fragmentos cerâmicos da Área 1 e Área 2.

As datações também carregam informações importantes na comparação das duas áreas. Se desconsideradas as duas datações com mais de 3000 a.C., três momentos distintos de ocupação do sítio podem ser observados. Nada impede que o sítio tenha sido ocupado diversas vezes nos intervalos das datas, ainda que seja mais sensato basear as inferências nos dados obtidos até o momento.

A primeira ocupação, por volta de 750 d.C., teria acontecido apenas na **Área 1**, na forma de uma aldeia. Quatrocentos anos depois, ocorreria a segunda (1150 d.C.), talvez um acampamento temporário ou uma área de roça, provavelmente apenas na **Área 2**. Por fim, uma terceira ocupação, por volta de 1300 d.C., teria acontecido de novo na **Área 1**. Nesse momento, uma nova aldeia seria erguida, com presença de lixeiras no entorno, que possivelmente utilizaram material vindo, principalmente, da primeira ocupação na **Área 1**.

Área	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação
1	T2	N6	Carvão	210848	1330+-70 d.C. ⁸⁴
1	40V-81D	150-160cm	Carvão	210847	1270+-40 d.C
2	220V-340D	30-40cm	Carvão	230214	1150+-60 d.C
1	1R-100D	30-40cm	Carvão	210849	725+-65 d.C
Tabela 6.1.4. Datações da Área 1 e Área 2.					

⁸⁴ Antes de Cristo e depois de Cristo.

Como observado também no **Capítulo 2**, uma dinâmica com padrões diferenciados de ocupação ocorria entre os diversos grupos etnográficos. Esses padrões podem ser encontrados no registro arqueológico. Se observada como uma ocupação à parte, a **Área 2** permite a comparação com outro sítio.

6.1.2 O sítio Nova Ipixuna 3

As diferenças internas do sítio Cavalo Branco repetem um padrão observado na comparação entre esse sítio e o Nova Ipixuna 3 (ALMEIDA e GARCIA, não-publicado). Localizado a aproximadamente 20 quilômetros do Cavalo Branco, o sítio Nova Ipixuna 3 (descrito no capítulo anterior) tem pequenas dimensões⁸⁵ e baixa densidade de material. Além disso, o sítio Nova Ipixuna 3 apresentou um número muito reduzido de decorações plásticas, principalmente, as pintadas.

Sítios	Lítico		Cerâmica	
	Quantidade	Densidade (m ³)	Quantidade	Densidade (m ³)
Cavalo Branco	3.127	32,51	35.550	369,23
Nova Ipixuna 3	13	0,09	2.349	4,9

Tabela 6.1.5. Comparação da densidade de material arqueológico entre os sítio Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.

Supõe-se que os vasos são decorados para serem mostrados (vide, por exemplo, a análise funcional elaborada por Schaen, 2004). Uma acanhada estrutura temporária, como um acampamento, ocupada talvez por um pequeno núcleo familiar, certamente não seria o local mais adequado para a(o) artesã(o) expor suas habilidades, ao contrário de uma aldeia com espaço aberto para grandes cerimônias. Isso, contudo, não impediria a existência de vasos decorados em estruturas temporárias. Ao deixar a aldeia, o grupo pode ter escolhido alguns dos seus melhores vasos, o que provavelmente incluiria algum com decoração, para levar na temporada fora. Vale lembrar que os vasos decorados Tupiguarani não possuíam apenas uso ritualístico (LA SALVIA e BROCHADO, 1989), mas serviam a múltiplas funções (ALMEIDA e GARCIA, *op. cit.*).

⁸⁵ A área total do sítio foi calculada em 14.000m², mas a área de concentração de material foi bem menor.

Lítico do sítio Nova Ipixuna 3: Segundo Sirlei Hoeltz (SCIENTIA, em elaboração *b*), o sítio Nova Ipixuna 3 “ *não apresenta, em comparação com os fragmentos cerâmicos, uma indústria lítica significativa. Considerando apenas as 13 peças que o compõem, as interpretações ficam prejudicadas. Entretanto, os tipos de artefatos, como a lasca retocada e o quebra-coquinho ou bigorna, demonstram que algumas atividades estavam sendo executadas com o auxílio de objetos líticos, porém, não necessariamente dentro da área do assentamento*”.

Ela também observou que, foi “*possível observar certas similaridades entre seus [do sítio Cavalo Branco] objetos líticos e este de Nova Ipixuna 3 – ao menos, no que diz respeito à morfologia e ao tipo de matéria-prima*”.

De um lado, encontramos a **Área 1** do sítio Cavalo Branco de grande extensão, alta densidade de vestígios arqueológicos, possuidor de uma cerâmica extremamente variada e elaborada, além de uma indústria lítica bem representada quantitativamente. Fatores que, ao lado da presença de solo antrópico, tido por Petersen *et al.* (2001, p. 100) como indicativo de lixo residencial (*residence waste*), puderam indicar a área com solo antrópico (**Área 1**) do sítio Cavalo Branco como vestígios de uma aldeia.⁸⁶ Do outro lado existem o sítio Nova Ipixuna 3 e a **Área 2** do sítio Cavalo Branco, limitados a uma pequena área, com baixa densidade de vestígios arqueológicos, reduzido material cerâmico decorado (com decoração de pior qualidade), cerâmica menos bem-acabada,⁸⁷ e uma escassa indústria lítica (ALMEIDA e GARCIA, *op. cit.*).

⁸⁶ Características semelhantes que indicam que os sítios Bom Jesus 2, Bela Vista e Grajaú também eram aldeias.

⁸⁷ O sítio Nova Ipixuna 3 apresenta 29% dos fragmentos com alisamento médio (FE), e a Área 2, 28% (FE).

Foto 6.1.1. NI3-251, fragmento com acabamento grosseiro.

Outro dado interessante descoberto no sítio Nova Ipixuna 3 são as datações. Com duas datas separadas por, aproximadamente, 800 anos (+-850 d.C e +-1650 d.C) o sítio confirma a ocorrência de reocupações de uma mesma área pelo mesmo grupo. Provavelmente, pelas dimensões e pelo fato de a densidade de material ser sempre baixa, tanto a primeira quanto as demais ocupações (não se sabe quantas foram) foram realizadas de forma temporária.

A reocupação de sítios com diferentes tipos de assentamento (aldeia, acampamento, roça etc.) parece não ter se restringido aos Tupi do médio e baixo Tocantins. Na literatura, é possível encontrar casos que desafiavam a interpretação dos arqueólogos, tamanha a diferença entre as manchas observadas em um mesmo sítio. Martins (2005, p. 196), relata a experiência de Albuquerque em um sítio Tupiguarani onde “*as manchas de ocupação indicadoras das moradias ou de atividades contínuas nas aldeias apresentavam tamanhos dispares de 32m² a 400m² numa mesma aldeia*” (grifo nosso).

Essa frase é interessante, pois ela registra a dificuldade do arqueólogo em concluir pela reocupação de um local por um mesmo grupo com uma estrutura diferente de uma aldeia ou uma reocupação de uma antiga estrutura por uma aldeia de um mesmo grupo.

Fig. 95 Esquema simplificado das reocupações, em que acampamento e aldeia se alternam. Se colocadas todas as possibilidades de alternância das diferentes estruturas quanto à ocupação, as combinações são inúmeras.

Dados etnográficos contribuem para a problemática, ao indicar a tendência à reocupação de áreas por grupos Tupi. Baseado na hipótese de Denevan (1992, 2006), de que machados de pedra encontrariam grande dificuldade em abrir clareiras em áreas com mata primária, Balée (1994) acredita que áreas com mata secundária (i.e. anteriormente ocupadas) seriam indicadas para uma reocupação. O autor (*ibid.*, p. 147) indica que essas áreas seriam atraentes pois possuíam solos mais férteis (fruto dos resíduos orgânicos deixados pela ocupação anterior) e uma série de espécies “semi-domesticadas”⁸⁸, interessantes não só para a alimentação humana, como também a de outros animais. Ou seja: essas áreas eram mais do que ideais para encontrar todo tipo de alimento, de frutas à caça. Talvez uma área dessas, uma antiga aldeia tomada por mata secundária, fosse interessante para a instalação de acampamento temporário onde caça e coleta seriam a base da alimentação.

Tamanhos eram os atrativos dessas áreas que podem ter sido palco apenas de reocupação por um mesmo grupo, como também por grupos diferentes. Para Balée (*ibid.*, p. 140), “(...) *the major long term beneficiaries of the past forest management by the Ka’apor Indians have not been Ka’apor descendants. Rather, the beneficiaries have been there traditional enemies, the foraging Guajá, who traditionally rely heavily on the palms and other disturbance indicator plants found in the Ka’apor fallows (...)*”⁸⁹. O que leva à conclusão de que os sítios arqueológicos da região-foco de estudo podem não só possuir

⁸⁸ Que serviriam inclusive de referência, assim como os restos materiais deixados pela antiga ocupação, para identificar esses locais.

⁸⁹ Outro exemplo pode ser observado no estudo de Silva et al. (2004), que indica a presença de fragmentos de cerâmica Tupi em uma aldeia Xikrim (sudeste paraense).

diferentes tipos de assentamentos por parte de um mesmo grupo, mas também ocupações por grupos diversos.

Os machados de pedra do sítio Cavalo Branco podem contribuir para a discussão. Foi observado no **Capítulo 2** que a indústria lítica desse sítio utilizava como principal suporte os seixos de rio.⁹⁰ As lâminas de machado parecem não ter fugido à regra, e mesmo sendo na maioria lâminas fragmentadas, a morfologia destas indicou que haviam sido produzidas a partir de seixos com dimensões limitadas (i.e. com comprimento dificilmente maior que 10cm). Sem dúvida, trata-se de uma tecnologia muito mais pertinente a lidar com a mata secundária do que com as grandes árvores da floresta primária.

O mapa de distribuição das lâminas polidas pelo sítio indicou que, dos 10 exemplares encontrados na malha de sondagens (de 20 x 20 metros), apenas três (CB-139, CB-984 e CB-2263) pertenciam à **Área 1**. Outros três (CB-1138, CB-1543 e CB-1687) foram encontrados no entorno imediato desse local. Já na **Área 2**, foram encontradas duas lâminas de machado (CB-943 e CB-967) e outra em seu entorno imediato (CB-975). Trata-se de um número significativo para uma área de dimensões reduzidas,⁹¹ ao ponto de ser possível inferir que a **Área 2** poderia estar ligada a uma atividade que necessitasse da abertura de uma clareira. *A priori*, essa abertura seria muito mais necessária em uma área de roça do que em um acampamento temporário.

Dessa forma, pode-se inferir, com auxílio da única lâmina ainda não comentada, que a **Área 2** seria uma estrutura ligada a uma área de roça. A peça CB-1654, que pode ser observada no canto superior esquerdo do mapa, foi encontrada em um local do sítio com presença quase nula de cerâmica. A análise de sua morfologia leva a crer que a peça era um enxó (SCIENTIA, em andamento *b*), instrumento descrito por Prous *et al.* (2002, *apud* SCIENTIA, *op. cit.*) como:

Foto 6.1.2. Perfil da peça CB-1654.

⁹⁰ Também foi observado no **Capítulo 5** que o mesmo ocorria com os demais sítios Tupi estudados.

⁹¹ Como foi observado no início deste capítulo, a densidade de fragmentos líticos por m³ da **Área 2** era muito inferior à da **Área 1**, o que não se aplica à comparação entre a quantidade de lâminas de machado nessas áreas, fato que dá às lâminas um papel preponderante na compreensão da funcionalidade da **Área 2**.

(...) morfologicamente semelhante ao machado, mas encabado de forma que o gume seja perpendicular ao comprimento do cabo. Nas lâminas especializadas, este gume é geralmente dissimétrico (uma das faces sendo mais convexa que a outra), para facilitar o ataque da matéria trabalhada. Os enxós servem, sobretudo, para aplainar, cavar ou limpar concavidades largas(...).

Apesar de ser impossível fazer uma ligação direta da **Área 2** com essa lâmina, esse é mais um indício de que, em algum momento, a área do sítio Cavalo Branco ou parte dela foi utilizada como roçado.

Fig. 96 Mapa de dispersão das lâminas de machado ou fragmentos de lâminas encontrados no sítio Cavalo Branco.

O que não impossibilita que, assim como o exemplo etnográfico dos Guajá e dos Ka'apor, outro grupo também tenha utilizado a área para abertura de roça, acampamento temporário etc. Apesar de, *a priori*, ter sido considerado que o sítio Cavalo Branco havia sido ocupado por um único grupo, nada indica que uma reocupação por parte de um diferente grupo não possa ter ocorrido. A diminuição da amostragem do material cerâmico a ser analisada, para respeitar o cronograma dessa dissertação, pode ter obscurecido possíveis ocupações por grupos distintos. Ocupações que, se ocorreram, o teriam sido, provavelmente, por períodos curtos e cujas dimensões das estruturas não só podem ter escapado à malha sistemática de quadras implantadas no sítio Cavalo Branco (de 20 x 20m) como também pela escolha de só analisar quadras localizadas a cada 40 metros (i.e. $\frac{1}{4}$ da amostragem inicial).

A seleção fotográfica, realizada com o material de quadras não analisadas do sítio Cavalo Branco, em alguns momentos parece ter indicado a presença de cerâmica diferente da encontrada na **Área 1** e na **Área 2**. Extremamente simples, com coloração diferente, e com presença de antiplástico mineral em grandes proporções e dimensões, essa cerâmica (encontrada nas quadras 200V-380D e 140V-260D) deixa sugerida a hipótese, a ser testada em um estudo futuro, da reocupação do sítio por um grupo diferente.

Foto 6.1.3. Prancha 15 do sítio Cavalo Branco. Cerâmica encontrada nas quadras 200V-380D (CB-SF-35 e CB-SF-380D) e 140V-260D (CB-SF-74), que sugere que o sítio cavalo Branco pode ter sido ocupado por outro grupo.

Nesse momento do estudo, ocorre a bifurcação entre o que possui e o que não possui base para inferências. Não existem dados, por exemplo, para tratar da morfologia das estruturas (sejam elas temporárias ou permanentes) ou para identificar a função das estruturas temporárias. Por outro lado, os dados permitem inferir que os sítios Tupi do leste amazônico eram diversas vezes reocupados, por vezes com funções diferentes, algumas por grupos diferentes. Uma série de datações minimamente espaçadas dentro dos sítios (Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3), a suspeita de áreas em um mesmo sítio (Cavalo Branco) com diferentes estruturas de ocupação e um registro etnográfico que corrobora a hipótese da "reocupação multifuncional" dos grupos Tupi da região e entorno sustentam essa inferência.

Também podemos levantar hipóteses sobre a morfologia das aldeias, com base na comparação dos dados arqueológicos e etnográficos. A etnografia, mais uma vez, vai indicar a linha a ser adotada.

6.2 MORFOLOGIA DAS ALDEIAS

6.2.1 Etnografia

Observando os diversos exemplos dos grupos etnográficos Tupi do entorno da região estudada, é difícil identificar um padrão geral. Mais uma vez, utilizaremos como base para nossa comparação os Parakanã, os Araweté, os Asurini do Xingu e os Tapirapé. Os Waiãpi, não mencionados até o momento, também serviram de referência.

Sobre esses grupos, há estudos com a preocupação em esquematizar a aldeia, por isso foram escolhidos. Outros exemplos, apesar da ausência de croquis mais didáticos, também indicam que outros grupos Tupi das proximidades apresentam a mesma "patologia da desordenação", como os Urubu-Ka'apor (RIBEIRO, 2006; BALÉE, 1994) e os Asurini do Tocantins (ANDRADE, 1992a).

	<p>1 – Sepulturas 2 – Panela de cerâmica 3 – Local onde se sentam xamãs e líderes dos rituais 4 e 5 – Espaço ocupado pelos moradores 6 – Pátio externo onde se realiza parte dos rituais do turé</p>
	<p>a : grande barracão FUNAI b : rádio P. L. c : farmácia d : residência do chefe de Posto e : cozinhas dos índios f : Casas e famílias dos Parakanã g : Ramal em direção à Transamazônica (7 km).</p>
	<p>MAP OF THE VILLAGE AT THUNDER CEREMONY 1940</p> <p>Temporary doors opened in each house to form the village circuit</p> <p>Takana (Men's House)</p> <p>Dwelling in which the evening phase of the ceremony takes place</p> <p>Path made especially for the ceremony</p> <p>Direction the shaman takes in his village circuit during the daytime phase of the ceremony</p>

Fig. 101: Croqui da aldeia Waiãpi, segundo Gallois (1983).

Fig. 102: Croqui da aldeia Tapirapé, segundo Wagley (1977).

Viveiros de Castro (1986, p. 275), que observou aldeias do Brasil central, descreveu a aldeia Araweté como uma “favela”. Vidal (1983, p. 94) teve uma experiência semelhante na aldeia Parakanã: *“minha primeira impressão, ao chegar entre os Parakanã, foi, sem dúvida, o fato de me sentir meio perdida, sem referências espaciais conhecidas e chegando mesmo a estranhar a falta de ordenação espacial que caracteriza os grupos Jê”*. Fausto (2001, p. 29), indica que os Parakanã tradicionalmente viviam todos em uma única casa, padrão que se modificou com o contato, quando as casas passaram a comportar apenas uma ou duas famílias.

Gallois (1986, p. 150) também parece ter estranhado a espacialidade dos Waiãpi, um grupo Tupi do Amapá que migrou para o sudeste paraense e levantou uma hipótese sobre a configuração da aldeia:

(..) o tipo de exploração do meio efetuado pelo grupo caracteriza-se por uma grande mobilidade dentro do território tribal. Por esta razão, o grupo local não é representado espacialmente pela aldeia, mas por uma área onde existem vários assentamentos alternativa ou sucessivamente ocupados pelos membros do grupo

É difícil ter certeza se a mobilidade foi o motor que “descaracterizou” qualquer padrão morfológico que os Tupi pudessem ter desejado. Infeliz incerteza, já que mobilidade e a falta de padrão morfológico são (além da variabilidade na cerâmica) dois dos focos do presente estudo. O casamento de ambos, um justificando o outro, seria um perfeito final para o estudo. No entanto, essa seria uma conclusão demasiadamente simplista e estaria ignorando outros indícios apresentados. Por exemplo: por que grupos etnográficos não-Tupi, como os Timbira e os Xavante (vide LADEIRA, 1983; SÁ, 1983), historicamente nômades ou semi-nômades, não só seguiam um padrão ordenado, circular, como mantiveram esse padrão no período pós-contato, e isso não ocorreu com os Tupi?

Aparentemente, os Tupi organizavam suas aldeias de forma extremamente flexível, e os próprios Timbira podem corroborar essa inferência. Esse grupo, frente aos seus vizinhos Guajajara (Tenetehara/ Tupi), zombavam desses “pobres coitados”, cuja aldeia era uma imitação do padrão observado em Barra do Corda, município próximo a aldeias dos dois grupos. Esses Timbira, que possuíam aldeias estruturalmente idênticas,

não consideravam os “imitadores” Guajajara como índios de verdade, já que esses não organizavam aldeias circulares (LADEIRA, 1983, pp. 11-13).

6.2.2 Arqueologia

Algo semelhante parece ter acontecido pré-historicamente com o sítio Grajaú. No meio de uma região tipicamente não-Tupi, o grupo que habitou esse sítio acabaria influenciado em um aspecto de sua cultura cujo valor não exercia influência direta sobre o funcionamento da sociedade: a morfologia da aldeia. Dessa forma, ao contrário de seus vizinhos do baixo Tocantins, cuja morfologia aldeã é mais difícil de definir, o sítio Grajaú apresentava um clássico modelo de aldeia semi-circular ou de parábola, semelhante aos vistos para outros sítios não-Tupi encontrados no interior maranhense.

Fig. 103 A dispersão dos fragmentos cerâmicos no sítio Grajaú⁹² indica um padrão circular ou semi-circular de aldeia

Fig. 104 e 105 Os sítios Belo Horizonte e Frade são dois sítios não-Tupi na fronteira entre o Maranhão e o Pará. Os mapas de dispersão de fragmentos cerâmicos (nível 10-20cm do sítio Belo Horizonte os sítios e 0-10cm do sítio Frade) parecem indicar um padrão circular ou semi-circular, com a presença de uma praça central.

⁹² A utilização de uma mesma metodologia (malha sistemática de quadras) permitiu a comparação inter-sítios. A escala dos mapas de dispersão é baseada na quantidade de fragmentos cerâmicos.

Fig. 106 e 107 Aqui, não há indicação de ordenação na dispersão do material cerâmico. No entanto, é preciso levar em consideração que ambos os sítios foram ocupados mais de uma vez (o que pode ter “mascarado” um padrão mais ordenado) e o fato de o sítio Nova Ipixuna 3 ser uma estrutura temporária.

Fig. 108 e 109 Assim como os sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3, o Bela Vista não apresenta indícios de ter abrigado uma aldeia com morfologia circular ou semi-circular. Por outro lado, os mapas de dispersão cerâmica do sítio Bom Jesus 2, nos níveis 0-10cm e 10-20cm, onde o material se encontra espalhado em torno de uma pequena área vazia, são um indício de que alguns grupos Tupi do médio-baixo Tocantins podem ter adotado uma morfologia circular ou semi-circular em um período pré-contato.

Pode-se observar que, de um lado, encontramos o sítio Bom Jesus 2, também com uma provável disposição circular ou semi-circular da aldeia e, de outro, os sítios Cavalo Branco e Bela Vista, cuja dispersão de fragmentos cerâmicos indica uma morfologia aldeã desordenada. É preciso lembrar que, no caso do sítio Cavalo Branco, a mancha localizada na direita das figuras é a **Área 2**, considerada como uma outra ocupação que não deve ser considerada para fazer inferências quanto à morfologia aldeã.

O sítio Nova Ipixuna 3 deve ser observado com cautela, já que também sofreu reocupações que podem ter desfigurado uma possível morfologia circular. Além disso, a área não é uma aldeia e, por isso, esse sítio não tem o mesmo peso comparativo dos demais. Ainda assim, é possível refletir sobre a tendência à repetição do padrão morfológico da aldeia nas estruturas temporárias, apresentada por certos grupos, com base no sítio Nova Ipixuna 3.

Para L. Silva (1983, p. 43), os Xavante fazem, em seus acampamentos, “*versões em miniatura das casas da aldeia base*”. Vidal (1983, p. 88) também faz observação semelhante em relação aos Kayapó-Xikrim, cujo “*acampamento é circular, e os segmentos residenciais colocam-se na mesma ordem obedecida na aldeia*”. Ou seja, em muitos grupos cuja estrutura se baseia na disposição circular da aldeia, tal padrão teria de ser obedecido a todo o momento. *A priori*, não há indícios de que o grupo que construiu uma estrutura temporária no sítio Nova Ipixuna 3 tivesse em mente a repetição do formato da aldeia: talvez tenha sido repetida, de forma reduzida, uma aldeia cuja disposição era desordenada.

Mesmo que os grupos Tupi seguissem uma única morfologia aldeã (fato que as evidências arqueológicas e etnográficas não atestam), por que perderiam essa característica, ao contrário dos grupos Jê, por exemplo, que sempre construíram aldeias circulares? Tudo indica que o acentrismo sócio-morfológico, apontado por Viveiros (1984/1985, p. 81) como característica dos Araweté, parece servir para os demais grupos Tupi, que não seguiriam padrões sócio-cêntricos de grupos Jê e Arawak.

Dessa forma, nos inclinamos muito mais à visão de Viveiros de Castro (1986, p. 92), que acredita que a morfologia social dos Tapirapé está muito mais ligada a um modelo “centro brasileiro” (e.g. Karajá e Kayapó), do que a uma herança dos

Tupinambá, que organizavam suas aldeias de “*forma regular, associada à proporcionalidade das dimensões das casas*”⁹³ (ASSIS, 1996, p. 49).

No momento, é possível inferir que, se os Tupi apresentavam uma morfologia-padrão em suas aldeias, era, justamente, a falta de padrão ou a cópia do padrão do grupo vizinho. Isso não significa que os grupos Tupi pré-históricos moravam no modelo “favela”, de Viveiros de Castro. A questão é: se os Tupi foram tão flexíveis ou pré-dispostos a transformar suas aldeias seguindo um modelo semelhante ao dos colonos, não há motivo para não pensar que essa flexibilidade também estava presente na pré-história, com grupos Tupi podendo ou não copiar os diferentes grupos vizinhos (como parece ter ocorrido com os sítios Grajaú e Bom Jesus 2), numa total ausência de padrão. Se essa afirmação é verdadeira, podemos concordar com a tese do metamorfismo Tupi, levantada por Heckenberger (2005).

6.3 CONCLUSÃO

Resumindo a discussão, podemos apontar que a reocupação dos sítios poderia ocorrer tanto pelo primeiro grupo a utilizar a área quanto por um outro grupo, e cada reocupação poderia ser relativa a uma diferente atividade. A análise do sítio Cavalo Branco indicou que lá ocorreram, ao menos, duas reocupações, duas possivelmente ligadas à implantação de uma aldeia, e outra, a uma provável utilização da área para a abertura de um roçado. Houve também indícios ocupação da área do sítio por outro(s) grupo(s), mas seus ralos vestígios estariam perdidos ou discretamente misturados no meio da extensa área do sítio Cavalo Branco. Essas inferências vão de encontro aos estudos produzidos por Denevan (1992, 2006) e Balée (1994).

Por fim, tanto os dados etnográficos quanto os arqueológicos indicam uma grande variação quanto à morfologia aldeã dos grupos Tupi. Em duas situações, as dos sítios Grajaú e Bom Jesus 2, foi observado um possível padrão circular ou semi-circular, que poderia ter sido “tomado emprestado” de grupos vizinhos não-Tupi.

Em contrapartida, os sítios Cavalo Branco e Bela Vista apresentaram morfologias mais desordenadas. Os dados ainda não são conclusivos, uma vez que as reocupações do

⁹³ Essa afirmação de Assis também se refere aos Suruí e aos Asurini.

sítio Cavalo Branco podem ter “mascarado” um possível ordenamento na disposição da aldeia. Sem dúvida, trabalhos intensivos de escavação nas áreas de habitação dos sítios Tupi serão fundamentais para responder a essa questão.

CAPÍTULO 7

7 O COMPLEXO TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL DENTRO DA ARQUEOLOGIA TUPI E DOS MODELOS DE EXPANSÃO

7.1 NA TERRA DAS BORDAS VAZADAS

Até o momento, já foi possível observar alguns aspectos da variabilidade cerâmica dos grupos Tupi do leste amazônico e de sua mobilidade (padrões de ocupação e reocupação dos sítios, ligados à ecologia desses grupos). Também foi sugerida uma falta de padrão morfológico das aldeias Tupi em relação aos grupos do Brasil central e do Maranhão, localizados a certa distância dos grandes rios (i.e. rio Tocantins), em sítios de terra firme, com dimensões restritas.

Restaria saber se as margens do Tocantins guardariam grandes sítios em torno dos quais estariam os sítios de menor dimensão (a exemplo do que foi observado por Heckenberger no alto Xingu), próximos a pequenas drenagens (e.g. sítios Cavalo Branco, Bela Vista, e Bom Jesus 2).

Uma idéia parecida foi defendida por Balée (1994, p. 2), que acredita que os antepassados dos atuais grupos Tupi do leste amazônico viveriam em cacicados⁹⁴ ao longo do baixo Tocantins, em um padrão semelhante ao dos Tupinambá do litoral, com a economia baseada na agricultura. No entanto, os antropólogos que estudam grupos da região não concordam com a possibilidade de existência de cacicados entre os grupos Tupi do leste amazônico. Vejamos o quadro hipotético criado por Fausto (2001, pp.171-172) para os Parakanã:

Suponhamos que os Parakanã sejam, de fato, remanescentes de uma grande população Tupi da região do Pacajá, consistentemente sedentária, que praticava uma horticultura rica e diversificada. Suponhamos ainda que não habitassem exclusivamente as cabeceiras de rios e que conhecessem a arte canoeira. Essa população teria sido dizimada pela invasão européia nos três primeiros séculos da colonização. Os sobreviventes teriam recuado para as regiões menos expostas da floresta, passando a viver junto a pequenos cursos d'água, onde esqueceram a manufatura de canoas e passaram a explorar de maneira menos intensa a fauna aquática. A horticultura empobreceu-se pelo efeito combinado do isolamento (não renovação de cultivares), da depopulação (possibilidade de depender mais intensamente da caça e da

⁹⁴ Ou seja, possuiriam, entre outras características, uma hierarquia definida internamente à aldeia, assim como entre as aldeias. Da mesma forma, quando se fala em cacicado, pensa-se em mão de obra especializada (SCHAAN, 2004).

coleta) e, eventualmente, de solos mais pobres. Por fim, com o peso relativo da caça e produtos agrícolas na subsistência, o grupo ter-se-ia tornado mais móvel e menos sedentário.

É claro que um passado nobre é sempre mais dignificante. As genealogias feitas por aí quase sempre indicam um rei ou um grande fidalgo como antepassado (ninguém é descendente de plebeu!). Por que, então, não indicar uma idade de ouro para os grupos Tupi do leste amazônico, ainda mais sabendo que esses grupos tiveram “parentes” grandiosos (i.e. Tupinambá)? Vale lembrar que esses grupos não teriam, necessariamente, uma relação ou uma descendência direta com esses “parentes”. Fausto (*ibid.*, p. 174), sabendo disso, desqualifica seu próprio quadro hipotético.

(...) a suposição de que os Parakanã eram um grupo consistentemente sedentário, agrícola e canoeiro, no século XVI, também deve ser vista com cautela. Nada impede que fossem, desde então, trekkers habitando pequenos cursos d'água em regiões menos expostas às guerras de conquista e que, justamente por isso, não pereceram.

Essa idéia é compartilhada por Viveiros de Castro (1986, p. 48), que acredita que os Araweté nunca possuíram um grande contingente populacional, e seus mecanismos de produção nunca dependeram disso. Parece ser justamente o caso dos sítios tratados aqui, todos encontrados próximo a pequenos cursos d'água em aldeias (acampamentos etc.) se não modestas, também não grandiosas. As datações do sítio Cavalo Branco indicam uma seqüência de reocupações (ao menos duas) do sítio. A mobilidade parece ter sido constante, fazendo jus ao título de sociedades “predatórias”, indicado por Viveiros de Castro (1993, apud FAUSTO, op. cit.) e Heckenberger (2005, p. 338). Restaria, então, saber se os sítios localizados nas margens do rio Tocantins se encaixariam nesse “rótulo” de cacicado ou se, ao menos, teriam condições mínimas para tal.

A principal informação relacionada aos sítios na beira do rio Tocantins não corrobora a existência de sítios com grandes dimensões. Mais uma vez, a única base é o trabalho de Simões e Araújo-Costa (1987), realizado nas áreas de inundação da represa de Tucuruí (ou seja, nas margens do rio Tocantins). Segundo esses arqueólogos, o maior dos sítios da fase Tauarí possuía 324 x 95m, enquanto o maior sítio da fase Tucuruí, 350 x 50m. Na fase Tauá, por fim, o sítio com maiores dimensões teve 300 x 80m. Nenhum

desses sítios possui dimensão maior do que a do sítio Cavalo Branco. Se considerarmos que, do total delimitado, geralmente apenas uma parte do local foi ocupada,⁹⁵ podemos supor que as aldeias da margem do Tocantins eram ainda menores, sugerindo que o complexo Tupi localizado em torno do médio e baixo Tocantins não possuía uma “hierarquia” nas dimensões dos sítios, que decresceriam das margens para o interior.

É importante destacar que se trata de um campo inseguro, que requer cuidados. Os próprios Simões e Araújo-Costa (ibid.) indicam que a maioria dos sítios levantados às margens do Tocantins estavam erodidos de tal forma que não havia possibilidade de intervenções verticais (estratigráficas). A destruição dos barrancos (desbarrancamento) situados nas margens do médio e baixo Tocantins é até hoje observada durante as freqüentes inundações que ocorrem nos períodos de chuva. Os resultados desse processo, acelerado pelo grau avançado de desmatamento em torno desse rio, sobre os sítios localizados nesses barrancos são difíceis de calcular.

7.2 CRONOLOGIA DOS TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Com 13 datações⁹⁶ apenas para grupos Tupi, a Amazônia Oriental, ainda que muito distante de apresentar uma cronologia de ocupação segura, já possui dados cronológicos suficientes para algumas inferências e uma hipótese.

Sítio	Data	Método	Pesquisador
Nova Ipixuna 3	1560+-90 d.C.	C14	Scientia Consultoria
SI-4058	1550+-70 d.C.	C14	Simões e Araújo Costa, 1987
Aldeia Xicrim	1500 d.C.	Termoluminescência	Silva et al. 2007
Cavalo Branco	1330+-70 d.C.	C14	Scientia Consultoria
Grajaú	1320+-80 d.C.	C14	Scientia Consultoria
Aldeia Asurini	1300 d.C.	Termoluminescência	Silva et al. 2007
Cavalo Branco	1270+-40 d.C.	C14	Scientia Consultoria
Cavalo Branco	1150+-60 d.C.	C14	Scientia Consultoria
PA-BA-11	1000+-70 d.C.	C14	Simões e Araújo Costa, 1987
Nova Ipixuna 3	740+-70 d.C.	C14	Scientia Consultoria
Cavalo Branco	725+-65 d.C.	C14	Scientia Consultoria
PA-AT-19	280+-80 d.C.	C14	Figueiredo, 1965
Bela Vista	480+-20 a.C.	C14	Scientia Consultoria

Tabela 7.2.1. Datações para sítio Tupi no sudeste do Pará.

⁹⁵ Dos 170.000m⁹⁵ de área do sítio Cavalo Branco, apenas 20.000 m⁹⁵ apresentaram solo antrópico.

⁹⁶ Foram excluídas as duas datações de 3000 a.C. do sítio Cavalo Branco.

A primeira inferência, e a mais simples, é a de uma presença pré-colonial dos Tupi na região. Do total de datações, apenas três (SI-4058, a aldeia Xikrim, e a primeira datação do sítio Nova Ipixuna 3) indicam um período próximo à entrada dos europeus. Sem dúvida, os Tupi já se encontravam no Amazônia oriental 1000 anos antes do contato.

São quatro as datações mais antigas: as dos sítios PA-AT-19 (280+-80 d.C.), Bela Vista (480+-20 a.C.), Nova Ipixuna 3 (740+-70 d.C.) e Cavalo Branco (725+-65 d.C.). Dessas quatro datas, a do sítio Bela Vista certamente é a mais problemática: uma profundidade cronológica de 2500 anos indicaria uma grande possibilidade de o berço de expansão Tupi estar localizado na Amazônia oriental.

Apesar de improvável, essa idéia foi cogitada até pelos lingüistas Mello e Kneip (2006). Ao contrário de Urban, cujos estudos foram baseados em grupos do tronco Tupi e indicaram as cabeceiras dos rios Mamoré, Guaporé e Madeira, no atual estado de Rondônia, como o provável centro de dispersão dos Tupi, os dois autores preferiram lidar apenas com grupos da família Tupi-Guarani. Para Mello e Kneip, o atual estado de Rondônia só possuiria um subconjunto da família Tupi-Guarani, enquanto o leste amazônico seria o local com maior concentração dessa família: 14 línguas divididas em 4 subconjuntos. A aplicação da “Teoria da Migração Lingüística” à família Tupi-Guarani apontaria o leste amazônico como foco de dispersão.

A hipótese de Mello e Kneip não pode ser descartada, ainda que esteja longe de ser comprovada pelas datações de sítios Tupi da região. O Bela Vista, único sítio coerente com essa hipótese no momento, possui uma única datação e não apresenta (ainda) uma seqüência cronológica confiável. Além disso, nenhum dos sítios Tupi estudados até o momento na região possui uma grande seqüência cronológica. Invariavelmente, são sítios cuja cerâmica só é encontrada nos níveis superficiais (até 40cm). Assim, fora a datação do sítio Bela Vista, nenhum dado arqueológico favorece a hipótese de Mello e Kneip.

O quadro existente até agora parece indicar uma entrada pela Amazônia ocidental. Vindos por terra ou rios secundários (e.g. o Itacaiúnas), os Tupi teriam se fixado primeiro no entorno da serra de Carajás, na primeira metade do primeiro milênio da era cristã. A datação da fase Itacaiúnas obtida por Figueiredo (1965) sustentaria (ainda que precariamente) essa hipótese. Por volta do ano 500 d.C, os Tupi já estariam no médio e baixo Tocantins, no entorno da atual cidade de Marabá. Duas datações, uma para o sítio

Cavalo Branco, e outra para o Nova Ipixuna 3, ambas em torno de 750 d.C., confirmariam esse momento da expansão.

Esses grupos conseguiram se fixar no entorno da atual cidade de Marabá, possivelmente gerando um núcleo Tupi⁹⁷ e de lá se expandindo para as demais áreas. A jusante desceriam o rio Tocantins, a montante seguiriam pelos rios Tocantins e Araguaia, e para o leste, por terra ou rios secundários, adentrariam o interior maranhense. A datação de 1000+-70 d.C. para a fase Tucuruí e a indicação de Robrahn-González (1996) de que os Tupi teriam entrado no Brasil central por volta do ano 1000 d.C indicam uma possível ramificação da expansão Tupi para norte e para sul da atual cidade de Marabá.⁹⁸ Iniciado o segundo milênio da era cristã, a expansão amazônica Tupi provavelmente diminuiria sua intensidade, frente a uma escassez de territórios com os aspectos ecológicos desejados (i.e. florestas tropicais) e à expansão ou adensamento de outros grupos, no Brasil central,⁹⁹ no Maranhão e no restante do leste Amazônico. A datação do sítio Grajaú, de 1320+-80 d.C, seria um indício dessa chegada tardia dos Tupi ao Maranhão. Possivelmente, os Tupi amazônicos atingiram o litoral em um período não muito distante da chegada dos Tupinambá, já em fuga dos europeus.

Dessa forma, essa hipótese corrobora o pensamento de Eduardo Neves (com. pessoal) e, de certa forma, o modelo defendido por Urban (1996), Meggers (1974, 1977, 1979, 1982) e Schmitz (1991), que indicam a parte sul da bacia do rio Amazonas como rota para a expansão dos Tupi amazônicos (uma expansão oeste-leste).

Fig. 110 Hipótese de expansão dos Tupi, via a região sul da bacia amazônica.

⁹⁷ Não só os sítios aqui apresentados, mas também os demais sítios Tupi paraenses da LT Tucuruí-Presidente Dutra, assim como todos (ou praticamente todos) os sítios nos quais a Fundação Casa da Cultura de Marabá fez coletas assistemáticas, no entorno dessa cidade, eram Tupi.

⁹⁸ Nada impede que ramificações também tenham ocorrido em um período anterior à chegada dos Tupi ao médio e baixo Tocantins.

⁹⁹ Vide Robrahn-González (1996) e Wüst (1990).

Muito mais do que um modelo, a expansão oeste-leste dos Tupi amazônicos deve ser vista como uma hipótese a ser testada. Mais estudos intensivos devem ocorrer não apenas nos Estados de Rondônia e do Pará, mas também em toda a extensa área entre ambos. Só então um modelo para os Tupi amazônicos poderá ser desenvolvido.

7.3 ASPECTOS DOS TUPI DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Se a inferência de Robrahn-González (1996, pp. 204-209), que indica os Tupi do centro-oeste brasileiro como grandes influenciadores das demais culturas (e.g. Aratu e Uru), parece de acordo com o observado nos Tupi da Amazônia oriental, o mesmo não pode ser dito sobre sua inferência (ibid., p. 210) de que os Tupi (ainda do centro-oeste) teriam preservado sua identidade após esse período de interações. Sem dúvida, os Tupi não perderam a identidade ao estabelecer contato com diferentes grupos (Aratu, Uru, grupos maranhenses, portadores da tradição incisa-ponteadas etc), mas esse processo influenciou profundamente a cultura dos grupos Tupi do sudeste do Pará.

Heckenberger (2005, p. 338), por exemplo, identificou um processo de aculturação no baixo Xingu, onde os grupos Arawak, mais centralizados, influenciavam os “outros” (Carib, Gê e Tupi), e as descrições etnográficas de Ribeiro (2006, p. 210) indicam contato constante dos Urubu-Ka’apor com grupos vizinhos: “Não há casa Urubu em que não tenha visto algum artefato Tembê ou Timbira”. Wagley e Galvão (1961, pp. 26-27) indicam os Tenetehara como os mais propícios à vida “civilizada”, os que mais facilmente recebiam a cultura de fora.

Claro que se trata de um terreno perigoso, havendo a possibilidade de anacronismo na comparação dos Tupi pré-contato com grupos Tupi dizimados e enfraquecidos por séculos de conflitos, muitos dos quais passaram pelos descimentos, que misturaram diversos grupos, sem dúvida causando influências culturais. No entanto, dados de sítios pré-colombianos já indicam a existência desse elevado nível de contato e de influência entre os diversos grupos. O grupo que habitou o sítio Grajaú, por exemplo, um dos grupos Tupi no meio de um provável predomínio Macro-Gê (os Timbira) no interior do Maranhão, também apresenta em sua cerâmica indícios de que o grupo foi extremamente influenciado por seus vizinhos.

Fato é que, levando em consideração o entorno do “bico do papagaio” (o encontro dos rios Araguaia e Tocantins), área onde está localizado o sítio Cavalo Branco, como ponto central, caminhando em todas as direções, vê-se as influências dos grupos circunvizinhos. Para norte e oeste, a influência é de grupos portadores da tradição inciso-ponteadas (FIGUEIREDO, 1965; ARAÚJO-COSTA, 1983; SIMÕES e ARAÚJO-COSTA, 1987; MILLER, 1992), e para sul e para leste, a influência seria de grupos Aratu e Uru (ROBRAHN-GOZÁLEZ, 1996).

De certa forma, a homogeneidade lingüística e, em menor escala, a cerâmica dos Tupi deixaram uma certa impressão de que a cultura Tupiguarani, em geral, era homogênea, algo que está longe de ser verdade. Parte dessa homogeneização, sem dúvida, é fruto da influência que o *Handbook of South American Indians*, editado por Julian Steward (1963), causou nos pesquisadores da pré-história indígena. Afinal, ao buscar um padrão comum a grupos nem sempre tão semelhantes, a obra acabou por caracterizar esses grupos como estáticos cronologicamente quanto à cultura, à economia e à política.

Foi observado, no presente estudo, como a cerâmica Tupi se comportou ao caminharmos geograficamente nas diversas direções. A variabilidade é tamanha, que era até difícil ter certeza, em alguns casos, se um grupo era realmente Tupi. Quanto ao formato das aldeias, não seria exagero dizer que a aldeia circular (e as paliçadas) dos Tupinambá, desenhada por Staden, por exemplo, provavelmente esteve no inconsciente da maioria dos tupinólogos como padrão de uma aldeia Tupi.

Observou-se também que a morfologia dos Tupi, tanto no registro arqueológico quanto nos atuais grupos etnográficos, se comportou de forma heterogênea. Seguindo essa linha de raciocínio, não seria a ligação direta dos Tupi com a imagem de um grupo ligado à agricultura (i.e. sedentarismo) que levou diversos pesquisadores (e.g. CLASTRÉS, 1998; BALÉE, 1994) a falar em “involução cultural” ao deparar com grupos Tupi pouco ou nada ligados à agricultura, em vez de supor que, assim como aconteceu com a morfologia das aldeias e a cultura material, haveria uma variabilidade quanto à base da economia desses grupos? Variabilidade que seria não só influenciada pelo contato com o branco, mas também pelos diversos processos históricos que esses grupos vivenciaram entre si?

Ao definir alguns aspectos fundamentais da cultura Guarani, Schaden (1974, passim) revela que “*certos domínios de sua cultura se encontram inteiramente abertos a influências estranhas, ao passo que em outros é extraordinariamente forte o apego a padrões tradicionais*”. Tudo indica que, para os Guarani e os demais Tupi, a morfologia da aldeia era um desses pontos abertos a influências externas, já que um padrão confuso era observado para o ordenamento das casas, nos quais, geralmente, não era possível determinar o centro.

Robrahn-Gonzáles (1996, p. 189) também parece ver algo semelhante no centro-oeste brasileiro, onde “*os grupos portadores de cerâmica Tupiguarani deixaram certamente poucos, fugazes, e heterogêneos assentamentos*”. Viveiros de Castro (1986, p. 106) amplia o foco, ao apontar que, entre os Tupi-Guarani, “*as formas de residência, as morfologias aldeãs, as terminologias de parentesco, as estruturas cerimoniais, a atitude frente à guerra, a importância do xamanismo – tudo isso parece igualmente conhecer uma grande variação*”.

Períodos longos de ocupação e um contato permanente com vizinhos variados podem estar na base dessa heterogeneidade. Para Robrahn-Gonzáles, os Tupi do Brasil central devem ter mantido contato com os demais grupos regionais, com trocas constates de objetos e informações. A arqueóloga até considera a possibilidade de os Tupi terem mantido relações sincrônicas com grupos que, entre si, não possuiriam evidência de contato (e.g. Aratu e Bororo). Robrahn-González (ibid., p. 189) acredita que “*este conjunto de relações permite, assim, inferir a existência de uma complexa rede de contatos extra-culturais alavancada pelos ceramistas Tupiguarani*” (grifo nosso).

Dessa forma, se o ponto de partida desse estudo indicava os Tupi como grupos monotonamente semelhantes, ao final pôde-se perceber os Tupi mergulhados em um contexto de ambigüidade. Por um lado, possuiriam uma cultura material com inúmeras semelhanças, especialmente as ligadas a formas e decorações cerâmicas, sem contar as semelhanças lingüísticas. Essas semelhanças seriam suficientes para que os diferentes grupos Tupi conseguissem distinguir seus “iguais” frente aos “demais”.

Por outro lado, esses mesmos Tupi poderiam apresentar inúmeras diferenças internas. Regionalmente, os vasos poderiam ganhar formas mais simples e decorações que passariam do pintado para o plástico (e.g. fase Tauá) ou formas mais sofisticadas em

presença abundante de decoração pintada (e.g. fase Tauari) ou mesmo formas simples e decorações simples (e.g. sítio Grajaú).

Da mesma forma, esses Tupi seriam heterogêneos quanto à dinâmica de subsistência, havendo exemplos etnográficos, aparentemente respaldados por dados arqueológicos, de grupos caçadores-coletores (Nukak e Guajá), com economia mista (Araweté) ou mesmo sedentários (Ka'apor e Tupinambá). Por fim, esses grupos parecem ter sido heterogêneos quanto à morfologia aldeã (vide os exemplos etnográficos e arqueológicos apresentados no Capítulo 6). Tudo dependendo do aspecto abordado e do grau de utilização, uma vez que “(...) *as detail on resolution increases, larger patterns tend to become more confused amidst the diversity of colors ('peoples'), but as one moves back or takes his eyes slightly out of the large upland blocks become apparent*” (HECKENBERGER, 2005, p. 59).

Estamos longe de compreender a razão pela qual alguns aspectos da cultura Tupi apresentam maior variabilidade e de entender os Tupi como um todo. Algo que não só pode ser impossível, mas também indesejável, já que tentativas nesse sentido acabariam por obscurecer as diferenças internas, que seriam fonte da rica e complexa cultura Tupi.

7.4 USO DOS MÉTODOS INDUTIVO E DEDUTIVO EM ARQUEOLOGIA

Antes de finalizar o presente estudo, seria interessante esclarecer algumas idéias importantes implícitas neste trabalho, desnudando a trilha entre os “objetivos” e as “conclusões”.

Em alguns momentos, foi indicado que este era um trabalho de cunho histórico-culturalista e, em outros, foi observado que lidávamos com a variabilidade do registro arqueológico, seja ele ligado à cerâmica, à morfologia aldeã etc. Dessa forma, seria um tanto desastroso finalizar esse trabalho sem tentar definir de que forma o viés “histórico-culturalista” e o estudo ligado à “variabilidade” do registro arqueológico se relacionam.

Seria injusto desvincular essa contextualização regional da pessoa que inicialmente defendeu esse tipo de estudo no campo antropológico. Pai da antropologia moderna, Franz Boas (1899/1887, p. 62), logo em um de seus primeiros estudos, indica que é necessário compreender o specimen etnológico (ou arqueológico, no presente caso) de forma individual, em sua história e em seu meio: *“By regarding a single implement outside its surroundings, outside of other inventions of the people to whom it belongs, and outside the phenomena affecting that people and its productions, we cannot understand its meaning”*.

As indicações de Boas não são, necessariamente, fáceis de serem seguidas. Ao trabalhar com uma área extremamente carente de estudos sobre a pré-história, ficou claro que um sítio sozinho não serviria para contextualizar a região do médio e baixo Tocantins. Por outro lado, a comparação de uma série de sítios “soltos no ar” seria extremamente problemática, já que *“The thorough study must refer to the history and development of the individual form, and hence proceed to more general phenomena”* (id., ibid., p. 63).

Parece estranho mas, ao mesmo tempo em que fala de “forma individual” como primeiro passo, o antropólogo indica que *“the preliminary study is that of surroundings”*. Preso no meio dessa aparente contradição – praticamente não havia pesquisas arqueológicas sobre a região –, o presente estudo buscou contextualizar o foco principal (o individual form), o sítio Cavalo Branco em relação ao que havia de mais consistente, palpável sobre a história dos grupos indígenas da região: a etno-história e a etnografia.

Só a partir do momento em que o foco de pesquisa (o sítio Cavalo Branco) estava minimamente compreendido e inserido em um esboço histórico proveniente dos dados etno-históricos e etnográficos, foi possível inserir os demais sítios (Bela Vista, Bom Jesus 2 e Nova Ipixuna 3), ferramentas intermediárias entre o foco principal e o contexto propriamente dito (os Tupi do médio e baixo Tocantins). Iniciada a delimitação do contexto regional, foi possível, ainda de forma tênue, inserir a Amazônia oriental em um contexto Tupi geral. A partir de um fenômeno particular, partiu-se para um problema muito mais geral.

No momento em que foi atingida a problemática Tupi geral, acreditamos ter atingido parcialmente o objetivo de ter utilizado o método indutivo: *“to study phenomena arising from a common physical cause among all tribes and as influenced by its*

surroundings; i.e., by tracing a the full history of the single phenomenon” (BOAS, op. cit., p. 64).

No presente trabalho, o all tribes de Boas pode-se dirigir mais genericamente aos Tupi e, mais especificamente, aos Tupi do médio e baixo Tocantins. Durante todo o processo de pesquisa, ficou claro que as comparações gerais seriam, momentaneamente, menos significativas do que um estudo intensivo do objeto e do seu contexto. Dessa forma, se foi dada maior atenção para o pontual em relação ao geral, não foi por desmerecer o último. Sabe-se que, sem os grandes estudos comparativos, “a Antropologia [dentro da qual pode-se inserir a Arqueologia] se tornará apenas historiografia e etnografia (RADCLIFFE-BROWN, op. cit., p. 44).

Por outro lado, a ansiedade por grandes comparações e construção de modelos gerais pode ter levado a erros na formatação desses modelos. Lathrap (1970) e Brochado (1984), por exemplo, sem dispor de dados palpáveis sobre a Amazônia central e a foz do Amazonas, utilizaram essas duas regiões como base para a construção do chamado “modelo cardíaco”. Assim, a falta de dados palpáveis, tanto sobre complexos regionais quanto sobre cronologia, de certa forma, induziu esses arqueólogos a basear seus estudos em dados lingüísticos (vide URBAN, 1996) e arqueológicos, como a fase Guarita (HECKENBERGER et al., 1998), extremamente dúbios e que, a posteriori, se mostraram impalpáveis. De certa forma, os dois arqueólogos caíram no erro de comparar, por analogia, fenômenos não conhecidos em profundidade, ignorando que diferentes causas produzem efeitos semelhantes (BOAS, op. cit., pp. 61-64).

Isso, de forma alguma, desmerece o trabalho desses dois brilhantes estudiosos, talvez os dois mais importantes da arqueologia brasileira (mesmo sem Lathrap ter trabalhado diretamente no país). Os modelos não perderam sua vitalidade como ferramenta para a compreensão dos Tupi, não só como grupo expansionista, mas como um macrogrupo com algumas características distintas. Da mesma forma, reduzir o sofisticado modelo de Brochado a “analogias incorretas”, seria um ultraje, uma vez que contribuições como a busca incessante de diálogo entre arqueologia e outras disciplinas (e.g. etnografia, etno-história e lingüística), não só nesse estudo, mas em quase todas as pesquisas arqueológicas pós-1984 (ano da publicação de seu PhD), indica que o legado deixado é muito superior ao que se pode descrever, assim como é superior ao modelo em si.

Acredita-se que essas macrocomparações, mesmo que em terreno movediço (realizadas inclusive no presente trabalho, no caso das decorações pintadas), não devem ser reprimidas. Pelo contrário, devem ser feitas a todo momento. Se os dados sugerem algo, mesmo que incerto, é tarefa do arqueólogo interpretar essa informação, tomando as devidas precauções, se expressando por meio de inferências ou sugestões, dependendo de cada caso.

O chamado “erro” interpretativo de Brochado está muito menos ligado a um problema individual dos dois arqueólogos (dele e de Lathrap) do que a uma patologia inerente à arqueologia brasileira ou um “*mal digerido histórico-culturalismo*” (GOMES, 2004). Preocupados em construir agrupamentos em um menor tempo possível, os membros do PRONAPA focaram alguns aspectos do material cerâmico (e.g. o uso de um determinado antiplástico) e lítico (e.g. a presença ou não de pontas de flecha) em detrimento de outros, como os aspectos espaciais dos sítios.

Sem dúvida, os trabalhos do PRONAPA possuem seu valor, e é baseado nos estudos desse programa que praticamente todos os atuais estudos arqueológicos em território nacional dialogam. Mais do que criticar ou desqualificar esses trabalhos, a atual geração de arqueólogos passou a identificar e utilizar aspectos, muitas vezes, ignorados pela arqueologia anterior. Um desses aspectos é a arqueologia regional. No âmbito Tupi, esse tipo de trabalho ganhou grande força com os estudos de Noelli (1993), que devolveu aos Guaraní seu caráter regional, até certo ponto desvinculando esse grupo do abrangente Tupiguaraní.

Outro aspecto relevante é a utilização de conceitos relacionados à variabilidade tecnológica dos artefatos. No presente estudo, por exemplo, foi possível observar alguns dos aspectos gerais da cerâmica Tupi, como vasos roletados, formas angulosas, falta de preocupação com a durabilidade do vaso, policromia e decorações corrugadas. Da mesma forma, foi possível observar variações regionais, como a utilização de um antiplástico diferente (quartzo), a possibilidade de um uso de corrugado apenas no bojo superior, a troca desse mesmo corrugado pela semelhante cestaria, a preferência por incisões e não por motivos finos.

Mesmo em grupos situados em um mesmo recorte regional, pertencentes a uma mesma fase, foi possível identificar idiosincrasias internas (e.g. uso ou não de bordas vazadas, assim como de bordas cambadas, a preferência pelo engobo vermelho e não pelo

branco ou vice-versa). Por fim, ainda que em uma escala menos explorada, é possível observar até alguns aspectos individuais (e.g. a mudança repentina na espessura de um motivo, o tipo de material utilizado para alisar uma peça, a inserção de uma inflexão a mais no vaso). Esses aspectos podem ter sido provenientes da interação com diferentes grupos (o que leva o foco de volta ao regional) ou fruto de uma inovação que, porventura, pode vir a ter tido influência nos demais grupos da região.

De todas as formas, em um estudo preliminar, é difícil escapar à escala regional, ainda mais quando se realiza um estudo comparativo. Essa é a escala intermediária entre todas as outras, indicada para compreensão não só do objeto de estudo como de todos os fatores externos que influenciaram na forma desse objeto.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou contribuir para a compreensão de aspectos de um grupo até recentemente “marginalizado” dentro da arqueologia amazônica: os Tupi. Marginalização que, curiosamente, se repete na posição geográfica, periférica, em que aparentemente esses grupos estavam localizados na pré-história amazônica.

Por meio de um diálogo contínuo com a etno-história e etnografia regional, os dados arqueológicos presentes nesta dissertação permitiram a criação de uma base consistente de informações a respeito dos Tupi do médio e baixo Tocantins. As ferramentas visuais (pranchas fotográficas, pranchas de formas, gráficos de densidade etc) foram um dos recursos preferidos para a criação dessa base. Nesse sentido, teve-se como inspiração o trabalho de Meggers e Evans (1957), que possibilita, ao final da leitura, uma visualização desde a aparência da cerâmica (quanto às formas, decorações etc.) até o tipo de ambiente em que os grupos pretéritos em questão estavam inseridos.

Três diferentes focos foram utilizados para a criação dessa cadeia de informações sobre os Tupi do leste amazônico. Utilizando uma escala mais fechada, foi possível realizar um estudo intensivo sobre um único sítio (Cavalo Branco). Além de aspectos que vão do pontual ao geral da cultura material (i.e. lítica e cerâmica) do grupo que habitou esse sítio, esta dissertação buscou dialogar com dados pedológicos proveniente das análises do solo antrópico encontrado no local, assim como dados provenientes de datações absolutas. Conclui-se que o sítio havia sido ocupado mais de uma vez, apesar de a estratigrafia apontar para um único pacote arqueológico. Em dois momentos, foi sugerido que a área delimitada por uma grande mancha de solo antrópico teria sido ocupada na forma de uma aldeia. Em outro momento, espacialmente identificado por uma segunda e reduzida mancha de solo antrópico, ocorreria um outro tipo de ocupação, que pode ter ocorrido na forma de uma área de roçado, com estruturas ligadas a essa atividade. Nesses três momentos, distribuídos em 600 anos de cronologia, a ocupação aconteceria por um mesmo grupo, o que não invalida a hipótese de que outros grupos tenham ocupado o sítio.

Ao expandir um pouco o foco para uma escala regional, foi possível observar que a reocupação de áreas anteriormente ocupadas era uma prática comum na etnografia dos

grupos Tupi. O diálogo dessas observações com os dados arqueológicos provenientes do sítio Cavalo Branco, dos demais sítios Tupi apresentados e da bibliografia permitiu inferir que a prática de reocupações era rotineira por grupos locais e poderiam ocorrer por parte do primeiro grupo a habitar a área ou por outro. Também foi possível inferir que essas reocupações poderiam ocorrer de variadas maneiras: na forma de uma aldeia, de um acampamento, de uma área de roça ou de outra atividade. Na base dessa inferência, estaria uma flexibilidade desses grupos quanto ao padrão de subsistência, podendo esses ser nômades, *trekkers* ou semi-sedentários.

Por fim, foi possível fazer inferências quanto à morfologia aldeã desses grupos. Partindo mais uma vez do diálogo entre dados etnográficos e arqueológicos, foi inferido que os Tupi possuiriam um padrão desordenado ou estariam “se inspirando” na morfologia aldeã dos grupos vizinhos. Dessa forma, em mais um aspecto, foi observada uma flexibilidade Tupi quanto a uma característica da sua cultura. Uma flexibilidade que, em certo sentido, também foi observada na cultura material desses grupos. Conclui-se que esse emaranhado de possibilidades, existentes na variabilidade de diversos aspectos dos Tupi do leste amazônico, seria responsável pela criação de um complexo, aqui denominado como “Complexo Tupi da Amazônia Oriental”.

De posse desses dados, foi possível expandir o foco para uma macro-escala. O estudo dos grupos Tupi pré-históricos do leste amazônico serviu para situá-los dentro dos possíveis cenários para a expansão dos Tupiguarani. Concluiu-se que a presença dos Tupi era pré-histórica e inferiu-se que eles teriam chegado à região vindos do oeste amazônico. Dessa forma, os atuais grupos Tupi da região não seriam, em sua maioria, descendentes dos Tupinambá fugitivos do litoral do nordeste brasileiro.

Por fim, a soma dos dados discutidos na presente dissertação permite concluir que a atual fase de estudos, focada na variabilidade interna de recortes regionais, é a mais adequada para a solidificação da chamada “arqueologia Tupi”. Acredita-se que, com o prosseguimento dos estudos e com a sofisticação da base teórica, diferentes ferramentas possam ser utilizadas. A escolha dessas ferramentas dependerá da fase em que se encontrarem os estudos. No entanto, se os estudos forem em uma região (praticamente) desconhecida, recomenda-se a utilização da abordagem histórico-culturalista.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A. N. **Amazônia: do Discurso a Práxis**. Edusp; São Paulo; 2004.
- ABBEVILLE, C. d' **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas**. Itatiaia/Edusp; Belo Horizonte/São Paulo; 1975 [1614].
- ALMEIDA, C.M. **Memórias para a história do Extinto Estado do Maranhão**. Typ. do Comércio, de Brito e Braga; Rio de Janeiro; 1860.
- ALMEIDA, F.O. de & GARCIA L.L.W.G. **Sítio Cavalo Branco e Sítio Nova Ipixuna 3: Aldeia e Acampamento Tupi no Sudeste Do Pará?** Artigo não publicado.
- ANDRADE, L. **O Corpo e o Cosmos: relações de gênero e o sobrenatural entre os Asuriní do Tocantins**. Dissertação de Mestrado; FFLCH-USP; São Paulo; 1992a.
- _____. **A Marca do Tempo: Identidade, Estrutura e Mudança entre os Asuriní do Trocará**. In *Grafismo Indígena, Estudos de antropologia Estética*. VIDAL, Lux B. (org.); Nobel; São Paulo; 1992b; p. 117-132.
- ARAUJO COSTA, F. H. J. de C. **Projeto Baixo Tocantins: Salvamento Arqueológico na Região de Tucuui**. Dissertação de Mestrado; FFLCH-USP; São Paulo; 1983.
- ARNAUD, E. **O Índio e a Expansão Nacional**. CEJUP; Belem; 1989.
- ARNOLD, D. E. **Ceramic Theory and Cultural Process**; Cambridge University Press; 1997.
- ASSIS, V. S. **Da Espacialidade Tupinambá**; Dissertação de Mestrado; PUC-RS, 1996.
- AYROSA, P. **Estudos Tupinológicos**. Instituto de Estudos Brasileiros 4; São Paulo; 1967.
- AZEVEDO, I. L. d'. **Grão Pará: suas missões e a colonização**. Secult, Belém; 1999.
- BALDUS, H. **Tapirapé: Tribo Tupi do Brasil Central**. Brasileira, *Série Grande Formato Nacional*, vol. 17; Editora Nacional/EDUSP; São Paulo; 1970.

BALÉE, W. **Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany – the historical ecology of plant domestication by an Amazonian people**. New York; Columbia University Press;1994.

_____ **Historical Ecology of Amazonia**. In *Indigenous Peoples and the future of Amazonia: an ecological anthropology of an endangered world*. PONSEL, L. (ed.). Tucson : University of Arizona Press; p. 97-110; 1995.

BELLWOOD, P. **Early Agriculturalist Population Diaspora: hierarchy, regionality and genes**; Annual Review of Anthropology 30; p. 181-207; 2001.

BETENDORF, J. F. **Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Rio de Janeiro; 1910 [1698]; p. 697.

BINFORD, L. R. **Styles of Style**. *Journal of Anthropological Archaeology*; 8; 1989; p. 51-67.

BIODINÂMICA. **Estudo de Impacto Ambiental (EIMA): LT: Tucuruí-Pres. Dutra**. São Paulo; 2001a.

_____ **Relatório de Impacto Ambiental (RIMA): LT: Tucuruí-Pres. Dutra**. São Paulo; 2001b.

BOAS, F. **The Principles of Ethnological Classification**. In *The Shaping of American Anthropology, 1883-1911*. STOKING JR. G. W. (ed.); University of Chicago Press; Chicago and London; 1989; p. 61-67.

BODU, P. **Paroles de Pierre: Le Concept de la Chaîne Opératoire Appliqué aux Industries Lithiques Paléolithiques**. Cahier 1; Thème 3; Systèmes de Production et de Circulation ; 1998/1999; p.87-90.

BROCHADO, J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into eastern South America**. PhD Dissertation; University of Illinois at Urbana Champaign; 1984.

_____ **A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Polícroma Amazônica**. Dédalo; São Paulo; 1989; p.65-82.

BUARQUE, A.; RODRIGUES-CARVALHO, C. & SILVA; E.C. **Programa funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ-Sítio Bananeiras**; Ver. Do MAE; SP; 13: 2003; p. 39-55.

BULLOCK, S.C. **Tocantins and Araguaia Rivers, Brazil; The Geographical Journal**; vol. LXIII n°5; London; 1924; p. 369-391.

CAHEN, D. & KARLIN, C. **Nouvelles voies pour l'étude des pierres taillées. Préhistoire et technologie lithique**. l'URA 28: Cahier 1; 1979; p.24-27.

CALDARELLI, S. B. **Lições da Pedra: Aspectos da Ocupação no Vale Médio do Rio Tietê**. Tese; FFLCH-USP; São Paulo; 1983.

CALDARELLI, S. B., ARAÚJO-COSTA, F.H. & KERN, D.C. **Assentamentos a Céu Aberto de Caçadores-Coletores Datados da Transição Pleistoceno Final / Holoceno Inicial no sudeste do Pará**. *Revista de Arqueologia*, vol. 18; Sociedade de Arqueologia Brasileira; 2005; p. 95-108.

CARVALHO, S. M. S. **A Cerâmica e os Rituais Antropofágicos**; *Revista de Antropologia*, (26), USP; São Paulo; p. 39-52.

CHILDS, S. T. **Style, Technology and Iron Smelting Furnaces in Bantu-Speaking Africa**; *Journal of Anthropological Archaeology*; 10; 1989; p. 332-359.

CHMYZ, I. (ed.) **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica**. *Cadernos de Arqueologia* (n°1); Universidade Federal do Paraná; Paranaguá-Pr; p. 121-147.

CLASTRES, H. **Terra Sem Mal; Brasiliense**; São Paulo; 1978.

CLASTRES, P. **Chronicle of the Guayaki Indians**. Faber and Faber; London; 1998.

_____ **Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política**. Cosac & Naify; São Paulo; 2004.

COELHO, E. M. B. **A Política Indigenista no Maranhão Provincial**. Sioge; São Luis; 1990.

COLLINS, M. B. **Una Propuesta Conductual para el Estudio de la Arqueología Lítica**. *Rev. Etnia* (34-35); Buenos Aires; 1989/90; p.47-65.

CORMIER, L. A. **Kinship with Monkeys: the Guajá foragers of eastern Amazonia**; Columbia University Press; New York; 2003.

DENEVAN W. M. **Stone vs. Metal Axes: the ambiguity of shifting cultivation in prehistoric Amazonia**. *Journal of the Steward Anthropological Society* (20); 1992; p.153-165.

_____ **Pre-European Forest Cultivation in Amazonia.** In *Time and Complexity in Historical Ecology: studies in the neotropical lowlands*. BALÉE, W. & ERICKSON, C. (Eds.); Columbia University Press; New York; 2006; p. 57-86.

DENIS, F. **Introdução** In. *Viagem ao Norte do Brasil*. ÉVREUX, Y. d'. Leite Ribeiro; Rio de Janeiro; 2002.

DESCOLA, P. **In the Society of Nature: a native ecology in Amazonia.** Cambridge Studies in Social and Cultural Anthropology; New York; 2000.

DIAS, A. S. **Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos.** Tese de Doutorado; FFLCH-USP; São Paulo 2003.

DIAS A. S. & SILVA, F. A. **Sistema Tecnológico e Estilo: as implicações desta interrelação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil.** *Rev. do MAE*; São Paulo; 2001; p. 95-108.

DIAS, G. **Juca Pirama.** *Antologia Poética*. Agir; Rio de Janeiro; 1969.

DIETLER M. & HERBICH I. **Tich Matek: the technology of Luo Pottery Production and the Definition of Ceramic Style.** *World Archaeology*, 21(1); 1989; p. 148-164.

DUNNEL, R. C. **Style and Function: A Fundamental Dichotomy.** *American Antiquity*; 43 (2); 1978; p. 192-202.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer.** Perspectiva; São Paulo; 1993.

ÉVREUX, Y. d'. **Viagem ao Norte do Brasil.** Leite Ribeiro; Rio de Janeiro; 2002.

FAUSTO, C. **Fragments de História e Cultura Tupinambá.** In. *História dos Índios no Brasil*. CUNHA, M.C. (org.); Companhia das Letras; 1992; p. 381-396.

_____ **Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia.** Edusp; São Paulo; 2001.

FERNANDES, F. **A Organização Social dos Tupinambá.** Difusão Européia do Livro; São Paulo; 1963.

_____ **Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá;** Pioneira; São Paulo; 1970.

FERRING, C.R. **Intrasite Spatial Patterning: its role in settlement-subsistence**

systems analysis. In *Intrasite Spatial Analysis in Archaeology*. HIETALA H. J. & LARSON P. A. (Eds.). Cambridge University; London; 1984; p. 116-126

FIGUEIREDO, N. A **Cerâmica Arqueológica do Rio Itacaiúnas.** *Antropologia* (27); Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi; Belém; 1965; p.1-17.

FLANNERY, K. V. & WINTER M. **Analyzing household activities.** In *The Early Mesoamerican Village*. FLANNERY, K. V. (Ed.); Academic Press; New York; 1976; p. 34-47.

FOGAÇA, E. **Mãos Para o Pensamento. A Variabilidade Tecnológica de Indústrias Líticas de Caçadores-Coletores Holocênicos a partir de um Estudo de Caso: as camadas VIII e VII da lapa do boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.5000 B.P).** Tese; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Porto Alegre; 2001.

GALLOIS, D. T. **A Casa dos Waiãpi.** In *Habitações Indígenas*. NOVAES, S.C. (org.). Nobel/EDUSP; São Paulo; 1983.

_____ **Migração, Guerra e Comércio: os Waiãpi na Guiana.** *Série Antropologia* (15); FFLCH/USP; São Paulo; 1986.

GOMES, D. M. C. **Influencias del Abordaje Historico-Cultural en la Arqueologia Amazónica.** In *Teoria Arqueológica en América del Sur*. POLITIS G. & PERETTI R. (Org.). Olavarria: INCUAPA/UNICEN (3); 2004; p. 245-257.

_____ **Análise dos Padrões de Organização Comunitária no Baixo Tapajós: o desenvolvimento do formativo na área de Santarém, PA;** Tese de Doutorado; MAE-USP; São Paulo; 2005.

GRAHAM, E. **A Neotropical Framework for Terra Preta.** In *Time and Complexity in Historical Ecology: studies in the neotropical lowlands*. BALÉE, W. & ERICKSON, C. (Eds.); Columbia University Press; New York; 2006; p. 57-86.

HECKENBERGER, M. J. **The Ecology of Power: culture, place, and personhood in the southern Amazon, A.D. 1000-2000;** Routledge; New York; 2005.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E & PETERSEN, J. **De Onde Surgiram os Modelos? As Origens e expansões Tupi na Amazônia Central.** *Revista de Antropologia*; USP; v. 41; n° 1; 1998; p. 69-96.

HERIARTE, M. **Descrição do estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas**. Imprensa do filho de C. Gerold; 1874.

HOELTZ, S. **Tecnologia Lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. Tese – PUC/RS; Porto Alegre; 2005.

HUXLEY, F. **Affable Savages**; Heart Davis; London; 1956.

INIZAN, M.L.; ROCHE, H. & TIXIER, J. **Technologie de la Pierre Tailée. Cercle de Recherches et d'études Préhistoriques**. Meudon; CNRS. 1995.

JONES, S. **The Archaeology of Ethnicity**. London Routledge; 1997; p. 106-127.

JORDAN, P. & SHENNAN, S. **Cultural Transmission, Language, and Basketry Traditions amongst the Californian Indians**. *Journal of Anthropological Archaeology* (22); Academic Press; 2003; p. 42-74.

KÄMPF, N. & KERN, D. **O Solo como Registro da Ocupação Humana Pré-histórica na Amazônia**. Tópicos Ci. Solo; Belém; 2005; p. 277-320.

KARLIN, C.; BODU, P. & PELEGRIN, J. **Processus Techniques et Chaînes Opératoires: Comment les préhistoriens s'approprient un concept élaboré par les ethnologues**. In: *Observer L'Action Technique: Des Chaînes Opératoires, Pour Quoi Faire?* BALFET, H. (ed.) ; CNRS; Paris; 1991; p. 101-117.

KENT, S. (ed.) **Method and Theory for Activity Area Research: An Ethnoarchaeological Approach**. Columbia University Press, New York, 1987.

KERN, D. C. **Caracterização Pedológica dos Solos com Terra Preta Arqueológica na Região de Oriximiná, Pará**. Dissertação de Mestrado; UFRGS; Por Alegre; 1988.

_____. **Geoquímica e Pedogeoquímica de Sítios Arqueológicos com Terra Preta na Floresta Nacional do Caxiuaná (Portel-Pará)**. Tese de Doutorado; UFPA; Belém; 1996.

KIEMEN, M. C. **The Indian Polity of Portugal in the Amazon Region, 1641-1693**. Octagon Books; New York; 1973.

KIPNIS, R., CALDARELLI, S. B. & OLIVEIRA W. C. **Contribuição para a Cronologia da Colonização Amazônica e suas Implicações Teóricas.** *Revista de Arqueologia* (18); Sociedade de Arqueologia Brasileira; São Paulo; 2005; p. 81-94.

LA SALVIA, F. & BROCHADO J. P. **Cerâmica Guarani.** Posenato Arte e Cultura, Porto Alegre; 1989.

LADEIRA, M. E. **Uma Aldeia Timbira.** In *Habitações Indígenas*. NOVAES, S.C. (org.); Nobel/EDUSP; São Paulo, 1983.

LAGENEST, H. T. B. **Marabá: Cidade do Diamante e da Castanha;** Anhambi; São Paulo; 1958.

LAGO, A.F.P. **Relatório dos Estudos da Comissão Exploradora dos rios Tocantins e Araguaia.** Tipografia Nacional; Rio de Janeiro; 1876.

LARAIA; R. B. & DA MATA, R. A. **Índios Castanheiros: a empresa extrativista e os índios do médio Tocantins.** Col. Corpo e Alma do Brasil do Brasil, DIFEL; São Paulo; 1967.

LARAIA; R. B. **Uma Etno-História Tupi;** *Revista de Antropologia* (27/28); USP; 1984/85; p. 25-32.

LATHRAP, D. **O Alto Amazonas.** Verbo, Lisboa, 1975.

LEMONIER, P. **The Study of Material Culture Today: Toward an Anthropology of Technical Systems.** In *Journal of Anthropological Archaeology* (5); 1986; p. 147-186.

MAGALHÃES, M. P. **Arqueologia de Carajás;** CVRD; 1994.

MARTINS, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil;** Editora Universitária, UFPE, 2005.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, M. E. & TUTUMI; H. S. **Datações Arqueológicas em Mato Grosso do Sul.** *Revista do MAE;* São Paulo; 73-93; 1999.

MEGGERS, B. J. **A Reconstrução da Pré-História Amazônica.** Universidade de São Paulo; 1974; p. 1-19.

_____ **Vegetation fluctuation and prehistoric cultural adaptations in Amazonia: some tentative correlations.** *World Archaeology*, 8 (3), 1977, p. 287-303.

_____ **Climatic Oscillation as a Factor in the Prehistory of Amazonia.** *American Antiquity*, 44 (2), 1979, p. 252-266.

_____. **Archaeological and Ethnographic Evidence Compatible with the Model of Forest Fragmentation.** In: *Diversification in the Tropics*, Ghilleen Prance (ed.), Columbia University Press, New York, 1982, p. 483-496.

MEGGERS, B. & EVANS, C. **Archaeological Investigations in the Mouth of the Amazon.** Smithsonian Institution; Government Printing Press; Washington; 1957.

MEGGERS B. J. & MILLER E. **Hunter-Gatherers in Amazonia during the Pleistocene-Holocene Transition.** In *Under the Canopy: The Archaeology of Tropical Rainforests (Library Binding)*. MERCADER J. (ed.); Rutgers University Press; 2002; p. 291-316.

MELLO, A. A. S. & KNEIP, A. **Evidências Lingüísticas que apontam para a Origem dos Povos Tupi-Guarani no Leste Amazônico.** *Estudo apresentado no 52nd International Congress of Americanists*; Sevilha; 2006.

MELLO, P. J. C. **Análise do Material encontrado no Sítio Costa Rica (MS).** *Revista de Divulgação Científica (IGPA)*, 1999 (3), p. 135-143.

_____. **Análise de Sistemas de Produção da Variabilidade Tecno-Funcional de Instrumentos Retocados. As Indústrias Líticas a Céu Aberto do Vale do Rio Manso.** Tese – PUC/RS; Porto Alegre; 2005.

MELLO, P. J. C. e VIANA, S. A. **Metodologia de Análise do Material.** In *Relatório Final: Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico Diretamente Afetada pela Usina Hidrelétrica Corumbá*; IGPA-Goiânia; 1996.

MÉTRAUX, A. **The Tupinambá.** In. *Handbook of South American Indians* (3). STEWARD, J. (ed.); Government Printing Office; Washington; 1963; p. 95-133.

MILLER, E. T. **História da Cultura indígena do Alto-Médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso).** Dissertação de Mestrado. PUC-RS, Porto Alegre, 1983.

_____. (org.). **Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte.** Eletronorte; Brasília-DF; 1992.

MONTEIRO, B. **História do Pará.** Amazônica; Belém; 2006.

MORAES, C. A. **Arqueologia Tupi do Nordeste de São Paulo.** Dissertação de Mestrado; MAE-USP; São Paulo; 2007.

MORAN, E. **A Ecologia Humana das Populações da Amazônia**. Vozes; Rio de Janeiro; 1990.

MÜLLER, R. P. **Os Asuriní do Xingu: história e arte**. Unicamp; Campinas; 1990.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**; Coleção Descobrindo o Brasil; Jorge Zahar; RJ; 2006.

NEVES, E.G.; PETERSEN, J.B.; BARTONE, R.N. & SILVA, C.A. **Historical and Socio-cultural origins of Amazonian Dark Earths**. In *Amazonian Dark Earths: origins properties and management*. LEHMANN, J.; KERN, D.C.; GLASER, B. & WOODS, W. I. (Eds.). Dordrecht, Kluwer Academic Publishers; 2003; p. 29-50.

NIMUENDAJU, C. **The Apinayé**. Anthropological Publications; Oosterhout; 1967.

_____ **Etnografia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará**. Unicamp; Campinas; 1993; p. 144-146.

_____ **Cartas do Sertão: de Curt Nimuendaju a Carlos Estevão Oliveira**. Museu Nacional de Etnologia; Assírio e Alvim; Lisboa; 2000.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó: Em busca de um modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí-RS**. Dissertação de Mestrado; PUC-RS; 1993.

_____ **As Hipóteses sobre o Centro de Origem e Rotas de Expansão dos Tupi**. *Revista de Antropologia*, 39 (2); São Paulo; 1996; p. 7-53.

_____ **Rotas de Expansão Tupi**; *Revista de Antropologia*; USP; São Paulo; 1998; p. 7-53.

_____ **The Tupi: Explaining Origin and Expansions in Terms of Archaeology and the Historical Linguistics**. *Antiquity* 72 (2); 1998; p. 648-663.

O'BRIEN M.J. & LEONARD R.D. **Style and Function: an introduction**. In *Style and Function: conceptual issues*. HURT T.D. & RAKITA G.F.M. (Eds.); Wesport; Bergin & Garvey; 2001; p.1-23.

OLIVEIRA, A. (org.) **Autos da Devassa contra os Índios Mura do Rio Madeira e Nações do Rio Tocantins (1738-1739)**. Manaus; FUA; Brasília; INL; 1986.

OLIVEIRA C. A. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí-Brasil.** Dissertação de Mestrado; FFLCH-USP; 2000.

ORTON, C., TYERS, P. & VINCE, A. **Pottery in Archaeology.** *Cambridge Manuals in Archaeology*; Cambridge University Press; Cambridge; 1997.

PELEGRIN, J. **Aspects de Démarche Expérimentale en Technologie Lithique, 25 ans d'Études Technologiques en Préhistoire.** *XI Rencontre Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes*; Ed. APDCA; Juan-les-Pins, 1991; p. 57-63.

PERLÈS, C. **Economie de la Matière Première et Economie de Debitage: Deux Exemples Grecs.** l'URA 28: Cahier 1 ; 1979; p.37-41.

_____ **In Search of Lithic Strategies: a cognitive approach to prehistoric chipped stone assemblage.** In *Representation in Archaeology*. GARDIN, C & PERLÈS, C (eds.). Indiana, 1992, p. 223-230.

PETERSEN, J.B.; NEVES E.G. & HECKENBERGER M.J. **Gift from the Past: Terra Preta and prehistoric Amerindian occupation in Amazonia.** In: *Unknown Amazon: culture in nature in ancient Brazil*. McEWAN C.; BARRETO, C. & NEVES E.G. (eds); British Museum Press; London; 2001; p. 86-105.

POLITIS, G. **Foragers of the Amazon.** In. *Unknown Amazon: culture in nature in ancient Brazil*. McEWAN C.; BARRETO, C. & NEVES E.G. (eds); London; 2002; p. 26-49.

PROUS, A. P. **Elementos Descritivos Classificatórios.** *Arquivos do Museu de História Natural*; UFMG; Belo Horizonte, v. 11, 1986/1990; p. 1-90.

_____ **Arqueologia Brasileira.** UNB, 1992.

_____ **Apuntes para Análisis de Industrias Líticas.** F. Federico Maciñeira, 2004, 172 p.

_____ **A Pintura em Cerâmica Tupiguarani.** *Ciência Hoje* (v. 36 - n. 213); Rio de Janeiro; 2005; p. 22-28.

PROUS, A.P., ALONSO, M., PILÓ, H., XAVIER, L., LIMA, A. P. & SOUZA, G. N. **Os Machados Pré-Históricos – Descrição de Coleções Brasileiras e Trabalhos Experimentais: Fabricação de Lâminas, Cabos, Encabamento e Utilização.** *Revista Canindé*; UFSE; Xingo; n.2; 2002; p. 161-236.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **O Método Comparativo em Antropologia Social**. In *Radcliffe Brown: Antropologia*. MELLATI, J. C. (org.); Coleção Grandes Cientistas Sociais, Capítulo 1; Ática; São Paulo; 1978; p. 43-58.

REDMAN, C. C. **Productive Sampling Strategies for Archaeological Sites**. In *Sampling in Archaeology*; MUELLER, J. (ed.); University of Arizona Press; Tucson; 1975; p. 147-154.

REID, J. J., SCHIFFER, M.B. & NEFF, J. M. **Archaeological Considerations of Intrasite Sampling**. In *Sampling in Archaeology*. MUELLER, J. (ed.); University of Arizona Press; Tucson; 1975; p. 209-224.

RENFREW, C. **Archaeology and Language: the puzzle of Indo-European origins**. London, Penguin, 1987.

_____. **At the Edge of Knowability: Towards a Prehistory of Languages**. *Cambridge Archaeological Journal*, 10 (1); 2000; p. 7-34.

RIBEIRO, D. **Diários Índios: os Urubus-Ka'apor**. Companhia das Letras; São Paulo; 2006.

RICARDO, C. A. (org.). **Povos Indígenas no Brasil 8: o sudeste do Pará**. CEDI; São Paulo; 1985.

RICE, P. **Pottery Analysis, a Sourcebook**. University of Chicago Press; 1987.

ROSTAIN, S. **Étude d'une Chaîne Opératoire : les haches en pierre polie d'Amazonie**. *Arquivos do Museu de História Natural* (11); UFMG; Belo Horizonte; 1986/1990; p. 195-240.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **A Ocupação Ceramista Pré-Colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento**. Tese de Doutorado; FFLCH-USP; São Paulo; 1996.

RODET, J. M. **Princípios Metodológicos de Análise de Indústrias Líticas Lascadas – Aplicação às Séries Arqueológicas do Norte de Minas Gerais e Regiões Circunvizinhas**. In *Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*; Campo Grande; Anais; 2005; p. 1-18.

RODRIGUES, A. D. **A Classificação do Tronco Lingüístico Tupi**. *Revista de Antropologia* (12); USP; São Paulo; 1964; p. 99-104.

_____ **Relações Internas na Família Lingüística Tupi-Guarani.**
Revista de Antropologia (27-28); USP; São Paulo, 1985; p. 33-53.

RODRIGUES, L. **Roteiro do Tocantins.** José Olympio; Rio de Janeiro; 1943.

ROE, P. G. **Style, society, Myth and Structure.** In *Style, Society and Person. Archaeological and Ethnological Perspectives.* CARR, C. & NEEITZEL J.E.; Plenum; New York; 1995; p. 27-76.

_____ **The Cosmic Zygote: cosmology in the Amazon Basin.** Rutgers University Press; New Brunswick; 1982; p. 384.

ROOSEVELT, A. C. **Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia.** In *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia.* NEVES, W. A. (Org.). Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR; (Coleção Snethlage); 1991; p. 103-41.

_____ **Arqueologia Amazônica.** In *História dos Índios no Brasil.* CUNHA, M. C. da (Org.). São Paulo; Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP; 1992; 53-88.

_____ **Amazonian Anthropology: Strategy for New Synthesis.** In *Amazonian Indians from Prehistory to the Present.* ROOSEVELT, A.C. (Org.), University of Arizona Press; 1994; p. 1-29.

_____ **The Maritime-Highland-Forest Dynamic and the Origins of Complex Society.** In *History of the Native Peoples of the Americas: South America.* SALOMON F. and SCHWARTZ S. (Eds.), Part 1, Cambridge University Press, New York; 1999; p. 264-349,

RYE, O. S. **Pottery Technology: Principles and Reconstruction.** Australian National University; 1981.

SÁ, C. **Observações sobre a Habitação de Três Diferentes Grupos Indígenas Brasileiros.** In *Habitações Indígenas.* NOVAES, S.C. (org.). Nobel/EDUSP; São Paulo; 1983.

SACKETT, J. R. **The Meaning of Style in Archaeology: a general model;** *American Antiquity*, 42 (3); 1977; p. 369-380.

_____**Style and Ethnicity in Archaeology: the case of isocretism.** In *The Uses of Style in Archaeology*; CONKEY, M. & HASTORF C. (Eds.); Cambridge University Press; 1991; p. 32-43.

SANTOS, M. C. M. M. dos. **A Problemática do Levantamento Arqueológico na Avaliação de Impacto ambiental.** Dissertação de Mestrado; São Paulo FFLCH-USP; 2001.

_____**Material de Cerâmica.** In. *Relatório Final: Projeto de Salvamento Arqueológico da Faixa de Domínio da Rodovia Carvalho Pinto*; Scientia Consultoria Científica; Unisantos; Santos; 2002.

SCATAMACCHIA, M. C. M. **Tentativa de Caracterização da Tradição Tupiguarani;** Dissertação de Mestrado; FFLCH-USP; São Paulo; 1981.

_____**A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul Evidenciada pela Ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etnohistóricas.** Tese de Doutorado; FFLCH-USP; São Paulo; 1990.

SCHAAN, D. P. **The Camutins Chiefdom: rise and development of social complexity on Marajó island, Brazilian Amazon.** PhD Dissertation; Pittsburgh; 2004.

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani;** EPU/EDUSP; São Paulo; 1974.

SCHIFFER, M. B. **Human Behavior and Artifacts.** In *Technological perspectives on behavior change*. SCHIFFER M.B (ed.); Cambridge University Press; Cambridge; 1992.

_____**Formation Process of the Archaeological Record.** Utah Press; Salt Lake City; 1996.

SCHIFFER, M. B. & SKIBO, J. **The Explanation of Artifact Variability.** *American Antiquity*; 62(1); 1997; p.27-50.

SCHIMDT, M. J. & HECKENBERGER, M. J. **Amerindian Anthrosols: Amazonian Dark Earth Formation in the Upper Xingu.** (artigo não publicado).

SCHMITZ, P. I. **Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani.** *Arqueologia do RGS, Brasil – Documentos (São Leopoldo)* 5; 1991; p. 31-66.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto: Levantamento Arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Presidente Dutra/MA.** CALDARELLI, S. (org.); São Paulo; 2002a.

Relatório Parcial: Salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí /PA – Presidente Dutra/MA (3º circuito). CALDARELLI, S. (org.); 2002b.

Relatório Final: Levantamento Arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA-Presidente Dutra/MA. CALDARELLI, S. (org.); São Paulo; 2003a.

Primeiro Relatório Parcial: Projeto de Salvamento dos Sítios Arqueológicos Localizados na Área Diretamente Afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Presidente Dutra/MA (3º Circuito) CALDARELLI, S. (org.); São Paulo; 2003b.

Projeto: Levantamento Arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/PA -Açailândia/MA (4º circuito). CALDARELLI, S. (org.); São Paulo; 2004.

Relatório Final: Projeto de Salvamento dos Sítios Arqueológicos Localizados na Área Diretamente Afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Presidente Dutra/MA (3º Circuito). CALDARELLI, S. (org.); em elaboração *a*.

Relatório Final: Projeto de Salvamento dos Sítios Arqueológicos Localizados na Área Diretamente Afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Açailândia/MA (4º Circuito). CALDARELLI, S. (org.); em elaboração *b*.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the Archaeologist.** Carvigie Institution of Washington Publication; 1995.

SILVA, A. L. **Xavante: Casa – Aldeia – Chão – Terra – Vida.** In *Habitações Indígenas*. NOVAES, S.C. (org.). Nobel/EDUSP; São Paulo; 1983.

SILVA, F. A. **As Tecnologias e seus Significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingú e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva.** Tese de Doutorado; USP; São Paulo; 2002.

SILVA, F. A. et al. . **A Arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama.** *Revista de Arqueologia*; (Belém), v. 17, 2004, p. 41-61.

SIMÕES, M. F. & ARAUJO-COSTA, F. **Áreas da Amazônia Legal Brasileira para Pesquisa e Cadastro de Sítios Arqueológicos.** Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi; (Publ. Avulsas, 30); 1978.

SIMÕES, M. F. & ARAUJO-COSTA, F. **Pesquisas arqueológicas no Baixo Rio Tocantins (Pará).** *Revista Arqueologia*, 4(1); Belém;1987; p. 11-27

STADEN, H. **Duas Viagens ao Brasil.** Edusp; 1974.

SIMÕES, M.F.; CORRÊA, C.G. & MACHADO, A.L. **Achados Arqueológicos no Baixo Rio Fresco (Pará).** In *O Museu Goeldi no ano do sesquicentenário.* Publicação Avulça; MPEG; Belém; 1973; p. 113-141.

STEWART, J. (ed.) **Handbook of South American Indians: the tropical forest tribes (vol. 3).** Smithsonian Institution; Bureau of American Ethnology; Cooper Square; New York; 1963.

TIXIER, J.; INIZAN, M.L. & ROCHE, H. **Préhistoire de la Pierre Taillée. I - Terminologie et Technologie.** Cercle de Recherches et d'études Préhistoriques; 2.ed. Paris; 1980.

URBAN, G. **A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas;** In CUNHA,M.C. (org.)*História dos Índios no Brasil*; Companhia das Letras,1992;p.87-102.

_____. **On the Geographical Origins and Dispersion of the Tupian Languages.** *Revista de Antropologia*, 39(2); USP; São Paulo; 1996.

VIANA, S. A. **Variabilidade Tecnológica do Sistema de Debitagem e de Confeção dos Instrumentos Líticos Lascados de Sítios Lito-Cerâmicos da Região do Rio Manso/MT.** Tese; PUC/RS, Porto Alegre; 2005.

VIDAL, L. **Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira.** Hucitec-Edusp; São Paulo; 1977.

_____ **O Espaço Habitado entre os Kaiapó-Xikrim (Jê) e os Parakanã (Tupi) do Médio Tocantins, Pará.** In *Habitações Indígenas*. NOVAES, S.C. (org.). Nobel/EDUSP; São Paulo; 1983.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Bibliografia Etnológica Básica Tupiguarani.** *Revista de Antropologia*, 27/28; USP; 1984/85a; p. 7-24.

_____ **Os Deuses Canibais: A Morte e o Destino da Alma entre os Araweté.** *Revista de Antropologia* 27/28; USP; 1984/85b; p. 56-90.

_____ **Araweté: os Deuses Canibais.** Jorge Zahar; Rio de Janeiro; 1986.

_____ **Comentário ao Artigo de Francisco Noelli.** *Revista de Antropologia*, 39; USP; São Paulo; 1996; p. 55-60.

_____ **A Inconstância da Alma Selvagem;** Cosac & Naify; São Paulo; 2002.

WAGLEY, C. **Welcome of Tears: the Tapirapé Indians of central Brazil.** Oxford University Press; New York; 1977.

WAGLEY, C. & GALVÃO, E. **Os Índios Tenetehara: uma cultura em transição.** MEC; Rio de Janeiro; 1961.

WIESSNER, P. **Is There a Unity to Style?** In *The Uses of Style in Archaeology*. CONKEY M. & HASFORD C. (Eds.); Cambridge University Press; 1991; p. 105-112.

_____ **Style and Social Information.** *American Antiquity*, 48(2); 1983; p. 253-276

WÜST, I. **Continuidade e Mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso.** Tese de Doutorado; FFHLCH-USP; São Paulo; 1990.

WÜST, I. & CARVALHO, H.B. **Novas Perspectivas para o Estudo dos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro: a análise espacial do sítio Guará (GO-NI-100).** *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*; n° 6: 47-81; Goiás; 1996; p. 47-82.

ANEXOS

Anexo 1: Todos os Sítios citados

Anexo 2: Localização do Sítio Cavallo Branco (Linha de Transmissão Tucuruí-Açailândia).

Anexo 3: Relação dos sítios as fases Tucuui, Tauari e Tauá.

Anexo 5: LT Tucuruí-Açailândia 4º Circuito (fonte: Scientia:2005)**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS**

Trecho	Torre	Sítio	Tipo	Profundidade	Extensão na faixa	Laudo	Recomendação
Tu-Ma	6-2	Breu Branco 1	Multicomponental (cerâmico e lítico)	1,10m	0 a 40m vante	01.2003	Resgate
Tu-Ma	8-3	Breu Branco 2	Cerâmico	0,40 m	120 m vante a 140 m ré	01.2003	Resgate
Tu-Ma	16-2	Breu Branco 3	Cerâmico	0,40m	20m vante a 80m ré	02.2003	Resgate
Tu-Ma	Entre 33/3 e 34/1	Mojuzinho	Multicomponental (cerâmico e lítico)	1,00m		04.2003	
Tu-Ma	177-1		Ocorrência cerâmica	0,30m		11.2003	
Tu-Ma	208-2	Joel	Cerâmico		0-100m ré	13.2003	Resgate
Ma-Aça	03-2	Morada Nova 2	Cerâmico	0,40m	270m vante a 40m ré	15.2003	Resgate
Ma-Aça	20-2	Morada Nova 1	Cerâmico	0,20m	0-110m ré	14.2003	Resgate
Ma-Aça	Acesso a 20/1 e 20/2	Nova Esperança	Cerâmico			14.2003	Acompanhamento de eventuais melhorias
Ma-Aça	34/1	Nova Ipixuna 1	Cerâmico	0,30m	0-50m ré	16.2003	Resgate
Ma-Aça	86/1 e 86/2	Bom Jesus 8	Cerâmico	0,50m	50m ré da T86/1 a 20m vante da T86/2	18.2003	Resgate
Ma-Aça	Acesso a 89/3	Bom Jesus 9	Cerâmico			18.2003	Acompanhamento de eventuais melhorias
Ma-Aça	92/1		Ocorrência cerâmica	0,20m	20m vante	19.2003	Monitoramento
Ma-Aça	93/2	Bom Jesus 10	Cerâmico	0,40m	140m vante a 15m ré	19.2003	Resgate
Ma-Aça	95/1	Bom Jesus 11	Cerâmico	0,30m	40m vante a 10m ré	19.2003	Resgate
Ma-Aça	98/2	Bom Jesus 12	Cerâmico	0,30m	0 a 70m vante	19.2003	Resgate
Ma-Aça	99/1	Bom Jesus 13	Cerâmico	0,20m	200m vante a 20m ré	20.2003	Resgate
Ma-Aça	101/2	Bom Jesus 14	Cerâmico	0,10m	100m vante a 10m ré	20.2003	Resgate
Ma-Aça	104-3	Bom Jesus 15	Cerâmico	0,20m	20m vante a 20m ré	20.2003	Resgate
Ma-Aça	105-1	Bom Jesus 16	Cerâmico		20m vante para a esquerda	20 e 21.2003	Monitoramento
Ma-Aça	106-2	Bom Jesus 17	Cerâmico	0,30m	80m vante a 10m ré	20.2003	Resgate
Ma-Aça	107-1	Bom Jesus 18	Cerâmico	0,50m	20m vante a 90m ré	20.2003	Resgate

Ma-Aça	Acesso à 108/2	São Pedro 1	Cerâmico		600m	21.2003	Resgate de superfície e acompanhamento de eventuais melhorias
Ma-Aça	114/1 e acesso	São Pedro 2	Cerâmico	0,30m	30 a 80m vante	21.2003	Resgate
Ma-Aça	114/2	São Pedro 3	Cerâmico	0,30m	220m vante a 160m ré	21.2003	Acompanhamento de eventuais melhorias no acesso
Ma-Aça	115/2 e acesso	São Pedro 4	Cerâmico	0,30m	10m vante a 10m ré e 700m no acesso	22.2003	Resgate
Ma-Aça	Acesso à 116/2	São Pedro 5	Cerâmico	0,30m	220m	22.2003	Acompanhamento de eventuais melhorias no acesso
Ma-Aça	Acesso à 119/1	São Pedro 6	Cerâmico		300m	22.2003	Acompanhamento de eventuais melhorias no acesso
Ma-Aça	150/2	Vila Nova 1	Cerâmico	0,30m	340m vante a 35m ré	22.2003	Resgate
Ma-Aça	Acesso à 157/2	Vila Nova 2	Cerâmico	0,20m	200m	23.2003	Acompanhamento de eventuais melhorias
Ma-Aça	163-1	Vila Nova 3	Cerâmico	0,40m	270m vante a 140m ré	23.2003	Resgate

Total: 29 sítios cerâmicos e 02 ocorrências

Anexo 6: Sítio Cavalo Branco. Quadras com presença de material.

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
Tipo de material	C	L	C	L	C	L	C	L	C	L	C	L	C	L	C	L
200V-200D	3		12		7											
180V-200D	36	3	13		11	1										
200V-220D					10	1	31	2	9	1	2					
180V-260D	202	3	240	14	41	1	2									
200V-260D	29	6	18	2												
200V-280D	42	1	73	5	56	9	13	7								
200V-320D	1	1	12		1											
200V-360D	109	2	85	1	27		8		6							
200V-380D	13		8													
240V-280D	50	3	28	1												
240V-320D	239	4	153		20											
240V-360D	44		85	1	1		2	1								
240V-380D	19		46	3	13											
280D						1										
280V-280D			8													
40R-220D	1		4	1												
100V-340D	13		20	3	2											
80V-320D	10		5		4											
40V-340D			1													
160V-300D	1															
40V-120D	8	4	9		3											
60V-120D	36	1	75	2	16	1										
80V-120D	58	1	133	1	14		5	1								
100V-120D	21		42	8	21		1									
120V-120D	7		35	1	158	9	9		1		6					
140V-120D			68	9	31	6										
180V-120D			10	5	13	2	2									
200V-120D		2	12													
220V-120D	1		3		3		5		1							
260V-120D				2												
260V-100D	1		1													
260V-80D	29		28													
260V-60D	10	2	57	5	9											
220V-20D			10	2	19	2	30	2	23		4					
240V-20D			15		12	4		4								
240V-40D	3		19	3	5	2										
340V-20E		2														
320V-20E		6														
340V-20D		3														
240V-60D		5	17	5												
240V-80D	14		13	1												
240V-160D	11	7		1												
260V-140D		1	1													
80D	20		200	4	35	1	5									
20V-80D	48		85	3	25	2	5	1								
40V-80D	100		307	2	91	3	29	1	11		1					

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
60V-80D	164		128	1	49	2	1									
80V-80D	19		15		16	2	1		1	3						
100V-80D	23		93	1	24		2									
120D-80D	60	1	187	6	23		5	1								
140V-80D	11		15	6	15											
160V-80D	6		26													
60R-60D	71	1	306	1	40				2							
80R-60D	12															
60V-60E	1		69		29		3		7							
60V-80E			5													
120V-40E	2		19	3												
120V-60E	1	1		2												
180V-20E			6													
180V-40E	7		65	1												
180V-60E			1	1		1	1	1								
20V-120D	33		49	1	41	2	4	1	5							
60V-20D	2		107	7	109	6	8									
80V-20D	7	1	328	31	136	13	24	1	17	4						
100V-20D	66	5	143	19	35	1	4	1	3							
120V-20D	4	2	131	14	141	3	3									
120V	1	1	28	1	19											
140V			6													
160V	5		58	3	9	1										
180V	5	1	70	11	13	2										
120V-20E	1	3	8	3	6	7										
60V-20E	3		89	7	5	11										
60V-40E	12	1	62	6	19	7	4	1	4	3						
80E			6	2		1										
60R-20D	11		80	7	36	1										
100D	169		225	10	96	4	20	1	5	1						
120D	28	1	94	4	18		23	1	25	2	13		4			
160V-20E			26	1	16	4										
160V-40E			4	5	12		9	5	5	2						
20R-120D	330	3	162	2		1										
140D	380	6	561	15	767	13	197	1	18							
220V-260D	58		9	10												
220V-300D	21	2	172		116	4	16									
200V-340D	153	2	132	4	62		12	1	5				2			
220V-380D	32		10													
140V-320D	16		125	2	29											
120V-260D			12													
100V-300D	6		65	1												
60V-300D			3													
20V-340D					1		2									
60V-40D	29	19	120	68	13	25	4	4		3		1				
80V-40D	3		84		31	7	2	2	2							
100V-40D	2	9	110	34	107	18	28	2	25	2						
120V-40D	54	16	313	133	59	31	2	10								
140V-40D	1	2	79	37	50	43	6	13								
160V-40D					13	6	26	11								

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
200V	6	1	10	6	10	2	6									
80V-20E	10	2	37	11	6	1	5		4							
80V-40E	24	11	73	33	8	13	2	8		5						
60E			3	5	3	2										
60R-20E					2											
60R-40D			34	4	2											
80R-40D		2	58		6											
60D	6	1	17		130	2	148	3	16		5					
20V-60D	116	12	938	12	172	6	67	2	56	4	13		11		19	
40V-60D	409	26	453	29	328	39	27	5	3	3	1	1		1		
60V-60D	86	9	496	21	170	24	58	10	11							
80V-60D	95	45	489	160	245	52	11	9	3	1						
100V-60D		1	16	4	66	18	48	16	8	7						
120V-60D	3	9	129	36	29	27	2	5	2	1		5				
140V-60D			99	20	22	8	4	2								
20R-60D			72	2	32	2	13	2	2							
20V-60E			19	11	10	1										
20V-40E			24	60	17	25	15	10	9	10						
100V-60E			27	13	2	2										
100V-80E		1	1	1												
200V-20E			1	2	8	3										
200V-40E			1	1		1										
160D	187	11	154	13	46	7	16	3	9	3						
180D			3		4											
40V-140D	77	3	346	6	23		2									
40V-160D	55	2	4		5											
40V-180D	115	8	111	5	8	2										
40V-200D	38	5	11	3	6	3										
100V-140D					20	3	11	1								
100V-160D	11	2	4	2												
100V-180D			2													
120V-140D				17	64		5		10							
120V-160D		1	22	4	1	1										
180V-300D	3		60	7	41	10	4	4	1			4				
180V-340D	79	1	365	3	40	1	10	1								
180V-380D			76	1												
300V-340D	2															
280V-240D			2	1	2	8		3								
20V-240D		2														
100V-260D		1	2	2												
140V-100E			5													
200V-40D	11	1	50	8	12	4										
180V-80D			26	1	26	5										
200V-180D	1															
200V-100D			2	1												
220V-280D	128	2	20		1		1									
220V-240D	10		5		2		2									
220V-320D	8		25		28											
220V-360D	78		22													
200V-240D	22		14		9											

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
180V-320D	9		187		25		3									
100-120E				1												
200V-60D	119	13	115	10	68	6	14		10							
160D-60D	31	10	140	38	7											
360V-20D						2										
340V-80E			4													
280V-260D	13		3													
240V-260D	45		29													
260V-260D	18		7		4											
240V-300D	28		68	5	10	4	13	4								
240V-340D	19		153		255	7	26		2		3					
200V-300D	106		401		79		57	1	8	9						
160V-340D	8		1													
220V-80E			1													
220V-100E					9											
220V-120E		1														
340V-40E			3													
180V-40D		1	14	4	3											
200V-80D	13	1	40	21	1	2										
280V-360D					6		8		15		3					
320V-40E			5	2												
320V-80E				1												
180V-60D	12	5	50	4	56	6										
180V-140D	7		12													
200V-140D			8													
180V-240D	13		13	2												
200V-240D					4		27		2		20		40		3	
320V-260D			36	1	1											
260V-300D			28		7											
260V-340D	19		17													
220V-400D	12		31		1											
280V-320D			11													
180V-280D	69		41		17	1	9	1	12							
140R-120D	6		6													
160V-280D			32		6		2	2								
160V-320D	6		59		14											
160V-360D	2		12	2												
160V-380D	3		1		6											
260V-240D	54		22													
260V-280D	27		21		9	2										
260V-320D	11	1	31													
260V-360D	2		22	1	16		1	1								
20V-260D						1	1									
80V-240D	18	4	5	4		2										
140V-260D	12		31	1	28											
80V-280D			3													
140V-300D	1		2	1												
140V-340D	5		10		6											
140V-380D			4													
100V-320D					2		24									

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
80V-360D			2													
260V-40D	17	4	14	3	1											
260V-20D	3	4	39		1											
260V	2	7														
300V	9	2	4													
320V	2	9	1	7												
260V-20E	4	1		1												
260V-60E				1												
280V-20E	88		4		1											
260V-40E			4													
280V-20D			11	2												
280V-40D	20	6	2	3												
280V-60D			18	1												
280V-80D		1														
220V	12	1	14		6	3										
360V	1															
240V	2	3														
280V-180D							1		24	1	34		9			
280V-200D	2			2	8											
260V-180D			5	4												
260V-200D					5		6		1		3		4			
180V-160D			29													
200V-160D			12	1	13											
180V-200D					4											
60V-160D	32		93	3	2											
60V-180D	8	2	18			4										
80V-140D	54	3	568	27	81	6	28									
80V-160D	23		26													
140V-140D	2	1	17	13	4		11									
320V-20D	18	3	16	11	2	2										
320V-40D	19	4			3											
220V-40D	2		24	3	4		11									
320V-60D		4		1												
220V-60D	1		3		29	2	11	6								
220V-100D					3	1	2		2							
220V-140D		1	3													
220V-180D			40	1	23											
220V-220D			7	2												
220V-200D				1												
240V-180D	4		12													
240V-200D			2													
40V-220D	1															
40V-240D	1			2												
20V-220D	2															
20V-100D	25		140	6	9	1	8		2	1						
40V-100D	22	2	77	6	27	1	2									
60V-100D	2	1	101	30	41	4	6	8		1		1				
80V-100D	15		68	10	7	3	10									
100V-100D	7	1	22	4	3		1	3								
120V-100D	1		51		38	1										

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
140V-100D			23	3	9											
160V-100D			11													
160V-120D			25	20	39	29	4	3								
40R-60D	127	3	98		25	1	8	1	6							
40V-60E			19	1	18		1									
40V-80E			4	10		3		1								
80V-60E			10	3	1											
140V-20E		2	3	1	19	3	5	5								
140V-40E		2	8	1												
220V-20E	18	3	11	6												
220V-20E		1														
20R-80D	27	1	26	1												
20R-100D	228	5	338	9	37											
20V-140D	15	1			1											
20V-160D	60	4	197	9	28	1		2								
20V-180D	242	3	29	2												
60V-140D	112	3	352	9	34											
180V-20D	3		40		2											
160V-20D	14		15	1	18											
140V-20D	4		55		22											
180V-180D	3															
240V-220D	11															
340V-240D	1															
260V-380D	47		5													
40V-40E			7													
20V-40E	8		24	1	10	1		1								
40E			8		23	2	2									
20R-40E		1		3	7	9	2	4								
40V-20E	4				5		9	19								
20V-20E		1	26		52	10	20									
20E			52	5												
20R-20E			4													
100V	11		20	2												
80V	15	2	37	9	28	4										
60V	5		3	1	37	1										
40V	8		59	8	38	4										
20V			2		24											
0	4		124	2	54	2	45	1	27		14		3			
20R	32	2	131	1	18	1		0								
40R-60D			9		4	1										
80R						1										
60R	22		84		3											
40V-20D	7	2	71	4	6											
20D	25		137		25	1										
20V-20D	13	2	58	6	35	4	1	3	1							
20R-20D	21		74		46	4	7	1								
40R-20D			94	1	17											
40V-40D	119	4	79	2	23	4										
20V-40D	45		192	9	33	1	56	21								
40D	71	3	66	2	2											

Quadra	0-10		10-20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
40R-40D	38	1	272	3	4											
20R-40D			30	1	3											
140V-160D	1	2	4	6												
140V-180D			1	1												
40R-120D	1		45													
40R-100D	6	4	105	56	652	5	106									
60R-100D	3	1	102	3	611	8	5	2								
80R-100D	27	3	13	1	3											
40R-80D	39	2	70	2	5											
20R-140D	245	1	515	11	109											
40R-140D	1		2		2											
40R-160D	4															
40R-200D					2											
60R-80D	43	4	147	3	6											
60R-180D	3															
60R-200D	2															
80R-80D			32	9	3	2		1								
80R-120D	1	1														
100R-60D	2		9	1												
100R-80D	5		2	1												
100R-100D	3	2	36	2	10	5	1	4								
120R-60D					1											
140R-60D				1												
120R-80D	4		1													
120R-100D	2		7													
120R-120D	7															
120R-140D	1															
40V-280D						2										
40V-320D	23		37	1	1			1								
80V-260D			4		2											
60R-220D			1													
20V-360D			5		15		2									
120V-180D			2													
160V-140D			31	6	13	1										
160V-180D	4		2		61											
240V	5		21													
240V-20E	3	1	3	1	3	2	1									
240V-60E			12	4	1											
300V-20D			18	3												
300V-40D	14	18	84	38	4	2		1								
300V-60D	4	1	5		2											
300V-80D		13		7												
300V-120D				1												
280V-140D	22			1												
340V-120D					5											
200V-20D		1	1	1												
160V-220D			2													
160V-240D	6															
120V-220D	9		9													
100V-220D	2			1												

Quadra	0-10		10 20		20-30		30-40		40-50		50-60		60-70		70-80	
100V-240D	8		12		5											
120V-240D	2		3													
120V-280D			2													
120V-340D			6		8											
300V-240D			4	1												
300V-260D			6		5											
120V-200D			4		7											
140V-280D	10															
80V-300D	3		2													
160V-260D	11															
340D	4															
20V-320D	4		5													
221V-240D	3	1	23	0	12	0										
89V-60D	18	0	157	35	54	09	30	04	20	02						
40V-81D	75	3	557	3	78	0	124	0	46	3	35	0	22	0	14	0
101D	372	1	306	7	134	6	3	1								
1R-100D	102	4	488	2	107	3	29		19							
1R-101D	327	2	147	7	79	5	4	4	2		2					
139D	501	7	1083	24	602	9	153	12	29	2	12					
90V-60D	32	5	102	50	15	8										
90V-61D	34	18	182	88	56	19	17	2	0	12						
89V-61D	38	8	160	77	43	16	10	5								
T1	76	0	271	22	253	9	259	7	162	27	184	4	57	1	12	6
T2	69	0	303	20	309	6	310	7	345	7	206	13	280	8	17	3
T3	4	0	176	11	250	8	305	8	315	14	363					
T4			2	1	24	3	134	5	354	12	314	3	375	10	166	7
T5							53	4	154	5	331	8	210	3	120	7
T6									73	8	19	1	194	6	164	11
T7											18	0	122	4	159	6
T8													70	9	270	6

Anexo 7: Pedogeoquímica do sítio Cavalo Branco.

Análises em profundidade: quadra com Solo Antópico (40R-100D) X quadra da Área Adjacente (160V – 180D).

Transecto nas quadras da Linha 0 (Zero)

Transecto nas quadras da Linha 120D

Anexo 8: Códigos de Análise Cerâmica

A – CATEGORIA

0. não identificado
1. parede
2. borda
3. base
4. bolota de argila
5. roda de fuso
6. forma conjugada
7. carena
8. rolete
9. gargalo
10. asa
11. flange
12. cachimbo
13. alça
14. aplique
15. placa
16. suporte de tampa
17. adorno
18. borda com aplique
19. ombro
20. outros

B – TÉCNICA DE MANUFATURA

0. não identificada
1. acordelada
2. modelada
3. torneada
4. acordelada + modelada
5. torneada + modelada

C – ANTIPLÁSTICO

0. não identificado
1. mineral
2. cariapé
3. cerâmica
4. carvão
5. cerâmica + carvão
6. cariapé + cerâmica
7. cariapé + carvão
8. cariapé + cerâmica + carvão
9. argila
10. outros

D – COMPOSIÇÃO DO ANTIPLÁSTICO

- 0 - não identificado
- 1 – quartzo
- 2 – limonita/hematita
- 3 – mica
- 4 – não identificado

E – ESPESSURA DO ANTIPLÁSTICO

- A = 5% e 0,5 a 1 mm
B = 5% e 0,5 a 2 mm
C = 5% e 0,5 a 3mm
D = 10% e 0,5 a 1mm
E = 10% e 0,5 a 2mm
F = 10% e 0,5 a 3mm
G = 20% e 0,5 a 1mm
H = 20% e 0,5 a 2mm
I = 20% e 0,5 a 3mm
J = 30% e 0,5 a 1mm
K = 30% e 0,5 a 2mm
L = 30% e 0,5 a 3mm

F – ASPECTO DO QUARTZO

- 1 - muito angular

- 2 - angular
- 3 - subangular
- 4 - sunarredondado
- 5 - redondo
- 6 - muito arredondado

G – QUEIMA

Vide Rye, 1981

H – ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- 1 – não erodido
- 2 – erodido FE
- 3 – erodido FI
- 4 – erodido AF

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE

I Alisamento FI

- 0 – não identificado
- 1 – alisamento fino
- 2 – alisamento médio
- 3 – alisamento grosso
- 4 – Polido

J.- Alisamento FE

- 0 – não identificado
- 1 – alisamento fino
- 2 – alisamento médio
- 3 – alisamento grosso
- 4 – Polido

K – Eng./Barb. FI

0. ausente
1. vermelho
2. branco
3. laranja
4. preto
5. marron
6. barbotina

L – Eng./Barb. FE

0. ausente
1. vermelho
2. branco
3. laranja
4. preto
5. marron
6. barbotina

M – MARCAS

0. ausente
1. folha
2. furo
3. cestaria
4. marca de dedo
5. tecido
6. outras
7. não identificado

N – SINAIS DE USO

0. ausente
1. fuligem FE
2. película queimada FI (alimento)
3. fuligem AF
4. reciclagem

O – BORDA

I – MORFOLOGIA

- 0. não identificada
- direta
- extrovertida
- introvertida
- cambada
- vazada
- extrovertida com ponto angular
- extrovertida com ondulação

II – INCLINAÇÃO

- 0. não identificada
- Vertical
- Inclinada internamente
- Inclinada externamente

III – ESPESSURA

- 0. não identificada
- normal (direta)
- expandida
- reforçada internamente
- reforçada externamente
- reforçada
- dobrada
- 7. contraída

P – LÁBIO

- 0 – não identificado
- 1. arredondado
- 2. plano
- 3. apontado
- 4. biselado

Q – ESPESSURA DO LÁBIO (cm)

R - DIÂMETRO DA BOCA (cm)

S – BASE

- 0. não identificada
- 1. convexa
- 2. plana
- 3. côncava
- 4. anelar
- 5. em pedestal
- 6. outras

T – DIÂMETRO DA BASE (cm)

U – ESPESSURA DO FRAGMENTO (cm)

V – DECORAÇÃO PLÁSTICA

- 0. ausente
- 1. corrugado
- 2. ungulado
- 3. exciso
- 4. roletado
- 5. digitado
- 6. digitungulado
- 7. filete aplicado
- 8. escovado
- 9. entalhado (instrumento)
- 10. ponteadado
- 11. outros

V I – LOCAL DA DECORAÇÃO / FE

0 – não identificado	7 – bojo mesial
1 – lábio	8 - bojo inferior
2 – borda	9 – base
3 – gargalo	10. asa
4 – ombro	11. outros
5 – parede	
6 – bojo superior	

V II – LOCAL DA DECORAÇÃO / FI

0 – não identificado	7 – bojo mesial
1 – lábio	8 - bojo inferior
2 – borda	9 – base
3 – gargalo	10. asa
4 – ombro	11. outros
5 – parede	
6 – bojo superior	

W- Motivo da decoração plástica Incisa

0. Ausente

1. Horizontal

7. Ondular

2. Traçado

8. Curvilíneas

3. Transversal

9. Em grega

4. Triangular

10. Complexo

5. Angular

11. Vertical Longo

6. Espiral

12. Vertical Curto

W I – LOCAL DA DECORAÇÃO / FE

0 – não identificado	7 – bojo mesial
1 – lábio	8 - bojo inferior
2 – borda	9 – base
3 – gargalo	10. asa
4 – ombro	11. outros
5 – parede	
6 – bojo superior	

W II – LOCAL DA DECORAÇÃO / FI

0 – não identificado	7 – bojo mesial
1 – lábio	8 - bojo inferior
2 – borda	9 – base
3 – gargalo	10. asa
4 – ombro	11. outros
5 – parede	
6 – bojo superior	

X – DECORAÇÃO PINTADA

0. ausente
1. pintura vermelha
2. pintura branca
3. pintura preta
4. pintura vermelha e pintura preta sobre engobo branco

7. engobo vermelho com pintura branca
8. pintura preta e vermelha
9. pintura vermelha e branca
10. pintura preta e branca
11. pintura amarela

5. pintura vermelha sobre engobo
6. pintura preta sobre engobo

12. outra

**Y- Motivo da
decoração
pintada**

0. Ausente

1. Horizontal

6. Espiral

2. Traçado

7. Ondular

3. Transversal

8. Curvilíneas

4. Triangular

9. Em grega

5. Angular

10. Complexa

Z – LOCAL DA DECORAÇÃO / FE

0 – não identificado	7 – bojo mesial
1 – lábio	8 - bojo inferior
2 – borda	9 – base
3 – gargalo	10. asa
4 – ombro	11. outros
5 – parede	
6 – bojo superior	

AB – LOCAL DA DECORAÇÃO / FI

0 – não identificado	7 – bojo mesial
1 – lábio	8 - bojo inferior
2 – borda	9 – base
3 – gargalo	10. asa
4 – ombro	11. outros
5 – parede	
6 – bojo superior	

Anexo 8 (complemento): Tabela para análise da espessura e porcentagem do antiplástico na cerâmica (Fonte: Mathew et al. apud. Orton et al. 2003).

Anexo 8 (complemento): Índice de análise de queima (adaptação de Rye, 1981).

Anexo 9: Gráficos de Análise Cerâmica

Anexo10: Comparação entre a Tecnologia Cerâmica das Duas Áreas do Sítio Cavalo Branco.

Anexo 11: Análise de Pigmento (PIXE - Particle Induced X-Ray Espectrometry).

Anexo 12: Formas das Fases Arqueológicas do Baixo Tocantins (fonte: Simões e Araújo Costa: 1987).

Pesquisas Arqueológicas no Baixo Rio Tocantins

Fig. 6 - Formas principais do vasilhame da fase Tauá, com a variação do diâmetro (cm) e frequência na amostragem (%).

Fig. 2 - Formas principais do vasilhame da fase Tauari, com a variação do diâmetro (cm) e frequência na amostragem (%).

Fig. 4 - Formas principais do vasilhame da fase Tucuruí, com a variação do diâmetro (cm) e freqüência na amostragem (%).

Anexo 13: Mais Fotos de Campo

Fim de tarde em Morada Nova, terra do Cavalo Branco.

Sem a menor possibilidade de usufruir da proteção da Floresta Tropical, contra um sol infernal, apelava-se às tendas.

Coleta de Carvão na quadra 40V-81D.

Unidade 140D.

<p>Concentrações cerâmicas, quadra 40R-100D, nível 10-20cm.</p>
<p>Concentrações cerâmicas no quadrante SW da quadra 20V-60D, nível 20-30.</p>
<p>Concentração cerâmica, quadra 20V-60D, nível 10-20cm.</p>
<p>Concentrações cerâmicas, quadra 40R-100D, nível 10-20cm.</p>
<p>Conjunto cerâmico, quadra 100D, nível 10-20cm</p>

<p>Conjunto cerâmico, quadra 20V-60D, nível 10-20cm.</p>
<p>Fragmento de cerâmica, perfil leste (sentido vante) no nível 30-40cm na quadra 40V-80D.</p>
<p>Quadra 20V-60D, conjunto cerâmico no perfil leste, sentido vante, nível 60-80cm</p>
<p>Conjunto cerâmico, quadra 160D, nível 10-20cm</p>
<p>Concentração cerâmica, quadra 140D, nível 10-20cm</p>

Trincheira.

Equipe de Alimentação e Equipe de Escavação.